



Universidade de Brasília

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

TESE DE DOUTORADO

**ENTRE SENTIDOS E SIGNIFICADOS:
UM ESTUDO SOBRE VISÕES DE MUNDO E DISCUSSÕES DE GÊNERO DE
JOVENS INTERNAUTAS**

LUCÉLIA DE MORAES BRAGA BASSALO

Brasília, DF

Abril, 2012

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

LUCÉLIA DE MORAES BRAGA BASSALO

ENTRE SENTIDOS E SIGNIFICADOS:

um estudo sobre visões de mundo e discussões de gênero de jovens internautas

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília

Orientadora: Profa Dra. Wivian Weller.

Brasília, DF

Abril, 2012

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de
Brasília. Acervo 1004910

Bassalo, Lucélia de Moraes Braga.

Entre sentidos e significados : um estudo sobre visões de mundo e discussões de gênero de jovens internautas / Lucélia de Moraes Braga Bassalo. - - 2012.

240 f. : il. ; 30 cm.

Tese (doutorado) - Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, Programa de Pós - graduação em Educação, 2012. Inclui bibliografia.

Orientação: Wiviam Weller .

1. Juventude - Interação social - Discussões e debates .

2. Tecnologia e juventude - Internet - Educação. 3.

Ciberespaço - Discussões e debates. I.Weller, Wivian.

II . Título.

CDU 301.173.7-053.7

LUCÉLIA DE MORAES BRAGA BASSALO

ENTRE SENTIDOS E SIGNIFICADOS:

um estudo sobre visões de mundo e discussões de gênero de jovens internautas

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília

Aprovada em 30 de abril de 2012

BANCA EXAMINADORA

Wivian Weller – Orientadora e presidente da banca
FE/UnB

Vinicius Aurélio Liebel - membro da banca
Freie Universität Berlim

Alinne de Lima Bonetti - membro da banca
Universidade Federal da Bahia

Carlos Ângelo de Meneses Sousa- membro da banca
Universidade Católica de Brasília

Fernanda Müller - membro da banca
FE/UnB

Angela Alvares Correia Dias
FE/UnB

Dedico esta tese à

Minha querida sobrinha, Carolina Sarmanho - fruto daqueles laços de amizade que se delineiam ao longo da vida e se tornam família, por ter me ensinado tantas vezes e da maneira mais afetuosa, os significados do “internetês”, do inglês, do funcionamento do meu próprio celular; por ter compartilhado músicas, filmes, pontos de vista e opiniões me oportunizando ver, com lentes de aumento, os significados de ser jovem na contemporaneidade.

AGRADECIMENTOS

Então... É chegado o momento de agradecer as muitas pessoas que torceram, acompanharam ou contribuíram para a elaboração dessa tese, um percurso as vezes tenso, as vezes difícil, as vezes fácil, as vezes atropelado por dificuldades de toda ordem, mas intensamente marcado por tantos bons e alegres momentos, conquistas, risos e principalmente, pelos afetos.

Em Brasília, aonde cheguei sem conhecer um ser, meu muitíssimo obrigado à:

Thais Sarmanho que inspirou minha vinda para Brasília, me apoiando, recebendo e acolhendo em sua família e junto com Ana Cristina, Noeli, Carlos e Carolina, proporcionou muitos afetuosos e alegres momentos e quando o “bicho pegou” estava pronta para me acolher;

Wivian Weller, minha orientadora, que com sua imensa generosidade intelectual e acadêmica, torcida e comemoração em cada trabalho e artigo aprovado ou publicado, seu incentivo, acolhida, tranquilidade, confiança e cuidado (incluindo os chás para dormir e os chocolates para dar energia, na reta final da escrita da tese) reorientou meu olhar sobre o valor das experiências e fontes que não são valorizadas na produção científica;

Sandra Francesca Almeida, pela amizade e por trazer Gouvan de Magalhães, que retirou de seu álbum pessoal uma antiga foto de sua família, possibilitando minha primeira inserção na análise de imagens e a pequena Raissa, por todo o seu afeto e carinho; a Carmem Jansen, pelo afeto e as tertúlias;

Todos os colegas de turma, pela parceria, em especial a Nurith Bensusan, Cristina Leite, Webster Cassiano, Magda Pinto, Erisevelton Lima, Pejman Samoori, Elias Batista dos Santos, Fernando Razuck, Miriam Mendes, Angela Silva, Rosy Vasconcelos. pelas muitas discussões em torno da construção de nossos objetos de estudo;

Todos os colegas do GERAJU, particularmente a Claudia Denis Paz, Catarina Malheiros, Halinne Mariana, Silvia Helena Rodrigues, Cleverson Domingues, Anderson Silva, Iraci Pereira da Silva, Neivaldo Carvalho pelas inúmeras sessões de estudo, debate e aprofundamento do método documentário;

Denise Damasco, sempre minha primeira leitora de artigos e textos, por toda sua atenção, apoio, disponibilidade e amizade; a Sinara Zardo, pela troca de textos e interpretações nas disciplinas, risadas, angústias e alegrias que marcaram nosso percurso no doutorado; Carlos Ângelo Sousa pelo afeto e amizade.

Em Belém, cidade que me acolheu, e no **Rio de Janeiro** de onde parti, agradeço à:

Celina Bassalo, minha mãe, por todas as orações e compreensão do longo período de minha ausência;

Carlos Alberto Bassalo, meu pai, pelo incentivo, torcida e orações; a Regina e crianças pela amizade;

Luciana Bassalo, minha irmã preferida (só tenho uma), por todo carinho, afeto e alegria, a meu cunhado, Francimário pela torcida e a minha pequena sobrinha e afilhada (a caçula da família) Isabele, por me fazer assistir ao Pocoyo;

Carlos Alberto Bassalo Júnior, meu irmão, por todo afeto e amizade que a distância nunca abalou, a minha cunhada Cristina e meus sobrinhos Thais e Daniel pelo afeto;

Jorge Bassalo, meu primo-irmão mais velho, por priorizar uma hora em sua agenda nas passagens por Brasília me fazendo sentir querida e a Fátima, Rodrigo, Gabriel e Thiago pela afeição;

Simone Amaral Damasceno, afilhada que virou filha, pelo incentivo, amizade e carinho, aos pequenos Beatriz e Mateus por me fazerem rolar de rir, ao Kleber, pela amizade;

Rodrigo Souza, sobrinho de coração pela admiração que nos une; a Rose e Isabela pelo afeto;

Lourdinha Bassalo, minha tia, incentivadora permanente em diferentes momentos da vida; Eleonor Bassalo, minha tia, por todo seu carinho e atenção; Vitória Corrêa, tia querida e a Sandra, Silvana e Simone, primas afetuosas; Ana Tereza Sereni e Graça Vilhena minha tias e a prima Andrea Bassalo pela torcida;

Alziday Sandres Souza, querida amiga desde os tempos da graduação, pela amizade e torcida incondicional;

Aynara Gaia, Ceila Moraes, Cícera Albuquerque, amigas e parceiras de tantos trabalhos acadêmicos; Stéfano Paixão amigo e colega de trabalho com adolescentes e jovens; Larissa Bastos pela amizade;

Luiza Escher, por manter contato morando agora do outro lado do oceano;

Marton Maués e Regina Maneschi, por terem cada um a seu modo, discutido a possibilidade de uma investigação com fontes visuais; Isaac Oliveira pelo afeto;

Angélica, Heraldo e Silvia Maués que sempre me acolheram afetosamente;

Rúbia e a Fernanda, pelo incentivo.

Na Uepa à: João Joaquim Costa, grande amigo, irmão de alma, pela torcida e incentivo; Leopoldo Nogueira Júnior, parceiro em tantos projetos, consultor nas discussões políticas e grande incentivador; Léa Costa, pela amizade; Sanchris Santos pelas parcerias em projetos na área da arte; e a todos os colegas de departamento na pessoa da profa. Marize Duarte.

Na Unama às profas: Rúbia Pimentel, grande parceira de escrita, Ana Cláudia Valinoto, por toda torcida e orações; Ana Célia Bahia, Vera Soares, Evani Wanghan, Núbia Maciel, pelo apoio.

Reconheço que corro o risco de cometer o deslize de não listar aquelas e aqueles que de algum modo estão nesse trabalho, mas sou imensamente grata a todos e todas, entre os quais destaco os professores do PPGE e das disciplinas cursadas em outros programas na UnB que, de modo indelével, contribuíram para a construção da tese.

Sou como você me vê. Posso ser leve como uma brisa ou forte como uma ventania. Depende de quando e como você me vê passar.

Clarice Lispector

RESUMO

Esta tese parte da constatação de que é preciso identificar vestígios e rupturas, desconstruir modelos e compreender os jovens em suas singularidades e especificidades, desnaturalizando definições que pré-concebam seus interesses e objetivos de modo a contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas de maior alcance no que tange o campo da educação em sua interface com a juventude. O percurso desenvolvido nesta investigação foi traçado a partir do pressuposto da pesquisa qualitativa reconstrutiva, especificamente da interpretação como princípio do Método Documentário aplicado a análise de imagens. Demonstrou-se que a juventude é um conceito que apresenta várias perspectivas entrelaçadas aos sentidos e representações sociais sobre 'ser jovem', que se refletem, em termos teóricos, num mosaico de concepções que invisibilizam e desistorizam estes sujeitos ou minimalizam as funções sociais que estes sujeitos ocupam em nossas sociedades. O conceito de geração foi utilizado como auxiliar na interpretação da juventude na contemporaneidade, no caso desta investigação, das jovens feministas. Partindo da concepção mannheimiana de geração apresentou-se as diferentes gerações identificadas ao longo do século XX, para delinear a concepção de geração internauta, composta pelos jovens como primeiro grupo geracional que inverte os sentidos de controle e ordenação do tempo e altera as formas de interação e de convivência social. Demonstrou-se o ciberativismo como uma nova forma de construção da associação de pessoas e grupos, possibilitada pela internet e, eminentemente juvenil, bem como as características do ciberfeminismo. Fotos produzidas por jovens mulheres internautas e disponibilizadas em álbuns virtuais no *blog* dialogoj constituíram o corpus da investigação e possibilitaram reconstruir visões de mundo de jovens mulheres feministas, seus posicionamentos e interpretações, sentidos e significados, no período de 2007 a 2011. A pesquisa se orientou pelos seguintes objetivos: identificar metáforas de foco nas narrativas visuais; delinear subtemas, argumentos, defesas, e críticas presentes nas postagens imagéticas; compreender os espaços de experiências conjuntivas das jovens feministas a partir das imagens; reconstruir orientações coletivas das jovens internautas. Pôde-se perceber que as jovens feministas, como produtoras das imagens, além de registrar as experiências e tornar pública a forma de participação do grupo, revelam posicionamentos e interpretações. As fotos têm uma narrativa própria, uma discursividade intrínseca, um movimento constante de tecer significados, divulgar sentidos ou quiçá desenvolver interpretações. Ao permitir acesso livre aos álbuns virtuais possibilitam a circulação imagética de significados que podem vir a potencializar a participação ou ainda instrumentalizar a leitura das práticas de outras jovens. Pode-se afirmar que as jovens feministas assumem a defesa radical da justiça de gênero e o ciberfeminismo como estratégia de integração entre de jovens mulheres brasileiras que se interessem pelo feminismo. Por fim, duas orientações coletivas foram reconstruídas a partir da especificidade das experiências das jovens: a participação como princípio das relações intergeracionais no movimento feminista e a recusa das injustiças de gênero, da invisibilização ou hierarquização das mulheres na militância feminista.

Palavras-chave: Juventude e Educação. Gerações e Juventude. Método Documentário. Análise de Imagens. Movimentos Juvenis em Rede. Ciberfeminismo.

ABSTRACT

This thesis starts from the realization that we need to identify traces and ruptures, deconstruct models and understand youth in their peculiarities and specificities, denaturalizing definitions that pre-conceive their interests and goals, so as to contribute to developing longer-range public policy regarding the field of education in its interface with youth. The route developed in this research was drawn based on the presupposition of reconstructive qualitative research, specifically of interpretation as a principle of the Documentary Method applied to image analysis. It was shown that youth is a concept that has several meanings and perspectives intertwined with social representations of 'being young', reflected in theoretical terms, in a mosaic of concepts that make invisible and dehistoricize these subjects, or minimize the social functions these subjects have in our societies. The concept of generation was used as an auxiliary in the interpretation in youth in contemporaneity – in the case of this research, young feminists. Starting from the Mannheimian conception of generation, the different generations identified throughout the twentieth century were presented, to outline the conception of the surfer generation, composed by youth as the first generational group that reverses the direction of control and ordering of time and changes the forms of interaction and social interaction. Cyberactivism is demonstrated as a new way of constructing the association of individuals and groups, made possible by the Internet and mostly involving youth. Also demonstrated are the characteristics of cyberfeminism. Photographs produced by young women surfers and available in virtual albums, at the dialogoj blog, constituted the corpus of research and made it possible to reconstruct worldviews of young feminist women, their positions and interpretations, meanings and purports, in the period from 2007 to 2011. The research was guided by the following objectives: to identify focal metaphors in visual narratives; to delineate sub-themes, arguments, defenses, and criticism present in the images posted; to understand the spaces of connective experiences of young feminists based on the images; to reconstruct the collective orientations of the young surfers. It was perceived that the young feminists, as producers of the images, in addition to recording the experiences and making public the group's form of participation, reveal positions and interpretations. The pictures have a narrative or their own, an intrinsic discourse, a constant movement of weaving meanings, disclosing purports, or perhaps developing interpretations. In allowing free access to the virtual albums, they make possible the circulation of meanings in imagery, meanings that may potentiate the participation, or yet equip the reading of the practices of other young women. It can be said that the young feminists take on the radical defense of gender justice, and cyberfeminism as a strategy for integration among young Brazilian women interested in feminism. Lastly, two collective orientations were reconstructed from the specificity of the experiences of the young women: participation as a principle of intergenerational relationships in the feminist movement and the refusal of the injustices of gender, and of making women invisible or ranking them in feminist activism.

Keywords: Youth and Education. Generations and Youth. Documentary Method. Image Analysis. Youth Movements' Networks. Cyberfeminism.

RÉSUMÉ

Cette thèse part du besoin d'identifier les vestiges et les ruptures, de déconstruire des modèles et de comprendre les jeunes dans leurs singularités et spécificités, dénaturiser des définitions qui préconçoivent leurs intérêts et objectifs de façon à contribuer au développement de politiques publiques plus larges dans le domaine de l'éducation dans son interface avec la jeunesse. Le parcours réalisé dans cette recherche a été tracé à partir du présupposé de la recherche qualitative reconstructive, plus spécifiquement, de l'interprétation comme principe de la Méthode Documentaire appliquée à l'analyse d'images. On a démontré que la jeunesse est un concept qui présente plusieurs perspectives imbriquées aux sens et représentations sociaux à propos 'd'être jeune', qui reflètent, en théorie, une mosaïque de concepts qui rendent invisibles et sans histoire ces sujets ou minimalisent les fonctions sociales que ces sujets occupent dans nos sociétés. Le concept de génération a aidé à comprendre la jeunesse dans la contemporanéité, dans le cas spécifique de cette recherche, les jeunes féministes. Si on part de la conception de Mannheim de génération on constate plusieurs générations identifiées le long du XX siècle, pour tracer la conception de génération internautes, composée de jeunes comme un premier groupe générationnel qui fait basculer le sens de contrôle et d'ordre du temps et change les façons d'interaction et de coexistence sociales. On a montré que le cyberactivisme et une nouvelle façon de construction de l'association de personnes et de groupes, issus de l'Internet et, surtout juvénile, sont des caractéristiques du cyberféminisme. Des photos produites par de jeunes femmes internautes et mises en albums virtuels dans le Blog Dialogoj ont constitué le corpus de cette recherche et ont permis la reconstruction de visions du monde de jeunes femmes féministes, leurs prises de positions et interprétations, sens et significations, dans la période de 2007 et 2011. La recherche s'est orientée selon les objectifs suivants : identifier les métaphores de la mise au point dans les récits visuels, tracer les sous-thèmes, les arguments, les défenses et les critiques présentes dans les publications d'images ; comprendre les espaces d'expériences conjonctives des jeunes féministes à partir de ces images ; reconstruire les orientations collectives des jeunes internautes. On a pu percevoir que les jeunes féministes, comme des productrices d'images, non seulement enregistraient leurs expériences et les rendaient publiques comme une façon de faire partie du groupe, elles révélaient des positionnements et des interprétations. Les photos ont un récit, une discursivité intrinsèque, un mouvement constant comme une trame de sens, pour divulguer les sens ou même faire développer d'autres interprétations. À partir du moment où on a libre accès aux albums virtuels il y a une circulation imagétique de significations qui peuvent potentialiser la participation ou encore devenir un nouvel outil de lecture des pratiques d'autres jeunes. On peut affirmer que les jeunes féministes défendent de façon radicale la justice de genre et le cyberféminisme comme stratégie d'intégration entre jeunes femmes brésiliennes qui s'intéressent au féminisme. Finalement deux orientations collectives ont été reconstruites à partir des spécificités des expériences de ces jeunes : la participation comme principe de rapport entre générations dans le mouvement féministe et le refus des injustices de genre, le fait d'être invisible ou la hiérarchisation des femmes dans la militance féministe.

Mots-clés: Jeunesse et Education. Générations et Jeunesse. Méthode Documentaire. Analyse d'Images. Mouvements de la Jeunesse en Réseau. Cyberféminisme.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Família de proprietários de terra (1951): composição planimétrica	54
Figura 2	Família de proprietários de terra (1951): projeção perspectivista	55
Figura 3	<i>Layout</i> do fotoblog	121
Figura 4	<i>Layout</i> do fotolog	123
Figura 5	<i>Layout</i> do blog	145
Figura 6	Logo da Articulação Brasileira de Jovens Feministas	153
Figura 7	Banner 1	156
Figura 8	Banner 2	158
Figura 9	Banner 3	160
Figura 10	I Encontro nacional de Jovens Feministas	164
Figura 10.1	I Encontro nacional de Jovens Feministas: composição planimétrica	166
Figura 10.2	I Encontro nacional de Jovens Feministas: projeção perspectivista	168
Figura 11	Marcha Feminista	174
Figura 11.1	Marcha Feminista: composição planimétrica	176
Figura 11.2	Marcha Feminista: projeção perspectivista	178
Figura 12	Visibilidade jovem feminista no XI EFLAC	182
Figura 12.1	Visibilidade jovem feminista no XI EFLAC: composição planimétrica	184
Figura 12.2	Visibilidade jovem feminista no XI EFLAC: projeção perspectivista	185
Figura 13	Jovem feminista	195
Figura 13.1	Jovem feminista: composição planimétrica	197
Figura 13.2	Jovem feminista: projeção perspectivista	199
Figura 14	Negras Jovens feministas	205
Figura 14.1	Negras Jovens feministas: composição planimétrica	207
Figura 14.2	Negras Jovens feministas: projeção perspectivista	208
Figura 15	Legalização do aborto	215
Figura 15.1	Legalização do aborto: composição planimétrica	217
Figura 15.1	Legalização do aborto: projeção perspectivista	218

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Relação eventos e número de fotos	123
Tabela 1	Relação eventos e número de fotos (cont.)	124
Tabela 2	Relação de temas e número de fotos	126

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
I. RECONSTRUÇÃO COMO PRINCÍPIO INVESTIGATIVO DE VISÕES DE MUNDO	30
1.1 Investigação social qualitativa: Possibilidades e trajetória	31
1.2 A Interpretação como princípio investigativo	39
1.3 A interpretação como método de pesquisa	44
1.4 A interpretação de imagens	49
1.4.1 A adaptação do Método Documentário por Ralf Bohnsack	51
1.4.2 A imagem fotográfica como fonte da interpretação.....	57
II. JUVENTUDE: DA INVISIBILIDADE AO RECONHECIMENTO	63
2.1 Juventude: construções em torno de um conceito	64
2.2 Reconhecimento do conceito de juventude no brasil: políticas públicas e Academia	78
2.2.1 Juventude: do sujeito eventual ao sujeito de direitos.....	83
2.2.2 Juventude e educação: estudos acadêmicos	88
III. JUVENTUDE E GERAÇÃO: APROPRIAÇÕES.....	93
3.1 Geração: Do tempo linear ao tempo interior	94
3.2 Geração: O tempo da experiência	97
3.3 Geração, juventude e contemporaneidade	104
3.3.1. Geração internauta	109
IV. SITUANDO O CAMPO	114
4.1 Critérios de seleção de imagens.....	118

4.2 As fotos da pesquisa	119
V. JOVENS MULHERES: INTERNAUTAS FEMINISTAS	127
5.1 Estudos de gênero e feministas	127
5.2 Ciberfeminismo	134
5.3 Dialogoj: jovens mulheres no ciberespaço	142
5.4 Articulação Brasileira de Jovens Feministas	148
5.5 Constituindo-se internautas feministas	155
VI - TECENDO UM LUGAR NO MOVIMENTO FEMINISTA	163
6.1 Iniciando o percurso: Jovens mulheres	164
6.2 Visibilidade: jovem e feminista	174
6.3 Afirmando uma posição: Jovens mulheres feministas	182
6.4 Análise comparativa	190
VII - FEMINISMO NÃO COMBINA COM PRECONCEITOS.....	193
7.1 Feminismo não combina com lesbofobia	195
7.2 Feminismo não combina com racismo	205
7.3 Feminismo não combina com ilegalidade	215
7.4 Análise comparativa	224
CONSIDERAÇÕES FINAIS	226
REFERÊNCIAS	232
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

A docência na Educação Superior é um lócus privilegiado de reflexão sobre a realidade. As aulas são invadidas por questões polêmicas que exigem da docência uma busca contínua de sentidos e interpretações sobre as demandas dos/as jovens universitários/as e das inquietações provocadas por estes. Qualquer docente, atualmente, tem que lidar com os efeitos da ampliação do acesso à internet e se habituar a receber questões que partem de uma rápida pesquisa em *websites*, realizada no momento da aula, com a falta de atenção gerada pelo acesso as redes sociais ou a troca de mensagens instantâneas.

A situação apontada representa uma marca geracional, pois enquanto professores e professoras tentam se acostumar com as linguagens e processos do mundo virtual, os/as jovens lidam com intimidade e agilidade com cada lançamento de programas, plataformas, *apps*, *gadgets* e tipos de redes sociais.

Esta pesquisa, apresentada como tese de doutorado é fruto, por um lado, da constatação de que é preciso identificar vestígios e rupturas, desconstruir modelos e compreender esse grupo geracional – os/as jovens - em suas singularidades e especificidades, desnaturalizando definições que pré-concebiam seus interesses e objetivos. Por outro, resulta da trajetória da pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Educação na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, ao cursar disciplinas que enfatizaram os temas da juventude, da pesquisa qualitativa e das relações de gênero, relacionadas à educação. Além disto, tem em vista uma contribuição para o desenvolvimento de políticas públicas de maior alcance no que tange o campo da educação em sua interface com a juventude, sobretudo nos anos finais do ensino fundamental, no ensino médio e na educação profissional.

Inicialmente, no processo de seleção do doutorado, a minha intenção era investigar os efeitos dos discursos normativos das agências internacionais sobre a formulação das políticas públicas na área de educação no Brasil. Contudo, o contato com autores e teorias nas sessões de estudo do Grupo de pesquisa em educação e políticas públicas: gênero, raça/etnia e juventude (GERAJU) desenhou uma nova inquietação, adensada ao longo dos dois primeiros semestres nas disciplinas do curso.

Chamou-me atenção a característica que acompanha a formulação das políticas públicas na área de educação, especialmente no que se refere aquelas destinadas aos jovens, que não levam em conta a voz dos sujeitos aos quais se destinam, de modo que pouco a pouco o sujeito das políticas públicas, o/a jovem, foi tomando importância e a política em si foi perdendo espaço na investigação.

A inserção no campo de estudos da juventude se deu, portanto, por dois motivos. O primeiro se refere ao desenvolvimento da compreensão de que o estudo da juventude ou de grupos juvenis, de suas experiências e dos significados que lhes são atribuídos, pode contribuir para ampliar a qualidade das políticas públicas educacionais que contemplem este grupo geracional. O segundo por compreender que, historicamente, a juventude tem um papel importante nas sociedades, tanto como continuidade quanto como agente de mudança, de revitalização do *status quo*. Neste último a afirmação de que “a juventude não é progressista nem conservadora por índole, porém é uma potencialidade pronta para qualquer oportunidade” (MANNHEIM, 1973, p.41), instrumentalizou a compreensão de que os jovens podem se associar a temas reacionários e conservadores ou a inovadores e revolucionários, inspirando a necessidade de compreensão de como a juventude é definida e conceituada.

A aproximação com estudos sobre juventude mostrou que no Brasil ainda predominam programas isolados e políticas setoriais que não contemplam a diversidade juvenil. Entretanto, a noção de que os/as jovens são sujeitos de direitos pode ser observada no Brasil, de acordo com Castro (2004), por várias iniciativas nas esferas do governo tanto no âmbito federal, quanto no estadual ou municipal.

Entre elas destacam-se: a formação do Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE)¹, órgão consultivo que objetiva assessorar o Governo Federal na formulação de políticas públicas voltadas para a juventude; a constituição de pastas específicas sobre juventude nos diferentes ministérios como a Secretaria Nacional de Juventude (SNJ), vinculada à Secretaria-Geral da Presidência da República²; a organização do Observatório Jovem da Universidade Federal Fluminense (UFF)³ e

¹ Maiores detalhes sobre seu histórico, formação e campos de atuação, estão disponíveis em: <<http://www.juventude.gov.br/conselho>>. Acesso em: 10 mar. 2012.

² Informações sobre a SNJ estão disponíveis em: <http://www.presidencia.gov.br/estrutura_presidencia/sec_geral/Juventude/Atribuicoes/>. Acesso em: 10 mar. 2012.

³ Para detalhes consultar: <<http://www.observatoriojovem.org/hist%C3%B3rico>>. Acesso em: 13 fev. 2012.

do EMdiálogo⁴, uma ação conjunta do Observatório Jovem da UFF e do Observatório da Juventude da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com o apoio da Secretaria de Educação Básica do MEC; os encontros regionais e consultas públicas para subsidiar a formulação de políticas públicas para a juventude como o “I Encontro Nacional de Conselhos de Juventude”, realizado em 27 e 28 de novembro de 2008⁵ e por fim, a produção de diferentes materiais e pesquisas sobre o tema, como a publicação do livro *Juventude e políticas sociais no Brasil*⁶ pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), em 2009, e a publicação do balanço da produção acadêmica sobre o tema juventude, intitulado *O estado da arte sobre juventude na Pós-Graduação brasileira: educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)*, com dois volumes, em 2009.

Estas iniciativas revelam o estágio inicial em que se encontram os estudos e ações sobre a juventude no Brasil. Se o recorte de gênero for introduzido, a escassez de pesquisas e ações governamentais é ainda maior. De acordo com Vianna e Unbehaum (2004) estudos que considerem a interseção entre gênero e políticas públicas ainda é um porvir, pois não foram suficientemente desenvolvidas análises acerca das marcas do fracasso escolar entre meninos e meninas, do acesso e da permanência na escola que difere de acordo com o sexo, além de estereótipos acerca da apropriação de conhecimento ou habilidades inferidas a partir do sexo.

A falta de acompanhamento sistemático das estatísticas educacionais, segundo Rosemberg (2009), produz interpretações superficiais ou teoricamente frágeis formando generalizações “que tendem a naturalizar a construção social e histórica, alimento rico para produção ideológica que, por sua vez, tende a reforçar a dominação de gênero” (p.140).

Por sua vez, Fritzsche (2004) afirma que são necessários estudos que revelem fontes de empoderamento da juventude, especialmente das garotas, e o desenvolvimento de estratégias feministas que aumentem as possibilidades das jovens, de lidar com as demandas contemporâneas da sociedade. O que significa dizer que:

⁴ Para mais informações consultar: < <http://www.emdialogo.uff.br/>>. Acesso em: 13 fev. 2012.

⁵ Acesso a diferentes documentos estão disponíveis em: <<http://www.juventude.gov.br/conferencia>>. Acesso em: 4 fev. 2012.

⁶ Para download acessar: <http://www.ipea.gov.br/082/08201004.jsp?ttCD_CHAVE=3150>. Acesso em: 13 fev. 2012.

As distintas concepções de juventude e de viver a juventude serão compreendidas com clareza quando analisadas sob a perspectiva de gênero e quando realizadas com base na realidade empírica, que implica todo um trabalho de reconstrução e interpretação das ações concretas dos jovens nos contextos sociais em que estão inseridos (WELLER, 2005c, p.113).

Esta tese resulta também de elementos que se entrelaçam e formam perspectivas de investigação e atuação da trajetória profissional e acadêmica da pesquisadora, desde cedo. Imbuída do discurso feminista, que colocava em jogo as relações de gênero, em 1989, integrei a equipe técnica do Conselho Municipal dos Direitos das Mulheres (CMDM), em Belém. Como pedagoga, participei de diferentes momentos de formação com grupos de mulheres organizados no estado do Pará, realizando oficinas, seminários e encontros. Com a difusão das ideias feministas e o surgimento de vários grupos feministas em Belém e no Brasil, atuei como assessora, do Grupo de mulheres prostitutas da área central (GEMPAC), no período de 1990 a 1994, em Belém auxiliando a sua constituição formal e organização de atividades na área dos direitos da mulher e cidadania. Por estas atuações, compus o grupo de profissionais da “Operação Cuiú-Cuiú”, denominação como ficou popularmente conhecida, a ação da polícia federal na região do garimpo do Tapajós no Estado do Pará, que possibilitou a libertação de 45 mulheres, das quais 22 adolescentes, prostituídas sob o regime de escravidão. Neste período realizei, já atuando como docente do ensino superior, uma pesquisa⁷ sobre a visibilidade e formas de nomeação, na imprensa local, das meninas envolvidas na prostituição.

Ao ingressar no mestrado em educação, na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, em 1996, estava marcada pela compreensão das desigualdades das relações entre homens e mulheres, pela divisão sexual do poder, pela militância feminista.

⁷ BASSALO, Lucélia de Moraes Braga. *Exploração Sexual de Meninas/Adolescentes em Belém*. Mimeo. FCBIA: Belém. 1995.

Neste momento me aproximei da teorização no campo da sexualidade e gênero, de modo que na dissertação coloquei-me a escuta de homens e mulheres, intelectuais, que se preocupavam na primeira metade do século XX, no Brasil, com a educação sexual, delineando seus argumentos sobre a importância da ação educacional na área; as diferentes posições sobre a educação de meninos e meninas e o local indicado para a sua execução no período⁸.

Este trabalho foi apresentado na forma de artigo no ano seguinte no III Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação em Coimbra⁹ e na 33ª Reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), em 2010¹⁰. O aprofundamento destes estudos resultou em trabalhos apresentados nos anos seguintes em 2000¹¹ e 2001¹². Resulta ainda desta incursão, o capítulo de livro publicado em 2010¹³ e a coordenação da produção de dois vídeos educativos sobre gênero e sexualidade na escola em 2010¹⁴.

Iniciei a aproximação dos dois campos, gênero-sexualidade e juventude, através da realização de trabalhos de interpretação dos posicionamentos dos/as jovens em ambiente virtual, sobre a heteronormatividade, as relações de gênero e o feminismo.

⁸ BASSALO, Lucélia de Moraes Braga. *Os Saberes em torno da educação sexual na primeira metade do Século XX no Brasil*. 1999. 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de educação da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, Ceará. 1999.

⁹ BASSALO, Lucélia de Moraes Braga. *Os saberes em torno da educação sexual na primeira metade do século XX no Brasil*. In: III Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, 2000, Coimbra. II Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação Escolas, Culturas e Identidades. Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, 2000, p. 156-156.

¹⁰ BASSALO, Lucélia de Moraes Braga. *A educação sexual na primeira metade do século XX no Brasil*. In: 33ª Reunião Anual da ANPEd, 2010, Caxambu/MG. Rio de Janeiro: ANPED, 2010, p. 272-273.

¹¹ BASSALO, Lucélia de Moraes Braga. *Os saberes em torno da educação sexual na primeira metade do século XX no Brasil*. In: III Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, 2000, Coimbra. II Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação Escolas, Culturas e Identidades. Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, 2000; BASSALO, Lucélia de Moraes Braga. *Educação Sexual e Escola: Resgatando Evidências Históricas dessa relação*. Revista Trilhas (UNAMA), Belém, v. 1, p. 36-42, 2000; BASSALO, Lucélia de Moraes Braga. *O Controle do Corpo: Os Discursos sobre a Educação Sexual em Belém nas Décadas de 30 e 40*. In: I Congresso Brasileiro de História da Educação, 2000, Rio de Janeiro. I Congresso Brasileiro de História da Educação - Educação no Brasil: História e Historiografia, 2000. p. 133-134;

¹² BASSALO, Lucélia de Moraes Braga. *O Controle do Corpo: Os Discursos sobre a Educação Sexual em Belém na década de 30*. In: XV EPENN - Encontro de Pesquisa Educacional das regiões norte e nordeste - Educação, Desenvolvimento Humano e Cidadania, 2001, São Luis. XV EPENN - Encontro de Pesquisa Educacional das regiões norte e nordeste - Educação, Desenvolvimento Humano e Cidadania. São Luís: UFMA / Mestrado em Educação, 2001. p. 91-92

¹³ BASSALO, Lucélia de Moraes Braga. *Relações de Gênero e o papel da escola*. In: *Gênero e feminismos: convergências* (in) disciplinares, ed. Brasília: Ex Libris, 2010, p. 137-151.

¹⁴ *Gênero na Escola*. Canal E / SEE / DF / GERAJU. CD room. Brasília, 2010; *Sexualidade na escola*. Canal E / SEE / DF / GERAJU. CD room. Brasília, 2010.

Estas investigações resultaram em apresentações em congressos. No primeiro trabalho afirmava que a sexualidade tem pouca visibilidade nos estudos sobre juventude, de modo que demonstrei a posição de resistência dos jovens internautas em considerar a heteronormatividade como princípio ordenador de normas sociais e a argumentação sobre a visibilidade social da orientação sexual não normativa. No segundo demonstro posicionamentos e debates dos jovens internautas homossexuais sobre as relações de gênero como forma de distinção e privilégio entre os sexos, em 2009¹⁵. O terceiro trabalho foi apresentado no IV Simpósio Internacional sobre a Juventude Brasileira (JUBRA) versando sobre as relações entre juventude e feminismo, em 2010¹⁶.

Como docente universitária¹⁷ pude observar ao longo de mais de vinte anos de sala aula, uma profunda modificação no comportamento dos/as jovens, caracterizada pela rapidez e facilidade com que absorvem as novidades das tecnologias da comunicação e informação, especialmente dos usos da internet. O desenvolvimento das novas tecnologias alterou noções de tempo e de espaço: o tempo passou a ser atemporal e o espaço, desterritorializado.

O acesso ao mundo virtual pode ser realizado de qualquer lugar e a qualquer hora. Expressões como internet, *blog*, redes sociais, MSN, SMS, *chat*, virtual, digital, *YouToube*, *website*, *e-book*, ganham espaço na língua e cotidiano dos/as jovens e adquirem status de verbo como blogar ou viram substantivos como internauta e blogueiro. Entre tantos outros novos vocábulos, a internet tem promovido experiências de interação social desterritorializadas e ao mesmo tempo localizadas em redes sociais virtuais. O processo de ressignificação envolve novas formas de sociabilidade, que tem como lugar o ciberespaço e a juventude como grupo com maior número de usuários.

¹⁵ BASSALO, Lucélia de Moraes Braga. juventude@resistências a heteronormatividade.com.br. In: 4.º Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade: composições e desafios para formação docente, 2009, Rio Grande. Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade: composições e desafios para formação docente. Rio Grande: FURG, 2009; BASSALO, Lucélia de Moraes Braga. Juventude, homossexualidade e mídia digital. In: XIV Congresso Brasileiro de Sociologia, 2009, Rio de Janeiro. XIV Congresso Brasileiro de Sociologia, Rio de Janeiro, 2009.

¹⁶ BASSALO, Lucélia de Moraes Braga. Juventude e feminismo In: Simpósio Internacional sobre a Juventude Brasileira, 2010, PUC/UFMG, Minas Gerais, 2010.

¹⁷ O meu ingresso na docência na Educação Superior se deu em 1990 por ocasião da seleção para a cadeira de Sociologia da Educação na Universidade da Amazônia (UNAMA). Depois, em 1994, por meio de concurso público para a cadeira de Teorias da Educação, na Universidade do Estado do Pará (UEPA).

Nascidos no mundo tecnológico e digital, os/as jovens contemporâneos utilizam o espaço virtual como via alternativa de ampliar, manter ou conquistar relacionamentos, enquanto que para a geração anterior, relacionamentos dependiam de espaços institucionalizados e socialmente consagrados para a constituição de vínculos. A juventude faz uso dos espaços virtuais das mais distintas formas, socializam opiniões, informações, documentos e imagens como fotos e filmes, produzidos ou não por eles próprios e postados tanto em ambientes virtuais de cunho mais restrito quanto em ambientes de acesso público.

Neste ponto, é interessante considerar que o virtual, segundo Levy (1999), é real uma vez que a palavra virtual, filosoficamente, anula a territorialidade e não a materialidade. Logo, a expressão realidade virtual não é contraditória, pois a “virtualidade é a refundação da realidade através de novas formas de comunicação socializável” (CASTELLS, 2006, p.24).

O ciberespaço constitui-se em um “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (LEVY, 1999, p.92) e “abriga negociações sobre significados, processos de reconhecimento mútuo dos indivíduos e dos grupos por meio de comunicação” (LEVY, 1999, p.225). Neste sentido, pode-se afirmar que os espaços virtuais, nas suas diferentes configurações, possibilitam a aproximação e o intercâmbio de identidades e significados quiçá, desenvolvem outros.

Porém, o trânsito de sentidos e significados na internet, especialmente na formulação de políticas públicas no campo da educação, ainda é um elemento a ser estudado com profundidade. Os marcos legais, que orientam as ações nas escolas, ainda partem de concepções pautadas nas clássicas imagens de sala de aula, da relação professor/aluno e dos processos de aprendizagem. Segundo Castells (2006), a sociedade contemporânea passa por uma transformação social em consequência dos avanços da tecnologia e, especialmente, do desenvolvimento da internet, constituindo uma sociedade em rede.

Respondendo as críticas de que a sociedade em rede seria a sociedade do isolamento e da perda do contato face a face, o autor afirma, com base em pesquisas realizadas em diferentes países, que os usuários da internet tendem mais à sociabilidade, têm mais contatos afetivos, mais amigos, são mais ativos politicamente do que aqueles que não fazem uso da internet.

Esta interpretação o faz afirmar que “as pessoas integraram as tecnologias nas suas vidas, ligando a realidade virtual com a virtualidade real, vivendo em várias formas tecnológicas de comunicação, articulando-as conforme as suas necessidades” (CASTELLS, 2006, p.23).

Pesquisas de grande porte têm demonstrado os impactos da participação no mundo virtual, nas experiências cotidianas. Buckingham (2008) coordenou a pesquisa *Young People, the Internet and Civic Participation* sobre participação cívica, questões locais e nacionais, política formal e ativismo social, a partir do estudo de *sites* disponíveis na Hungria, Países Baixos, Eslovênia, Espanha, Suécia, Turquia e Reino Unido. Através de entrevistas realizadas pessoalmente, por telefone e excepcionalmente por e-mail com os produtores dos *sites*, identificou uma variedade de aplicações e graus de envolvimento em atividades de jovens internautas, tanto no ciberespaço quanto em seus cotidianos.

Estes posicionamentos delineiam o ciberespaço como uma rede de informação e comunicação, e também um poderoso instrumento de aproximação de culturas e indivíduos que de outra forma jamais manteriam contato, tornando-se desta forma um instrumento potente de agregação. Santaella (2008) afirma que

A mediação tecnológica do ciberespaço condiciona a emergência de novas práticas culturais. Não é por meio da criação de uma esfera separada que isso se dá, mas pela abertura de modalidades diferenciais de práticas que se inserem à sua maneira na vida cotidiana, refletindo e condicionando novas formas de acesso à informação e ao conhecimento. Os espaços eletrônicos estão firmemente situados na experiência vivida, motivados por ela e tomam forma em resposta às suas demandas. (p. 96)

Observando a proximidade entre a juventude e os diferentes usos da internet, nas leituras e experiência docente, o espaço virtual tomou significado na investigação, de modo que se constituiu como campo de pesquisa, a partir da seguinte questão: se a internet é um espaço de experiência de interação social que conta com a participação intensiva de jovens, quais espaços virtuais são propostos e mantidos por eles? Se, nestes espaços, comunicam posicionamentos, quais temas, quais assuntos são proeminentes?

De acordo com Flick (2009) a internet pode ser considerada “como um *lugar* ou como um *modo de ser*” (p.246), e “é, ao mesmo tempo, uma cultura e um produto cultural” (p.247). Assim, os diferentes espaços de convivência na internet podem ser considerados como produtos culturais da contemporaneidade, pois representam as experiências dos sujeitos, suas intenções, opiniões, argumentos e disposições sociais.

As experiências dos/as jovens na internet tomou ainda mais sentido nesta pesquisa, a partir das sessões de trabalho do GERAJU, onde identifiquei como possibilidade de realização deste estudo, o Método Documentário, por considerar qualquer dado da experiência como passível de investigação científica, reconstruindo significados. O Método Documentário, desenvolvido originalmente por Karl Mannheim (1921/22), destina-se a compreensão da *weltanschauung* ou visões de mundo de um determinado grupo social. De acordo com Weller et al (2002), tanto os produtos culturais privilegiados, como a arte, quanto as ações cotidianas dos sujeitos, são objetos passíveis de análise a partir deste método.

Como exercício de aplicação deste método, utilizando a internet e o campo de estudos de gênero e sexualidade, analisei discussões realizadas em ambiente virtual por 140 professores e professoras da Educação Básica da Secretaria de Educação do Distrito Federal, alunos virtuais do curso Gênero e Diversidade na Escola.

A utilização desse método possibilitou a compreensão de suas posições diante dos processos de discriminação, exclusão ou justiça social relativos à heterossexualidade como uma matriz que se organiza de modo binário e assimétrico, apresentado em 2011¹⁸ e outro, no mesmo ano que, utilizando a mesma base de dados, demonstrou a presença de três posicionamentos no grupo de docentes, relativos à negação, revisão e defesa da homofobia¹⁹, ou como se denomina nesse método orientações coletivas presentes no grupo de sujeitos analisados.

¹⁸ BASSALO, Lucélia de Moraes Braga. Orientação sexual e formação continuada de professores: resistência ou justiça social?. In: *25º Simpósio Brasileiro e 2º Congresso Ibero-Americano de Política e Administração da Educação*, 2011, São Paulo. Políticas Públicas e gestão da Educação: construção histórica, debates contemporâneos e novas perspectivas. São Paulo: ANPAE, 2011. v. 11. p. 01-12.

¹⁹ BASSALO, Lucélia de Moraes Braga. Heteronormatividade ou reconhecimento? Professoras e professores diante da homossexualidade In: *34ª reunião da ANPEd 2011*, Natal. Educação e justiça Social. Rio de Janeiro: ANPEd, 2011. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/app/webroot/34reuniao/images/trabalhos/GT23/GT23-682%20int.pdf> >

Contudo o ciberespaço é um mundo hipervisual, o *layout* das páginas na internet é decisivo para atrair, manter e fazer com que o visitante retorne. Os arquivos digitais de imagens, por sua vez criam uma forma específica de interação imagética, onde fotos são expostas ou trocadas entre pares, pois mais do que as palavras, as imagens produzem sentimentos, identificam ideias, características, valores, favorecem lembranças, disparam a imaginação, a introspecção, possibilitam entendimentos e o processo de identificações, anunciam ou denunciam uma realidade, evocam memórias pessoais e visões de mundo.

A imagem existe para ser vista logo ela só toma sentido a partir do outro que a vê. Desprezar imagens no processo de investigação pode levar o pesquisador

a deixar de lado não apenas um registro abundante, e mais antigo do que a escrita, como pode significar também não reconhecer as várias dimensões da experiência social e a multiplicidade dos grupos sociais e seus modos de vida (KNAUSS, 2006, p.100).

Os arquivos digitais de imagens têm assumido lugares e funções de outros consagrados ao longo de todo o século XX. Em especial no caso das fotos, os filmes de 12, 24, 36 e no máximo 72 poses, são substituídos por arquivos com *megabytes* capazes de armazenar centenas de fotos. Das fotos reveladas por processos químicos, guardadas em gavetas e álbuns que seriam mostrados quando e se, ainda, seus donos quisessem, nos ambientes virtuais são arquivos digitais, um álbum virtual, que pode ser acessados com facilidade. Dependendo do caso, podem se tornar públicos, álbuns de livre acesso a qualquer pessoa que visite a página da internet. E, se são os jovens quem mais fazem uso e tem intimidade com os códigos e símbolos do universo *on line*, são eles também os potenciais usuários do armazenamento virtual de fotos digitais.

Deste modo, a imagem, especialmente as fotografias produzidas pelos jovens e socializadas em ambientes virtuais, constituiu uma das inquietações desta investigação. O que as fotos disponibilizadas virtualmente pelos jovens revelam sobre suas experiências? O que as imagens, especialmente as fotografias revelam acerca de suas opiniões e posicionamentos?

A partir do trabalho de Ralf Bohnsack que revisitou e adaptou o Método Documentário na década de 80 do século XX, para a análise de dados qualitativos possibilitando sua aplicação aos diferentes tipos de imagens (BOHNSACK, 2010) e da concepção de interpretação e dimensão de reconstrução, tornou-se possível considerar que as fotografias disponíveis em álbuns virtuais são registros das experiências dos/as jovens e que os ambientes virtuais são lugar de socialização e comunicação de posicionamentos e ideias ou, na linguagem mannheimiana, de visões de mundo.

Desta forma passei a me dedicar ao estudo das imagens como fonte de informação das orientações coletivas de determinado grupo, no caso desta tese, das jovens feministas. Fiz um longo percurso, durante os quatro anos de doutorado, até compreender com profundidade as diferentes fases e etapas do método.

Por outro lado se o *corpus* de uma investigação constitui-se de “uma coleção finita de materiais, determinada de antemão pelo analista, com (inevitável) arbitrariedade, e com a qual ele irá trabalhar” (BARTHES, 1967 *apud* BAUER; AARTS, 2009, p.44), significa que o arbitrário não é uma posição assumida, mas uma condição da qual não se pode fugir ao propor uma investigação.

Assim, tomando como pressuposto a perspectiva da reconstrução de sentidos e significados, a pesquisa de campo foi realizada no período compreendido entre setembro de 2008 e agosto de 2011, partindo do levantamento de endereços virtuais que se referissem à juventude e fossem dirigidos aos jovens. Muitos *sites* e *blogs* foram identificados e embora fossem destinados aos jovens, eram gerenciados por adultos que apresentavam a sua visão de ser jovem e discutiam assuntos de interesse desse grupo geracional ou ainda apresentavam resultados de estudos e pesquisas sobre a juventude de modo geral. Esse número ilimitado de sítios virtuais foi submetido à seguinte questão: quais deles, além de se referir à juventude e de dirigir-se a jovens e seus interesses, tem como característica ser organizado pelos próprios jovens?

Em seguida buscou-se delinear o que os jovens tratavam como temática principal e que subtemas eram desenvolvidos em postagens nos seus diferentes formatos. Assim, foi possível delimitar que, a maioria dos temas tratados, se referia ao campo da sexualidade e de gênero, expressos de modo verbal ou visual, versando principalmente sobre: a) a conquista dos direitos civis de homossexuais, a violência contra este grupo e o direito à visibilidade de jovens homossexuais e, b) dos direitos das mulheres, destacando-se o direito a decidir ter, não ter ou quando ter filhos (legalização do aborto) e o direito a liberdade e a segurança pessoal (violência contra as mulheres como obstáculo a construção da justiça de gênero).

Como segundo critério de seleção dos sítios virtuais, tomou-se a pergunta: quais destes endereços remetem à ideia de associação juvenil em torno destes temas, que realizam e registram, por meio de expressão escrita ou visual, suas atividades?

Em fins de outubro de 2009, dois endereços atendiam a essas prerrogativas: um *site* e um *blog*. Entretanto o *site* era vinculado a uma atividade de extensão de uma universidade pública, mantendo relações de gestão do endereço com grupos de adultos. Porém, o *blog* da ABJF - Associação Brasileira de Jovens Feministas, denominado *dialogoj*²⁰ - Diálogo Jovem uma Agência de Notícia Jovem e Feminista, além de atender as especificidades iniciais, apresentou como singularidades:

- a) Ser criado e mantido por jovens mulheres;
- b) Declarar a intenção de se aproximar de outras jovens que se identificassem com o feminismo em diferentes estados do Brasil;
- c) Utilizar o espaço virtual como um instrumento de socialização de informações e participação em eventos feministas;
- d) Incluir um farto registro visual de suas atividades.

²⁰ <http://dialogoj.wordpress.com>

O registro visual de suas atividades constituía-se de 209 fotos, disponíveis em álbuns virtuais, de acesso irrestrito, em dois endereços virtuais um fotoblog e um fotolog. Ao compor os álbuns, as jovens subtraíram indícios de personalização reforçando a suposição de que estas continham sentidos que ultrapassavam a mera apresentação de suas atividades. Este traço se tornou relevante para a investigação, pois não se tratavam de fotos pessoais, eram registros das suas atividades enquanto afiliadas a um grupo, a Articulação Brasileira de Jovens Feministas.

Assim, as fotos que compõem o acervo virtual do Dialogoj foram submetidas às seguintes interrogações: a que eventos se referem? De quais temas tratam? O que as jovens feministas querem comunicar com as fotografias? Quais sentidos e significados são revelados pelas imagens?

O conjunto de questões apresentadas compôs o delineamento do objeto de estudo, de modo que, esta investigação, pretendeu reconstruir as orientações coletivas de jovens mulheres feministas, seus posicionamentos e interpretações, sentidos e significados, sobre gênero, a partir de imagens disponibilizadas no dialogoj, no período de 2007 a 2011.

A pesquisa se orientou pelos seguintes objetivos:

- Delinear subtemas, argumentos, defesas, e críticas presentes nas postagens imagéticas;
- Identificar metáforas de foco nas narrativas visuais;
- Compreender os espaços de experiências conjuntivas das jovens a partir das imagens;
- Reconstruir orientações coletivas das jovens feministas internautas.

Esta tese foi organizada em sete capítulos que tecem o percurso da investigação e apresentam os resultados da pesquisa.

No primeiro capítulo, atendendo aos pressupostos da pesquisa qualitativa reconstrutiva, apresentam-se as premissas metodológicas que fundam o estudo. Assim, delimita-se o campo da pesquisa qualitativa, sua constituição enquanto prática de pesquisa destacando o método qualitativo de caráter reconstrutivo, empregado na investigação, o Método Documentário. Resgata a proposição inicial elaborada por Karl Mannheim e a revisão e atualização, enquanto procedimento metodológico e sua aplicação à análise de imagens, desenvolvida por Ralph Bohnsack, ambos ligados ao campo da pesquisa social alemã.

No segundo capítulo, traça-se o percurso das construções em torno do conceito de juventude apresentando as noções e definições que compõe o seu mosaico de significados, para delinear as apreensões no campo das políticas públicas e dos estudos acadêmicos no Brasil.

O terceiro capítulo parte da noção de que a juventude é um grupo geracional e, como tal, está inserida num tempo histórico-social. Assim, são apresentadas as noções de tempo, partindo da acepção positivista de regularidade entre os fenômenos e da concepção qualitativa do tempo interior na perspectiva diltheiana, para demonstrar a importância do tempo da experiência, na construção do conceito de gerações, desenvolvido por Karl Mannheim. Ao relacionar juventude, geração e contemporaneidade, apresentam-se as gerações que se delinearão ao longo do século XX a partir do estudo desenvolvido por Carles Feixa Pampols. Diante destas contribuições propõe-se a conceituação de Geração Internauta como definição da juventude marcada pelas alterações das formas de interação social, proporcionadas pelo acesso a internet e vivenciadas pelos jovens da contemporaneidade.

No quarto capítulo localiza-se o relato de como foi a aproximação com o método especificamente com relação a análise de imagens, bem como os critérios de seleção das fotos e as fontes da pesquisa.

No quinto capítulo localiza-se a relação entre os estudos de gênero e o feminismo, a militância através da internet, a cibermilitância e sua associação com o campo do feminismo, o ciberfeminismo, para demonstrar especificamente este tipo de ativismo por meio do *blog* Dialogoj.

No sexto e sétimo capítulos realiza-se a aplicação da concepção bohsaquiiana de análise de imagens, interpretando fotografias disponíveis nos álbuns virtuais do Dialogoj, reconstruindo os sentidos e significados emanados imagetivamente.

O oitavo capítulo apresenta uma digressão sobre três banners utilizados em períodos diferentes no Dialogoj.

Nas considerações finais são retomados os pontos principais desenvolvidos na tese, bem como se apresenta uma interpretação final das imagens em seu conjunto.

I. RECONSTRUÇÃO COMO PRINCÍPIO INVESTIGATIVO DE VISÕES DE MUNDO

Quando o desafio de reconstruir visões de mundo de jovens mulheres tornou-se o centro desta investigação, as diferenças relativas aos percursos metodológicos tornaram-se evidentes, pois não caberiam premissas teóricas ou hipóteses *a priori*, uma vez que as visões de mundo emanariam do material empírico. Esta constatação desestabilizou certezas e padrões de pesquisa, me retirando da zona de conforto propiciada por conceitos, utilizados como ferramentas analíticas do material coletado ou por suposições e questionamentos que indicam um percurso analítico preliminar. Diante desta inquietação, a premissa da abordagem qualitativa de caráter reconstrutivo, se delineou como a mais indicada para essa pesquisa e a perspectiva de reconstrução, resultante da aplicação do Método Documentário, converteu-se numa importante ferramenta para o processo de tratamento dos dados.

Produções acadêmicas na área das ciências humanas, especialmente dissertações e teses sobre educação, ao iniciar as considerações sobre os procedimentos metodológicos adotados na investigação, detêm-se na polêmica quantitativo-qualitativo, dedicando-se a apontar características que distinguem ou aproximam estas duas formas de investigar a realidade social. Porém, a posição de que “a pesquisa qualitativa é em si mesma um campo de investigação” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p.16), começa a se fortalecer, de modo que, atualmente “as metodologias qualitativas já não são vistas em contraposição aos métodos quantitativos, mas como enfoques diferentes e necessários no campo da pesquisa social empírica” (WELLER; PFAFF, 2011, p.19).

Sendo assim, neste capítulo, será apresentado o campo da pesquisa qualitativa, evidenciando sua constituição enquanto prática de pesquisa para, em seguida, destacar o método qualitativo de caráter reconstrutivo, utilizado nesta investigação, o Método Documentário, em sua formulação original com Karl Mannheim seguido da proposição de análise de imagens no Método Documentário, elaborada por Ralf Bohnsack, ambos ligados ao campo da pesquisa social alemã.

1.1 INVESTIGAÇÃO SOCIAL QUALITATIVA: POSSIBILIDADES E TRAJETÓRIA

De acordo com Flick (2009), há muitas diferenças internas no campo da pesquisa qualitativa, tanto no que se refere às teorias utilizadas, aos objetos e sua compreensão, quanto aos procedimentos metodológicos utilizados. Segundo o autor há três linhas que refletem posturas teóricas distintas. Inicialmente, estão os estudos que se fundamentam no Interacionismo Simbólico e na Fenomenologia, onde o ponto de vista dos sujeitos toma relevância. A segunda linha, ancorada teoricamente na Etnometodologia e no Construcionismo, descreve a produção de situações sociais e, por fim, destaca as investigações baseadas no estruturalismo ou na psicanálise, detendo-se na análise hermenêutica das estruturas que não se manifestam claramente.

Este mapeamento permite considerar a pesquisa qualitativa como um campo em que circulam diferentes teorias, métodos e estratégias utilizadas de acordo com as disciplinas a que estão relacionadas. Deste modo, como um vasto campo tem como características centrais a pluralidade metodológica e a abertura para a realização de novos percursos metodológicos.

Embora o termo pesquisa qualitativa inclua uma variedade de teorias e métodos, Krüger (2010) afirma que há cinco características que podem ser apontadas como comuns nas pesquisas qualitativas. Elas se referem:

- a) A inclusão de atributos “holísticos e integrais de um campo social” (KRÜGER, 2010, p.32);
- b) Ao princípio de abertura, pois uma investigação qualitativa não se origina de hipóteses ou formulações prévias;
- c) A relação/comunicação entre pesquisador e sujeito;
- d) A compreensão, como um princípio orientador já que, em diferentes níveis, pretendem a reconstrução de perspectivas dos sujeitos do campo, das situações identificadas, das normas que regem o grupo, das regras culturais delineadas como objeto de investigação;
- e) A discussão em torno da validade e confiabilidade dos resultados e da definição de critérios de qualidade.

Segundo o autor, as alternativas encontradas a esse debate se referem à indução analítica e ao processo de triangulação, embora sobre o último, ainda persistam críticas.

Para Alasuutari (2005) a pesquisa qualitativa é uma área especial que “pode ser vista como uma construção social, que se espalha pelo mundo mais por associação do que por exportação” (p.33). O autor faz essa afirmação com base na interpretação de que a pesquisa qualitativa é resultante de um processo de acúmulo de práticas de investigação social empírica seja através do empréstimo de compreensões teóricas e procedimentos metodológicos, seja pelo exame entre as ciências sociais e das humanidades.

Nesse sentido, parece ser consensual entre os autores, que estudam a trajetória de constituição da pesquisa qualitativa, que não há uma única forma de conduzir a pesquisa qualitativa. As abordagens, teorias, epistemologias, metodologias e procedimentos de análise, são tantas quanto é plural a origem dos pesquisadores que se utilizam desse tipo de investigação. (CHIZZOTTI, 2003; DENZIN e LINCOLN, 2006; FLICK, 2009; KRÜGER, 2010)

Embora não seja possível definir uma teoria ou modelo epistemológico único com relação à pesquisa qualitativa, um traço comum a toda investigação desse tipo, se refere a considerar que o/a pesquisador/a é inserido em uma dada realidade e, portanto ao investigar a realidade o faz a partir de uma determinada perspectiva de classe, de gênero e raça.

De acordo com Denzin e Lincoln (2006), deve-se considerar que “cada pesquisador fala a partir de uma comunidade interpretativa distinta que configura, em seu modo especial, os componentes multiculturais marcados pelo gênero, do ato da pesquisa” (p.32).

Além disso, é necessário reconhecer que pesquisadores/as desse campo utilizam “efetivamente uma variedade de métodos interpretativos interligados, sempre em busca de melhores formas de tornar mais compreensível os mundos das experiências que estudam” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p.33), já que, a partir da contribuição dos estudos pós-estruturalistas, os significados atribuídos pelos sujeitos investigados, também são marcados pela linguagem, gênero, classe e raça.

A investigação qualitativa, marcada pela biografia do/a pesquisador/a, assume diferentes conotações no que se refere à teoria, à epistemologia, ao método, aos procedimentos de análise, pois tem

histórias independentes e distintas nas áreas da educação, do trabalho social, das comunicações, da psicologia, da história, dos estudos organizacionais da ciência médica, da antropologia e da sociologia (DENZIN; LINCOLN, 2006, p.38).

Outra particularidade dos/as pesquisadores/as qualitativos/as se refere à “inovação que desafia todas as regras rígidas da ciência” (ALASUUTARI, 2005, p.34), pois a pluralidade de epistemologias e teorias está sempre a desafiar a proposição de objetos e suas formas de análise, nos diferentes campos do conhecimento.

De acordo com Vidich e Lyman (2006), a dimensão qualitativa na sociologia tem origem nos relatos de missionários e exploradores que, desde o século XVII, fizeram as primeiras etnografias, antes mesmo que houvesse sua constituição como percurso metodológico, de modo que, em sua origem, está associada à preocupação de compreender o “outro”. O desenvolvimento da investigação, de cunho qualitativo, acontece pela aproximação de professores da Escola de Chicago com os diferentes matizes do marxismo redimensionando a visão do “outro” e, mais recentemente, pelo pós-modernismo.

Utilizado tanto por sociólogos quanto por antropólogos, o método etnográfico possibilita o estudo das “variedades da vida moderna; os pontos de vista que podem originar as observações etnográficas são tão numerosos quanto às escolhas de estilo de vida disponíveis na sociedade moderna” (VIDICH; LYMAN, 2006, p.73).

Admitir que a sociedade constitui-se de microprocessos é reconhecer também que é sobre a ação humana e a interação social que o cientista social deve voltar seus olhos, especialmente porque “não nos parece existir na sociologia uma teoria suficientemente abrangente para comportar todos os fenômenos sociais” (HAGUETTE, 1999, p.18).

As discussões em torno da pesquisa qualitativa, seja sobre seus aspectos epistemológicos ou metodológicos, tomam corpo e adquirem importância entre fins do século XIX e início do século XX, e não se restringe apenas a Sociologia e aos Estados Unidos, mas também a Europa e em diferentes disciplinas, como a Pedagogia e Psicologia, de tal forma que

o desenvolvimento de noções básicas e de princípios filosóficos nas Ciências Sociais – que contemplam as diferenças existentes na investigação científica e na análise de fenômenos naturais e sociais – ocorreu mais ou menos de forma simultânea em diferentes contextos culturais e científicos (WELLER; PFAFF, 2011, p.14)

Weller e Pfaff (2011) afirmam que foi somente entre as décadas de 50 e 70, do século XX, que a investigação qualitativa no campo da educação é propagada na Alemanha, França, Inglaterra e Estados Unidos. Os elementos que impeliram os estudos qualitativos na área da educação se referiram ao desenvolvimento de novos e ao redimensionamento teórico de antigos métodos de análise de dados qualitativos, que redirecionaram práticas de pesquisa, bem como pela fundação de associações e de publicações específicas.

A etnografia é apontada pelas autoras como a mais antiga forma de realizar pesquisa qualitativa na educação, especialmente em trabalhos sobre a escola e em estudos sobre jovens. Mas, também é proeminente o emprego da história oral para “a análise do processamento social ou individual da história vivida na forma de um destino coletivo, ou de decisões e de desenvolvimentos biográficos” (WELLER; PFAFF, 2011, p.16) e da pesquisa biográfica que focaliza “estágios e processos de desenvolvimento de histórias de vida tratando frequentemente, no caso da pesquisa educacional, de processos de aprendizagem e qualificações educacionais” (WELLER; PFAFF, 2011, p.16), como relevantes no desenvolvimento de investigações qualitativas.

Segundo as autoras, estas duas formas utilizam diferentes procedimentos para a coleta e análise de dados biográficos, destacando a entrevista narrativa/análise estrutural de narrativa²¹, como um método amplamente utilizado pelos/as pesquisadores/as da área educacional tanto na Alemanha, quanto no Brasil. Por último, indicam os estudos relacionados com análises interacionistas ou de discurso (método), como representantes deste tipo de investigação da educação.

A história política dos países também interfere no desenvolvimento da pesquisa qualitativa. Krüger (2011) localiza na Alemanha, no século XVIII, a tentativa de construção de uma teoria que utilizava abordagens de cunho biográfico e etnográfico e, nas primeiras décadas do século XX, trabalhos de investigação qualitativa na Educação e na Psicologia. Entretanto afirma que, esse processo, foi interrompido pela Segunda Guerra Mundial para ser retomado apenas nos anos 70.

²¹ Método desenvolvido por Fritz Schütze (SCHÜTZE, 2011)

É desta época, segundo o autor, que a pesquisa qualitativa passa por uma renovação a partir da aproximação com a Fenomenologia, com a Sociologia do Conhecimento, com o Interacionismo Simbólico, com a Etnometodologia e com as Ciências Sociais Naturalistas, ao serem utilizadas nos estudos da Sociologia, na Educação e na Psicologia.

Krüger (2011) demonstra as fases que dizem respeito à pesquisa qualitativa na educação. Indica a legitimação pragmática como a primeira, o reconhecimento da pluralidade dos métodos e teorias da pesquisa qualitativa como a segunda e, como última, o processo de normalização. Atualmente, segundo o autor, a pesquisa qualitativa é um campo consolidado, o que pode ser identificado pela publicação e circulação de livros e periódicos, pela constituição de associações científicas e grupos de pesquisa. Entretanto lembra que, as pesquisas qualitativas, ainda não tem o mesmo status que as pesquisas quantitativas, quando se faz referência a apoio financeiro.

De acordo com Bogdan & Biklen (1994), as origens da pesquisa qualitativa em educação datam do século XIX. O interesse de pesquisadores que pretendiam mudanças sociais a partir do levantamento de indicadores dos problemas sociais da época, ocasionados pelo impacto da imigração e da urbanização, favoreceram, nos anos de 1930 e 1940, o surgimento de pesquisas aprofundando procedimentos de coleta e análise dos dados qualitativos, tendo a entrevista, como técnica central.

Nos anos 60 do século XX, esta abordagem começou a ganhar espaço e reconhecimento acadêmico, em grande parte, impulsionado pelas mudanças sociais e ascensão dos direitos civis ao centro dos debates políticos. Neste período, além das entrevistas, a observação participante auxiliou o entendimento do fracasso da educação junto às classes mais pobres e a relação entre questões raciais e educação.

Para os autores, a abordagem qualitativa ganhou terreno, pois dava visibilidade aos excluídos, já que as pesquisas sobre a escola até então, esclareciam muito pouco sobre a forma como a escola “tratava” seus/suas alunos/as.

Esta abordagem estava vinculada ideologicamente com a ascensão do 'espírito democrático' que tomava as discussões em torno da educação, de modo que, nos anos de 1970, já existia um grande grupo de pesquisadores empenhados na utilização destes procedimentos. Nos anos 80 e 90 do século XX, a utilização de entrevista, observação participante e histórias de vida consubstanciaram trabalhos que pretendiam dar visibilidade a diferentes temas como o feminismo, as culturas dos grupos marginais, as professoras, os papéis sexuais de dominação, as relações de gênero, entre outras.

No Brasil, segundo Gatti e André (2011), a utilização da pesquisa qualitativa inicia em fins da década de 70 do século XX, impelida pelos estudos sobre a escola, a sala de aula e pela avaliação de currículos e programas de pesquisadores ingleses, escoceses, australianos, norte-americanos e mexicanos, além da circulação das obras de pesquisadores franceses como Bourdieu e Passeron, Baudelot e Establet.

As autoras demonstram que, nos anos 80, dissertações e teses foram publicadas utilizando-os como referencial teórico. Os métodos qualitativos foram apontados neste momento como revolucionários, tanto no que se relacionava ao contexto sociopolítico, quanto ao se delinear como crítica aos trabalhos já realizados. Resultou deste momento, o alargamento da produção do conhecimento sobre a educação brasileira, especialmente nos temas amplamente identificados e reclamados teórica e socialmente, como o fracasso escolar.

As autoras destacam ainda que a pesquisa qualitativa no Brasil estabelece diferentes filiações, identificando grupos de pesquisadores associados à Fenomenologia, à perspectiva histórica (Estudos Autobiográficos, História de Vida, História Oral, Estudos Culturais), à Etnografia, à perspectiva sócio-histórica, aos estudos fundados na Teoria das Representações Sociais; os que estabelecem vínculo com a Psicologia Social, a Sociologia das Profissões, a Psicanálise, a Pesquisa-ação e ainda aqueles que se fundamentam em teóricos do pós-modernismo e os que estudam a introdução de novas tecnologias no ambiente escolar.

Alasuutari (2005) considera que o desenvolvimento da pesquisa qualitativa é globalizado. Um processo de interconexões, onde pesquisadores qualitativos partilham teorias e métodos em diferentes partes do mundo e tornam os fenômenos humanos compreensíveis a partir de dados empíricos e qualitativos. Porém, afirma que

mais do que uma questão de fluxo de ideias que atravessa regiões, a globalização da pesquisa qualitativa pode ser vista como um fluxo crescente de ideias que atravessa disciplinas, especialmente das humanidades às ciências sociais e vice-versa (ALASUUTARI, 2005, p.20).

Este movimento é frequente e, ainda que possamos encontrar singularidades, o trânsito de teorias, ideias e práticas de investigação é também identificado por Weller e Pfaff (2011), quando demonstram as diferenças e semelhanças na efetivação de metodologias qualitativas, no campo da educação, no Brasil e Alemanha. No estudo as autoras apontam quatro semelhanças no campo da educação entre os dois países:

- a) o desenvolvimento da pesquisa qualitativa, na década de 70 do século XX;
- b) o fato de, esta abordagem, ser considerada uma possibilidade diferente da consagrada forma de pesquisa (quantitativa);
- c) a relação de pesquisadores com teorias como o marxismo e a teoria do conflito e,
- d) os campos de aplicação.

No que se refere às diferenças no desenvolvimento das metodologias qualitativas nos dois países Weller e Pfaff (2011) destacam três itens que se referem:

- a) Ao campo da pesquisa básica que, no Brasil, se refere à escola, preferencialmente relacionada ao ensino e a aprendizagem, na Alemanha, está relacionada ao estudo do cotidiano e meio social de crianças e jovens, tanto na escola, quanto noutros espaços e seus processos de socialização;

b) A aplicação ou adoção de abordagens teórico-metodológicas, pois se, tanto na Alemanha quanto no Brasil o Interacionismo Simbólico e a Etnometodologia impactaram os pesquisadores, na Alemanha tornaram-se referência para o desenvolvimento de novos métodos de investigação como o Método Documentário e a Hermenêutica Objetiva. No Brasil, as investigações qualitativas foram marcadas pela influência do materialismo dialético, pela Fenomenologia-hermenêutica e pela utilização de métodos biográficos e técnicas já consagradas pela tradição da pesquisa qualitativa;

c) O uso político e a aplicação de resultados, pois na Alemanha pertencem ao campo de formação de teorias básicas consideradas tanto na formação inicial quanto na continuada e, no Brasil, avaliam projetos tanto educacionais quanto sociais, e contribuem para a reorientação e/ou proposição de políticas públicas.

Diante da multiplicidade de formas de realizar ou compreender a pesquisa qualitativa, da pluralidade de iniciativas e temas, das diferentes abordagens teóricas e metodológicas da educação, resta ainda ressaltar sua importância na formação dos educadores de modo geral.

Weller e Pfaff (2011) afirmam que, na Educação, a utilização de procedimentos de investigação qualitativa não é proeminente apenas porque contribui para o desenvolvimento de pesquisas e teorias ou para a avaliação de ações educacionais nos seus mais diferentes formatos, mas porque contribui, efetivamente, para a formação de profissionais que irão atuar em diferentes frentes de trabalho relacionados à educação.

Proceder à escolha dos procedimentos de análise não é, como foi demonstrado ao longo deste item, uma tarefa simples ou linear no campo da pesquisa qualitativa, pois se está relacionada ao objeto de estudo e ao referencial metodológico que marca a biografia do/a pesquisador/a, deve estar também atenta à movimentação do campo.

1.2 A INTERPRETAÇÃO COMO PRINCÍPIO INVESTIGATIVO

A interpretação é o elemento central do Método Documentário, termo cunhado por Karl Mannheim²², no início do século XX, para definir uma forma de acessar a *Weltanschauung* - visões de mundo - de um determinado grupo social e se inscreve na tradição da Sociologia do Conhecimento.

De acordo com Wolff (1974), na Sociologia do Conhecimento há uma “combinação do método (sentido radical) com o interesse no aparato conceitual”²³ (p.17). O autor ressalta que o termo conhecimento não representa, essencialmente, o que a Sociologia do Conhecimento se dedica, pois especialmente em Mannheim, não se dirige ao pensamento científico, mas “a pontos de vista, cosmovisões, ideologias, conceitos, atitudes, categorias de pensamento” (WOLF, 1974, p.114)

Nesta perspectiva a Sociologia do Conhecimento

procura compreender o pensamento dentro da moldura concreta de uma situação histórico-social, de que o pensamento individualmente diferenciado emerge mui gradualmente. Assim, não são os homens em geral que pensam, nem mesmo os indivíduos isolados, mas os homens dentro de certos grupos que elaboram um estilo peculiar de pensamento graças a uma série interminável de reações a certas situações típicas, características de sua posição comum (MANNHEIM, 1950, p.3).

Segundo Kettler, Meja e Stehr²⁴ (1989), Mannheim foi o primeiro sociólogo que submeteu as ideologias políticas a uma profunda análise sociológica. Desta forma contribuiu para a efetivação da Sociologia do Conhecimento dentro da teoria sociológica como disciplina acadêmica na Inglaterra²⁵, como teoria política ou como processo de coleta de dados empíricos.

Os autores destacam como ponto central da contribuição de Mannheim, a posição de que o “que pode servir de ponto de referência na interpretação social, de uma fase ideológica, depende da prova que, uma determinada experiência social, se tenha convertido” (KETTLER, MEJA e STEHR, p.102).

²² Sociólogo húngaro/alemão que viveu parte de sua vida na Alemanha, e na Inglaterra, onde faleceu, de acordo com Weller (2005).

²³ Todas as citações deste autor são tradução livre do original em espanhol.

²⁴ Todas as citações destes autores são tradução livre do original em espanhol.

²⁵ Segundo os autores, Mannheim, que havia perdido a cátedra de Sociologia na Universidade de Frankfurt por ser judeu, foi convidado para ir a Londres por Harold Laski, que em nome de outros intelectuais ingleses, resgatava vítimas da universidade nazista alemã.

Em outras palavras é a conversão do olhar da pesquisa do “que” para o “como”, superando a explicação histórico-genética ou positivista. Mannheim (1990) critica veementemente a ideia positivista de progressão linear e repetição cíclica da história, afirmando que as tentativas de sua previsão “tomando nota de fenômenos paralelos, retirados do passado, ou acentuando tendências existentes e seguindo-as como modelos, estaríamos a renunciar nosso destino” (p.116). Sua crítica é clara quando afirma que:

é impossível negar que a aplicação dos métodos da ciência natural às ciências sociais leva, gradualmente, a uma situação em que o indivíduo já não pergunta aquilo que gostaria de saber, ou o que é de importância decisiva para o passo seguinte no desenvolvimento social, mas só tenta lidar com complexos fatos que sejam mensuráveis de acordo com um determinado método histórico (MANNHEIM, 1950, p.47).

Na perspectiva mannheimiana, a Sociologia do Conhecimento se coloca tanto como uma teoria, quanto como um método de pesquisa histórico-sociológico. Como teoria “é uma investigação puramente empírica, mediante a descrição e a análise estrutural das maneiras pelas quais as relações sociais influenciam na realidade, o pensamento” (MANNHEIM, 1950, p.247). Por outro lado, pode vir a ser “uma indagação epistemológica sobre a significação dessas relações para o problema da validade” (MANNHEIM, 1950, p.247). Deste ponto de vista as novas formas de conhecimento surgem de novas condições de vida coletiva, não exigindo que se dê através de uma teoria ou epistemologia, pois

Não existe apenas um complexo de experiência coletiva como uma única tendência exclusiva, como sustentava a teoria do ‘espírito do povo’. O mundo é conhecido através de muitas orientações diferentes, porque há muitas tendências mentais simultaneamente e mutuamente contraditórias (de modo algum iguais no valor) a lutar entre si, com as suas interpretações diferentes da experiência comum (MANNHEIM, 1950, p.2).

Enquanto método, essa teoria se defronta com o desafio de determinar múltiplos pontos de vista que estão em constante processo de transformação, através da interpretação. Interpretar se refere à posição de pesquisa que visa a reconstrução dos “estilos e perspectivas integrais do pensamento, buscando a origem de expressões e registros de pensamento, que parecem relacionados numa *Weltanschauung* central” (MANNHEIM, 1950, p.285). Por outro lado admite que, os tipos ideais, resultantes desse processo, “são hipóteses indispensáveis na pesquisa” (MANNHEIM, 1950, p.286).

O que interessa à Sociologia do Conhecimento enquanto método é acessar a *Weltanschauung* em um contexto de ação coletiva, localizando o antagônico e o comum presente no grupo. Neste sentido, as similaridades e diferenças presentes na ação coletiva revelam a “direção dessa vontade de mudar ou de conservar, dessa atividade coletiva, em suma, que fornece o fio orientador ligado ao aparecimento de seus problemas, seus conceitos e suas formas de pensamento” (MANNHEIM, 1950, p.3).

As ações cotidianas são tomadas como objetos passíveis de análise, pois as vivências constituem a base comum das experiências de vários indivíduos, e deste modo podem levar a interpretação da *Weltanschauung* (WELLER et al, 2002). Interconectadas, estas experiências ou vivências, podem derivar na formação de grupos sociais e suas concepções. O método proposto por Mannheim constitui-se num procedimento de análise de fenômenos culturais, especialmente aqueles não mensuráveis, desvalorizados pela tradição de pesquisa social de influência positivista, pois

Mesmo supondo que no campo da História da Arte, os exames compreensivos e logicamente auto-suficientes do desenvolvimento do estilo e do tema já foram trabalhados, e, certo é que todas as experiências necessariamente negligenciadas em virtude de procedimentos abstratos envolvidos nestes estudos apelariam ainda a um tratamento científico, o que inclui o todo concreto deste ou daquele trabalho individual, o todo mais compreensivo da obra de um artista e o todo ainda mais compreensivo da cultura e da *Weltanschauung* de uma época (MANNHEIM, 1990, p.53).

De acordo com essa compreensão toda experiência merece ser interpretada e cada elemento da observação integra e constitui uma totalidade cultural. Logo, os objetos culturais são veículos de sentido e é necessário proceder à interpretação profunda de seus significados para acessar as visões de mundo.

Kettler, Meja e Stehr (1989) afirmam que a explicação de Mannheim sobre a *Weltanschauung* tornou possível o conhecimento geral social, pois oferece uma nova maneira de saber, de compreender as inter-relações presentes nas diferentes formas de compreensão da realidade.

Mannheim (1990) explica que a *Weltanschauung* tem uma natureza complexa, pois se situa fora do domínio da teoria é, portanto a-teórica e transcende vários campos culturais e suas objetivações são da ordem da vontade, do "impulso espontâneo, não intencional e básico de uma cultura" (MANNHEIM, 1990, p.57) e isso se refere ao fato de que

o homem²⁶ é cidadão de vários mundos ao mesmo tempo. Possuímos o material primordial da experiência, que é totalmente indeterminado e do qual nem podemos dizer se é homogênea, em várias formas distintas, como a experiência estética, religiosa ou ética e também como consciência teórica (MANNHEIM, 1990, p.57).

No desenvolvimento da análise das visões de mundo, ou seja, na elaboração das recomendações sobre o Método Documentário, o autor afirma que todo produto cultural, revela três níveis de sentido ou camadas de significado que devem ser observados para a apreensão da *Weltanschauung*, pois os objetos culturais são veículos de sentido.

O primeiro nível, objetivo, se refere ao seu sentido imanente, pois todo objeto cultural ou experiência cotidiana "pode ser totalmente compreendido sem sabermos nada acerca dos 'atos intencionais' dos indivíduos 'autores' do produto ou da manifestação" (MANNHEIM, 1990, p. 66). O segundo nível, expressivo, se refere aos motivos ou as intenções subjacentes ao ato, pois este sentido "não pode separar-se do sujeito e do seu mundo de experiência, mas só adquirir o seu conteúdo totalmente individualizado com referência a este universo 'íntimo'" (MANNHEIM, 1990, p. 67).

²⁶ No texto original Mannheim utiliza o termo *mensch* (indivíduo ou ser humano), porém a tradução portuguesa tomou-o como homem.

O terceiro nível, documentário²⁷, é o momento da interpretação que deve “partir do significado expressivo tal como foi subjetivamente pretendido, e do ponto de vista objetivo revelado pelo ato numa direção totalmente nova” (MANNHEIM, 1990, p. 67), o que leva a “interpretar o ato como uma objetivação cultural” (MANNHEIM, 1990, p. 68). Podemos dizer então que, em cada nível de sentido, a tarefa do/a pesquisador/a é apreender os significados do objeto cultural que se propôs a analisar e que o ápice desse processo é interpretar os significados que emanam, as visões de mundo.

Assim, o nível expressivo, exige considerar todo o conteúdo do significado objetivo embora o significado documentário possa ser atingido sem considerar o todo, já que está “intimamente conexionado com o complexo unitário, integrado no sentido objetivo, o significado documental pode encontrar-se em aspectos parciais destacáveis” (MANNHEIM, 1990, p. 80/1). Ou seja, embora associados o significado documental deve ser separado dos outros dois tendo em vista que a

procura do significado documental, de um modelo idêntico, homólogo subjacente a uma grande variedade de realizações de significado totalmente diferentes, pertence a uma classe aparte que não pode ser confundida com a simples adição ou síntese ou com a mera abstração de uma propriedade comum partilhada por vários objetos (MANNHEIM, 1990, p.81).

A *Weltanschauung* é acessada neste procedimento, pois

a totalidade a que chamamos ‘gênio’ ou ‘espírito’ (de uma época) é nos dada, deste modo, no significado ‘documental’; esta é a perspectiva que compreendemos os elementos que vão construir a visão geral de um indivíduo criativo ou de uma época (MANNHEIM, 1990, p. 69).

A elaboração de uma teoria da *Weltanschauung* requer uma compreensão profunda dos significados, que só é alcançado através do processo de interpretação, já que

o significado na sua própria essência só pode ser compreendido ou interpretado (...) e significa por em correlação mútua os estratos de significado abstratamente distintos e em especial o estrato documental (MANNHEIM, 1990, p.114).

²⁷ Na publicação portuguesa de 1990, a palavra *dokumentarisch* foi traduzida como documental, porém o termo mais apropriado é documentário, como utilizado por Bohnsack e Weller (2011), e utilizado neste texto.

A interpretação, contudo não é um processo intuitivo, uma vez que “os fatos devem ser estabelecidos e verificados, e os fatores isolados, antes que se possa tentar inseri-los num padrão hipotético” (MANNHEIM, 1974, p.36). Neste sentido deve-se considerar que “um significado objetivado é produto da sociabilidade” (MANNHEIM, 1974, p.45).

Em outras palavras, os produtos culturais, os atos, as experiências cotidianas são passíveis de investigação através do Método Documentário. Ao tomá-los como objeto de estudo, os submete a uma rigorosa e criteriosa análise de seus significados, para só então definir padrões, modelos de orientação, visões de mundo, relacionados naquele grupo.

1.3 A INTERPRETAÇÃO COMO MÉTODO DE PESQUISA

A utilização do Método Documentário, como instrumento de análise de dados qualitativos deve-se a Ralf Bohnsack, sociólogo alemão, que na década de 80 do século XX, retomou e atualizou suas propostas tanto do ponto de vista da concepção do método, quanto do procedimento metodológico (WELLER, 2002a; WELLER et al, 2002; WELLER, 2005; BOHNSACK; WELLER, 2011).

O Método Documentário se foi originalmente delineado para a análise de grupos de discussão visando a “reconstrução de orientações coletivas e de experiências relacionadas ao meio social” (KRÜGER, 2011, p.45) e de entrevistas narrativas, atualmente é também aplicado para a análise de imagens (BOHNSACK, 2007; BOHNSACK, 2008).

Segundo Weller (2005) a atualização realizada por Bohnsack redefiniu a proposta inicial de Mannheim, pois fez convergir todo o empenho de investigação para a análise e reconstrução do sentido da ação, ou seja, o nível documentário é reposicionado no centro da análise empírica, já que o/a pesquisador/a deve transcender as questões sobre o *quê* aprofundando-se para apreender o *como*, ou seja, o objetivo final da investigação a partir do Método Documentário é a forma, o modo como a ação prática é realizada.

Assim, o Método Documentário pode ser visto como uma ferramenta que auxilia a investigação de grupos e indivíduos em contextos sociais desconhecidos ao/a pesquisador/a, possibilitando a interpretação das visões de mundo, das ações e formas de entendimento presentes naquele conjunto de experiências. (WELLER, 2005).

A análise documentária pretende desvendar os espaços sociais de experiências conjuntivas ou o conhecimento conjuntivo²⁸, as compreensões do mundo decorrentes das relações e experiências dos grupos sociais, dos sujeitos do campo, bem como reconstruir suas visões de mundo e o modo como operacionalizam suas ações práticas. De acordo com Bohnsack e Weller (2011) o conhecimento conjuntivo são as experiências comuns que promovem um entendimento imediato entre aqueles que têm histórias de socialização parecidas.

Yncera (1993) considera como uma das contribuições mais importantes da obra de Mannheim, a reflexão sobre o conhecimento conjuntivo, pois tomadas numa interpretação científica revelam a dimensão comunicativa da vida social, e:

Se trata mais profunda e essencialmente, de uma vivência recíproca – que consiste em um saber-se vinculado, um sentir-se vinculado e um querer-se na vinculação recíproca (ou, pelo contrário, em ignora-lo, não senti-lo ou não quere-lo) – que os seres de carne e osso protagonizam, afrontando e pondo em jogo, cada um e, em cada caso, o destino da espécie humana.

Se não se pode pensar o social sem um olhar claro sobre o aspecto formal, organizativo e produtivo da sociedade, os resultados são piores quando a reflexão se desenvolve alijando-se do pulsar das relações existenciais, que constituem essencialmente a sociedade humana. Aquí reside uma parte da herança intelectual de Mannheim que vem reclamando sua sucessão (YNCERA, 1993, p.37/8).

A interpretação se refere, de acordo com Weller (2005), a explicação teórica da ação prática no sentido de sustar as informações sobre atitudes, *habitus* e padrões de orientação da prática, documentadas a partir dos sujeitos da investigação, questionando-as e buscando sua interpretação. Neste sentido a interpretação pressupõe uma explicação teórico-conceitual do conhecimento atóxico e do conhecimento metafórico (BOHNSACK; WELLER, 2011).

²⁸ Expressão cunhada por Mannheim para designar os mundos das experiências compartilhadas pelas pessoas e que conduzem as experiências individuais. São estas últimas, ao serem partilhadas, que definem o grupo e não aquelas exteriores a ele (EVERS, 2009; BOHNSACK, WELLER, 2011).

No Método Documentário a análise dos dados é realizada em duas etapas: *interpretação formulada* e *interpretação refletida*. Estas se referem às observações de primeira ordem e de segunda ordem (BOHNSACK; WELLER, 2011; WELLER, 2005).

Na *interpretação formulada* o/a pesquisador/a faz a análise detalhada do sentido imanente e a decodificação do seu sentido coloquial, descrevendo o conteúdo sem fazer comentários ou interpretações. É o momento da paráfrase, da organização temática do texto, da aproximação com os sentidos presentes no material analisado. Nesta etapa deve decodificar e formar a estrutura tópica das narrações, identificando o sentido imanente e decodificando-o numa espécie de “tradução” do conteúdo original, para a compreensão daqueles que não pertencem ao grupo (BOHNSACK; WELLER, 2011).

Na *interpretação refletida* o/a pesquisador/a se concentra na análise da forma de organização do discurso ou na forma de interação dos sujeitos, de modo que deve analisar “tanto o conteúdo de uma entrevista como o ‘quadro de referência’ (*frame*²⁹) que orienta a fala, as ações do indivíduo ou grupo pesquisado e as motivações que estão por detrás dessas ações” (WELLER, 2005, p.276). Esta etapa pretende a reconstrução desses orientadores da ação prática e é onde a fase da análise “tanto do conteúdo de uma entrevista (como foi discutido) como o quadro de referência (*frame*) que orienta a discussão, as ações do indivíduo ou grupo pesquisado e as motivações que estão por detrás dessas ações” (BOHNSACK; WELLER, 2011, p.82).

Este momento conduz a análise de padrões homólogos ou de aspectos presentes no meio social e para isso, Weller (2005), lembra que a identificação destes padrões trata-se da reconstrução de um modelo de orientação comum e, sendo assim, faz-se necessário proceder à comparação com outros dados empíricos. Os modelos de orientação não são interpretados, mas compreendidos pelos sujeitos, já que fazem parte da experiência cotidiana.

²⁹ A autora cita Goffman (1996) para explicar que *frame* é aquilo que organiza a experiência social no sentido de possibilitar a compreensão de uma situação e o envolvimento em determinada ação.

O tema central, aquele que é mais importante para o grupo constitui-se numa *metáfora de foco*, ou seja, no ápice da narrativa, já que é a partir de sua identificação, que é possível acessar os centros de experiências comuns dos sujeitos. A metáfora de foco pode ser identificada quando ao tomar uma dinâmica própria e se tornar autônomo do/a pesquisador/a, o discurso dirige-se para temas que estão no centro das experiências comuns. Sua análise permite identificar os espaços de experiências conjuntivas relevantes para os sujeitos (BOHNSACK; WELLER, 2011).

Finalizadas, a interpretação formulada e refletida, o/a pesquisador/a inicia a análise comparativa³⁰. A análise comparativa “é um procedimento que se orienta pelo princípio da busca por contrastes em casos homólogos” (WELLER, 2005, p.279), o que permite a generalização dos resultados obtidos a partir da reconstrução de semelhanças de estrutura e origem conceitual no material analisado. Esta fase deve ser realizada com a maior precisão possível, pois os elementos indicados para a comparação surgem do processo de interpretação.

Devemos lembrar que como princípio do campo da pesquisa qualitativa considera-se que o/a pesquisador/a é um ser situado, tem uma história, é homem ou mulher em um dado contexto, tem uma determinada trajetória intelectual e como condições de existência marcam sua interpretação, sua análise.

Partindo da prerrogativa de não neutralidade da interpretação, Bohnsack e Weller (2011) afirmam que os tipos só podem ser estabelecidos quando há comprovação de que existe repetição, presença de diferentes modelos de orientação ou estratégias que venham a confrontar determinadas situações. Nesse sentido “A análise comparativa desempenha, assim, um papel de controle metodológico da compreensão da realidade estranha ou distante do universo do (a) pesquisador (a)” (WELLER, 2005, p.280).

³⁰ A análise comparativa foi introduzida por Glaser e Strauss (1967) como método de investigação empírica e como uma das bases da Teoria fundamentada, de acordo com Weller (2005).

Acessar as visões de mundo implica em desenvolver uma atitude de pesquisa e exige a busca de caminhos que ultrapassem os limites de interpretações superficiais ou entrecortadas por teorias explicativas do assunto ou pré-conhecimentos de quem investiga. Neste sentido, afirma Weller (2005) “Análises e interpretações com base na comparação de casos e não em teorias previamente elaboradas, ou em informações divulgadas na mídia, fazem-se necessárias principalmente nos estudos das práticas cotidianas” (p.279).

Outro objetivo da análise comparativa para o Método Documentário se refere a *construção de tipos* - o processo de tipificação - que evidenciem o *modus operandi* da ação prática, das visões de mundo, das ações coletivas. O processo de construção de tipos parte da busca de contrastes em casos homólogos, selecionados na etapa anterior, para identificar e explicar os modelos de orientação (WELLER, 2005), pois

O modelo de sentido do saber que orienta as ações práticas dos sujeitos, o qual é constituído a partir da contextualização ou do estabelecimento de relações, denominamos de estrutura de orientação (*Orientierungsrahmen*) ou apenas de *habitus* (BOHNSACK, 2011a, p.24).

Como já foi demonstrado, as ações coletivas e as experiências dos grupos sociais compõem o espaço de experiência conjuntiva que por sua vez não é único. Logo, se deve considerar que a explicação do modelo de orientação, do *habitus* é “uma sobreposição dos diferentes espaços de experiências conjuntivas” (WELLER, 2005, p.281), ou seja,

A validade da reconstrução do *habitus*, da estrutura de orientação ou do tipo de quadro depende como já colocado, de quanto as *homologias*, entre o nível proposicional e o performativo, podem ser evidenciadas (BOHNSACK, 2011a, p.24).

A precisão na construção de um tipo (semelhanças e contrastes entre tipos identificados) é fundamental, pois quanto maior a definição, maior será a validade das teorias construídas a partir dos dados empíricos. O Método Documentário “não está voltado para uma melhor articulação entre teoria e empiria, mas para a própria produção das teorias, construídas a partir da análise criteriosa dos dados empíricos” (WELLER, 2005, p.281).

1.4 A interpretação de imagens

A imagem foi recusada, como fonte documental, nos primórdios da pesquisa social. Segundo Barboza (2006), uma das razões dessa exclusão se deve à trajetória de sua constituição como campo científico, afastando-se de tudo que pudesse questionar a exatidão de suas interpretações. Aceitar que imagens têm *status* de documento exigiu um esforço de elaboração de procedimentos metodológicos que permitissem sua compreensão. Por outro lado, o desenvolvimento dos procedimentos de investigação qualitativa e, de acordo com Bohnsack (2011), a “crescente sofisticação e sistematização dos métodos qualitativos é acompanhada pela marginalização da imagem” (p.115).

Nesse sentido, a posição desenvolvida por Karl Mannheim (1986; 1990) de valorização da experiência e das ações cotidianas, contribuiu para redimensionar o *status* da imagem na pesquisa qualitativa (BARBOZA, 2002, 2006; BOHNSACK, 2007, 2007a, 2009) e favoreceu o desenvolvimento de “um entendimento imediato através da imagem, ou por meio da imagem ou ainda além do meio da linguagem e do texto” (BOHNSACK, 2011, p.115).

Segundo Barboza (2006), Mannheim considerou os avanços conceituais e metodológicos desenvolvidos pela História e Teoria da Arte, para redimensionar o valor das imagens visuais, como documento. Por outro lado, a proposta de Mannheim, foi reconhecida e adaptada, no campo da História da Arte, por seu contemporâneo Erwin Panofsky, historiador da arte, que ao desenvolver uma teorização sobre a imagem, a Teoria da Iconologia, utilizou definições propostas pelo Método Documentário (BARBOZA, 2006; BONHSACK, 2011). Resultou dessa relação, a ressignificação dos procedimentos teórico-metodológicos para a análise de imagens nos dois campos. A proposta elaborada por Karl Mannheim

Não oferece somente uma técnica de análise da imagem, pois é ao mesmo tempo, um método que está predestinado a fazer uso da imagem, desta vez não como objeto de estudo, mas como uma técnica de análise sociológica³¹ (BARBOZA , 2006, p.393).

³¹ Todas as citações deste autor são tradução livre do original em espanhol.

Este procedimento de investigação, não tem como destino somente obras consagradas ou de cunho artístico, pois de acordo com o valor que atribui à experiência, Mannheim concebe que toda produção cultural, de uma dada sociedade, é passível de investigação. Ou seja, “se poderia dizer que o Método Documentário de interpretação consiste em ampliar o campo de estudo do campo da arte, a toda a cultura visual” (BARBOZA, 2006, p.402).

A perspectiva de mannheimiana de que tanto os produtos culturais privilegiados como a arte, quanto as ações cotidianas são objetos passíveis de investigação (WELLER et al, 2002) partiu, segundo Barboza (2002), da reunião de elementos relacionados ao método imanente e ao método genético, buscando não só os acontecimentos exteriores a obra ou seus aspectos estéticos - já que estes últimos não são tarefas do investigador social – mas, o que pode ser informado sobre um determinado grupo social, a partir de uma determinada imagem.

No Método Documentário existem três possibilidades de utilizar as imagens de acordo com Barboza (2002): como *documento da concepção de mundo do produtor*, como *técnica de documentação de uma sociedade* e como *meio de informar uma concepção de mundo*.

Como *documento da concepção de mundo do produtor* as imagens são utilizadas em duas direções:

- a) Quando se utilizam materiais já existentes antes do início da investigação desde obras de arte (com a intenção de apreender a concepção de mundo de determinada época) até peças publicitárias (servem como documento da sociedade que está sendo produzida e consumida);
- b) Quando as imagens são produzidas ao longo da pesquisa e resultam da solicitação do/a pesquisador/a. Neste sentido, determinadas pessoas são convidadas a fazer o registro de suas concepções de mundo em imagens, de modo que o resultado possibilita visualizar tanto a concepção de mundo do fotógrafo quanto das pessoas representadas.

Como *técnica de documentação de uma sociedade*: quando as imagens são produzidas com a intenção de documentar e apresentar aspectos ou características de uma sociedade, situação social ou grupo de pessoas que são exemplares de uma determinada concepção de mundo.

Como *meio de informar uma concepção de mundo*: quando as imagens são utilizadas em um estudo como fonte a partir da qual se obtém reações e opiniões. Os efeitos das imagens sobre as pessoas possibilitam analisar as concepções de mundo do intérprete da imagem.

1.4.1 A adaptação do Método Documentário por Ralf Bohnsack

Reconhecendo que o Método Documentário desenvolveu-se na relação recíproca com métodos da história da arte e que busca a compreensão como “método científico de construção do conhecimento” (WELLER, 2010, p. 290), Ralf Bohnsack, sociólogo alemão, propõe nos anos 90 do século XX, a operacionalização da análise de imagens, a partir do Método Documentário, rompendo com a ideia de compreensão *sobre* a imagem.

No lugar da compreensão de *sobre* o/a sociólogo/a indica a compreensão de *através* como procedimento para a interpretação de dados visuais, no campo da pesquisa social qualitativa, afirmando que “entendimento através de imagens significa que nosso mundo, nossa realidade social, não é apenas representado por imagens, mas também constituído ou produzido por elas” (BOHNSACK, 2011, p.115).

No processo de análise de imagens por meio do Método Documentário deve-se ultrapassar o nível imanente/literal/iconográfico para alcançar o sentido documentário/iconológico, o que altera o procedimento analítico, pois é “mudança paradigmática da perspectiva de análise remonta à abertura do questionamento sobre o *quê* (*was*) para o questionamento sobre o *como* (*wie*), da questão o *quê* são fenômenos culturais e sociais para a questão *como* eles são produzidos”³². (BOHNSACK, 2011, p.118).

A interpretação de uma imagem só é possível após este deslocamento já que, no caso da imagem fotográfica se refere “a um espaço social de experiência, um *habitus* e suas visões de mundo” (KNOBLAUCH, 2008, p.4).

³² Grifos do autor

Além disso, Bohnsack (2003, 2007, 2011) afirma que a interpretação de uma imagem deve iniciar-se no nível pré-iconográfico, posicionado na sua estrutura formal. Para o autor a estrutura formal é fundamental para o processo de interpretação da imagem e comporta três dimensões: a *estrutura planimétrica total*, a *coreografia cênica* e a *projeção perspectivista*. Explorando essas dimensões, torna-se possível apreender a imagem como um sistema autorreferente, pois somente pela estrutura formal “nos é aberto também um caminho que leva à compreensão da especificidade do espaço de experiências conjuntivas dos produtores de imagens” (BOHNSACK, 2011, p. 124).

Para acessar as visões de mundo presentes em imagens visuais, Bohnsack (2003, 2007, 2011) associou instrumentos do método iconológico de Erwin Panofsky, do método icônico de Max Imdahl e da Sociologia do Conhecimento de Karl Mannheim, para propor que a análise de imagens no Método Documentário, ocorra em três etapas: interpretação formulada (duas fases) e interpretação refletida (três fases) e a análise comparativa.

1.4.1.1 A interpretação formulada de imagens

A primeira etapa denominada Interpretação formulada é composta de duas fases: análise do nível pré-iconográfico e análise dos elementos iconográficos.

Na primeira fase, análise do nível pré-iconográfico, a tarefa do/a pesquisador/a é descrever de maneira precisa, detalhada, simples e direta os elementos visíveis, como o sexo, a atitude, as expressões e a posição dos indivíduos, bem como todos os objetos ou seres (animais/plantas), a geografia e a arquitetura que compõem a imagem.

Na segunda fase, análise dos elementos iconográficos, o/a pesquisador/a deve proceder à interpretação a partir do senso comum, buscando a apreensão do sentido dos símbolos, ações, gestos, dos arquétipos presentes na foto (LIEBEL, 2010, 2011, 2011a; WELLER; BASSALO, 2011, 2011a), o que conduz o/a pesquisador/a a realizar uma busca por “intenções subjetivas, como sempre fazemos no senso comum” (BOHNSACK, 2011, p.118).

Na fase pré-iconográfica, a descrição é daquilo que literalmente se vê, sem atribuir nenhuma conotação a ele. Na segunda fase, iconográfica, o que foi descrito literalmente, assume uma conotação que pode, de acordo com Bohnsack (2011), “ser caracterizada como a passagem para a atribuição de motivos, ou, mais precisamente, *para se chegar ao motivo*” (p.118), pois

a especificidade da mensagem gráfica do signo icônico (*ikonisches Zeichen*) se apresentam de maneira diferenciada no nível denotativo ou pré-iconográfico. No processo de decodificação da mensagem gráfica é necessário deter-se primeiramente na análise dos códigos conotativos ou iconográficos (BOHNSACK, 2007, p. 295).

1.4.1.2 A interpretação refletida de imagens

Na segunda etapa nomeada como interpretação refletida, o/a pesquisador/a ultrapassa a mera descrição, passando do “que” para o “como”, ou seja, superando a identificação do que é a imagem para responder a questão de como ela foi construída e, buscando compreender a dinâmica interna da composição, a partir dos elementos que a constituem. A análise da composição formal na fotografia se refere ao papel que o jogo de luz e sombra, cores, linhas, formas e foco assumem na imagem e auxiliam na sua interpretação. De acordo com Bohnsack (2011) este momento exige considerar que os elementos que compõem a imagem não estão isolados, mas se colocam em relação com os outros elementos da composição.

Esta etapa se desenvolve a partir da análise da composição formal, subdividida em três fases: análise da composição planimétrica, análise da projeção perspectivista, análise da coreografia cênica e interpretação icônica ou iconológica.

Na primeira fase, análise da composição planimétrica, o/a pesquisador/a deve fazer uso de linhas e formas geométricas que lhes sejam auxiliares na compreensão da organização “interna” da imagem. A planimetria favorece a interpretação da imagem a partir de dentro, do lugar, posição, importância que cada elemento assumiu, identificando aquele que tem mais ou menos “peso”, que foi secundarizado ou não. Assim, ao utilizar, linhas e formas geométricas, o/a pesquisador/a pode perceber o “jogo” que construiu a imagem em análise, como se pode ver na foto a seguir:

Figura 1: Família de proprietários de terra (1951) - composição planimétrica



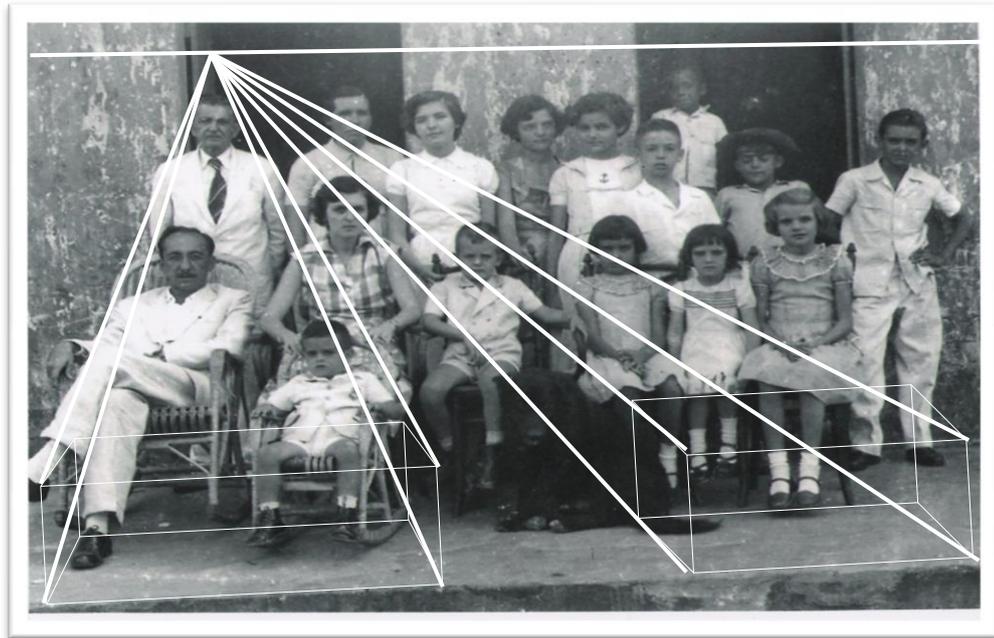
Fonte: Weller e Bassalo, 2011.

Na segunda fase, análise da projeção perspectivista³³, o/a pesquisador/a deve localizar a linha do horizonte (linha que separa o lado superior e o inferior de um objeto) e o ponto de fuga (direção em que o objeto se aprofunda). A perspectiva é definida como a fabricação de uma ilusão visual de volume, profundidade e distância dos objetos, e é formada pelo ponto de fuga (direção em que o objeto se aprofunda) e a linha do horizonte (linha que separa o lado superior e o inferior de um objeto).

Para traçá-la utilizam-se linhas que convergem para um ponto de fuga. O ponto de fuga serve como um ponto de referência para traçar os eixos em que se constroem a imagem. De acordo com Bohnsack (2007) “a perspectiva permite, como a própria palavra indica, o desenvolvimento de uma perspectiva sobre os produtores de imagens e suas visões de mundo” (p.303) como demonstrado abaixo:

³³ De acordo com Aumont (1993), perspectiva deriva do latim *perspicere*, que significa “ver claramente”, “ver através de” e é um método de representação de objetos tridimensionais em uma superfície plana, com o papel de reconstituição mental de volumes projetados e sua disposição no espaço. Segundo o autor, na perspectiva linear (ou *naturalis*), a projeção parte de um ponto de fuga localizado em uma linha de horizonte qualquer, onde o que está mais distante tem tamanho menor e fica maior na medida em que se torna mais próximo do campo de visão, já que as retas são convergentes. A perspectiva *artificialis* ou geométrica acrescenta profundidade e volume às imagens, sendo largamente utilizada na pintura e na fotografia. De acordo com Fragoso (2004) tanto o cinema, a televisão quanto a fotografia continuam utilizando os princípios da perspectiva, uma vez que representa a tridimensionalidade em superfícies planas.

Figura 2: Família de proprietários de terra (1951) - projeção perspectivista



Fonte: Weller e Bassalo, 2011.

Na terceira fase, análise da coreografia cênica, o/a pesquisador/a deve entender a forma como as pessoas são apresentadas, organizadas e dispostas para a produção da imagem, sua posição espacial em si e na relação com os outros componentes da imagem (LIEBEL, 2010, 2011, 2011a; WELLER; BASSALO, 2011, 2011a) ou, dito de outra forma, a “ambientação que ocorre em uma cena social” (BOHNSACK, 2011, p.124).

A última fase, interpretação icônica ou iconológica, se realiza “em contraposição à iconográfica e caracteriza-se pela ruptura do senso comum” (BOHNSACK, 2007, p.291). Voltada para apreender o *modus operandi* da produção da imagem, dedica-se a formação do conteúdo da imagem, de modo que “metodologicamente, o caráter icônico, só pode ser reconstruído através da descrição da forma, sobretudo da estrutura planimétrica da imagem” (BOHNSACK, 2007, p. 311). Neste momento o/a pesquisador/a deve estar atento a “caracterização de elementos determinantes no reconhecimento de elementos coletivos, como um país, uma época ou uma classe, bem como de religiões, ideologias e filosofias” (LIEBEL, 2011a, p. 4).

Esta fase, então, dedica-se a responder a questão do “como” e implica em apreender o *habitus* que cerca a produção imagética. A noção de *habitus*, utilizada no contexto do Método Documentário, a partir dos estudos realizados por Panofsky, se refere aos significados característicos da imagem, documentando os conteúdos intrínsecos de um determinado fenômeno, de modo que:

Este significado característico (em alemão: *Wesenssinn*) – que se autodescreve – também é denominado por Panofsky como *habitus*, e, como já se sabe, Bourdieu tomou o conceito emprestado de Panofsky. A concepção de *habitus* pode se referir tanto a fenômenos individuais quanto a fenômenos coletivos relativos ao meio social (*milieu*), por exemplo, o *habitus* “proletário” ou “burguês”. Pode também exprimir um determinado período histórico ou uma geração, como o *habitus* da “geração 1968”. Pode ainda – e aqui reside propriamente o interesse do autor –, ser expressão de todo um período histórico, seja o Período Gótico ou a Renascença (BOHNSACK, 2011, p.118).

Para Bohnsack (2007) só é possível apreender a imagem na sua totalidade quando é realizada a análise da composição formal, pois, é só nesse momento, que o/a pesquisador/a é conduzido “à compreensão da especificidade do espaço de experiências conjuntivas” (p.300). Com a interpretação da estrutura formal da imagem é possível traçar o caminho que leva à compreensão da especificidade do espaço de experiências conjuntivas dos seus produtores (BOHNSACK, 2011).

Estas etapas são procedimentos que conduzem a reconstrução dos sentidos da imagem e seus significados, uma vez que, por um lado, a “reconstrução da composição formal, sobretudo da estrutura planimétrica, leva-nos a interpretar os elementos não mais de forma isolada, mas enquanto conjunto e em correlação aos demais elementos da composição” (BOHNSACK, 2011, p.124) e, por outro, “permite a observação de estruturas de pensamento e de ação que a transpassam. Tais estruturas podem, entretanto, referir-se a diferentes grupos e tempos” (LIEBEL, 2011a, p.5).

1.4.1.3 A análise comparativa de imagens

A análise comparativa, na análise de imagens, segundo Bohnsack (2011) é regido pelo “princípio das estruturas simultâneas” (p.130) significando que uma imagem deve ser comparada a outras com a mesma temática em busca de uma variação da composição, ou seja, localizar contrastes e similitudes nas imagens que são objeto da interpretação.

O objetivo final desta etapa se refere a identificar a estrutura de orientação que pode ser delineada como “um padrão homólogo em casos *diferentes*, quer dizer, quando ela é destituída de sua especificidade” (BOHNSACK 2001a, p.24).

De acordo com Bohnsack (2011a) a análise comparativa com base no Método Documentário implica na interpretação e a extração do sistema de orientação ou tipificação de sentido. A validade está relacionada a “quanto às *homologias* entre o nível proposicional e o performativo podem ser evidenciadas”. (BOHNSACK, 2011a, p. 24).

A proposta desenvolvida pelo autor já foi amplamente utilizada em dissertações e tese que partiram de grupos de discussão e entrevistas narrativas, estando ainda em curso os primeiros trabalhos que a utilizam a partir de dados visuais.

1.4.2 A imagem fotográfica como fonte da interpretação

Entre os tipos de imagens disponíveis, Bohnsack (2007, 2007a, 2009, 2011) elegeu a fotografia como primeira fonte visual para iniciar seu percurso na análise de imagens a partir do Método Documentário.

A resistência em considerar a fotografia como fonte de pesquisa se deve às formas de produção do conhecimento que sempre privilegiaram a tradição escrita, já que “esta não é transmitida segundo um sistema codificado de signos em conformidade com os cânones tradicionais da comunicação escrita” (KOSSOY, 2001, p.36). A originalidade da fotografia decorre de sua objetividade, ela registra o que está à sua frente, e essa condição “lhe confere um poder de credibilidade que se encontra ausente em qualquer obra pictória” (NOVAES, 2008, p.462).

Para Penn (2008) a imagem difere da linguagem por ser polissêmica ou ambígua, entretanto, uma imagem fotográfica, por aproximar-se com a maior fidelidade do que foi fotografado. É um tipo de signo menos arbitrário ou convencional, pois “no signo indéxico, a relação entre significante e significado é uma relação de contiguidade ou causalidade” (2008, p.323). No entanto, o reconhecimento da fotografia como fonte documental reside “no fato de que se trata de uma atividade que não foi hierarquizada por nenhum cânone cultural, como ocorreu com a imagem artística” (MENESES, 2003, p.21).

A fotografia³⁴ é fabricada por alguém e a partir de um objeto concreto, a câmera, expressando seu conteúdo através de uma linguagem não verbal. Para Kendall (1984) a fotografia proporciona a visão de um detalhe ou detalhes de um tempo, logo “as fotografias são imagens com certeza, mas não são comuns. Elas são fotos através do qual vemos o mundo” (p.11).

Portanto, a fotografia é uma expressão visual que indica a inserção cultural de quem a produziu, bem como o contexto representado e os procedimentos técnicos que foram utilizados. Ou ainda pode ser considerada como “uma elaboração do vivido, o resultado de um ato de investimento de sentido, ou ainda uma leitura do real realizada mediante o recurso a uma série de regras que envolvem, inclusive, o controle de um determinado saber de ordem técnica” (MAUAD, 1996, p. 75).

Embora acessível pela popularização e simplificação do processo de obtenção de uma fotografia, Benovsky (2010) afirma que o processo de produção de uma foto, nunca pode ser considerado totalmente mecânico, pois “necessariamente, as crenças e intenções do fotógrafo constituem um fator central no processo de criação de toda fotografia normal” (p.22).

³⁴ Vale ressaltar que, de acordo com Kossoy (2001), a fotografia surge no século XIX, no contexto da Revolução Industrial e teve papel fundamental e inovador para informar e dar conhecimento da realidade social. Segundo o autor, com o desenvolvimento da câmera fotográfica e seu resultado material, a fotografia, o mundo tornou-se conhecível para além das fronteiras da tradição escrita, verbal ou pictórica e com o desenvolvimento da indústria gráfica, potencializou-se o conhecimento do mundo a partir de fragmentos do olhar, do contexto.

A fotografia é uma imagem que pode assumir papéis diferentes na pesquisa, que se referem a ilustração do texto ou a ser o próprio objeto da investigação. As fotografias podem ser utilizadas para referendar certa informação ou descrição apresentada na pesquisa cujos dados foram obtidos através de outra fonte/forma de investigação da realidade ou pode, ela mesma, a própria imagem, a foto, ser a fonte principal da investigação.

A interpretação de uma fonte documental visual - como a fotografia - é, segundo Péquinot (2006), “sempre um jogo de realidade narrativa” (p.49) e, por isso, pode ascender de um lugar secundário, ilustrativo para o lugar de “uma ferramenta de produção de conhecimento e de investigação da realidade” (op.cit. p.49).

No lugar de objeto da investigação, Gastamiinza (2006), ressalta que um dos grandes problemas de quem pretende utilizar imagens na pesquisa, se refere à necessidade de utilizar uma linguagem diferente da que sua fonte viabiliza, pois ao contrário da linguagem visual implícita em uma fotografia, a análise empreendida sobre a imagem é expressa em linguagem verbal, escrita.

Loizos (2008) destaca duas falácias implícitas na consideração ingênua e objetivista de imagens visuais - delimitados aqui na fotografia - como documentos de investigação. A primeira delas se refere a considerar que uma fotografia não mente, revela aquilo que foi registrado. A segunda se refere à afirmação de que a fotografia é universalmente acessível e opera transculturalmente.

Quanto a primeira o autor recorda que impressões fotográficas podem ser alteradas por aerógrafos para retirada ou acréscimo de detalhes³⁵ ou superposição de negativos (que colocavam lado a lado pessoas que nunca haviam se encontrado) o que, atualmente pode ser identificado no uso do *photoshop* como recurso para corrigir imperfeições nos sujeitos fotografados. Sobre a segunda falácia, demonstra que convenções visuais válidas num contexto, podem ser totalmente desconhecidas em outros e ainda que existam variações perceptivas e de sentido entre indivíduos, estas alteram significativamente a leitura da imagem.

³⁵ Um exemplo conhecido de manipulação de imagens é uma foto feita em 30 de abril de 1945 que mostra soldados soviéticos içando a bandeira da União Soviética no alto de um edifício em Berlim. Na foto original, um soldado tem em seu pulso dois relógios, o que indica saque ou roubo. Na foto manipulada o soldado aparece sem um dos relógios e há mais fumaça, subtraindo-se a evidência que denigre a imagem da ação militar.

Superando a noção ingênua e objetivista na análise de imagens, na interpretação de uma imagem fotográfica, com base no Método Documentário, segundo Bohnsack (2011), o/a pesquisador/a deve buscar a reconstrução dos significados documentários procurando pelo *habitus* dos produtores da imagem. Para isto, esse método estabelece que os produtores da imagem estejam em duas categorias: *produtores de imagem que representam* e *produtores de imagem representados*.

Quanto à primeira - produtores de imagem que representam - o autor se refere àqueles que estão na produção da imagem, seja antes, durante ou depois do seu registro definindo-os como o “fotógrafo ou artista, assim como todos que estão agindo por detrás da câmera e que estão participando na produção da imagem, mesmo depois do registro da fotografia” (BOHNSACK, 2011, p.119). No que se refere à segunda - produtores de imagem representados – esclarece que são “todas as pessoas, criaturas e cenas sociais que são parte do sujeito da imagem e estão agindo em frente à câmera” (BOHNSACK, 2011, p.119).

Entretanto reconhece que poderia surgir um dilema metodológico quando estas duas categorias pertencem a universos culturais diferentes. Segundo o autor este problema se resolve quando ambos, os que representam e os representados, pertencem ao mesmo espaço de experiências (*Erfahrungsraum*) ou *habitus* individual ou coletivo. Acessar a interpretação que documente ou reconstrua trajetórias de vida, se torna muito mais complexo se não há congruência contextual entre os produtores da imagem.

Como exemplo dessa incongruência, Bohnsack (2003) analisa a foto do fotógrafo brasileiro, Sebastião Salgado, intitulada “Família com onze filhos no sertão do Tauá, Ceará, 1983”. Demonstra que, como produtor de imagem que representa, Salgado associa a penúria de uma família à quantidade de filhos na coreografia cênica da imagem, uma característica presente na percepção objetivista de famílias de baixa renda. Para o autor, a fotografia indica que entre as duas categorias, os que representam e os representados, há diferenças de interpretação sobre a composição da imagem, pois enquanto o fotógrafo está preocupado em revelar a condição humana, os membros da família fotografada parecem ter atitudes de resistência, vergonha ou indiferença.

Embora, o produtor de imagem que representa e os produtores de imagem representados sejam brasileiros, as experiências da vida cotidiana são diferentes e reveladas na imagem. De acordo com Mauad (2008) reputa-se a Sebastião Salgado, a versão brasileira do fotojornalismo engajado, uma vez que ancora a produção de suas imagens no marxismo e constrói uma narrativa visual nas fotografias com caráter de crítica e denúncia. Por outro lado, para os membros da família, a fotografia teve outra conotação onde o ato de ser fotografado representa o registro de si, um colocar-se à vista do outro, que não inclui, certamente, a noção de que a foto constituía-se numa ação de engajamento social, uma estratégia de denúncia da exploração da sociedade capitalista. O descompasso entre o produtor de imagem que representa e os produtores de imagem representados, nesta fotografia, é identificado por Bohnsack (2003) como uma clara discrepância entre os *habitus* dos produtores da imagem.

Atento ao controle metodológico o autor afirma que para alcançar o nível documentário na análise de imagens, o/a pesquisador/a deve suspender, se já os tiver, ou rejeitar, se tiver possibilidade de obter, qualquer conhecimento prévio acerca dos fotografados, colocando de lado todos os nomes próprios, sobrenomes, ou informações que deem indícios biográficos sobre o conteúdo imagético, assegurando que:

Essas precisões metodológicas são de fundamental importância, sobretudo no processo de interpretação de imagens no campo das Ciências Sociais e da Educação, uma vez que a Iconografia não é apresentada de forma codificada, como acontece, por exemplo, na história da arte, cujas imagens remetem em muitos casos a textos religiosos oriundos da Bíblia (BOHNSACK, 2007, p123).

A complexidade do percurso de análise de dados visuais, descrita neste trabalho a partir do Método Documentário compõe, segundo Knoblauch et al (2008), as novas e significativas iniciativas desenvolvidas no início do século XXI que se dispuseram a desenvolver uma metodologia para análise de dados visuais.

De acordo com os autores, trata-se de uma tarefa quixotesca embora reconheçam que, cada vez mais, as imagens estão presentes nas pesquisas nas áreas de educação, sociologia, saúde, criminologia, mídia, estudos culturais entre outros. Além disso, afirmam que, o desenvolvimento tecnológico viabilizou a criação e edição de dados digitalizados, favorecendo que novas abordagens metodológicas fossem estabelecidas.

Diferentes estudos com dados visuais, a partir do Método Documentário, já foram realizados como os trabalhos com filme por Geimer (2010) e Baltruschat (2010), com charges por Liebel (2010, 2011, 2011a) e com fotografia por Weller e Bassalo (2011, 2011a) e, pelo próprio Bohnsack (2008, 2011).

As premissas metodológicas apontadas, da reconstrução como princípio investigativo e da análise de imagens a partir do Método Documentário, ancoram a presente tese e perpassam os capítulos teóricos que antecedem a análise dos dados empíricos.

II. JUVENTUDE: DA INVISIBILIDADE AO RECONHECIMENTO

O conceito de juventude apresenta várias perspectivas e aproximar-se dele é se colocar diante de um campo marcado por sentidos emanados da cultura, de representações sociais sobre 'ser jovem', e pela falta de definição conceitual. De início é necessário reconhecer que as construções teóricas são diversas, nem sempre complementares e refletem abordagens de origens epistemológicas diferentes, porém cada uma tem sua importância para a constituição do campo de estudos sobre juventude.

Além disso, é preciso admitir que qualquer tentativa de enquadrar diferentes sujeitos históricos e suas identidades em um conceito será sempre parcial, pois o conceito, expressa uma abstração formada pela identificação de características específicas de um determinado grupo de sujeitos. Todo conceito tem uma intenção é, portanto uma construção datada, marcada pelo contexto histórico, político e social.

Pode-se afirmar que no contexto europeu, as mudanças econômicas, sociais e políticas, o desenvolvimento do estado moderno e as instituições e regulamentações advindas dele, alteraram os modelos de socialização dos jovens no período anterior, dando lugar a múltiplas influências que questionavam ou se opunham aos valores da socialização primária e formaram as condições para admitir a juventude como um grupo social na modernidade. As regulamentações que restringiam o trabalho infantil, o acesso ao serviço militar obrigatório, a educação primária obrigatória e sua continuidade com a educação secundária, ampliaram o período de dependência econômica e social dos filhos, primeiro os das classes altas e médias e depois, por imposição, aos filhos das classes operárias (KUSTRÍN, 2007).

Em fins do século XIX, de acordo com Kustrín (2007), a concepção de juventude afetava de modo diferente homens e mulheres, tanto na inserção no mercado quanto no que se referia à escolarização. As escolas separadas por sexo, o sufrágio universal somente masculino, separavam e hierarquizavam os gêneros, marcando a crescente independência da jovem mulher de tensões sociais. Nesse período, associou-se a juventude trabalhadora, dos centros

urbanos, à indisciplina ou delinquência e à noção de jovens respeitáveis, desencadeando a formação de organizações juvenis patrocinadas por adultos em diferentes países europeus, como os grupos ligados a igreja católica e, mais tarde, de movimentos juvenis independentes no âmbito da universidade.

Segundo a autora a desintegração das famílias, o grande número de jovens órfãos que tiveram que assumir funções familiares, a ocupação de postos de trabalho e familiares considerados masculinos por jovens mulheres, segundo a autora, foram efeitos das guerras, que no século XX, impactaram a juventude. Este período também foi marcado pela ascensão de organizações juvenis socialistas, como a IJS - Juventude Socialista Internacional, que se espalharam por toda a Europa, México e Brasil. Contudo, identificados como grupo social, as tentativas de conceituação sociológicas partiram do questionamento da sua definição a partir de características físicas e psicológicas, com o conceito de adolescência, que inicialmente englobava indivíduos entre 14 e 24 anos.

Seja compreendida como um período de tensões e conflitos, de formação de grupos juvenis com territórios próprios, que ora associa a delinquência à desintegração social urbana e ora relaciona-a a subtração de vínculos e elementos de solidariedade interna, enquanto grupo social, a juventude vivencia conflitos inter e intrageracionais. As tentativas de definição sociológica partem da concepção de que a juventude é um fenômeno social que precisa ser estudado. Pois, se por um lado “as estratégias desenvolvidas pelos diferentes grupos de jovens dependem da conjuntura histórica

³⁶ (KUSTRÍN, 2007, p.182) por outro estas “estão em uma complexa relação com os outros grupos da mesma idade e com os adultos, com as instituições e suas formas de controle e com a cultura dominante” (KUSTRÍN, 2007, p.182).

Entretanto não se deve tomar a complexidade dessa tarefa como inviabilizadora da tentativa de sua compreensão, mas como possibilidade de acessar as diferentes condições em que os e as jovens podem ser compreendidos/as.

³⁶ Todas as citações desta autora são tradução livre do original em espanhol.

2.1 JUVENTUDE: CONSTRUÇÕES EM TORNO DE UM CONCEITO

Em uma primeira aproximação, a noção predominante na contemporaneidade é aquela que define juventude como uma *faixa etária*, interpretando-a a partir do desenvolvimento biológico. Deste ponto de vista existem padrões de beleza, de saúde, de modos de ser e estar no mundo, próprios da juventude e inerentes a todos os jovens. De modo geral a *faixa etária* tem orientado a formulação de políticas públicas e ações institucionais identificando fronteiras entre o indivíduo e a ação que se deseja realizar em sua direção, como a delimitação à escolarização, aos direitos legais e ao acesso ao mundo do trabalho. Neste campo circulam termos ora associados às transformações do corpo (puberdade - ciências médicas), ora ligados ao comportamento (adolescência - psicologia, psicanálise e pedagogia), ora relacionados aos papéis sociais que lhes são atribuídos (juventude - sociologia clássica) (Cf. GROPPPO, 2000).

De acordo com Bourdieu (2003), a “idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável” (p.152). Considerá-la como parâmetro, segundo o autor, conduz a uma concepção equivocada de juventude, como se fosse socialmente possível existir “uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns” (BOURDIEU, 2003, p.152). Para o autor as classificações etárias “equivalem sempre a impor limites e a produzir uma *ordem* à qual cada um deve se ater, na qual cada um deve manter-se no seu lugar” (BOURDIEU, 2003, p.152), referindo-se à divisão social de poder, que pode autorizar ou não autorizar, determinados tipos de comportamento.

Paralelamente, associa-se a faixa etária, a noção de juventude como uma *fase da vida*, contribuindo para defini-la como um período de preparação para a assunção futura de responsabilidades onde, de acordo com Pais (1993), prevalece a busca por aspectos uniformes e homogêneos que a caracterizariam a partir da idade que possui.

Considerar a juventude como fase de preparação para a vida adulta, implica que o/a jovem tenha a capacidade de vivenciar o presente em relação ao futuro onde, segundo Leccardi (2005), o “presente não é apenas uma ponte entre o passado e o futuro, mas a dimensão que prepara o futuro” (p.35).

Reputada como fase, a juventude constitui-se como transição para outra fase “graças à relação positiva com o presente, construída em torno do devir que ela prefigura, pode ser representada como um tempo de espera ativa, uma fase que deve consentir uma transição por sua vez positiva para a idade adulta” (LECCARDI, 2005, p.35).

Entretanto, na sociedade contemporânea, se tem por um lado “reduzido a previsibilidade a respeito dos lugares sociais que ocupará cada setor etário”³⁷ (MARGULIS, 2001, p. 42), por outro a ausência de modelos identificatórios e o peso da imagem na sociedade contemporânea contribui para estabelecer a juventude como mito difundindo conceitos e visões baseados na faixa etária (PAIS, 1993). Como signo valorizado tanto no plano da estética, quanto nas relações de mercado, o “Ser jovem virou slogan, virou clichê publicitário, virou imperativo categórico - condição para se pertencer a certa elite atualizada e vitoriosa” (KHEL, 2007, p.46).

Relacionada a esta perspectiva há a compreensão, segundo Pais (1993), que define a juventude como um *conjunto social*, essencialmente variado conforme as diferentes situações sociais e busca entendê-la a partir, entre outras, das diferenças de classes, interesses, oportunidades ocupacionais. Esta definição considera que o principal atributo da juventude é ser formada por indivíduos que pertencem a uma fase da vida (demarcada etariamente) podendo ser considerada também “como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por jovens em situações sociais diferentes entre si” (PAIS, 1993, p.34).

³⁷ Todas as citações deste autor são tradução livre do original em espanhol

Com esta definição, a de conjunto social, estabelece-se a crítica a qualquer conceito de juventude, pois este estaria imerso nas relações de classe, nas desigualdades sociais e inscrito em culturas de classe e desenvolveriam culturas de resistência “negociadas no quadro de um contexto cultural determinado por relações de classe” (PAIS, 1993, p.48). Tal acepção está representada sobretudo pelos estudos de Birmingham, desenvolvidos na década de 60 e 70 do século XX, no *Center for Contemporary Cultural Studies* (CCCS) (HALL; JEFFERSON, 1975).

Definir juventude a partir de critérios etários ou como fase da vida, como se foi demonstrado leva a uma leitura superficial e reducionista que limita à condição psicobiológica, toda a complexidade que envolve o conceito.

Outra noção, frequentemente utilizada nos estudos sobre jovens, relaciona juventude a uma *fase de disfunções e desvio*, no sentido funcionalista durkheimiano (a socialização ou o processo educativo é considerado como a ação dos mais velhos sobre os mais jovens) ou no funcionalismo norte-americano (com a realização de estudos empíricos que tomam a ordem social, seus valores e normas como categorias de análise *a priori*).

Instrumentalizados pelo conceito de socialização, segundo Pais (1993), concebeu-se a juventude como desvio, definindo o jovem como “aquilo que se integra mal, que resiste à ação socializadora, que resiste a certo padrão normativo” (PERALVA, 1997, p. 18).

Nesta concepção a ordem cultural do passado ou as gerações adultas definem o lugar dos jovens, hierarquizando a partir de um recorte do tempo ordenado e normativo, as idades. Essa perspectiva localiza formas diferentes que atingem negativamente os estabilizados valores da sociedade, para considerar que “Se as formas de desvio variam, em função de níveis distintos de estratificação social e cultural, o desvio como tal, ainda que não sempre em suas modalidades extremas, é inerente à experiência juvenil” (PERALVA, 1997, p.18).

Atualmente, as análises de processos de socialização têm focalizado diferentes espaços e contextos como o familiar, o escolar, o religioso, o trabalho e os grupos de amigos, tomando como base a escola sociológica francesa representada por François Dubet. Esta abordagem tem contribuído, especialmente, para revelar espaços e tempos dedicados ao lazer, a diversão, e ao trabalho, bem como dos laços sociais (juventude e família, juventude e escola), pois considera a socialização como “uma área de investigação que explora as relações indissociáveis entre indivíduo e sociedade” (SETTON, 2008, p.1).

Outra forma de abordar os processos de socialização da juventude são aquelas que se dedicam a compreender os modos de ser jovem. De acordo com Dayrell (2005), esta linha de interpretação considera a juventude tanto como transição compreendida entre as fases em que se é criança e adulto, quanto reconhece a singularidade de ser jovem, fazendo emergir do conteúdo experiencial de determinados garotos e garotas, um modelo ou modo de ser jovem.

Uma terceira perspectiva sobre o conceito de juventude se refere a definição de um *conjunto de atitudes que seriam próprias dos jovens*. A alegria, a saúde, certo estado mental que predispõe para a novidade, para o futuro, para o moderno, seriam atributos definidos por uma visão que, de acordo com Quapper (2001), parte de “uma matriz adultocêntrica de compreender, compreender-se no mundo e as relações que nele se dão³⁸” (p.62).

O adultocentrismo é uma interpretação que, de acordo com Alvarado, Martínez e Muñoz (2009), parte da “posição do sujeito adulto/masculino/ocidental, operando, como um dispositivo de controle social” (p.96) e pautada num modelo de desenvolvimento psicológico e evolutivo, compreende a juventude como passagem, momento da vida autorizada a não assumir responsabilidades que serão contraídas no futuro. Interpretado como dependente e ser em trânsito, segundo os autores, o/a jovem é visto como cidadão de segunda ordem.

³⁸ Todas as citações deste autor são tradução livre do original em espanhol

A visão adultocêntrica, segundo Quapper (2001), assume a responsabilidade de preparar adequadamente futuras gerações de trabalhadores, consumidores e cidadãos, e é uma estratégia que remove os jovens do presente e os invisibiliza.

Associada a concepção de juventude como um conjunto de atitudes inerentes ao juvenil, aponta-se a juventude como *geração do futuro*, que se funda na normatização dos papéis, hierarquização da sociedade entre jovens e adultos, desenvolvendo também uma des-historização. Nesta definição reconhece-se a juventude como a fase dos ideais, para “no mesmo momento, desqualificá-los por falta de realismo e por serem passageiros” (QUAPPER, 2001, p.63). Nesta visão a juventude é aquilo que será, ou seja, enquanto adultos, abandonariam seus sonhos da juventude e assumiriam papéis e responsabilidades próprios da vida adulta, real.

Outra forma de desistoricizar a juventude, segundo Quapper (2001), se refere aquela que a define hedonisticamente, delineando-a como o momento em que se pode experimentar. Este, um discurso caracteristicamente permissivo que a localiza como a idade da irresponsabilidade e, ao mesmo tempo, um discurso repressivo que estabelece limites para a experimentação.

As definições apontadas relacionam a uma dimensão que nega à juventude sua inscrição no presente, por cogitá-la como um não ser que supõe um vir a ser. Não admitem sua existência e embora reconheçam que o jovem é, apontam para o futuro, para o adulto que será, ou seja, a juventude nas definições de faixa etária, fase da vida e geração do futuro não existe em si, logo, o jovem não é, porque está em construção o ser adulto.

De acordo com Dayrell (2003) em nome do que virá, em nome do futuro “tende-se a negar o presente vivido do jovem como espaço válido de formação, assim como as questões existenciais que eles expõem, bem mais amplas do que apenas o futuro” (p.41).

Entretanto, “o conceito de juventude não pode remeter-se ao futuro porque assim deixa de ser para ser sua contrapartida”³⁹ (BELMONTE, 2009, p.163). Além disso, estas definições partem da perspectiva que supõe uma oposição imediata a um/a outro/a, jovem-adulto, anulando as possibilidades de convivência destes atores sociais em bases igualitárias.

Porém, circulam no campo de estudos sobre juventude, outras definições que comportam uma dimensão diferente, que reconhece a existência material e histórica da juventude identificando o jovem como dado, como fato.

Neste domínio pode-se identificar a compreensão de que a juventude tem como marca o desenvolvimento de uma *cultura juvenil*. Reconhecer que jovens produzem cultura, acrescenta um sentido antropológico a juventude, pois, de acordo com Pais (1993), esta dimensão alude a “modos de vida específicos e práticas quotidianas que expressam certos significados e valores não apenas ao nível das instituições, mas também ao nível próprio da vida quotidiana” (p.55).

Conhecer os dados da experiência dos/das jovens possibilita acessar os elementos do processo de interação que se dá no entendimento e na compreensão social proposta pela cultura juvenil (MARGULIS, 2001) bem como, ao considerar os diferentes contextos sociais, toma-se a cultura juvenil como experiências não teorizadas que podem informar sentidos e apreensões da realidade na qual os/as jovens estão inseridos (WELLER, 2011).

A noção de cultura juvenil foi desenvolvida, segundo Weller (2011), no bojo do reconhecimento de que os jovens formam uma categoria social com autonomia e poder de decisão. A condição juvenil é, portanto, marcada pelo espaço e tempo sendo o momento em que “estilos de vida são descobertos e experimentados, experiências geracionais são constituídas, identidades são construídas ou reconstruídas” (WELLER, 2011, p.14).

³⁹ Todas as citações deste autor são tradução livre do original em espanhol

Todavia, Weller (2011), reconhece que, usualmente, denomina-se a cultura juvenil como subcultura enquanto cultura alternativa ou como aquela que envolve todos os aspectos que compõem o cotidiano de determinado grupo. Entretanto, de acordo com Belmonte (2009), definir a cultura juvenil desta maneira é uma estigmatização de formas e conteúdos oriundos da cultura dominante.

Um segundo tipo de definição de juventude entre aqueles que a consideram material e historicamente se refere à delimitação da juventude como *segmento*. De acordo com Belmonte (2009), nesta acepção juventude seria aquela que:

- a) Cumpre um metadestino: a juventude se remete a si mesma, mas tem um término, e a sua finalidade é ser adulto;
- b) Tem estilo próprio, o estilo juvenil: constrói-se nos espaços em que estabelece relações e que permitem o acesso ou elaboração de códigos diferentes ou divergentes, especialmente estéticos, daqueles imediatamente apreendidos na escola e na família, porém essa territorialização origina-se no olhar do adulto;
- c) Constrói sua própria identidade juvenil: é marcada pela rebeldia contra os códigos e normas estabelecidos ainda que inclua outras posições e construções identitárias juvenis como a aceitação (reprodução dos códigos e normas), a ambiguidade (multiplicidade de posicionamentos ou de posicionamentos circunstanciais) e a rejeição (conflito).

A esta delimitação pode-se aliar a noção de moratória social que, de acordo com Margulis (2001), se refere a “um prazo concedido a certa classe de jovens, que lhes permite gozar de uma menor exigência enquanto completam seus estudos e alcançam sua maturação social e econômica” (p.43).

Deste modo, jovens de determinada classe social e nível cultural são autorizados culturalmente a adiar sua inserção na atividade econômica assim como a assunção de responsabilidades familiares. Porém, demarcar juventude a partir da noção de moratória social promove um sistema de dominação social onde se concebe como jovens, segundo Urresti (2000) “apenas os membros de uma classe, excluindo implicitamente os membros de outras classes que não acendem objetivamente a moratória social”⁴⁰ (p.8).

A definição de juventude como segmento e a noção de moratória social indicam uma forma de controle social, de regulação e de controle da liberdade de construção de códigos juvenis. Estes, apropriados pelos meios de comunicação e pela indústria cultural como marcas da juventude “perdem desta forma toda sua carga crítica, de rebeldia, do comportamento propriamente juvenil, no que diz respeito a mudança real do poder na sociedade” (BELMONTE, 2009, p.171).

Se não é a estética, nem a moratória social que define o que é ser jovem tendo em vista que os padrões estéticos midiáticos e a moratória social atendem a descrição/entendimento de uma parcela dos jovens, especialmente os de classe média e alta, então o que seria ser jovem?

De acordo com Urresti (2000) ser jovem é ocupar um lugar, histórico e temporal, que marca as experiências dos sujeitos e os situa no mundo. Neste sentido o autor recupera a idade como uma base material, como facticidade, ou seja, ter uma idade “supõe pertencer a uma geração e não a outra supõe ter sido socializado em um momento histórico determinado, ser filho de uma cultura e dar relevo temporal a própria existência” (URRESTI, 2000, p.12).

⁴⁰ Todas as citações deste autor são tradução livre do original em espanhol.

Por outro lado, a valorização da cultura jovem, promove uma juvenilização de adultos, um resultado paradoxal em que, segundo Kehl (2007), o “campo de identificações imaginárias aberto pela cultura jovem convoca pessoas de todas as idades. Quanto mais tempo pudermos nos considerar jovens hoje em dia, melhor” (p.47). Neste sentido a cultura juvenil torna-se modelo desejado, espetacularizado, implica numa dualidade, já que o movimento que reconhece também absorve, ou seja, estabelece-se uma perda para o/a jovem que “Vivendo uma dualidade contraditória; vivenciando um lugar social ‘total’, como desejo, ou objetivo generalizado, se constitui, ao mesmo tempo, em um não-lugar” (MOTTA, 2011, p.11).

À valorização da juventude como modelo desejado, Urresti (2000) questiona se, a juventude como ideal não estaria sendo idealizada, pois as qualidades de inovação, de resistência, de franqueza diante das convenções sociais, dos ímpetos de liberdade não constituiriam, na verdade, uma projeção elaborada por adultos descontentes com sua própria vida e com o mundo.

A atribuição de sentido à juventude, procedente do adulto, constitui-se na visão do autor, como um discurso de dominação que supõe determinados tipos de comportamento como válidos e os acusa de indiferentes. Diante de um presente resultante de adultos que eram jovens nos anos 60 e 70 do século XX, que lutaram contra a repressão em todas as esferas, parece aos jovens que, no mundo atual, esgotaram-se as estratégias de luta. Os adultos funcionam como modelo que devem abandonar ou opor-se, mas o presente como resultado, os remete a uma falta de sentido nas ações, a um não-futuro e não é por acaso que “uma das formas de transgressão possa originar uma implosiva indiferença em boa medida inconsciente e inocentemente expressa em algumas práticas dos adolescentes urbanos da atualidade” (URRESTI, 2000, p.52).

Além das definições de cultura juvenil e segmento, pode-se localizar a que supõe a juventude como *autoconstruída*, compreendendo-a como construtora de si mesma de modo autônomo, independente e que cria culturas próprias. Nesta concepção se percebe o conceito de juventude, de acordo com Belmonte (2009), “em suas alterações características e diversas, próprias de um contexto e tempo delimitados e, por outro, nega sua consideração como forma adulta. Ainda que seja em potencia ou transição” (p.176).

Nesta acepção considera-se que o/a jovem constrói a si mesmo, nas relações de oposição que estabelece com as instituições e seus agentes, com os adultos e, especialmente, através das interações que estabelece com outros significados juvenis construídos em seu tempo, de tal forma que “o importante é sua negação da cultura dominante, seja ela qual for. É esta negação que está por trás da rebeldia transformadora” (BELMONTE, 2009, p.176). A tensão emanada da contestação de quaisquer que sejam os significados, resultam de processos criadores, de tentativas de liberdade e sobrevivência, que mesmo marcadas por contradições internas constituem o aspecto transformador da juventude e sua identidade.

Nesta concepção de juventude há um paradoxo, pois o/a jovem, como explica Belmonte (2009), “constrói um mundo de vida fechado em si mesmo, em normas, valores e estéticas, de tal modo que os jovens afirmam sua liberdade, ao mesmo tempo em que a negam” (p.177). A afirmação da liberdade relaciona-se a uma posição de oposição ao sistema de códigos culturais dominantes e, a negação, diz respeito a assumir os conteúdos e códigos das comunidades juvenis aos quais está associado, como obrigatórios.

O autor afirma, contudo que a separação entre os mundos da vida adulta e jovem é tensa e conflitante e acaba por gerar dois tipos de juventude: uma “diferenciada, unificada geracional e comunitariamente, fechada, em luta com a cultura dominante e embora não se liberte, transforma a realidade, ao menos em parte” (BELMONTE, 2009, p.180) e outra “imitativa, assimiladora da cultura dominante, não transformadora, porém integrada anomicamente aos processos sociais reprodutivos” (BELMONTE, 2009, p.180).

Porém, essa separação pode cindir os processos de reprodução cultural de tal forma que tenha como consequência do processo de autoconstrução, a constituição de uma identidade negativa e intransigente. Relacionando a estes aspectos negativos o autor delimita dois tipos de jovens:

a) Um que interpreta o mundo da mesma maneira que os adultos, no qual “a reprodução cultural é exitosa e flui pelos jovens como uma fonte de saber existente e inquestionável que os prepara para suas obrigações futuras de adulto” (BELMONTE, 2009, p.182).

b) Outro que, ao questionar ou rejeitar a cultura dominante, “tem como consequência a perda de sentido, a perda de legitimação da sociedade e uma crise de orientação pessoal” (BELMONTE, 2009, p.182).

A delimitação da juventude como autoconstrução reconhece na existência do/a jovem, a singularidade no que se refere às inscrições culturais que realizam e a relação que estabelecem com os adultos.

Por fim, pode-se identificar, no campo de estudos sobre juventude, uma última definição que parte do reconhecimento da existência histórica e material da juventude: a que a define como *grupo geracional*. A partir do conceito de geração e baseada na escola alemã mannheimiana, instrumentaliza a análise da juventude, de acordo com Weller (2007), estabelecendo uma análise do ponto de vista sociológico dos grupos sociais que emergem em determinado período e lugar. Entendida como geração, o conceito admite que tanto a herança cultural da geração que a antecede é apreendida, quanto aceita que há produção de novos significados derivados da sua própria geração, pois a “criação e a acumulação de cultura não se realizam pelos mesmos indivíduos”⁴¹ (MANNHEIM, 1993, p.211).

⁴¹ Tendo em vista que a tradução do português foi feita a partir de uma tradução do inglês, consideraremos o texto de Mannheim (1993) em espanhol, já que este foi traduzido diretamente do original, e se encontra de acordo com os conceitos apresentados em outros autores. Sendo assim todas as citações desta obra são traduções livres do original em espanhol.

O estudo da juventude como grupo geracional valoriza por um lado a compreensão de continuidades e descontinuidades entre as gerações e as formas de interlocução que se estabelecem tanto no sentido da transmissão, aceitação, resistência ou negação de significados que circulam em determinado contexto.

Por outro, possibilita identificar as diferenças e similaridades entre jovens de uma mesma geração, de acordo com Pais (1993). Para o autor, continuidades e descontinuidades podem ser identificadas numa mesma geração. Porém, uma delas se faz predominante seja no sentido de receber e aceitar ideias e valores das gerações anteriores, ao que denomina de uma época cumulativa, seja ao permitir a elaboração de novos significados, novos valores, o que seria uma época de conflitos.

Entender a juventude utilizando-se do conceito de geração, para Feixa e Leccardi (2010), significa considerar a relação entre gerações atuais e gerações anteriores, localizando as tensões como as operadas pelo prolongamento da expectativa média de vida. Ao mesmo tempo exige destacar “as diferentes oportunidades que as gerações têm no presente - provavelmente terão no futuro – de obtenção de acesso ao poder e manutenção de recursos simbólicos materiais” (FEIXA; LECCARDI, 2010, p.200). Além disso, faz-se necessário considerar também as “novas formas de solidariedade que estão surgindo hoje entre as gerações” (p.200).

Neste sentido, uma definição de juventude enquanto conceito deve “conter entre suas capas de sentido as condições históricas que determinam sua especificidade enquanto objeto de estudo” (MARGULIS, 2001, p. 41)⁴², até porque, aceitando a concepção de Mannheim (1973), “a juventude não é progressista nem conservadora por índole, porém é uma potencialidade pronta para qualquer oportunidade” (p.41).

⁴² Tradução livre do original em espanhol.

A instrumentalização do conceito de juventude deve considerar os marcos históricos, os processos sociais que lhes dão sentido, o que contemporaneamente conduz ao reconhecimento de que práticas, estilos culturais e modos de vida juvenis “nos tem colocado diante de formações sociais, cujas sociabilidades juvenis são diversas, embora muitos dos seus comportamentos sociais e políticos manifestem aproximações” (WELLER, 2011, p.210).

Assim, não é possível tentar definir a juventude “como se fosse uma entidade acabada e preparada para ser considerada, foco de uma relação de conhecimento” (MARGULIS, 2011, p.41), pois se deve ter em conta a noção de que as mudanças históricas atravessam a sociedade e que sentidos estão em constante processo de elaboração, reelaboração e criação.

Como reconhece Dayrell (2005), existem diferentes modos de ser jovem e o conceito de juventude deve incluir a multiplicidade de possibilidades de permanência e transformação, aceitas ou propostas pelos jovens.

A juventude não é uma condição limitada nem a classe, nem a orientação política, pois

Todas as classes sociais têm jovens, que se diversificam em vários grupos portadores de códigos culturais distintos expressos na sua aparência e comportamentos, e também nas possibilidades e condições de vida que emanam de sua situação socioeconômica, ou que incide nos seus consumos, suas expectativas, seus projetos e suas esperanças. A juventude é uma condição definida pela cultura, mas tem uma base material vinculada com a idade. Isto indica aspectos relacionados com o corpo, tais como saúde, energia, capacidade reprodutiva e também remete a características culturais relacionadas com a idade (MARGULIS, 2001, p.45).

Neste momento da análise faz-se necessário diferenciar o conceito de juventude do sujeito jovem. Como um conceito é uma construção lógica estabelecida a partir de um feixe de referências, no caso do conceito de juventude, este engloba aquele/ aquela que busca representar.

Pode-se observar que circula no campo de estudos sobre juventude a interpretação de que esta é um dado objetivo, uma realidade, uma pertença, uma identificação e que, justamente por isso, o termo adequado para se referenciá-la deve ser *juventudes*. Vários/as pesquisadores/as têm utilizado o termo *juventudes* para demonstrar que não se pode considerar uma representação única sobre o/a jovem. Um representante importante da circulação desta interpretação tem sido a UNESCO com os trabalhos publicados no Brasil, pelo menos desde 2004, quando vem utilizando a expressão *juventudes*⁴³ na formulação de recomendações e estudos, demarcando seu uso para destacar a diversidade de grupos de jovens e práticas juvenis nos mais diferentes campos, portanto se referindo ao sujeito jovem.

Esta formulação pode estar relacionada às tentativas de delinear um conceito sobre juventude que esbarram na materialidade ou facticidade, em que responder ou delimitar quem é o jovem implica no processo de reconhecimento de que “se trata de uma condição historicamente construída e determinada cuja caracterização depende de diferentes variáveis, sendo as mais notórias a diferenciação social, o gênero e a geração” (MARGULIS, 2001, p.42), implicando “todo um trabalho de reconstrução e interpretação das ações concretas de jovens-adolescentes nos contextos sociais em que estão inseridos” (WELLER, 2011, p.16).

⁴³ Diversas publicações como *Juventudes e sexualidades* de 2004 e a pesquisa *Juventude e juventudes: o que une e o que separa* de 2006, estão disponíveis para download em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/about-this-office/unesco-resources-in-brazil/publications/>>

Enquanto conceito, *juventude*, se refere a uma categoria de análise. No caso desta investigação e partindo da concepção mannheimiana de geração, a juventude é considerada como grupo geracional de um determinado contexto sócio-político e econômico. Deste ponto de vista, a juventude é um grupo geracional que está em permanente processo de avaliação e atribuição de sentidos, promovendo a ressignificação ou a construção de novos significados. Como grupo geracional inscreve-se no mundo adulto, interage com as gerações anteriores e utiliza novas estratégias de identificação, reconhecimento e interação.

A relação entre juventude e geração ou de juventude como grupo geracional, do ponto de vista conceitual, será aprofundado no próximo capítulo. No próximo item buscamos apreender as definições de juventude presentes nas políticas públicas e nos estudos acadêmicos na área de educação.

2.2 RECONHECIMENTO DO CONCEITO DE JUVENTUDE NO BRASIL: POLÍTICAS PÚBLICAS E ACADEMIA

O reconhecimento dos/as jovens como objeto de atenção na formulação de políticas públicas e a introdução do conceito de juventude no meio acadêmico brasileiro revela, em ambos os casos, a circulação de uma interpretação polissêmica do termo. A identificação do jovem como sujeito de direitos e a constituição do campo de estudos sobre juventude, na área de educação, desenvolvem-se entre sentidos e interpretações acerca do que é a juventude ou de quem é o jovem ainda que, reconhecidamente, sejam marcados por sua provisoriedade.

Antes, porém, é interessante traçar um breve panorama acerca desses dois âmbitos, políticas públicas e academia, relativos ao conceito de juventude.

Pode-se dizer que no campo das políticas públicas o reconhecimento da juventude tem início em 1965, com a “Declaração sobre o fomento entre a juventude e os ideais de paz, respeito mútuo e a compreensão entre os povos” foi assinada pelos Estados-membros da Organização das Nações Unidas - ONU, onde foi reconhecida a importância social da juventude. Somente vinte anos depois, em 1985, quando esta organização definiu que este seria o ano internacional da juventude com o tema “participação, desenvolvimento e paz”, foram aprovadas diretrizes para a elaboração e aplicação de medidas novas, complementares e específicas para a juventude.

Dez anos mais tarde em 1995, a Assembleia Geral da ONU aprovou o Programa Mundial de Ação para a Juventude até o ano 2000 e os anos subsequentes - PMAJ, como estratégia internacional de enfrentamento dos problemas e aumento de participação social da juventude.

Os objetivos do programa se referiram ao fomento de mecanismos e condições para promover o aumento da qualidade de vida dos jovens, além da qualidade de participação efetiva na vida da sociedade⁴⁴ (CINU, 2012). Este programa é considerado um marco gerador de outras iniciativas internacionais e locais como a Conferência Mundial de Ministros responsáveis pela Juventude, realizada pela primeira vez em Lisboa, de 8 a 12 de agosto de 1998. Neste momento foi aprovada a Declaração de Lisboa sobre a Juventude, que fazia recomendações para iniciativas mundiais, nacionais e regionais no âmbito das políticas para a juventude (CINU, 2012).

⁴⁴ O arquivo completo contendo a resolução da ONU e o PMAJ está disponível em: http://www.cinu.mx/minisitio/UNjuventud/docs/Resolucion50_81.pdf.

O terceiro Fórum Mundial da Juventude do Sistema das Nações Unidas, realizado em Braga (Portugal), de 2 a 7 de agosto de 1998, originou o Plano de ação de Braga que reconheceu os jovens como potenciais agentes positivos do desenvolvimento e progresso social. Passados dez anos do lançamento do PMAJ, a ONU lançou o Informe 2005⁴⁵, apresentando um panorama da juventude no mundo, as conquistas e avanços da implantação do PMAJ e os problemas contemporâneos enfrentados pelos jovens (SILVA; ANDRADE, 2009; CINU, 2012). No informe a juventude é definida, a partir do critério de idade, como pessoas que tem entre 15 e 24 anos de idade.

Estas iniciativas tiveram efeitos positivos, fazendo circular o conceito de juventude e o reconhecimento de suas singularidades, incentivando os países ibero-americanos a inserir em suas agendas a criação de políticas e programas especificamente dirigidos aos jovens. Exemplar, nesse caso, foi à realização da Conferência Intergovernamental sobre Políticas de Juventude na Ibero-América, realizada em 1987, convocada pelo *Instituto de la Juventud de España*, que teve como objetivo favorecer o diálogo entre os responsáveis pela juventude na região ibero-americana (OIJ, 2012).

Cinco anos mais tarde, em 1992, na cidade de Sevilha (Espanha), a conferência passou a ser designada como Conferência Ibero-americana de Ministros da Juventude, reunindo os ministros da juventude dos países.

⁴⁵ Este documento pode ser acessado na íntegra em espanhol. Está disponível em: http://www.cinu.mx/minisitio/UNjuventud/docs/A_60_61.pdf.

Neste evento foram realizados acordos para a elaboração de políticas para a juventude em cada país e sobre a institucionalização deste fórum internacional, o que conduziu os países participantes da conferência a instituir formalmente a Organização Ibero-americana de Juventude – OIJ⁴⁶, a partir de um acordo com a Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura – OEI⁴⁷ (OIJ, 2012). Os países signatários decidiram que as reuniões seriam bianuais denominadas de Conferência Ibero-americana de Ministros da Juventude de modo que em 1996 foi realizada em Buenos Aires; em 1998, em Lisboa (Portugal); em 2000 no Panamá; em 2002, em Salamanca (Espanha); em 2004 em Guadalajara (México); em 2006, em Havana (Cuba); em 2009, em Santiago (Chile) e em 2010 foi realizada em Santo Domingo (República Dominicana) (OIJ, 2012, s/p). Estas conferências ficaram marcadas por considerarem o potencial da juventude como agente para o desenvolvimento de cada país.

Em 11 de outubro de 2005, a OIJ aprovou a Convenção Ibero-americana dos Direitos dos Jovens, na cidade de Badajoz (Espanha) que deveria ser observada pelos 22 países que formam a comunidade ibero-americana. Nela, juventude é definida a partir de um recorte etário como se lê no artigo 1 - Âmbito de aplicação: “A presente convenção considera sob as expressões jovem, jovens e juventude, todas as pessoas, nascidas ou residentes em algum país da Ibero-América, compreendidas entre os 15 e os 24 anos de idade⁴⁸” (OIJ, 2005, p.11). Além disso, a convenção “reconhece os jovens como sujeitos de direitos, atores estratégicos do desenvolvimento e pessoas capazes de exercer responsabilmente os direitos e liberdades que configuram esta convenção” (OIJ, 2005, p.9).

⁴⁶ O Brasil foi um dos signatários da fundação da OIJ, assim como os representantes dos seguintes países: Argentina, Bolívia, Colômbia, Costa Rica, Chile, Cuba, República Dominicana, Equador, El Salvador, Espanha, Guatemala, Honduras, Estados Unidos, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Portugal, Uruguai e Venezuela.

⁴⁷ A ata da criação da Organização Ibero-americana de Juventude – OIJ, assim como seu regulamento e estatuto, estão disponíveis em: < http://www.oij.org/es_ES/la-oij/historia >.

⁴⁸ A versão completa da Convenção Ibero-americana dos Direitos dos Jovens está disponível em: <<http://www.laconvencion.org/index.php?secciones/convencion>> .

Como estratégia de ampliação do reconhecimento e participação social da juventude a ONU propôs dez passos para auxiliar na formulação de políticas nacionais destinadas a juventude. Entre eles encontramos a definição de juventude como faixa etária e fase de transição como se lê no primeiro dos dez passos: “Definir a juventude de maneira apropriada para cada país. A juventude geralmente se refere a transição entre a infância e a idade adulta. As Nações Unidas definem os jovens como as pessoas entre 15 e 24 anos de idade” (CINU, 2012). Atualmente a ONU define como jovens as pessoas entre 15 e 30 anos⁴⁹.

No que se refere à academia, ao campo teórico, particularmente na América Latina, de acordo com Feixa (2006), a atenção aos jovens data das primeiras décadas do século XX em três fases nomeadas pelo autor como: ensaístico-especulativa, empírico-modernizadora, etnográfico-experimental.

A fase ensaístico-especulativa tem seu desenvolvimento nas primeiras cinco décadas do século XX e concebe a juventude, a partir do ideal iluminista, notadamente os jovens homens, como “um reservatório moral tanto para a construção de um ‘novo’ e ‘jovem’, projeto civilizatório de refundação da nação e da identidade latino-americana, quanto para a modernização da sociedade” (FEIXA, 2006, p.14).

A fase empírico-modernizadora ocorre nas décadas de 60 e 70 do século XX, e reflete a identificação da juventude e suas manifestações como fenômeno social. Inicialmente sob as influências do positivismo e do funcionalismo norte-americano, utilizou as noções de desvio e disfunção, como base para a interpretação dos jovens e sua normalização. Tanto a psicologia quanto a sociologia voltaram-se para os jovens buscando compreender suas produções em nível individual ou que compreendiam os/as jovens como problema, posição marcada pela interpretação sociológica.

⁴⁹ Para a elaboração do Relatório Mundial da Juventude, intitulado Emprego de Jovens: Perspectivas da Juventude na Busca de Trabalho Decente em Tempos de Mudança, realizado em 2011, a ONU considerou como jovens as pessoas nesta faixa etária (15-30). O relatório completo em inglês está disponível em: <<http://www.unworldyouthreport.org/>>.

As análises sociológicas voltaram-se, sobretudo para os/as jovens que representavam o desvio ou a disfunção, sendo identificados como “migrantes, delinquentes, alcoólatras, revolucionários, hippies ou rebeldes. No entanto, estes aportes estenderam os elementos conceituais para entender o ‘período juvenil’ como uma forma de socialização e moratória” (FEIXA, 2006, p.15). Em seguida, sob as influências do marxismo europeu, os estudos voltaram-se para o surgimento dos movimentos juvenis estudantis e a possibilidade de desenvolver a consciência de classe, ainda que a realização de investigações sobre índios, colonos, homens e mulheres, entre outros, tenham praticamente ignorado sua condição geracional.

A fase etnográfico-experimental nos anos 80 do século XX é marcada pelos estudos voltados para as juventudes urbanas e populares, como os que se voltaram para as gangues e para as culturas juvenis e, como efeito da ação da ONU, ao eleger o ano de 1985, como o Ano Internacional da Juventude. Deste modo os “estudos sobre a juventude passaram a ocupar de um lugar marginal, um lugar central nos debates nas ciências sociais, convergindo (às vezes de maneira espontânea) às teorias europeias em voga na época” (FEIXA, 2006, p.16).

2.2.1 Juventude: do sujeito eventual ao sujeito de direitos

O breve contexto relatado no tópico anterior é importante para identificar que, no Brasil, diferente do ocorreu com os outros países ibero-americanos, até a década de 90 do século XX, as políticas públicas não atingiam os/as jovens, apesar de o país ser signatário de diversos instrumentos que se comprometiam a elaborar ações governamentais destinadas, especificamente, para a juventude. A partir disto, entretanto

pesquisadores, organismos internacionais, movimentos sociais, gestores municipais e estaduais passaram a enfatizar aspectos singulares da experiência social dessa geração, identificando suas vulnerabilidades, demandas e potencialidades (FÁVERO, 2007, p. 253).

Ainda que a ausência de estudos sobre a inserção da juventude como questão social na agenda das políticas públicas brasileiras no século XX, não permita traçar um percurso histórico do tema⁵⁰, pode-se afirmar que, de acordo com Abramo (1997), “nunca existiu uma tradição de políticas especificamente destinada aos jovens como alvo diferenciado das crianças para além da educação formal” (p.26). Apesar disso, pode-se identificar a criação de uma assessoria especial ligada ao Ministério da Educação, voltado para a juventude em 1997 e somente a partir de 2003 o tema da juventude entra na esfera do poder público e das políticas públicas, definitivamente⁵¹.

Na década de 90 do século XX, a juventude era considerada como problema social, que necessitava de intervenção de modo que ações esparsas de formação profissional e inserção no mercado de trabalho foram realizadas baseadas na noção da juventude⁵² como problema e desvio, afirmando que neste período “é muito presente e forte a imagem dos jovens que assustam e ameaçam a integridade social” (ABRAMO, 1997, p.35).

⁵⁰ Um olhar mais atento sobre para as décadas iniciais do século XX ainda está por ser realizado, entretanto pode-se identificar a preocupação com a juventude brasileira no Estado Novo. Especialmente, deve-se ter o projeto de Francisco Campos, de 1938, destaca-se por intencionar educar jovens com fins pré-militares e um segundo projeto, no ano seguinte, que tratava da educação da juventude sem fins militares, de acordo com Schwartzman (1984),

⁵¹ O detalhamento sobre as ações do governo e da sociedade civil foram descritas no trabalho de RODRIGUES, Júlia Alves Marinho. Análise de redes e políticas de juventude. 2007. 163 fls. Dissertação de Mestrado. Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

⁵² A autora faz uma crítica à noção funcionalista de juventude como desvio e problema social e revela que utiliza a definição de juventude como fase da vida, ao esclarecer sob que ótica emprega o termo juventude “estamos nos referindo ao momento posterior à infância, que envolve a adolescência e a juventude propriamente dita” (ABRAMO, 1997, p.26)

As iniciativas, tanto da esfera pública quanto nas parcerias com a sociedade civil, segundo Sposito e Carrano (2003) tinham diferentes orientações e não levavam em conta, especificamente, os/as jovens. Naquele momento os jovens eram contemplados por políticas sociais que “não estariam sendo orientadas pela ideia de que os jovens representariam o futuro em uma perspectiva de formação de valores e atitudes das novas gerações” (SPOSITO; CARRANO, 2003, p.17).

O fato de que o conceito de juventude era pouco relevante deve-se, especialmente, a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA. Durante muitos anos a juventude “manteve-se associada ao período da adolescência ou foi tomado como algo distinto da infância” (SILVA; ANDRADE, 2009, p.48). Ainda que o estatuto tenha incluído a noção de sujeito de direitos, já que enfatizou a privação ou a ausência de direitos, de acordo com Sposito e Carrano (2003), o fato de utilizar um recorte etário, com base jurídica promoveu uma exclusão dos jovens com mais de 18 anos do âmbito das políticas públicas. Os /as jovens permaneciam efetivamente na condição juvenil, mas deixavam de ser objeto de proteção e cuidado.

De modo geral pode-se afirmar que, segundo Novaes (2009), neste momento a atenção do poder público estava voltada para a prevenção de delitos, delineando como objeto das ações governamentais os jovens em situação de risco social tendo como objetivo, conter a violência. De acordo com a autora:

no fim do século XX, uma vez mais, a juventude – como segmento etário específico caracterizado pela sua transitoriedade – não encontrava seu lugar tanto no âmbito das políticas de proteção social quanto entre aquelas que visavam à transferência de renda. Ou seja, como segmento populacional, com questões específicas de exclusão e inclusão social, os jovens continuavam invisíveis (NOVAES, 2009, p.16).

O período compreendido entre os anos de 1999 e 2002 foi marcado por uma forte expansão, no âmbito federal, do tema da juventude, de acordo com Sposito e Carrano (2003). Este fato não significou uma compreensão ou discurso harmônico pelo contrário constitui-se num esforço marcado pela fragmentação das linhas de atuação e fragilidade conceitual. OS autores identificaram 33 programas que utilizavam a noção de exclusão social e risco social como problemas da juventude, donde dever-se-ia oferecer ações preventivas de controle ou com efeito compensatório, para essa parcela da população.

Nestas ações localizaram 18 programas ou projetos que incidiam especificamente sobre adolescentes ou jovens, 10 programas com ações que reuniam crianças e adolescentes, adultos e jovens e 5 programas em que os jovens eram atingidos de modo eventual. Estas ações revelavam a falta de compreensão acerca das especificidades da condição juvenil, de modo que:

O pouco acúmulo teórico sobre essa problemática se expressa na elaboração de significativo número de programas e projetos que se destinam indistintamente a crianças, adolescentes e jovens. Nesse quadro de heterogeneidade de parâmetros sobre a dimensão etária da juventude, a infância pode se alargar até aos 14 anos de idade e o jovem ser designado como maior de 10 anos de idade (SPOSITO; CARRANO, 2003, p.23).

Um amplo processo de discussão sobre a necessidade de formulação de uma política pública com foco na juventude passou a ser discutido no Brasil, a partir de 2004, quando os movimentos sociais e o governo deram início a uma série de ações que deu visibilidade a juventude no Brasil. Em 2005 foi criada a Secretaria Nacional de Juventude – SNJ, o Conselho Nacional de Juventude e o Programa de Inclusão de jovens. Neste período, 135 ações federais atingiam os jovens brasileiros, entretanto somente 19 destinavam-se especificamente aos jovens na faixa de 15 a 24 anos (SILVA; ANDRADE, 2009; NOVAES, 2009). Porém, a ascensão do tema juventude aos espaços institucionais não garantiu uma uniformização de interpretações, pois:

para além da questão etária, a tensão entre *proteção social/participação - emancipação/formação de uma nova família* torna-se mais um complicador tanto para caracterizar este *público-alvo* - já que até um mesmo segmento social juvenil comporta diferenciadas trajetórias de vida - quanto para o cálculo do gasto público. (NOVAES, 2009, p. 21)⁵³

A noção de sujeito de direitos permaneceu, nos anos seguintes, associada à condição sócio econômica. Com isto abrangia várias situações de vulnerabilidade, de risco social a que os/as jovens poderiam vir a ser ou estar submetidos e a inserção social.

Assim, em 2007, as ações reunidas no programa Pro Jovem Integrado, promoveu o aumento da cobertura de atendimento “incluindo jovens de 18 a 29 anos que não concluíram o ensino fundamental, não trabalham e vivem em domicílios com renda *per capita* até meio SM” (AQUINO, 2009, p.36), de modo que a noção de sujeitos de direitos, presente nas atuais políticas públicas para a juventude, não envolve todos os jovens brasileiros (SILVA; ANDRADE, 2009; AQUINO, 2009).

Em 2008, sob a coordenação da Secretaria Nacional de Juventude, foi realizada, em Brasília, a I Conferência Nacional de Juventude que aprovou 70 resoluções e estabeleceu 22 prioridades⁵⁴ como elementos norteadores das ações com foco na juventude, em todos os níveis do governo. Em 2011, 25 estados e aproximadamente mil municípios, contavam com secretarias, coordenadorias e conselhos de juventude. Processos para a constituição de um marco legal no campo das políticas públicas na área têm sido desencadeados como a aprovação pela Câmara dos Deputados, da Proposta de Emenda à Constituição (PEC 042/2008), que insere o termo Jovem na carta constitucional (SNJ, 2011). Porém até o encerramento desta investigação, a solicitação continuava aguardando aprovação no Senado Federal.

⁵³ Grifos da autora.

⁵⁴ O documento com as 22 prioridades pode ser acessado na íntegra em: <http://secretariageral.gov.br/Juventude/marcos-da-politica-nacional-de-juventude/1aConf_22Prioridades.pdf>.

2.2.2 Juventude e educação: estudos acadêmicos

O conceito de juventude circula nos meios acadêmicos brasileiros desde 1970, a partir do emblemático trabalho de Foracchi (1972) sobre jovens estudantes universitários como sujeitos dos embates políticos na década de 60 do século XX e as disputas entre grupos geracionais na sociedade brasileira do período. Inspirada na concepção mannheimiana de gerações, a autora concebeu a juventude como protagonista, como ator que emergia numa sociedade marcada pela centralização do poder nas mãos dos militares.

Entretanto, essa iniciativa não chegou a constituir um campo ou incentivar a formação de grupos de pesquisa. As investigações tomam impulso no decorrer dos anos de 1990, quando se pode identificar o crescimento da produção de dissertações e teses que se dedicaram ao campo de estudos sobre juventude, o quê, deve-se ressaltar, ocorre quando os “jovens entram na pauta das políticas públicas como parte da questão social e do crescimento da violência no país” (SPOSITO, 2009, p.17).

No período de 1980 a 1998, a produção acadêmica sobre o tema juventude nos Programas de Pós-Graduação em Educação, enfatiza a compreensão do jovem na sua condição de aluno. O balanço do período, coordenado por Marília Spósito⁵⁵ e um grupo de pesquisadores analisou 387 trabalhos, entre dissertações e teses, identificou que o descritor mais utilizado nas investigações para denominar o jovem foi estudante em 43% dos trabalhos, seguido das expressões estudante trabalhador (15,6%), adolescente (15,2%), jovem (13,5%) e adolescente excluído (9%).

⁵⁵ As análises são oriundas do projeto de pesquisa, “Juventude e escolarização: uma análise da produção do conhecimento”, realizado em parceria com a Ação Educativa e a PUC/SP, que, reconhecendo a juventude como campo de pesquisa em construção, incorporou trabalhos que de algum modo fossem tangenciados pela noção de juventude. Esta posição levou a inclusão de trabalhos que tivessem como referencial teórico tanto aqueles relacionados a Sociologia, quanto os que utilizavam a Psicologia (SPOSITO, 2002).

Porém, apesar do descritor jovem aparecer em quarto lugar no total da produção, obteve um crescimento significativo, pois, de 2% na década de 1980, passou para 17,4%, na década seguinte, assim houve o decréscimo quanto a utilização da expressão adolescente, que caiu de 18% para 12,4% no mesmo período.

Para Sposito (2002) a dispersão, a variação temática e o isolamento são características marcantes nos estudos sobre juventude, realizados na área de educação. Estas características revelam a fragmentação e multiplicidade de temas, subtemas e assuntos tratados, bem como a pulverização em diferentes campos temáticos e a descontinuidade de estudos.

Além disso, segundo a autora, a formação dos cursos de Pós-Graduação em Educação que absorveram, na década de 1980, professores e técnicos de ensino com trajetórias profissionais relacionadas às escolas, contribuiu para delinear a ênfase dos estudos na escola, em seus aspectos pedagógicos e no processo de aprendizagem.

Neste sentido a autora afirma que o isolamento no próprio campo, a falta de interlocução com outras áreas, tornaram-se entraves para a análise das “dimensões da sociabilidade do educando que afetariam os patamares em que se dá a sua experiência escolar. As pesquisas estariam privilegiando no desvelamento do sujeito apenas a sua condição mais visível de aluno” (SPOSITO, 2002, p.20). Porém, o levantamento aponta também que estudos sobre a experiência pedagógica, a distribuição do conhecimento escolar sem considerar outras formas de sociabilidade estariam passando por um esgotamento já que, no final da década de 1990, identifica a incorporação de categorias sociológicas nos estudos da área de educação e a crescente visibilidade ao tema da juventude.

Esta afirmação é ratificada por Dayrell et al (2009) que localiza, no período de 1999 a 2006⁵⁶, uma expressiva incorporação da compreensão da juventude nos estudos sobre o ambiente escolar, possibilitando “uma maior visibilidade do sujeito jovem, sua subjetividade, suas expressões culturais” (p.58) nas investigações oriundas dos Programas de Pós-Graduação em Educação.

Este movimento ocorreu no bojo da ampliação do conjunto de temas e abordagens, como efeitos das aproximações dos pesquisadores com a Sociologia da Juventude e Sociologia da Educação (DAYRELL et al, 2009; SPOSITO, 2009).

A interlocução com o campo sociológico favoreceu a emergência ainda que dispersa e pouco representativa de estudos sobre identidades / subjetividades juvenis e culturas juvenis relacionadas à instituição escolar, assim como tiveram relevo aspectos da socialização e da sociabilidade juvenis e da experiência escolar dos jovens, tendo como campo empírico, especialmente, as escolas de ensino médio (DAYRELL et al, 2009; SPOSITO, 2009).

No período anterior o/a jovem era entendido como aluno/a, como “uma categoria homogênea abstrata, sendo apreendido, sobretudo pela dimensão cognitiva” (DAYRELL, 2002, p.84). Neste sentido “o foco se desvia dos jovens reais para a escola, e o aluno é apenas um pré-texto” (DAYRELL, 2002, p.84-85), onde como aluno é “sujeito de ações no interior da estrutura escolar” (DAYRELL, 2002, p.85), embora as análises não consigam “superar os limites do escolacentrismo” (DAYRELL, 2002, p.86).

⁵⁶ O autor compõe um grupo de autores que, sob a coordenação de Marília Sposito, realizou o segundo balanço da produção discente nos Programas de Pós-Graduação no Brasil, sobre o tema juventude, no período de 1999-2006. Nesta pesquisa foram consideradas as áreas de Educação, Ciências sociais e Serviço Social.

Um aspecto relevante apontado pelos autores se refere aos estudos que se colocaram a escuta dos jovens buscando aprender como significavam a escola, o saber, a sua trajetória escolar, a sua formação e as relações que estabeleciam com os sujeitos da escola, as práticas educativas e as práticas de ensino escolar, significativamente diferente dos que circulavam no período anterior com maior ênfase no sucesso, na evasão e no fracasso escolar. Um último aspecto se refere à ascensão das investigações sobre as expressões socioculturais juvenis como tensões e possibilidades na escola.

A pesquisa demonstra uma inversão dos focos das investigações, pois se nas décadas anteriores o jovem era tomado secundariamente como estudante e a atenção estava centrada no fazer pedagógico, no período de 1999 a 2006, os trabalhos demonstram uma ênfase no processo e nos sujeitos escolares utilizando o termo juventude como categoria analítica e com frequência no plural, juventudes, pois “há uma preocupação em considerar as especificidades da condição juvenil como dimensões presentes na análise dos dados empíricos” (DAYRELL et al, 2009,p. 107).

Pode-se identificar, nos trabalhos de pesquisa que versavam sobre sexualidade e gênero, a substituição gradual da categoria adolescente por jovem ou juventude, assim como a renovação do enfoque analítico, pois enquanto no período anterior as análises sobre esses temas assentavam-se basicamente nos referenciais da psicologia (SOUZA, 2002), no período de 1999 a 2006 a interlocução com referenciais sociológicos tomaram relevo (CARVALHO, SOUZA E OLIVEIRA, 2009). Talvez, em parte esse deslocamento se deva ao fato de que “a juventude e adolescência brasileiras não podem ser apreendidas, ou tem dificuldade de se tornarem inteligíveis, através de categorias psicológicas de cunho essencialista” (SOUZA, 2002, p.57).

Ainda que possa ser notado que a maioria dos trabalhos se relacione com a temática da educação sexual, foram identificados trabalhos que introduzem, ao estudo da escola e da educação formal, novas temáticas associadas à juventude como: fenômeno da parentalidade, voltado para a compreensão da gravidez, das doenças sexualmente transmissíveis e AIDS em jovens, e, identificados como problemas que a escola deve enfrentar; relações de gênero e a construção de masculinidades e feminilidades; o conhecimento escolar e as relações de gênero e os estudos sobre homossexualidade (CARVALHO, SOUZA E OLIVEIRA, 2009).

Uma linha crescente de investigações que “abordam essas questões a partir de novos olhares, procurando compreender o significado das sexualidades para os/as jovens e articulando-o às relações de gênero” (CARVALHO, SOUZA E OLIVEIRA, 2009, p. 231) pôde ser notada e, sobretudo a utilização do conceito de gênero auxiliou “na análise de outras dimensões das experiências juvenis, como a sociabilidade, a religiosidade, os projetos de futuro, as relações de poder entre pares e o desempenho escolar” (CARVALHO, SOUZA E OLIVEIRA, 2009, p. 235).

O número de pesquisas na área da educação que se dedicaram a analisar a relação entre juventude e mídias, cresceu significativamente entre as últimas décadas do século XX e o período de 1999 a 2006. Porém, de acordo com Setton (2009), a categoria juventude foi utilizada “como sinônimo da categoria adolescente sem se preocupar em circunscrever teoricamente suas diferenças” (p.65) o que, provavelmente, relacionou-se a uma tendência em utilizar enfoques da área de psicologia como referenciais teóricos predominantes nas pesquisas, ainda que tenham sido realizadas análises interdisciplinares.

Estes estudos se referem à investigação de gêneros narrativos destinados ao público jovem e aos programas significativos na vida cotidiana dos/as jovens. A maioria dos trabalhos sobre novas mídias “não faz nenhuma referência explícita à categoria jovem ou juventude” (SETTON, 2009, p.72). Porém, quando os estudos se voltam para o espaço virtual ou a cibercultura “o jovem passa a ser reconhecido como um sujeito criativo em potencial” (SETTON, 2009, p.74).

Os estudos realizados na área da educação que consideram o tema imagem e representações sobre juventude, podem-se identificar sete trabalhos - seis de mestrado e um de doutorado - que “dedica-se a analisar as imagens que as mídias constroem sobre a juventude” (SETTON, 2009, p.75) e “a grande maioria chega a conclusão de que a mídia constrói estereótipos acerca do jovem, corroborando discussões acerca da força socializadora desses veículos” (SETTON, 2009, p.75).

De modo geral, a utilização da categoria juventude na área de educação, segundo Sposito (2009) teve “um crescimento discreto, uma vez que no período anterior os estudos representavam pouco mais de 4,5% da produção enquanto no balanço atual alcançam 6%” (p.19). A autora ressalta que o “caráter eminente urbano da produção discente sobre juventude” (SPOSITO, 2009, p.23), focaliza, especialmente, os jovens que moram nos grandes centros urbanos.

Além disso, aponta como modificação significativa na produção na pós-graduação, a utilização dos descritores juventude e jovem com mais frequência que no período anterior e um declínio da utilização do descritor adolescente. Isto indica como aspecto pouco explorado, a compreensão da juventude como grupo geracional e, relacionado a esta, a compreensão das formas de vida juvenil, reafirmando que as pesquisas que retomam uma “compreensão sociológica sobre o lugar do indivíduo na teoria social podem contribuir para o desenvolvimento de investigações sobre a experiência e os percursos juvenis das mais diferentes formas” (SPOSITO, 2009, p.39).

Como se pôde observar, o reconhecimento da juventude no âmbito da realização de estudos acadêmicos ainda é um processo em constituição enquanto que se pode perceber um avanço no campo político. Atenta a esta característica, no próximo capítulo, tratar-se-á da juventude relacionada ao conceito de geração.

III. JUVENTUDE E GERAÇÃO: APROPRIAÇÕES

A juventude não é uma abstração. Considerar que existe uma condição juvenil implica reconhecer que o/a jovem está inserido num tempo, um tempo histórico-social em que é possível defini-lo/a como tal em relação a outro/a, seja esse/a outro/a mais novo/a ou mais velho/a. Delimitar a juventude implica em, por um lado, reconhecer seu caráter relacional, já que implica em compartilhar com outras pessoas, sejam outros/as jovens ou não jovens, a experiência de estar no mundo em determinado tempo e lugar e, por outro lado, reconhecer que, em cada sociedade, em cada momento da história, a juventude assume distintas características e singularidades.

Considerar estes dois aspectos é colocar em pauta a questão do tempo social, o tempo de um contexto, o tempo da experiência, um tempo múltiplo e que está continuamente deixando de ser presente para se tornar passado, deixando de ser futuro para se tornar presente. É nesse sentido que a teorização em torno da categoria geração auxilia a interpretação dos grupos que compõem a sociedade, no caso deste estudo, da juventude na contemporaneidade, pois possibilita localizar tensões, aproximações e assimetrias nas relações que estabelecem entre si, enquanto pertencentes a uma geração e nas relações que estabelecem com outros grupos geracionais, em especial neste estudo, com os adultos.

A cada nova geração visões de mundo, com grandes ou sutis diferenças às anteriores são delineadas e anunciam formas de interpretar e dar significado à realidade, a valores que criam demandas juvenis que vão se desenhando e redesenhando num movimento constante de troca entre as gerações. Novas formas de acesso aos bens culturais promovem a apropriação dos códigos culturais existentes, sua manutenção ou a elaboração de novos, provocam descontinuidades, conflitos ou acordos, mobilizando significados que podem ser transformados em outros e apontam formas peculiares de expressão juvenis.

Neste capítulo apresenta-se o conceito de geração, na perspectiva sociológica, a partir da formulação inicial do tempo linear e causal até aquelas que apontam a multiplicidade do tempo da experiência, a partir dos trabalhos do francês Auguste Comte, do alemão Wilhelm Dilthey, como interlocutores e fundamentação da teoria elaborada pelo húngaro-alemão Karl Mannheim, até as apropriações contemporâneas do espanhol Carles Feixa Pampols.

3.1 GERAÇÃO: DO TEMPO LINEAR AO TEMPO INTERIOR

A primeira versão sociológica que toma o tempo como suporte para a compreensão das gerações foi realizada pelo positivismo comteano ao interpretar o presente como a sucessão do passado. Deste ponto de vista nos fenômenos sociais podem-se observar particularidades na ação dos indivíduos que “modifica seus efeitos e que provém da ação dos indivíduos uns sobre os outros, algo que se complica particularmente na espécie humana por causa da ação de cada geração sobre aquela que lhe segue” (COMTE, 1978, p.99).

A previsibilidade dos fenômenos nessa acepção tornou-se uma tentativa de identificar o tempo quantitativamente e tratá-lo como objeto mensurável, já que o pensador considerava que em “toda ligação real, estática ou dinâmica, descoberta entre dois fenômenos quaisquer, permite ao mesmo tempo explicar e prevê-los um depois do outro” (COMTE, 1978, p.135). Sua argumentação pauta-se na prerrogativa de que “a previsão científica convém evidentemente ao presente, assim como ao passado e ao futuro” (COMTE, 1978, p. 135). A partir da proposição comteana sobre as leis gerais que ditam o ritmo da história pode-se apreender a concepção de geração como sucessão.

Na tentativa de buscar regularidades entre os fenômenos, afirma que as mudanças que decorrem das gerações de determinado tempo “conserva, de resto espontaneamente, para as teorias correspondentes, uma aptidão indefinida para representar fenômenos que lhes serviram de base, ao menos enquanto não se deva ultrapassar o grau primitivo de precisão efetiva” (COMTE, 1978, p. 135).

O progresso seria então, resultado da fusão equilibrada entre as mudanças operadas por uma geração e a herança deixada pela que a antecedeu. Essa interpretação prossegue com o positivismo/funcionalismo durkheimiano que, analisando o papel social da educação, afirma que esta é “a ação exercida, pelas gerações adultas, sobre as gerações que não se encontrem ainda preparadas para a vida social (DURKHEIM, 1967, p.41). A sucessão se alia a noção de continuidade, já que ao serem preparadas, as novas gerações deveriam aceitar os direcionamentos das gerações adultas, o que em caso de recusa ou resistência, ocasionaria o desequilíbrio social.

O tempo nesta ótica é marcado pela materialidade biológica, logo é sucessão, linear e previsível com um ritmo que pode ser previsto e calculado, possibilitando o controle de possíveis desvios ao desenvolvimento ordenado da sociedade. Sobretudo, o tempo pensado pelo positivismo é contínuo e, ainda que reconheça que cabe as novas gerações o papel de promover alterações na sociedade, estas devem manter seu curso em direção ao progresso científico e social. As gerações, por sua vez, são compreendidas como sucessão de indivíduos com uma finitude biológica sendo sempre uma transição, uma ponte para o futuro.

Já na perspectiva desenvolvida por Wilhelm Dilthey, o tempo assume uma conformação oposta à visão positivista de quantificação e matematização. Ressaltando aspectos do tempo interior dos indivíduos, Dilthey (1949)⁵⁷ afirma que cada indivíduo processa a realidade de modo “diversificado em percepções, em pensamentos, em sentimentos e em atos de vontade” (p. 58), assegurando que “a cada geração aflui de novo o conteúdo e a riqueza da natureza humana, na medida em que se fazem presentes, como algo constitutivo dele e, é onde o sistema se funda” (p.58). Assim, considera que o “indivíduo é o ponto crucial de uma pluralidade de sistemas que vão se especializando com progressiva fineza no curso da cultura” (DILTHEY, 1949, p.58), já que cada sistema e, portanto, cada indivíduo se desenvolve num contexto histórico-social. Sendo assim, o tempo presente ganha sentido, pois é o tempo da vivência, da experiência, do tempo interior inacessível a matematização positivista do real.

⁵⁷ Todas as citações deste autor são traduções livre do original em espanhol.

Segundo Amaral (2004), Dilthey demonstra que o positivismo dissipou a fundamentação teórica baseada nas convicções religiosas e filosóficas de interpretação da realidade social, o que abriu caminhos para o reconhecimento da “realidade, dada com suas qualidades sensíveis, mostra-se como fenômeno do desconhecido” (p.59). Na filosofia diltheyana os aspectos qualitativos que compõem o mundo histórico-social são ressaltados como “vínculos que os indivíduos das gerações mantêm em conjunto” (FEIXA; LECCARDI, 2010, p.188).

A sociedade, segundo Dilthey (1949), é formada por pessoas que “podem encontrar-se entretidas de múltiplas maneiras e atuam em cada uma dessas tramas por meio da associação dentro da quais se encontram” (p.70).

Assim a vivência, a experiência, a realidade ou a empiria são categorias opostas à representação e contém “as categorias teóricas do conhecimento, como formas da realidade objetiva. Todas as categorias da realidade objetiva fazem parte das vivências por constituição” (AMARAL, 2004, p.53), ou seja, o nexos entre a realidade e a experiência se assenta no significado e este “não repousa em nenhum ponto fora da vivência, mas se encontra constitutivamente contido nela ou, melhor dizendo, em seu nexos” (p.58). Segundo a autora, realidade, experiência e significado constituem o ciclo básico da interpretação diltheyana.

O tempo integra a categoria da vida concretamente, atravessa o presente, tornando-o ininterruptamente passado, assim como o que virá a ser torna-se presente. Desta forma o presente é oposição ao passado e ao futuro, e é o momento da vivência que entrelaça significados vividos ou por viver (NAPOLI, 1999). As gerações, a partir de Dilthey, ao contrário da visão positivista, são “definidas em termos de relações de contemporaneidade e consistem num conjunto de pessoas sujeitas em seus anos de maleabilidade máxima a influências históricas comuns (intelectuais, sociais e políticas)” (FEIXA; LECCARDI, 2010, p.188).

A partir dessa noção, a filosofia diltheyana, viabiliza a reconstrução do que não se dá imediatamente a conhecer, pois “se abandonarmos o campo mesmo da experiência, nós estaremos lidando unicamente com conceitos inventados e não com a realidade” (DILTHEY, 1949, p.349). O empírico pode ser acessado através da busca de particularidades, regularidades e uniformidades, o que só pode ser alcançado a partir da sua localização no todo, considerando o tempo interior dos indivíduos como a linguagem e os estilos de vida, e o tempo exterior como as ações e as teorias como elementos constitutivos do que é dado a conhecer (NAPOLI, 1999). A contribuição dessa teorização se refere a “contraposição entre a mensurabilidade quantitativa e a compreensibilidade exclusivamente qualitativa do tempo no interior da experiência” (MANNHEIM, 1993, p.199).

O que é relevante na interpretação diltheyana é a contribuição para entender que as expressões da vida ultrapassam o pensamento, valorizando os significados presentes nas ações (NAPOLI, 1999) e o conjunto de experiências que são compartilhadas qualitativamente em uma geração (FEIXA; LECCARDI, 2010). O conceito de geração é compreendido em sentido oposto a noção positivista de sucessão, pois Dilthey supera a dimensão cronológica para inserir o dado da contemporaneidade.

A partir desta compreensão considera-se que os membros de uma geração são membros de uma contemporaneidade, pois compartilham influências culturais em um dado contexto histórico-político.

3.2 GERAÇÃO: O TEMPO DA EXPERIÊNCIA

Opondo-se as ideias positivistas e se aproximando da perspectiva diltheyana, particularmente das noções de tempo interior e contemporaneidade, em Karl Mannheim, a noção de tempo assume um papel central na constituição das argumentações sobre o conceito de geração. Ainda que sua obra seja pouco conhecida e estudada no Brasil, a interpretação mannheimiana sobre as gerações é considerada como uma das mais importantes contribuições, pois funda a abordagem moderna do conceito de gerações, constituindo-se, para muitos autores, num clássico da teoria das gerações (FEIXA; LECCARDI, 2010; WELLER, 2010).

A obra em que o autor apresenta suas argumentações acerca da dimensão qualitativa do tempo, intitulada *O problema das gerações*, foi escrita em 1928, na Alemanha e, de acordo com Weller (2007), relaciona-se a fase sociológico-filosófica da produção de Karl Mannheim.

Para Yncera (1993), ao discutir o problema das gerações, Mannheim delinea uma compreensão sociológica de geração privilegiando a investigação empírica das mudanças sociais, tomando-a como um fenômeno sociológico. Como uma forma de 'ser com o outro', que possibilitam continuidades específicas. Os movimentos sociais são tomados como fenômenos antinômicos e de polarização coletiva, já que se originando nas experiências dos sujeitos se transformam em movimentos artísticos, culturais e intelectuais com forma e profundidade, logo a interpretação das gerações mannheimiana seria uma interpretação do mundo objetivo.

A teoria das gerações, de acordo com Motta (2010), na perspectiva mannheimiana vem sendo reintroduzido na França e no Brasil desde 1990, dando novo fôlego aos estudos geracionais. Especialmente no Brasil, de acordo com Weller (2010) as traduções da obra de Mannheim foram realizadas de forma distorcida ou que suprimiram formulações do texto original, dificultando a apreensão dos seus conceitos e, conseqüentemente, sua utilização.

Mannheim (1993) redireciona o olhar do tempo fragmentado e sequencial, linear e causal, para um tempo que não pode ser apreendido fora da experiência do/s sujeito/s, já que é experimentado, vivido. Como tempo interior, do sujeito que o experiência, não pode ser medido, mas pode ser apreendido subjetivamente a partir de uma análise qualitativa.

Este pressuposto conduz à delimitação das gerações não só como "a sucessão que toma um sentido mais profundo que o meramente cronológico, mas também a contemporaneidade" (MANNHEIM, 1993, p.199)⁵⁸. Neste sentido as experiências de cada geração, têm valor documental, são registros das diferentes maneiras em que se realiza a convivência social, destacando que:

⁵⁸ Tendo em vista que a tradução do português foi feita a partir de uma tradução do inglês, consideraremos o texto de Mannheim (1993) em espanhol, por ter sido traduzido diretamente do original e se encontra de acordo com os conceitos apresentados em outros autores. Sendo assim todas as citações desta obra são traduções livres do original em espanhol.

O fenômeno geracional é um dos fatores básicos na realização do dinamismo histórico. O estudo do funcionamento combinado das forças que operam conjuntamente é por si só, um conjunto problemático unitário sem, o cujo esclarecimento, não é possível compreender a história em seu devir. Uma questão como essa só pode unicamente ser resolvida mediante uma análise prévia e minuciosa da especificidade dos componentes que neste caso são relevantes (MANNHEIM, 1993, p.239-240).

Esta demarcação, de acordo com Mannheim (1993), retira o sujeito de uma medição cronológica linear e o insere no contexto sócio-histórico, já que os indivíduos recebem as mesmas influências predominantes em sua contemporaneidade, independente de estar no início ou final de seu processo formativo, pois:

Os indivíduos que crescem como contemporâneos experimentam - tanto nos anos de maior disposição a receptividade - as mesmas influências vetoriais da cultura intelectual que os inspira e da situação político social. Constituem uma geração, uma contemporaneidade, porque essas influências são análogas (MANNHEIM, 1993, p.199).

Instrumentalizado pela noção qualitativa de tempo, o autor concebe a geração como grupos de indivíduos que partilham um tempo social e registram subjetivamente seus significados.

Partindo dessa interpretação aponta a *não contemporaneidade do contemporâneo*, pois se há um tempo interior, vivenciado de modo diferente e singular, por gerações e indivíduos que a compõem, conclui que várias gerações coexistem, vivem num mesmo tempo (cronológico) “porém como o único tempo verdadeiro é o tempo experiencial, se pode dizer, apropriadamente, que todas vivem um tempo interior que, qualitativamente, é diferente dos outros” (MANNHEIM, 1993, p. 200), ou seja, cada período tem várias dimensões temporais, já que

sempre se acede a ele a partir da diversidade dos desdobramentos de cada um dos estratos geracionais particulares que estão presentes. Assim, também o pensamento tem que organizar-se a força, polifonicamente - para empregar uma metáfora de Pinder⁵⁹ - em cada momento e escutar as vozes das gerações particulares que chegam constantemente e por si mesmas em cada momento (MANNHEIM, 1993, p.200-201).

⁵⁹ De acordo com Weller (2010) Wilhelm Pinder historiador da arte, cunhou a expressão *Ungleichzeitigkeit des Gleichzeitigen*, utilizada como conceito por Mannheim, e traduzida para o espanhol como “não contemporaneidade dos contemporâneos” e em português como “*não simultaneidade do simultâneo*”.

Ao inserir o tempo interior e reconhecê-lo no tempo social, o autor multiplica não só o tempo, como também a noção de geração, identificando “estratos geracionais particulares” que partilham de um mesmo tempo cronológico, histórico e social, mas de maneira singular. Esta noção reforça a interpretação de que não é possível considerar uma existência unívoca e homogênea acerca da juventude⁶⁰ mas existem juventudes, formada por indivíduos que atribuem diferentes significados as experiências que compartilham cronologicamente com outros indivíduos.

Considerando que o tempo interior, experiencial é diferente mesmo entre contemporâneos, a tentativas homogeneizantes parecem fadadas a não reconhecer as diferenças, por vezes divergências, ideológicas e culturais, ou mesmo a apatia que compõem as formas de interpretação dos jovens sobre a realidade.

Outra dimensão apontada pela teoria das gerações mannheimiana, se refere à entelúquia, ou seja, uma potencialidade, uma tendência, um estado do ser em ato, uma possibilidade, que no conceito de geração assume “a expressão da unidade do seu objetivo íntimo, a expressão de seu sentimento natural da vida e o mundo” (MANNHEIM, 1993, p.201).

Entretanto, nesta teoria, toda geração não produz uma entelúquia, ainda que em toda geração exista a possibilidade de elaborá-la, pois uma determinada época, um específico contexto histórico-social é formado por diferentes polaridades em constante enfrentamento. Porém estas não se constituiriam em entelúquias de um período, seriam correntes ou entelúquias de corrente, que estabelecem uma relação de tensão dinâmica na sociedade já que os indivíduos estariam sempre vinculados às forças sociais que impulsionam a sua geração.

O autor compara estas correntes particulares a ondas (que vão de um pólo a outro), que por sua vez podem tomar força e avançar em direção à sociedade, a ponto de compor o “espírito de um tempo” e orientar o comportamento dos indivíduos de uma geração. Neste sentido a entelúquia seria uma nova tendência formativa, um novo impulso, capaz de influenciar os modos de comportamento dos sujeitos sociais, já que “do ponto de vista sociológico, isto significa dizer que em circunstâncias favoráveis torna-se possível (quer neste pólo, ou naquele) a construção da entelúquia de uma geração” (MANNHEIM, 1993, p.201, p.237).

⁶⁰ Vários pesquisadores do campo de estudos sobre juventude, brasileiros ou de outras nacionalidades, concordam com essa ideia, dentre os quais destacamos: Dayrell, 2005; Feixa, 2010; Pais, 1993; Sposito, 2002; Weller, 2011.

Partindo destas interpretações Mannheim desenvolve sua compreensão das noções de posição geracional (*Generationslagerung*), conexão geracional (*Generationszusammenhang*) e unidade geracional, como uma divisão do conceito de geração, segundo Weller (2005b).

A posição geracional, segundo Mannheim (1993), se refere à pertença, a ter nascido no mesmo tempo histórico-social, a ter uma afinidade de posição, de intenções com outros indivíduos que compartilham os mesmos espaços históricos. Enquanto posição alude à possibilidade que um grupo de indivíduos tem de ocupar um lugar na sociedade em que está inserido, de vir a ter experiências comuns, por pertencer a uma geração.

Entretanto o fato de pertencerem a uma mesma contemporaneidade, sendo jovem, adulto ou velho, e a um mesmo contexto histórico não garante semelhança de posição, mas cria “a possibilidade de participar nesse período dos mesmos eventos, com o mesmo conteúdo vital, além disso, fazê-lo a partir do mesmo padrão de estratificação de consciência” (MANNHEIM, 1993, p.216).

A posição geracional “contém possibilidades potenciais que se podem fazer valer, ser reprimidas, ou modificar-se em sua realização no contato com outras forças socialmente efetivas” (MANNHEIM, 1993, p. 221), porém, como potência, pode vir a ser ativada ou não, dependendo do contexto em que os indivíduos estão inseridos.

A conexão geracional, de acordo com Mannheim (1993), é mais determinante que a posição geracional, pois se refere a “uma participação no destino comum dessa unidade histórico-social” (p.221) e está relacionada ao processo de acúmulo da herança cultural. As experiências de gerações anteriores são incorporadas de modo consciente (manifesta nos comportamentos de geração/ões que lhe sucederam) ou inconsciente promovendo uma ligação entre os indivíduos de gerações diferentes e entre os da mesma geração.

Isto garante a continuidade da sociedade para além da capacidade individual de memória e ainda possibilita a orientação da ação prática no sentido de selecionar o que é interessante conservar, modificar ou propor das experiências anteriores. Além disso, é necessário que exista “um vínculo real entre os indivíduos que se encontram na mesma posição geracional” (MANNHEIM, 1993, p. 222).

Por sua vez, a unidade de geração, como afirma Mannheim (1993), vincula os indivíduos de forma mais precisa e embora não seja um grupo concreto, o seu estágio inicial pode se dar através da formação de um grupo real, inclusive formando várias unidades geracionais que sejam opostas e disputem entre si. O autor destaca ainda que o vínculo dos indivíduos se estabelecem a partir dos efeitos socializadores que os grupos têm. Assim, ele afirma que:

A unidade geracional é, portanto, uma adesão muito mais concreta que a que se estabelece na mera conexão geracional. A própria juventude se orienta pela mesma problemática histórica atual, vive uma 'conexão geracional'; dentro de cada conexão geracional, aqueles grupos que sempre empregam essas vivências de modos diversos constituem, em cada caso, distintas 'unidades geracionais' no âmbito de uma mesma conexão geracional (MANNHEIM, 1993, p.223).

A partir da unidade de geração pode-se delimitar em uma mesma geração, grupos com diferentes identidades e posicionamentos, o que reafirma a noção de que a juventude enquanto grupo de indivíduos não é uniforme, não segue um padrão e não tem por princípio, nenhum valor agregado que se refira a promover a transformação da sociedade. Sintetizando a relação entre os três conceitos o autor afirma:

Enquanto a afinidade por posição geracional é apenas algo de caráter potencial, uma conexão geracional se constitui por meio da participação dos indivíduos que pertencem a mesma posição geracional, em um destino comum e da interligação de conteúdos que de algum modo formam parte deste. As unidades geracionais específicas podem nascer então, dentro dessa comunidade de destino (MANNHEIM, 1993, p.225).

Na teoria das gerações, a partir da interpretação mannheimiana, as gerações não têm origem nem na sucessão do tempo, nem no marco biológico, já que não existe uma predefinição temporal que seja capaz de medir ou prever a sua periodicidade, deste modo, sociologicamente, “uma geração pode ter dez anos, ou como aconteceu nas sociedades pré-modernas, vários séculos” (FEIXA; LECCARDI, 2010, p.191).

A noção de tempo da experiência, como proposta pela perspectiva mannheimiana, sincroniza em uma mesma geração dois tempos: o do curso da vida, o tempo interior e o da experiência histórica, o tempo social. O conceito de consciência geracional, oriundo da concepção genealógica de geração, instrumentaliza-se na sincronização dos tempos, para demonstrar, segundo Feixa e Leccardi (2010), “os modos pelos quais as continuidades e descontinuidades histórico-sociais, como reprocessadas pelos indivíduos, se configuram como base para a construção dos laços sociais entre diferentes gerações” (p.192).

Este conceito, consciência geracional, de acordo com os autores, se refere à capacidade de colocar-se no contexto histórico tendo consciência do passado e futuro, enquanto indivíduos que relacionam a própria experiência com as experiências das gerações anteriores e com as que o sucederão. Um reconhecimento do entrelaçamento do tempo social, em que passado, presente e futuro, representado pela coexistência de diferentes gerações, possibilita a elaboração subjetiva de vínculos.

A consciência geracional “envolve a consciência de sua proximidade/distância de outras gerações familiares. Quando esta consciência está presente, as relações intergeracionais tornam-se domínio da elaboração subjetiva” (FEIXA, LECCARDI, 2010, p.193).

A relação entre geração e reflexão é analisada por Mannheim (1993), ao refletir sobre a irrupção de novos portadores da cultura, afirmando que

Nos estágios iniciais da vida social se produz uma seleção inconsciente. O passado está ali ‘comprimido’, ‘intenso’ e ‘virtualmente’ presente. Essa modalidade seletiva inconsciente também funciona naqueles sedimentos anímicos-espirituais que estão mais profundamente situados na presente escala da existência social, nos quais o tempo do desenvolvimento não é tão relevante. É necessário que a seleção se faça conscientemente, que se torne reflexiva, ali onde não são suficientes as transformações semiconscientes dos tradicionalistas. Basicamente, se racionalizam e, se fazem reflexivas, somente aquelas esferas que se tornaram questionáveis pelas transformações da estrutura histórico-social, aquelas em que a transformação necessária não é feita sem reflexão e onde a reflexão converte-se numa técnica de desestabilização (MANNHEIM, 1993, p.214).

A consciência geracional tem sido utilizada, na Itália, como instrumento para compreender as transmissões entre as gerações e, por converter “as diferenças entre as gerações em bases de reconhecimento de si” (FEIXA, LECCARDI, 2010, p.194). Especialmente no que se refere aos estudos sobre a posição das mulheres na família, a ideia de genealogia, de consciência geracional, tem permitido o entendimento da continuidade nas transformações dos papéis sociais e biográficos de mães, avós e filhas.

Este conceito acrescenta à perspectiva mannheimiana, a compreensão de que “a dimensão temporal que molda as gerações na encruzilhada entre os aspectos coletivos e individuais do tempo compreende descontinuidades dentro de uma visão que não procura ‘origens’” (FEIXA, LECCARDI, 2010, p.195) e, paralelamente, “considera os movimentos, interconexões, contingências, diferenças, dentro de um quadro de referência que enfatiza e ‘personifica’ o aspecto do tempo” (FEIXA, LECCARDI, 2010, p.195).

3.3 GERAÇÃO, JUVENTUDE E CONTEMPORANEIDADE

Partindo da conexão do tempo interior e tempo social, reconhecendo o tempo da experiência e a concepção de geração como delineada por Mannheim, o espanhol Carles Feixa Pampols (2006) identifica, ao longo do século XX, vários momentos históricos em que os jovens protagonizaram movimentos sociais, culturais, artísticos ou políticos. Devemos lembrar, entretanto, que na perspectiva mannheimiana os/as jovens podem reproduzir ou negar valores e interpretações das gerações que os antecederam, não tendo uma definição apriorística que os ligue a concepções revolucionárias ou conservadoras. Enquanto jovens e como grupo geracional são uma potencialidade, uma possibilidade de vínculo a ideias de diferentes naturezas.

Neste período, o autor delinea dez gerações de jovens, no contexto europeu e norte-americano, que desempenham um papel singular em acontecimentos como “a reforma, a revolução, a guerra, a paz, o rock, o amor, as drogas, a globalização ou a antiglobalização” ⁶¹ (FEIXA, 2006, p.3). A cada uma das gerações o autor atribui uma letra, como metáforas, para nomear as gerações do século XX “configurando o jogo de olhares e silêncios sobre a juventude contemporânea” (FEIXA, 2006, p.4).

O autor define a primeira como Geração A (Adolescente), marcada pelo reconhecimento social de um grupo etário, situado entre a infância e a vida adulta. A partir de 1899, como efeito das legislações do sistema jurídico inicialmente na Grã Bretanha, que restringia o aprisionamento de menores de dezesseis anos no mesmo espaço em que adultos estavam presos, criando tribunais específicos, da ampliação dos anos de formação escolar, do retardamento do ingresso no mercado de trabalho, da criação de internatos, escolas e de serviços de bem estar social para essa faixa etária.

Ambíguas, estas ações, adotadas sequencialmente pelos Estados Unidos e nos países ocidentais, por um lado consideraram os indivíduos em fase de preparação para a vida adulta, que deveriam receber cuidados específicos e ao mesmo tempo em que negavam seu caráter conflitivo, promoviam a moratória social para os filhos das classes abastadas, enquanto condenavam a rua e a marginalidade, os filhos das classes operárias. O conceito de adolescência foi plenamente aceito e difundiu a ideia de “um período da vida livre de responsabilidades, caracterizado pelo conformismo social” (FEIXA, 2006, p.5).

A Geração B (*Boy Scout*) tem seu marco com a fundação da organização juvenil dos escoteiros, em 1908, e das bandeirantes (*Girls Guides*), em 1909. Combinando patriotismo, darwinismo social e culto à adolescência se dispunha a formar jovens protegendo-os das deformações da vida urbana, o que incluía a separação de meninos e meninas no interior da organização. Ao lado da noção de que os jovens precisavam ser protegidos e direcionados, desenvolveu-se a identificação de que havia um modo de vida particular, que havia algo específico em ser jovem e que merecia de um olhar mais acurado.

⁶¹ Todas as citações deste autor são traduções livre do original em espanhol.

A Geração K (*Komsomol*) se desenvolveu no contexto de morte de milhões de jovens na Primeira Guerra Mundial. Desde a revolução francesa, havia-se tornado obrigatório o alistamento militar de jovens com mais de 20 anos, e este momento assumiu o lugar de rito de passagem entre a infância e a idade adulta. O triunfo da revolução soviética impactou a juventude, especialmente aquela próxima das concepções progressistas, tornando-se um “grande ‘acontecimento geracional’, que provocou a necessária tomada de decisão por parte dos jovens dos anos 20” (FEIXA, 2006, p.6).

Assim, identifica na organização *Komsomol*, impulsionada pelos comunistas soviéticos, o símbolo de uma nova consciência geracional que partia do modelo *boy scout*, mas adaptava-se “as necessidades do estado revolucionário: os meninos e meninas (a divisão sexual desaparece) foram agrupados em faixas etárias para desenvolver atividades de lazer e de treinamento cívico-militar” (FEIXA, 2006, p.6), contribuindo substancialmente para uma “força regeneradora dos jovens” (FEIXA, 2006, p.7).

A geração S (*Swing*) desenvolveu-se, na década de 1930, num contexto histórico em que ascendeu, com mais força que o comunismo, o nazismo e o fascismo, como doutrinas políticas que mobilizaram jovens. Eram tão fortes que “as Juventudes Hitlerianas na Alemanha, e os Balilla Fascistas na Itália, foram espaços de socialização e grupos de choque utilizados por esses regimes para estender sua hegemonia entre amplas camadas da população” (FEIXA, 2006, p.7). Porém, como forma de reação e escape aos regimes implantados, grupos juvenis utilizaram a música e a dança, como ocorreu com os *swing-jugend*⁶², “os famosos *rebeldes do swing* na Alemanha, que se converteram no final dos anos 30 em único referente de dissidência possível em uma sociedade alienada numa ideologia militarista e totalitária” (FEIXA, 2006, p.7).

⁶² Os *swing-jugend* (juventude do *swing*) são reconhecidos como um movimento musical de resistência juvenil ao nazismo alemão, que congregou um grande número de jovens nos anos 30. Cf. PAGAARD, Stephen. Teaching the nazi dictatorship: focus on youth. In: *The Historicity teacher*, v.38, n. 2, feb. 2005. Disponível em: <http://www.historycooperative.org/journals/ht/38.2/pdf/pagaard_tht38.2.pdf>

A Geração E (Escéptica), desenha-se logo após o final da segunda guerra mundial, derrubando os ideais juvenis na Europa. Nesta pode-se delinear atitudes desencantadas e niilistas, uma “geração abatida pela necessidade de sobreviver e despolitizar-se depois da guerra civil” (FEIXA, 2006, p.8). Neste momento, o crescimento econômico, a difusão dos meios de comunicação de massa, a sociedade do consumo, a escolarização em larga escala, promoveu um culto à juventude e à noção de cultura juvenil e, desenvolve “ao mesmo tempo a imagem do *rebelde sem causa*⁶³” (FEIXA, 2006, p.8).

A Geração R (*Rock*) compõe-se nos anos de 1950 - 1960, nos Estados Unidos em função do prolongamento do tempo de permanência dos jovens na escola, da criação de um mercado de consumo adolescente, das teorias que propalaram a existência de uma cultura juvenil, específica e particular, e do nascimento do *rock'n roll*. Estas características contribuem para desenvolver um “novo mercado juvenil, que prontamente se converteria no símbolo da primeira cultura autenticamente *internacional-popular*” (FEIXA, 2006, p.9).

A escola passa a organizar-se em torno desse novo sujeito, e torna-se um espaço de sociabilidade, composto de clubes, bailes e festas de final de curso, que assumem o papel de ritos de passagem, de modo que “quem tem menos de vinte anos, mas não eram crianças, forma uma nova geração que pela primeira vez tem modelos da sua idade” (FEIXA, 2006, p.9), dos quais o autor destaca James Dean e Elvis Presley.

A Geração H (*Hippy*) tem início com um grupo de jovens universitários que, em 1964, criaram em Berkley (EUA) o movimento *Free Speech Movement*. Marcada por um protesto estudantil pela liberdade de expressão transformou-se num movimento por direitos civis de grande apelo que rapidamente se espalhou por universidades americanas e, junto com a *beat generation*⁶⁴, originaram o *flower power*, conhecido mundialmente como movimento *hippy*. Legitimada por diferentes teóricos atribuiu-se a essa geração, a criação de uma contracultura como “uma missão da juventude, como criadora de uma cultura alternativa a dominante na sociedade” (FEIXA, 2006, p.10).

⁶³ O termo “rebeldes sem causa” foi cunhado por Georges Lapassade ao refletir sobre a juventude. (cf. LAPASSADE, Georges. Os rebeldes sem causa. In: BRITTO, Sulamita (org.) *Sociologia da Juventude*, Rio de Janeiro: Zahar, 1968). Grifo do autor.

⁶⁴ Jovens ligados ao jazz, em São Francisco (EUA), defendiam o consumo de haxixe, a vida boemia e um movimento artístico-cultural fora dos circuitos tradicionais, de acordo com Feixa (2006).

A Geração P (*Punk*) tem como registro de nascimento, bairros londrinos nos anos de 1970, difundindo-se rapidamente, já que “os ventos da crise, a provocação como bandeira e uma música simples e eletrizante, recupera a onda rebelde do rock” (FEIXA, 2006, p.11). Aliando diferentes tradições musicais e estilos ecléticos de se vestir desenvolveram a “capacidade para retratar com cores fortes o momento histórico que começavam a viver as sociedades ocidentais⁶⁵” (FEIXA, 2006, p.11).

A Geração T (*Tribu*) desenvolve-se na década de 80 do século XX, em meio ao alto desemprego dos/as jovens, que sem condições de autonomia financeira, retornam a dependência familiar e ao desmoronamento dos ideais da contracultura. Neste contexto, com características muito particulares relativos a modos de vestir e viver nasce “uma atitude entre cínica e desencantada, que teve múltiplas traduções nos imaginários juvenis, que quase sempre guardaram relação com um K subcultural: punkS, oKupas, sKinheadas, maKineros” (FEIXA, 2006, p.12), microculturas juvenis, que ocupavam diferentes nichos urbanos. Segundo o autor, se tratavam “de manifestações exteriores, disso que tem se chamado de ‘fim das ideologias’ ou ‘fim da história’” (FEIXA, 2006, p.12).

Por fim, o autor apresenta a Geração R (*Red*) marcada pela revolta de jovens indígenas, que utilizaram como armas, as novas tecnologias da comunicação, convertida numa referência geracional para aqueles que entraram na juventude após a caída do muro de Berlim. Em várias partes do mundo os jovens utilizaram-se destes recursos tecnológicos para posicionar-se com relação a vários temas, entre os quais o autor destaca o chamado Movimento de Resistência Global, ou os antiglobalização.

Para esta geração que havia sido identificada como uma geração sem valores sólidos, típicos das incertezas e paradoxos da pós-modernidade, e nomeada de Geração X, termo amplamente aceito e divulgado, o autor localiza outra característica fundamental dos jovens, no fim do século XX, “seu acesso às novas tecnologias da informação e da comunicação, sobretudo seu acesso a rede por definição: internet” (FEIXA, 2006, p.13).

⁶⁵ O autor faz referência no texto à crise do Petróleo.

O impacto das novas tecnologias foi tão forte entre os jovens que o autor alude as expressões BC (*before computer*) e AC (*after computer*) para indicar rupturas geracionais, como as identificadas em outros momentos históricos e relativas a cultura, a música e a política. Além disso, a potencialidade da rede “gera novas formas de protesto, como as marchas antiglobalização, onde jovens de diversos países, atendem a convocatórias pela internet de manifestações” (FEIXA, 2006, p.14).

A tipologia das gerações, no século XX, desenvolvida por Feixa, deixa claro que as culturas juvenis, foram tratadas de forma abrangente, sem localizar a distinção entre os sexos. Menos por uma escolha do autor, do que pela predominância histórica com que o espaço público se constituiu.

A perspectiva androcêntrica possibilitou a exposição pública e a ascensão de jovens homens que passaram a representar uma forma de ser e as gerações, como no caso identificado pelo autor, de ícones masculinos representados por Elvis Presley e James Dean.

3.3.1. Geração internauta

Finda a primeira década do século XXI, vê-se a consolidação das tecnologias da informação e comunicação e a formação de uma geração de jovens que nasceram numa sociedade marcada pelo uso das tecnologias digitais. Desde crianças familiarizaram-se com a linguagem tecnológica, onde computadores, *notebooks*, celulares, *tablets* entre outros, compõem o conjunto de objetos que, se não estão disponíveis em seu ambiente doméstico, tem conhecimento, entendem seu significado e suas aplicações. Do mesmo modo, palavras como internet, mundo virtual, ciberespaço, redes sociais, álbuns virtuais, não só fazem parte de seu vocabulário, como integram suas atividades habituais. Neste sentido, as experiências dos/as jovens contemporâneos/as documentam, na perspectiva mannheimiana, a modificação da experimentação do tempo cotidiano e das formas de convivência social.

Nesta geração, o tempo dedicado à realização de uma única atividade não existe mais. Está em curso o tempo estendido, da realização de, com o auxílio das mídias digitais, várias atividades ao mesmo tempo e por vezes, não há como não reconhecer as críticas, realizadas de modo superficial. O tempo cotidiano é multiplicado. Assim postar, navegar, ouvir música, ver um clipe ou ler, são atividades realizadas simultaneamente e cabem na noção do tempo estendido, resultante da tecnologia e das mídias digitais de uso pessoal. Entretanto o ato em si, realizar múltiplas atividades em um mesmo tempo, é observado com desconfiança e resistência, por vezes com admiração, pelas gerações mais velhas.

Esta situação pode ser explicada através da metáfora do relógio das gerações, proposto por Feixa (2006b). Enquanto os idosos marcam o tempo com o relógio de areia, os adultos o fazem com o relógio analógico e os jovens com o relógio digital. A diferença entre eles se refere à compreensão de como o tempo das gerações se compõe. No formato areia, parte-se de uma visão reprodutiva, de uma circularidade entre as gerações, para no padrão analógico, passar a reconhecer que cada geração contribui com a instauração de novo conteúdo cultural, ainda com uma concepção de linearidade e sucessão. Com o relógio digital, porém instaura-se “uma visão virtual das relações geracionais, em que as conexões entre as idades são invertidas e os rígidos esquemas de separação biográfica entram em colapso” (FEIXA, 2006, p.82).

Ou seja, enquanto os idosos e adultos lidam com esforço, com as sucessivas novidades tecnológicas e digitais, os jovens contemporâneos assimilam com tranquilidade e agilidade cada nova possibilidade ofertada pela indústria tecnológica e, conseqüentemente, aquelas relativas ao ciberespaço. Com frequência, na contemporaneidade, são os mais novos que tiram dúvidas e ensinam os mais velhos as linguagens, significados e funcionamento dos diferentes ambientes, plataformas e recursos que compõe os aparelhos e a internet. Isto representa um novo momento na história das sociedades ocidentais.

Do reconhecimento de particularidades dos processos de formação, da infância, da adolescência ou da juventude ao longo do século XX, vive-se atualmente, no que se refere à linguagem das mídias digitais, uma inversão dos papéis no processo formativo e, quiçá, representado a instauração de uma aprendizagem autoformativa ou de formação entre pares, em que os adultos são praticamente dispensáveis.

A característica de autoformação, de independência dos adultos, indica “uma autêntico empoderamento destes grupos de idade, como geradores de condutas inovadoras que determinarão a implementação ou não das novas TIC” (GIL, 2010, p. 202)⁶⁶. Por outro lado, inclui a socialização de aspectos simbólicos, de representações de si, de conteúdos éticos, estéticos e de valores que circulam nos endereços virtuais e partem dos próprios internautas ao criar um perfil, construir e acessar uma lista de contatos com os quais interagem e a partir da postagem de conteúdos produzidos ou selecionados, pelos usuários e seus pares.

A despeito das discussões sobre os riscos e falácias dos contatos que se estabelecem a partir do mundo virtual, existe uma visão consensual em torno do fato de que a internet eliminou limites geográficos, encurtou distâncias. Sobretudo a internet possibilitou uma multiplicação do tempo pessoal, individual. Os colegas de escola, os colegas de rua, do prédio, dos grupos e das tribos que só seriam encontrados em determinada parte do dia ou da semana, compartilham o cotidiano, através de endereços virtuais, desestruturando o tempo do encontro, o tempo da relação social.

Uma desmarcação que, se é em primeiro lugar geográfica, uma desterritorialização, subjaz a dissipação do dia e da noite, dos horários pré-estabelecidos pelas instituições sociais para a reunião de pessoas e que, até então, se constituíam como locais de convivência social e de estabelecimento de relações. O uso do tempo individual é desregulado, desinstitucionalizado, desterritorializado, passando a ser movido pelo interesse e pelas possibilidades de acesso a internet. De acordo com Eisenberg (2003), a característica central da internet, enquanto virtualização é a desterritorialização lembrando que, se, por um lado esse processo tenha se iniciado com o telefone, por outro, nos processos de comunicação mediados pela internet, constitui-se com outra característica, a interação.

De tal modo que, no que se refere à modificação das formas de convivência social, a internet assume um papel destacado já que, segundo Souza (2011), “ela é, hodiernamente, o mais completo meio de comunicação criado pela tecnologia, tem reconfigurado as culturas e suscitado novas estruturas de sociabilidade contemporânea” (p.172).

⁶⁶ Tradução livre do original em espanhol.

A internet e suas ferramentas de comunicação possibilitam que entre os usuários não exista hierarquização, o que favorece a construção de um novo tipo de interação, marcada pela rapidez com que se podem estabelecer associações e a significativa ampliação do número de pessoas conhecidas. Ideias, opiniões e posicionamentos são compartilhados, eventos e atividades são divulgados e instantaneamente alcançam um número cada vez maior de internautas, que divulgam em suas redes pessoais e potencializam o conteúdo da mensagem.

Neste processo é importante destacar o aspecto da portabilidade, pois do *desktop*, passou-se ao computador portátil, do telefone, para o telefone móvel e deste para o celular com internet, representa, neste campo, a possibilidade de estender, não só o acesso à informação, mas a comunicação, potencializando a convivência social, a criação e manutenção de relacionamentos.

A possibilidade de contato imediato, de qualquer lugar e a qualquer tempo, com redes sociais, *blogs* e *microblogs* são um indicador de que as fronteiras entre o mundo virtual e a vida cotidiana dos/as jovens, diminuem a cada momento, a cada lançamento no mercado de aparelhos capazes de acessar com mais velocidade e estabilidade, plataformas digitais.

Assim, pode-se afirmar que a agilidade de acesso, o barateamento dos custos e “os novos recursos comunicativos das interações via internet, quando aliados a impessoalidade, característica da comunicação eletrônica, incentivam as pessoas a expandirem suas redes de interação cotidiana” (EISENBERG, 2003, p. 497). De modo que, os diferentes formatos de aparelhos digitais, hodiernamente, aproximam as pessoas e as suas vidas, sobretudo aqueles que partilham o mesmo tempo social de modo semelhante, no caso, jovens que fazem uso da internet.

As novas tecnologias, para a geração de jovens contemporâneos, se constituem numa “realidade irretornável na vida contemporânea, não obstante apresentarem aspectos contraditórios para a construção de relações sociais justas e igualitárias em vista da democracia” (SOUZA, 2011, p.176).

Estar conectado, portanto, parece ser uma prerrogativa de ser jovem na atualidade. Ter um blog, um fotolog, um microblog, um perfil numa rede social, constitui-se em marcas que identificam a adesão a uma linguagem, a uma forma de relacionamento, intermediada pela internet e, notoriamente, contemporânea. Se o espaço virtual, na virada do século oportunizou o acesso à informação, no final da primeira década do século XXI, assumiu o lugar de interação social, que ainda que seja virtual, não pouco frequentemente transpõem-se em contatos na vida real.

A utilização do vocábulo jovem, neste item, se refere tanto as mulheres quanto aos homens, uma vez que – como demonstrado por Feixa – enquanto as gerações anteriores mobilizavam-se em torno de um ícone masculino, na contemporaneidade, a internet possibilita uma igualdade entre os sexos. O que é determinante para os/as jovens contemporâneos é o acesso à internet, já que a ruptura provocada pelo desenvolvimento da tecnologia e o pertencimento a um grupo geracional, situado antes ou depois do computador, foi historicamente superada. Para as jovens mulheres e os jovens homens, no início da segunda década do século XXI, dever-se-ia pensar numa nova ruptura ou num antes e depois da internet. O primeiro momento da história em que o androcentrismo, o patriarcado e o sexismo não constituem inequivocamente a base das relações sociais.

Parece então, que os/as jovens atuais compõem, no sentido mannheimiano, uma unidade de geração, um grupo geracional que inverte os sentidos de controle e ordenação, do tempo e da convivência social, por serem internautas. Atualmente, portanto, o fenômeno da internet, a multiplicação do tempo e a alteração nas formas de interação e convivência social, são elementos que consolidam o que pode ser denominado de *Geração Internauta*.

IV. SITUANDO O CAMPO

A fotografia faz parte da minha trajetória pessoal. Muitas vezes assumi o papel de fotógrafa amadora de diversos temas, pessoas e de um grupo de teatro em Belém⁶⁷, de modo que sempre me chamou atenção trabalhos acadêmicos que utilizassem fotos. Porém a possibilidade de realizar um trabalho com fontes visuais era remota. A aproximação com a análise de imagens relaciona-se, mais uma vez, no percurso que constitui esta tese, com as atividades desenvolvidas no Grupo de pesquisa em educação e políticas públicas: gênero, raça/etnia e juventude (GERAJU).

No grupo, quinzenalmente, apresentavam-se o andamento das pesquisas dos participantes, todos utilizando o Método Documentário para a análise de dados textuais. Porém, quando comecei a utilizar como campo de pesquisa, ambientes virtuais e, após a apresentação de trabalhos em congressos⁶⁸, uma questão começou a tornar-se imperativa nas discussões do grupo: a importância da imagem nos sites e *blogs*. As imagens que ilustravam os textos e as fotografias dos álbuns virtuais diziam alguma coisa para além do texto escrito.

A profusão de imagens paradas e em movimento, disponíveis nos diferentes espaços da internet, amplamente acessados e utilizados pela juventude, reafirmou a interpretação da importância da imagem para este grupo geracional e a inquietação sobre quais os sentidos presentes nas imagens. As discussões no grupo enfatizaram a importância de fazer uma incursão no campo da análise de imagens.

Neste momento a antropologia visual pareceu um caminho possível de investigação “enquanto um recurso narrativo autônomo na função de convergir significações e informações a respeito de uma dada situação social” (ACHUTTI, 1997, p.13). Especialmente porque, a Antropologia depois da História da Arte, passou a se ocupar com os registros visuais, destacando especialmente a fotografia, em suas investigações.

⁶⁷ Duas fotos do grupo de teatro Palhaços Trovadores compõem a matéria palhaçada é coisa séria da revista Leal Moreira, disponível em: <<http://www.lealmoreira.com.br/revista/index.php?pg=txt&id=69>>.

⁶⁸ Relatados na introdução.

Mesmo que os estudos realizados neste campo tenham se relacionado inicialmente com a antropometria e com o pressuposto positivista de neutralidade, as investigações contribuíram para associar a visualidade à interpretação sobre a cultura, de modo que a fotografia levou os “assuntos dos estudos antropológicos direto para o trabalho do gabinete, transferindo o local das análises antropológicas desprezando a realidade empírica” (ACHUTTI, 1997, p.22).

Contudo, a observação das manifestações simbólicas, artísticas e culturais dos grupos sociais, do que era visível, tornou-se insuficiente para os antropólogos. As fontes visuais passaram a ser analisadas como registro do observador, como registro ou parte do observável, além de revelar a interação entre observador e observado. Assim, o “reconhecimento do potencial informativo das fontes visuais foi capaz de tomar consciência da sua natureza discursiva” (MENESES, 2003, p.16).

A discursividade da imagem, a partir deste prisma, se refere a “construção de uma narrativa visual que seja capaz e contenha informações interpretativas acerca de uma determinada realidade” (ACHUTTI, 1997, p.69), pois uma fotografia deve ter “alguma importância quando ‘lida’ individualmente e, ao mesmo tempo, deverá servir como parte integrante de uma sequência de fotografia que no seu conjunto possam vir a compor uma das formas de antropologicamente narrar o que é singular” (ACHUTTI, 1997, p.69).

Além disso, Alves (2003) enfatiza que no estudo do cotidiano e da cultura escolar, a imagem assume a função de “em primeiro lugar, mostrar aquilo sobre o que um artista quis chamar a atenção” (p. 67) ressaltando que “em cada imagem, no momento em que é escolhida para ser usada⁶⁹ em um texto, existem, também, os sentidos e as emoções de quem a escolhe – o autor (a) do texto” (p.67).

A compreensão da utilização de fontes visuais dessa forma, não atendia a inquietação de tentar compreender o que as imagens queriam dizer para além do que poderiam resguardar como parte de um diário de campo, como ilustração ou como registro da cultura material de determinado grupo. O princípio bohnsequiano de reconstrução do sentido da ação e da busca da transcendência do que as coisas são, tema central das atividades do GERAJU, já tinha contagiado meu olhar como pesquisadora.

⁶⁹ Grifo da autora.

A inquietação relativa ao entendimento de como proceder à reconstrução de orientações coletivas de determinado grupo com fontes visuais e o lugar da imagem em uma investigação, foi aplacada pelo texto de Ralf Bohnsack, de 2007, publicado pela revista *sociologias* e intitulado “A interpretação de imagens e o Método Documentário”. A proposição de análise de imagens tratando especialmente de fotografias delineou definitivamente o caminho metodológico que seria traçado na tese.

Porém, a proposta do autor exigia conhecimentos que até então nunca havia me detido com profundidade. Assim, fiz um caminho pelos meandros da História da Arte identificando, a partir de Santos e Guedes (2007) que na civilização grega havia familiaridade com as leis da perspectiva, uma vez que as apresentações teatrais exigiam a construção de cenários que causassem ilusão aos espectadores dando-lhes a sensação de realidade, assim como pintores como Zeuxis e Apollodorus utilizaram a perspectiva para criar efeitos naturais e ilusões visuais.

Por outro lado, a utilização da perspectiva prosseguiu ao longo dos anos de modo que no Renascimento, segundo Sampaio-Ralha (2006), promoveu alterações na tradição desenvolvida na Idade Média de representar o mundo espiritual. Todavia, as primeiras formulações das leis da perspectiva podem ser localizadas no tratado *Della Pittura* ou somente *De Pictura*, em 1435, elaborada pelo arquiteto, pintor e escultor Leon Battista Alberti. Com Piero Della Francesca, a partir da obra *De Prospectiva Pingendi*, a perspectiva tornar-se-ia o método das artes plásticas por ser considerada como a forma realista, objetiva e ideal para a representação gráfica do espaço na pintura, de modo que só foi contestada pelo Cubismo no século XX.

A par disto, e de acordo com Fragoso (2004) o cinema, a televisão, a fotografia continuam utilizando seus princípios, uma vez que representam a tridimensionalidade em superfícies planas.

De posse dessas informações ainda me sentia insegura para realizar a análise da composição formal de uma imagem de acordo com o olhar bohnsaquiano. Assim, participei de oficinas on-line que permitissem perceber e aplicar a perspectiva, instrumentalizando a realização de uma das fases do método. Nestas atividades vi que o princípio básico da perspectiva define que tudo diminui à medida que se afasta de um ponto estabelecido, no caso, do olhar do fotógrafo.

Neste sentido, ao traçar linhas retas, tanto na vertical quanto na horizontal, pode-se ver que elas formam diagonais quando se aproximam do fundo e são perpendiculares quando estão na frente. Aplicada à fotografia a perspectiva possibilita apreender não só objetos e pessoas nas suas formas tridimensionais, mas também apreender elementos sobre os produtores da imagem. Para isso é preciso criar uma linha na altura dos olhos, a linha do horizonte, demarcando a posição do fotógrafo em relação à cena/tema fotografado. Assim, o que está na altura dos olhos ou na linha do horizonte não se vê. Aquilo que está acima dos olhos ou mais alto que a linha do horizonte, pode ser observado no sentido de baixo para cima. O que está abaixo é visto de cima para baixo e a profundidade é definida através da localização do ponto de fuga, um ponto localizado na linha do horizonte.

Em função do interesse pela singularidade da imagem e do reconhecimento de que a interpretação pode ser realizada através da sua composição formal, participei em março de 2010, do Seminário Internacional Brasil-Alemanha de Pesquisa Qualitativa: Interpretação Documentária e Triangulação Metodológica (Texto, Som e imagem)⁷⁰, compondo a mesa redonda intitulada “visualidades”. Neste momento apresentei as primeiras apropriações relativas ao Método Documentário e a análise de imagens. A participação no evento possibilitou o contato com pesquisadores alemães que haviam realizado estudos com Bohnsack e que utilizavam este procedimento em diferentes tipos de imagem.

O aprofundamento das leituras sobre a obra de Karl Mannheim e os exercícios de aplicação do método originaram dois trabalhos. No primeiro, em parceria com Wivian Weller, apresentei a proposta de análise de imagens a partir do método documentário, como contraponto às críticas em relação à falta de fundamentação teórica e de rigor metodológico no tratamento e na análise dos dados visuais, defendendo a inclusão de fontes como fotografias nas pesquisas qualitativas, publicado em 2011⁷¹.

⁷⁰ O seminário foi realizado na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas.

⁷¹ WELLER, Wivian; BASSALO, Lucélia de Moraes Braga. Imagens: documentos de visões de mundo. **Sociologias**, Porto Alegre, v.13, n.28, dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-452220110_003000_10&lng=en&nr m=iso>.

No mesmo ano apresentei um trabalho em parceria com a mesma pesquisadora, demonstrando como a imagem fotográfica é analisada no Método Documentário, a partir da descrição de suas etapas e modo de aplicação⁷².

Deste modo, compreendendo que as imagens são documentos e constituem-se em fontes de dados visuais com potencial pouco explorado e valorizado na investigação da realidade social e, diante das possibilidades de aplicação do Método documentário às imagens paradas e em movimento, passou a ser natural e consequente definir que as imagens seriam o principal dado da pesquisa, bem como diante das incontáveis fontes visuais, estabeleceu-se a fotografia, como fonte visual.

4.1. CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DE IMAGENS

Assim como Bohnsack, pesquisadores brasileiros partiram da teoria da iconologia de Erwin Panofsky (1976) para nomear aspectos que devem ser identificados numa imagem.

Kossoy (2001) é um desses autores e considera como elementos constitutivos da fotografia o assunto, a tecnologia empregada e o fotógrafo. Manini (2001) por sua vez, propõe que devem ser considerados no processo de análise quem ou o que aparece na imagem, o lugar, a data, como são ou estão dispostos os principais elementos da imagem. Ambos indicam como elementos técnicos o plano, o foco e a nitidez, a forma (ou composição) e o enquadramento, o ângulo, a cor e a iluminação.

Assim, definiu-se como critérios para seleção das fotos para esta investigação:

- a) Fotos realizadas pelas jovens;
- b) O conteúdo narrativo;
- c) Que o tema/assunto tivesse em sua composição pessoas;
- d) A qualidade técnica.

⁷² WELLER, Wivian; BASSALO, Lucélia de Moraes Braga. Imagem fotográfica: Registros de visões de mundo In: XV Congresso Brasileiro de Sociologia, 2011, Curitiba. **Mudanças permanências e desafios sociológicos**. Curitiba: SBS, 2011. p.01 – 18. Disponível para *download* em: <http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=182&Itemid=171>

4.2. AS FOTOS DA PESQUISA

Ao longo do período estudado, as jovens do *Dialogoj* registraram suas práticas e ações como feministas, imagetivamente, produzindo e compartilhando fotografias. Nascidas em tempos tecnológicos, utilizam com facilidade os instrumentos e técnicas de produção de imagens fotográficas. Enquanto elementos com conteúdos visuais as fotos parecem estar “aliadas à necessidade constante de comunicar com os pares e, de negociar e fabricar identidades, recorrendo ao campo do visível, traduz-se num uso cada vez mais crescente dos media digitais” (CAMPOS, 2011, p.11).

No *menu* de navegação do *Dialogoj*, na aba “imagens e momentos”, o visitante tem acesso a uma página que disponibiliza 19 fotos, sobre as seguintes atividades: II Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial (nove), I Encontro Nacional de Jovens Feministas (uma), Ato a favor da legalização do aborto (quatro), Negras Jovens Feministas (uma), Oficina Mulheres jovens e participação: um diálogo preparatório para a II CNPM (uma) e Semana das mulheres jovens (três).

Figura 3: *Layout* do fotoblog



Fonte: Dialogoj.

Acima da foto referente ao I Encontro Nacional de Jovens Feministas, o link, Acesse as fotos do encontro, remete o usuário a outro endereço⁷³, um *fotoblog*, onde podem ser acessados os álbuns virtuais. Este endereço também é acessado ao clicar no box Momentos Jovens Feministas - fotos. No banner da página pode-se ler a nomeação do grupo a qual estão ligadas: Articulação Brasileira de Jovens Feministas.

Neste endereço encontram-se 152 fotos, com arquivos dos anos de 2008 e 2009, que demarcam imagetivamente as experiências das jovens nos eventos e os processos de produção de objetos a serem utilizados nas atividades. Além da característica imaterialidade dos álbuns virtuais, as fotos concretizam traços característicos e pertinentes as jovens, diferenciando-as de outros grupos e consequentemente possibilitam o processo de identificação, pois como diz Bourdieu e Bourdieu (2006) “assim como as cartas, e bem melhor do que elas, as fotografias assumem um importante papel na atualização contínua do reconhecimento mútuo” (p.33).

Estes álbuns virtuais contêm imagens dos momentos coletivos ou individuais de participação em eventos feministas ou relacionados de alguma forma ao tema. Ao utilizá-las como “representação suficientemente crível e precisa para permitir o reconhecimento” (BOURDIEU; BOURDIEU, 2006, p.33), desenvolvem um movimento que parte de uma visão concreta da atuação de jovens mulheres atuantes no campo do feminismo, apontando para possibilidades de ações que podem vir a ser experienciadas por visitantes do *blog*.

Desta forma as fotos cumprem a função de registro e do por vir, de possibilidade, para quem não tem, mas pode vir a ter, um vínculo ativo com as organizações feministas. Em junho de 2010 a Articulação Brasileira de Jovens Feministas (ABJF) abriu um fotolog no site *Flickr*⁷⁴ denominado Galeria de Jovens Feministas onde disponibilizava 56 fotos⁷⁵ referentes ao período compreendido entre 2010 e 2011. Entretanto somente no *post* de 30 de agosto de 2011, é informado aos usuários outro endereço para acessar fotos das ações do grupo.

⁷³ http://jovensfeministas.nafoto.net/arch2008-03-30_2008-04-05.html

⁷⁴ Site da web criado para armazenar fotografias e muito utilizado por usuários de *blogs* para salvar, organizar e compartilhar imagens fotográficas, permitindo aos usuários criar álbuns e armazenar fotos por data de *postagem*.

⁷⁵ No caso das jovens feministas o endereço é: <http://www.flickr.com/people/abjf/>

Figura 4: Layout do fotolog



Fonte: Dialogoj

Sendo assim, o grupo totalizou 209 postagens de fotos. Entretanto seis constavam simultaneamente nos dois endereços que foram consideradas, nesta investigação, apenas como uma postagem. O acervo utilizado na pesquisa foi formado por 203 fotos, de acordo com o demonstrado abaixo:

Tabela 1: Relação eventos e número de fotos

Evento	Fotoblog	Fotolog	Sub Total
I Encontro Nacional de Jovens Feministas	71	21	92
II Semana da Mulher Jovem	0	07	07
XI Encontro Feminista Latinoamericano e do Caribe – EFLAC	43	07	50
Reunião da Articulação Brasileira de Jovens Feministas (ABJF)	0	01	01
Conferência livre das Jovens Mulheres	02	0	02
Planejamento estratégico da Articulação Brasileira de Jovens Feministas	09	0	09

Fonte: arquivos de fotos da ABJF – Articulação Brasileira de Jovens Feministas, disponíveis no Dialogoj, fotoblog e fotolog.

Tabela 1: Relação eventos e número de fotos (Cont.)

Evento	Fotoblog	Fotolog	Sub Total
Ato LGBT na 11ª Conferência nacional de direitos humanos	09	0	09
I Seminário Nacional de Jovens Feministas	0	13	13
Evento não identificado	0	02	02
Página inicial de imagens e momentos	18	0	18
Total	152	51	203

Fonte: arquivos de fotos da ABJF – Articulação Brasileira de Jovens Feministas, disponíveis no Dialogoj, fotoblog e fotolog.

Pela própria estrutura dos sites que se destinam a postagem de fotos, a organização é cronológica, mas no caso deste grupo, as participantes tiveram o cuidado de identificar cada foto por evento. A relação das jovens com as fotos chama atenção, pois além da precaução em classificá-las por eventos, tomaram como princípio ocultar registros pessoais, de modo que as componentes das fotos são nomeadas como: a) jovem feminista, b) jovens feministas, c) juventude feminista. A opção de despersonalizar a imagem parece coadunar-se ao tipo de compromisso assumido pela ABJF na militância através do Dialogoj: apresentar a atuação das jovens mulheres, a partir da identidade que as reuniu, o feminismo.

A subtração intencional da identificação que pudesse personalizar as fotos, tornou-se um indicativo, para a investigação, de que manter e disponibilizar álbuns virtuais continha uma intenção que ultrapassava a atuação pessoal, particular e, portanto carregavam sentidos, pretendiam dizer algo, para além da comunicação ou divulgação de suas atividades. Assim, se por um lado a fotografia tem o lugar tradicional de registro, por outro possui o papel de provocar o reconhecimento e, quiçá, de servir de estímulo para a participação de outras jovens. As fotografias são, em outras palavras, uma narrativa visual das atividades, sobretudo, dos significados atribuídos às experiências compartilhadas por este grupo de jovens mulheres internautas feministas.

Nesta fase preliminar também se identificou que 17 fotos não continham pessoas, pois se tratavam de imagens da produção do material que seria utilizado nos eventos como camisetas, estêncil com diversas frases, cartazes, entre outros. Ainda que pudessem ser consideradas no conjunto como pistas acerca das atividades das jovens, nesta pesquisa foram consideradas somente as fotos com pessoas, como indicativo para a reconstrução dos orientadores da ação prática, como prerrogativa da análise de imagens, a partir da abordagem bohnsackiana⁷⁶.

Outra distinção deste grupo se refere ao fato de que as fotos, disponíveis no nos endereços virtuais, foram realizadas por jovens que não são fotógrafas profissionais, uma característica emanada da popularização do acesso às máquinas fotográficas e do próprio ato de fotografar. Atualmente, dados os avanços tecnológicos, a realização de uma foto tornou-se possível a qualquer pessoa e lugar e, no caso das jovens feministas, resolve de acordo com a prerrogativa bohnsackiana, o problema metodológico do *habitus* entre os produtores da imagem.

As imagens que compõem o acervo do Dialogoj foram submetidas à interrogação sobre o que estava no centro da narrativa visual, quais sentidos estavam presentes no relato visual do seu percurso como feministas e quais metáforas de foco podiam ser identificadas. Estas indagações permitiram localizar os temas que foram mais recorrentemente registrados imagetivamente pelas jovens.

Considerando a postagem de 203 fotografias disponibilizadas no *fotoblog* e no *fotolog*, identificou-se que 184 imagens fotográficas apresentam como tema central a participação em eventos feministas juvenis e a visibilidade no movimento feminista adulto. Entretanto, 19 fotos revelam os temas que estão no centro das experiências comuns deste grupo e compõem as metáforas de foco das imagens, como demonstrado no quadro abaixo:

⁷⁶ Como descrito no capítulo I.

Tabela 2: Relação de temas e número de fotos

Tema	Fotoblog	Fotolog	Sub-total
Legalização do Aborto	05	01	06
Lesbianidade	05	01	06
Preconceito racial	03	01	04
Saúde da mulher	02	00	02
Violência contra a mulher	01	00	01
Total	16	3	19

Fonte: arquivos de fotos da ABJF – Articulação Brasileira de Jovens Feministas, disponíveis no Dialogoj, fotoblog e fotolog.

A identificação dos temas nas fotos, reforça a interpretação de que a imagem fotográfica para este grupo assume o lugar de “suporte da identidade - nunca estáveis, sempre múltiplas - e materialidade específica das histórias visuais produzidas por sujeitos e colocadas em circulação e encontro com os outros”⁷⁷ (TRIQUELL, 2011, p.1).

Além disso, se toda foto é um registro de algo ou alguém em determinado tempo e lugar, toda foto traz em si uma trajetória única, pois “o que a fotografia reproduz ao infinito só ocorre uma vez; ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente” (BARTHES, 1984, p.13).

As jovens parecem estar de acordo com essa ideia ao disponibilizar as fotos como relatos imagéticos de suas atividades, do foco de seus interesses, de suas intenções e posicionamentos, que serão tratados no próximo capítulo.

⁷⁷ Tradução livre do original em espanhol.

V. JOVENS MULHERES: INTERNAUTAS FEMINISTAS

Neste capítulo apresenta-se o campo de estudos de gênero e feministas, como elementos que auxiliam a compreensão da expressão contemporânea da atuação da juventude por meio da internet, especificamente, na constituição do ciberfeminismo, para em seguida apresentar o Dialogoj o *blog* das jovens mulheres feministas.

5.1. ESTUDOS DE GÊNERO E FEMINISTAS

Gênero, de acordo com Revillard e De Verdalle (2006), é a construção social da diferença de sexo e se refere a comportamentos e significados sociais que são associados a homens e mulheres. É também uma estratégia de institucionalização de estudos sobre estes temas já que foi mais bem aceito no espaço acadêmico do que os estudos feministas.

Tomá-lo como construção social significa rejeitar o naturalismo como fundamento de atributos sociais e atribuir valor sociológico a análise e, segundo as autoras, possui duas dimensões. A primeira, dimensão material, personifica-se no comportamento, no status atribuído a cada sexo e na distribuição desigual de recursos e espaços sociais para homens e mulheres e no, âmbito da pesquisa, se refere aos trabalhos sobre os papéis de homens e mulheres na família, na política, nas profissões.

A segunda, dimensão simbólica, considera que gênero é um elemento estruturante da organização social e se relaciona aos significados e valores sociais atribuídos ao masculino e feminino na organização da vida social. O gênero, enquanto relação social construída sobre a diferença, é intrinsecamente uma relação de poder que pode ser recusada analiticamente em termos de hierarquia e em termos de norma. Neste sentido, o movimento de mulheres é uma expressão coletiva que questiona a estrutura de dominação dos homens sobre as mulheres, bem como aos estereótipos que parecem ser atribuições naturais.

Entretanto, as autoras ressaltam que o uso da palavra é abusivo e não tem uma definição linguística precisa e embora tenha utilidade científica não parte de definições unânimes, mesmo entre a comunidade de pesquisadores das ciências sociais. Há inclusive uma negação de sua validade.

Entre as feministas, especialmente as francesas, há uma posição, quase um movimento, que critica a utilização do termo nas investigações ou na vida cotidiana. Louis (2006) listou vinte e três definições para gênero, iniciando por afirmar que é:

um conceito, um instrumental, uma abordagem, uma base, um catalisador, um componente, uma categoria de análise, uma condição, uma dimensão, um domínio, uma estratégia, uma epistemologia, uma ideologia, uma linguagem, um mecanismo, uma noção, uma ferramenta analítica, um paradigma, uma perspectiva, uma problemática, uma questão (LOUIS, 2006, p.711).

A autora conclui que embora tenha sido amplamente aceito pelos movimentos sociais e na academia, o termo gênero não deve ser utilizado, pois faz desaparecer a mulher, o patriarcado, o feminismo, mergulhando o reconhecimento da mulher enquanto sujeito histórico, numa palavra difusa bem como dilui e diminui as conquistas de direitos na esfera da política.

Isto, segundo Devreux (2005), contribuiu para que pesquisadoras francesas fossem mais aceitas na academia por serem consideradas nas suas instituições e por seus colegas do sexo masculino, como menos agressivas ou feministas, já que na língua francesa gênero é um termo polissêmico que

Recobre uma definição vaga, incerta do conceito, segundo os pesquisadores ou segundo os atores ou instituições que a empregam. Algumas vezes, é o sexo do registro de nascimento (o problema existe principalmente em inglês), outras vezes é o gênero gramatical e, outras vezes ainda, a categorização social (DEVREUX, 2005, p.564)

No Brasil, esta posição é reafirmada por Piscitelli (2004) quando localiza a possibilidade de fragmentação e desempoderamento que sua utilização pode causar. A autora afirma que apesar do conceito de gênero ter-se desenvolvido no campo dos estudos sobre mulher não se encaixa em certos critérios de utilidade política.

Argumenta que a implantação de políticas de coalizão implementadas vinte anos antes do surgimento do conceito com referenciais pós-estruturalistas, estavam centradas numa teorização baseada na ideia essencialista e unitária de mulher, e na concepção de opressão.

Contudo, outra posição se desenvolve com mais impacto que os possíveis ecos da interpretação francesa. Entre elas destaca-se a clássica conceituação de Scott (1995) de que gênero é “um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, e é uma forma primária de dar significado as relações de poder” (p. 86).

Segundo esta linha de interpretação, a utilização do conceito de gênero ampliou a noção desenvolvida desde os primeiros estudos realizados no campo do feminismo sobre a situação de opressão histórica das mulheres, auxiliando a reflexão crítica sobre as relações de poder e sobre a concepção de que os papéis sociais de mulheres e homens são dados da natureza.

A partir desta concepção gênero instrumentaliza a compreensão dos papéis sociais atribuídos a homens e mulheres como construções culturais permeadas de símbolos que assumem a função de norma, em diferentes doutrinas, e tomam as relações entre homem e mulher, masculino e feminino, como pares opostos.

O campo dos estudos de gênero é recente, só se desenvolve no final do século XX e constituiu-se a partir da posição das feministas americanas em rejeitar o determinismo biológico na realização de estudos sobre a mulher para considerar que as relações entre homens e mulheres são produto das relações sociais (LOURO, 1995).

Podemos localizar sua origem, a partir da constituição de grupos de acadêmicas que, entre as décadas de 30 e 70 do século XX, formaram o que se denominou de estudos feministas (*feminist studies*) ou estudos de mulheres (*women studies*). Diferentes disciplinas das ciências humanas e sociais, bem como de outras áreas, deram visibilidade à mulher até então, um sujeito tradicionalmente ausente, invisível ou relegado ao segundo plano e questionaram o viés androcêntrico das investigações em todas as áreas do saber (MATOS, 2008).

Neste sentido,

é sempre bom lembrar que a consolidação do campo de estudos “sobre mulheres” – como eram denominados, nesse período, os estudos de gênero – emerge paralelamente à eclosão da fase contemporânea do feminismo, especialmente na Europa pós-68 e nos Estados Unidos. É possível dizer que foi a partir daí que o campo de investigação científico sobre as mulheres se ampliou, evidenciando a forte relação do movimento social com os estudos feministas (SCAVONE, 2008, p.175).

De acordo com Matos (2008) a delimitação da categoria gênero provocou um marco histórico, dando início à segunda onda do feminismo. O conceito foi utilizado com o sentido de enfatizar as ideias de assimetria e hierarquia entre os sexos a partir das relações de poder e, em consequência, o caráter relacional entre homens e mulheres. Esta visão ampliou a posição de que os estudos deveriam incluir os homens e não ser apenas estudos sobre mulheres, além de articular as interpretações com os conceitos de classe e raça/etnia (SOIHET, 2006).

No Brasil, na área da educação, o conceito foi introduzido por Guacira Louro (1995) que com uma intensa publicação na área, desenvolveu a tese de que as instituições escolares são atravessadas pelo gênero, pois comunicam modos de ser e estar no mundo como homens e mulheres para todos os indivíduos e são feitas por estes indivíduos, representantes de concepções de gênero. Para a autora as instituições são generificadas, pois promovem direta ou indiretamente a formação e socialização dos sujeitos com base nas distinções de seu papel social através de discursos e práticas que informam aos garotos e garotas modos de ser, normalizando papéis e produzindo estereótipos de masculino e feminino.

Por outro lado, o movimento feminista contemporâneo configurou-se a partir das transformações do feminismo original, branco, de classe média e de intelectuais, como “um discurso múltiplo de várias tendências, embora com bases comuns” (NARVAZ, KOLLER, 2006, p.648). Ampliadas, as reivindicações do feminismo incluíram o reconhecimento na arena das contestações políticas, desenvolvendo um novo entendimento de justiça social, incorporando “outros eixos de subordinação, incluindo a diferença sexual, a ‘raça’, a etnicidade, a sexualidade, a religião e a nacionalidade” (FRASER, 2002, p.09).

O feminismo “tanto enquanto teoria, como enquanto prática teve e tem uma função social eminentemente política por seu potencial profundamente subversivo, desestabilizador, crítico, intempestivo” (RAGO, 2004, p.13). O movimento feminista é “um movimento que questiona, interpela e disputa sentidos teóricos e práticos, políticos e epistemológicos” (CELIBERTI, 2009, p.138).

A justiça social neste sentido “não cinge só as questões de distribuição, abrangendo agora também questões de representação, identidade e diferença” (FRASER, 2002, p.09). Entretanto, as lutas por reconhecimento não podem estar desvinculadas da superação das desigualdades econômicas e como o feminismo é “acima de tudo, um movimento para a justiça de gênero” (FRASER, 2009, p.29), deve considerar a “justiça de gênero como um problema tridimensional, no qual redistribuição, reconhecimento e representação devem ser integrados de forma equilibrada” (FRASER, 2007, p.305), ou por outro lado que há “três dimensões analiticamente distintas de injustiça de gênero: econômica, cultural e política” (p.14).

Além disso, se não podemos abrir mão da igualdade como luta história, também não é possível deixar de lado a diferença como conquista contemporânea. Entretanto, teóricas do feminismo tem apontado as dificuldades em trabalhar com as categorias de igualdade e diferença ao mesmo tempo, uma vez que constitui um dilema epistemológico já que “a tensão entre identidade de grupo e identidade individual não pode ser resolvida; ela é uma consequência das formas pelas quais a diferença é utilizada para organizar a vida social” (SCOTT, 2005, p.22). Neste sentido as “tentativas de fazer cumprir políticas que escolhem uma ou outra posição - grupos ou indivíduos - não são somente desaconselháveis, mas impossíveis de implementar” (SCOTT, 2005, p.22).

De acordo com esta interpretação, não é possível abrir mão da diferença como instrumento de análise, nem tão pouco desistir da igualdade na medida em que esta é tomada como princípio de ordem política. Se por um lado há dificuldades de operar com estes dois sentidos, por outro não é possível deixar um dos dois de lado. A busca da igualdade social e o reconhecimento das diferenças são objetivos que não estão em disputa.

Neste sentido e no se refere a realização de estudos sobre juventude e gênero, Weller (2005c) afirma que é comum identificar em publicações sobre juventude e culturas juvenis a compreensão da “categoria juventude como um todo, ou seja, que não fazem uma distinção entre jovens-adolescentes do sexo feminino e

do masculino” (p.108). Nogueira, Saavedra e Costa (2008) indicam que especialmente nos estudos sobre a sexualidade juvenil, o gênero não é um tema que tem sido considerado e, particularmente, a sexualidade feminina das garotas não é tratada do ponto de vista da emancipação, o que revela a desigualdade no tratamento analítico quando considerados meninos e meninas.

O caráter relacional do conceito proposto por Joan Scott e sua perspectiva de desconstrução é atualmente questionado por teóricas que constituem um novo campo de gênero por, entre outras argumentações, localizar na sua formulação o pressuposto da naturalidade da heterossexualidade. Isto as conduz a ampliar o sentido de binarismo incorporando combinações que ultrapassam a oposição feminino/masculino e também por se aproximarem do campo da sexualidade. Este novo campo de estudos de gênero, representado pela Teoria *Queer* deu origem a diferentes estudos sobre *gays*, lésbicas, travestis, transexuais e transgêneros, como manifestações do caráter transitório e multirrelacional do gênero.

De acordo com Butler (2003) o significado de construção/desconstrução relaciona-se a uma polaridade tradicional entre livre arbítrio e determinismo que funcionariam como limitadores da análise do gênero, por antever as configurações possíveis e realizáveis do gênero na cultura, configurando um discurso cultural hegemônico que se sustenta no binarismo como racionalidade universal.

Ao questionar o caráter relacional do termo a autora afirma:

O gênero é uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada. Uma coalizão aberta, portanto, afirmaria identidades alternativamente instituídas e abandonadas, segundo as propostas em curso; tratar-se-á de uma assembleia que permita múltiplas convergências e divergências, sem obediência a um telos normativo e definidor (BUTLER, 2003, p.37)

Esta dimensão inclui, na arena de debates e no âmbito da teorização sobre gênero, a argumentação de que “a sexualidade é sempre construída nos termos do discurso e do poder, sendo o poder em parte entendido em termos das convenções culturais heterossexuais e fálicas” (BUTLER, 2003, p.55).

A matriz heterossexual, de acordo com Butler (1990), parte de uma interpretação binária, organizando homens e mulheres em pares opostos, delimitando papéis de gênero e o desejo, de tal modo que a heterossexualidade passa a ser considerada como a única orientação válida do desejo e como modelo de avaliação dos sujeitos e seus modos de ser. Assim, homens e mulheres são classificados na combinação entre sexo, gênero e prática sexual diante da lógica heterossexual, de modo que todas as outras combinações são desconsideradas, negadas ou invisibilizadas.

Ou seja, no interior da estrutura de análise binária e assimétrica que opõem feminino/masculino, gênero é tomado como “o efeito de uma prática reguladora que busca uniformizar a identidade de gênero por via da heterossexualidade compulsória” (BUTLER, 2003, p.55), de modo que

A perda das normas do gênero teria o efeito de fazer proliferarem as configurações de gênero e desestabilizar as identidades substantivas e despojar as narrativas naturalizantes da heterossexualidade compulsória de seus protagonistas centrais: os ‘homens’ e ‘mulheres’. A repetição parodística do gênero denuncia também a ilusão da identidade de gênero como uma profunda intratável e uma substância interna. (BUTLER, 2003, p.211)

Na lógica do modelo binário homem/mulher, bem/mal, heteronormativo, a linguagem tem um importante papel, pois ao ser nominado homossexual ou heterossexual designa também quem está em vantagem ou desvantagem social, pois como produto da cultura, a linguagem carrega compreensões e produz posturas concretas de dominação, sujeição ou igualdade. Na estratégia de invisibilização o processo é o de silenciamento, ou seja, aquele que é invisibilizado é também não nominado, e as instituições não o reconhecem, ou o desvalorizam. Reconhecer e ser reconhecido trata-se, portanto de uma questão de justiça social, pois

é injusto que, a alguns indivíduos e grupos seja negada a condição de parceiros integrais na interação social, simplesmente em virtude de padrões institucionalizados de valoração cultural, de cujas construções eles não participaram em condições de igualdade, e os quais depreciam as suas características distintivas ou as características distintivas que lhes são atribuídas. Deve-se dizer então que o não reconhecimento é errado porque constitui uma forma de subordinação institucionalizada e, portanto, uma séria violação da justiça (FRASER, 2007, p.112).

Agindo como operadora de sentido, a matriz heterossexual e, conseqüentemente a heteronormatividade, não compreende a homossexualidade como forma legítima de existência, produzindo historicamente a exclusão social de homossexuais e de um modo singular, a invisibilização dos indivíduos com essa orientação sexual nas diferentes instâncias de relações sociais.

Assim,

Marcados pelas ressonâncias das lutas por redistribuição, justiça e direitos políticos e sociais e/ou por lutas pelo reconhecimento e/ou identitárias, os estudos de gênero e feministas mostraram-se historicamente comprometidos com a transformação das relações de dominação e poder masculinos associando-se a contextos mais abrangentes (SCAVONE, 2008, p.176)

Os elementos que compõem o campo de estudos de gênero parecem coadunar-se com o feminismo, que de acordo com Alvarez (2008) é ao mesmo tempo uma teoria, uma militância social e política, uma prática cotidiana e uma forma de compreender a vida e de vivê-la.

As jovens feministas do Dialogoj, atentas às discussões aqui esboçadas, parecem concordar com a posição de Scavone (2008), ao indicar como temas ou problemáticas do feminismo contemporâneo, a igualdade/diferença, as identidades individuais/grupais e o reconhecimento/ redistribuição.

5.2. CIBERFEMINISMO

A juventude contemporânea lida naturalmente com a tecnologia, especialmente com a internet, e estando a frente de todos os grupos geracionais, representa por um lado o “autêntico empoderamento destes grupos de idade, como geradores das condutas inovadoras”⁷⁸ (GIL, 2010, p.88) e por outro implementam “novos padrões de relacionamento, agrupamento e relacionamento social” (GIL, 2010, p.88). Enquanto as gerações anteriores viram nascer o ciberespaço e o percebem como uma cisão entre antigas e novas formas de informação e comunicação, com o surgimento de novas formas de comportamento e relacionamento, para a geração internauta, não há a dimensão de novidade. A

⁷⁸ Todas as citações desta autora são tradução livre do original em espanhol.

internet, é algo dado, compõe seu cotidiano, faz parte da realidade no qual estão inseridos e não lhes causa estranheza.

Os dados da Pesquisa nacional por amostra de domicílios (Pnad) 2008 sobre o acesso à internet e do telefone celular para uso pessoal, reafirma essa interpretação. Segundo a pesquisa, o acesso à internet no Brasil, cresceu 75,3% entre 2005 e 2008. Os dados indicaram que, em 2008, o grupo geracional que mais acessava a internet, eram jovens (62,9%), da faixa etária de 15 a 17 anos, em contraposição as pessoas com mais de 50 anos (11,2%). Entre os motivos elencados para o uso da internet em todas as faixas etárias, a pesquisa identificou que “83,2%, acessaram a rede em 2008, principalmente para se comunicar com outras pessoas”⁷⁹, porém entre os mais velhos, com idade média de 36 anos, o acesso se referia a realização de transações financeiras, bancárias ou relacionadas aos órgãos do governo e autoridades públicas (13,1%).

Como maiores usuários da internet os/as jovens são também os maiores participantes do ativismo via rede ou simplesmente, ciberativismo. De modo que pode-se afirmar que a internet,

é um novo espaço de exercício de cidadania, possibilitando o ciberativismo através de um conjunto de técnicas e tecnologias da informação - telefones móveis *blogs*, correios eletrônicos ou rede sociais -, organizando, mobilizando e liderando comunidades online cujo objetivo é por em marcha processos de ação e de posição social. (ARROYO; COPPOLA; MARTINEZ, 2011, p.12-13)⁸⁰.

Se, para a juventude, estar conectado é uma desconstrução do tempo individual, como foi demonstrado no capítulo anterior, o ciberativismo é uma desconstrução das formas tradicionais de associação de pessoas e grupos. A internet, utilizada como canal de comunicação, potencializa a convocatória para atos e manifestações, que rapidamente ganham milhares de adeptos, ocupando espaços públicos, ruas e praças, por compartilharem uma causa, uma interpretação, uma posição⁸¹.

⁷⁹ A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) 2008 - Acesso à internet e posse de telefone móvel celular para uso pessoal, está disponível em: <[HTTP://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1517&id_pagina=1&titulo=De-2005-para-2008,-acesso-à-internet-aumenta-75,3%->](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1517&id_pagina=1&titulo=De-2005-para-2008,-acesso-à-internet-aumenta-75,3%->). Acesso em: 12 de dezembro de 2011.

⁸⁰ Tradução livre do original em espanhol.

⁸¹ Exemplo dessa forma de associativismo pode ser visto nos protestos no mundo árabe, ocorridos em 2010-2011, denominado de Primavera Árabe. Constituída de protestos contra governos locais e suas formas de poder, convocados através da rede, levaram as ruas milhares de jovens, que se opuseram aos regimes em diferentes países.

Três modalidades de ciberativismo podem ser identificadas de acordo com Vegh (2003). Na primeira delas, nominada de *awareness / advocacy*, a internet é utilizada como:

a) Alternativa aos meios tradicionais de comunicação, para a veiculação de notícias, que são escamoteadas ou apresentadas superficialmente, tornando-se um canal de comunicação veloz e de baixo custo, muito utilizado por movimentos sociais e grupos organizados.

b) Instrumento de aproximação de pessoas de diferentes localidades que, participando de discussões, fóruns, ou visitando páginas na internet, se sensibilizam e envolvam apoiando causas, organizações e protestos *on-line* e *off-line*⁸².

A segunda, denominada pelo autor de organizadora e mobilizadora, caracteriza-se de três formas:

a) Como uma chamada para uma ação *off-line* através do envio de convite por e-mail ou como avisos nos sites, para determinado ato ou manifestação com dia, hora e local previamente definidos.

b) Como chamada para uma ação *off-line* e *on-line* através do envio de e-mails para autoridades como forma de pressão ou para organizações de boicotes a produtos e empresas, que podem se tornar mais eficazes se mobilizar pessoas para a realização de uma ação com o envio de e-mails ou assinatura de manifestos.

c) Como chamada *on-line*, uma ação que só pode ser realizada através da rede como o envio de *spams* para saturar um servidor, ou as que organizam doações de empresas através de um click em um *banner*⁸³.

A terceira, ação / reação, é constituída pela atividade dos *hackers*, que invadem ou congestionam sites, com motivações que giram em torno de questões políticas ou financeiras e que são executadas através da rede.

As características de uma militância através da internet, ou cibermilitância, de acordo com Moraes (2001) se referem à possibilidade que organizações, grupos e movimentos têm de criar formas de ação, gestão e participação diferentes das

⁸² Com esta perspectiva podem ser identificadas as campanhas da Anistia Internacional (<http://www.amnesty.org>), e da Rede Brasil de Direitos Humanos (<http://www.dhnet.org.br>), ambos com o objetivo de acolher denúncias, ampliar ou fortalecer os direitos humanos.

⁸³ Exemplo dessa iniciativa no Brasil, é o Cliquealimentos (<http://www.cliquealimentos.com.br>) que realiza doações, quando o botão, clique e doe, é acionado pelo visitante. Para quem clica não há custo. O valor da doação é pago por uma das empresas parceiras. No caso deste site, a cada click um quilo de alimento é doado por uma das empresas.

tradicionais que não se subjulgam aos mecanismos de seleção e hierarquização próprios das mídias tradicionais. Neste sentido,

Na *web* o valor de uso se obtém de acordo com a relevância de cada conexão, e não pelo potencial de consumo indispensável para a coesão da audiência de massa. O mosaico da *web* reforça assim os campos de resistência à concentração dos meios e permite que as ideias humanistas se expressem no perímetro de um espaço público desterritorializado (MORAES, 2005, p.68)⁸⁴.

Deste modo, o desenvolvimento da militância juvenil, em movimentos sociais ou culturais através da rede, confirma a internet como um fato social, que não pode ser reduzido a um meio de comunicação. Atualmente subjaz a noção de relacionamento social por meio da rede, uma relação entre gerações, culturas e identidades, em que a juventude tem sido precursora e tem indicado os caminhos que a potencializam (GIL, 2010).

As possibilidades de associação temática através da internet, como se vê, são inúmeras e abrangem várias nuances. Como maiores usuários da internet, os/as jovens compõe o conjunto de vozes que vem dando outros significados as formas de associativismo, participação e militância, recriando e criando formas, estratégias e percursos que subvertem as tradicionais. Dentre as possibilidades e apropriação de termos e práticas possíveis de cibernmilitância, desenvolve-se uma militância via rede no campo do feminismo, o ciberfeminismo.

O termo ciberfeminismo não foi amplamente aceito enquanto expressão de uma militância feminista via rede, logo que surgiu. Uma primeira interpretação colocou em evidencia a relação entre gênero e tecnologia, partindo da exclusão das mulheres dos espaços de criação das tecnologias e questionava se o termo não contribuiria para manter as relações sociais de dominação das mulheres (VERDÚ, 2007).

As Tecnologias da Informação e Comunicação relacionam-se

Estreitamente com os últimos movimentos teóricos do feminismo, como é o caso do ciberfeminismo e com a própria práxis feminista na sociedade atual que, sob a diversidade do feminismo, constrói uma comunidade fundamental sustentada no esforço histórico, individual e coletivo, para redefinir a condição da mulher (NÚÑEZ, 2008, p.111)⁸⁵.

⁸⁴ Tradução livre do original em espanhol.

⁸⁵ Tradução livre do original em espanhol.

O Manifesto Ciborgue, escrito por Donna Haraway e publicado em 1985, é considerado um marco na definição do termo ciberfeminismo, embora a própria autora, não o tenha utilizado. No texto a autora argumenta que todos somos ciborgues, pois a oposição entre natureza e cultura ter-se-ia diluído na era da tecnologia, pois o ciborgue “é uma criatura de um mundo pós-gênero” (HARAWAY, 2009, p.38)⁸⁶, e significa “fronteiras transgredidas, potentes fusões e perigosas possibilidades” (HARAWAY, 2009, p.45).

Desta forma acredita que “as feministas-ciborgue têm que argumentar que ‘nós’ não queremos mais nenhuma matriz identitária natural e que nenhuma construção é uma totalidade” (HARAWAY, 2009, p.52).

Dito assim, sem essencialismos que sustentem a existência, todas as formas de opressão entre gêneros podem ser desconstruídas, pois se o ciborgue é construído e, se todos somos ciborgues, tudo o que foi construído em torno da hierarquização e dominação pode ser desfeito. Analisando os efeitos da dominação da informática afirma:

O eu é o Um que não é dominado, que sabe isso por meio do trabalho do outro; o outro é o um que carrega o futuro, que sabe isso por meio da experiência e da dominação, a qual desmente a autonomia do eu. Ser o Um é ser autônomo, ser poderoso, ser Deus; mas ser o Um é ser uma ilusão e, assim, estar envolvido numa dialética de apocalipse com o outro. Por outro lado, ser o outro é ser múltiplo, sem fronteira clara, borrado, insubstancial. Um é muito pouco, mas dois (o outro) é demasiado.

A cultura high-tech contesta de forma intrigante esses dualismos. Não está claro quem faz e quem é feito na relação entre humano e a máquina (HARAWAY, 2009, p.91).

Pode-se afirmar que o manifesto aponta para um novo feminismo, que sendo capaz de reagir à dominação da informática, rompa com as oposições binárias e aceite que a tecnologia, a máquina é uma extensão da vida, da intimidade, do corpo.

Este posicionamento nutre as argumentações de que o ciberfeminismo é uma ruptura com as tradicionais e históricas formas de opressão patriarcais. Mais tarde, em 1996, Sadie Plant apresenta a relação de cumplicidade que historicamente as mulheres mantêm com a tecnologia, indicando que embora essa relação tenha se constituído não é marcada por uma interpretação feminista (MANSO, 2007; WILDING, 2004). Traçando esse percurso histórico, indica que as mulheres já teriam a vivência pressuposta pela internet, de rede e conexão, nos seus ambientes de

⁸⁶ Todas as citações desta autora são tradução livre do original em espanhol.

trabalho de modo que, o ciberfeminismo, seria uma forma própria de articulação feminista (WELLS, 2005).

Em 1991, o grupo VeNus Matrix⁸⁷ (Austrália), se propõe a radicalizar as teses de Haraway, traduzindo-a artisticamente em uma estética subversiva, conhecido como *ciberfeminist body art* e como um vírus cibernético que contagiaria o sistema social e tecnológico centrado no antropocentrismo. Este mesmo grupo lançou o Manifesto Ciberfeminista do século XXI⁸⁸, composto de 100 anti-teses que demarcava aquilo que não poderia ser considerado como ciberfeminismo, como as indicações de que o ciberfeminismo não é moda, não é essencialista, não é uma ideologia, não é chato, entre outras. Apesar de dizerem o que não é, não se posicionaram sobre o que viria a ser o ciberfeminismo. Em setembro de 1997, foi realizado o Primeiro Encontro Internacional ciberfeminista, na Alemanha, promovido pelas *Old boys network* (MANSO, 2007).

O *cybergrrl_ism*, nas versões *webgrrla*, *Riot girrls*, *guerrilla girrls*⁸⁹, dão continuidade ao movimento ciberfeminista *body art*, ironizando e fazendo paródia, através da arte e da interatividade virtual, do racionalismo binário, com a intenção de desestabilizá-lo. Estes movimentos, marcadamente do campo da arte são considerados vetores de invenção e afirmação das mulheres no ambiente tecnológico (WILDING, 2004).

Entretanto, se por um lado o ciberfeminismo “é um movimento com muitas variantes e estratégias, tem como elemento comum a utilização das novas tecnologias para a liberação da mulher”⁹⁰ (VERDÚ, 2007, p.161), por outro

a internet é um espaço genuinamente feminino, ideal para as mulheres porque todos os nós são iguais, não há hierarquias e qualquer, seja homem ou mulher, pode gerar e difundir informação de igual forma, a capacidade dependerá mais de uma boa estratégia e conhecimento da rede que da potencia do mundo virtual (CARIACEDO, 2008, p. 170)⁹¹.

⁸⁷ Grupo australiano fundado por quatro artistas, Josephine Starrs, Julianne Pierde, Francesca Da Rimini e Virginia Barrat. (MANSO, 2007).

⁸⁸ A íntegra do manifesto, lançado pelo grupo VeNus Matrix, está disponível em: <<http://revistes.iec.cat/index.php/lectora/article/view/43012/42963>>.

⁸⁹ A palavra *girl* convertida em *grrl* carrega o sentido de enfado, tédio ou agressividade (WILDING, 2004).

⁹⁰ Tradução livre do original em espanhol.

⁹¹ Todas as citações desta autora são tradução livre do original em espanhol.

De acordo com Verdú (2007) o ciberfeminismo compõe-se de três características: a) uso de computadores e internet em prol das causas feministas; b) ser um movimento que intenciona desmascarar as propostas machistas e patriarcais implicada na rede de computadores, utilizando a internet, para as mulheres, como um lugar amigável e proveitoso; c) criar comunidades onde as mulheres possam ter a liberdade de encontrar-se a si mesmas, e desenvolver sua identidade de modo autônomo da influência patriarcal.

Segundo Wilding (2004) a junção do termo ciber que significa dirigir, governar, controlar, com o vocábulo feminismo que em poucas palavras pode ser definido como um movimento histórico e social em prol da justiça, da liberdade e da defesa dos direitos das mulheres e que depende destas para existir, ao formar a palavra ciberfeminismo, multiplica e potencializa a possibilidade de organização e conquistas do feminismo enquanto movimento e luta.

Porém, na visão da autora deve-se manter a cautela quanto à universalização do termo, pois o acesso a computadores, celulares e internet, não é um direito universal, garantido a todas as mulheres. Deste ponto de vista pode representar, sob o discurso da inclusão tecnológica, o refluxo da luta feminista.

O ativismo ou a militância das mulheres feministas na rede, o ciberfeminismo, abarca múltiplas orientações, ações, formas de reação e pensamento. A internet, segundo Cariacedo (2008) é um veículo que subverte criativamente as práticas feministas, especialmente entre as mulheres jovens, de um modo não registrado pelas diferentes ondas do feminismo, pois

As mulheres jovens têm descoberto os benefícios da tecnologia, a usam para sua formação, para seu ócio, para seu compromisso e militâncias... e com sua participação vão arrancando as camadas de sexismo e de discriminação que ainda permaneciam. Mas, se estão se apoderando dela, estão dominando-a, é tarefa de todos e todas, limpar desse caminho as pedras da desigualdade, para que meninos e meninas compartilhem o futuro com igualdade (CARIACEDO, 2008, p.176).

A autora lembra ainda que a desigualdade de gênero reproduz-se tanto nos sistemas tradicionais quanto na *web* e, diante disto, não se pode perder de vista a superação dos estereótipos de gênero e da violência contra as mulheres nos velhos e novos ambientes. Há várias manifestações sexistas e de violência contra as mulheres em ambiente virtual como o acesso não autorizado a caixa de e-mails, arquivos de documentos, divulgação de fotos e vídeos de caráter privado e sem o

consentimento da mulher, obtenção de senhas por subordinação ou por programas com esse fim. Estes constituem-se, entre outros, como violação do direito a privacidade, bem como a publicação não autorizada de informações pessoais em sites de acesso públicos é considerado como violência do direito a comunicação. Combater e superar as novas formas de violência de gênero manifestas na internet ou “reverter a situação de desigualdade no mundo virtual é um passo imprescindível para o empoderamento das mulheres” (CARIACEDO, 2008, p.170)

Outra singularidade do ciberfeminismo se refere a superação das fronteiras geracionais. O deslocamento do feminismo da militância nas ruas e casas, para os escritórios, em função da elaboração de leis e projetos; para a academia na realização de cursos e eventos e os resultados positivos destas ações; contribuíram para suprimir identificações e a perspectiva de organização com novas gerações de mulheres ; as divisões internas e disputas no interior do movimento feminista; constituindo-se em elementos que distanciam, segundo Arias (2011), as gerações de mulheres feministas.

Porém, a autora vê no ciberfeminismo, uma prática eminentemente formada pelas jovens mulheres revitalizando o campo e incluindo as jovens na militância. Suas propostas de “novas formas de comunicação e ação política a partir do uso das novas tecnologias reivindicando a presença das mulheres também no ciberespaço” (ARIAS, 2011, p.237) representam a vanguarda feminista, “agitando seus sólidos alicerces com a vitalidade dos novos discursos e práticas” (ARIAS, 2011, p.237).

Ao integrarem-se nas várias possibilidades de participação no feminismo através da rede, as jovens desenvolvem uma apropriação simbólica acerca de quem são, identificando-se e sentindo-se parte do seu grupo geracional, de uma concepção de mundo. Além disso, segundo Harcourt (2005) o desafio que se coloca para aquelas que buscam a justiça de gênero se refere a “usar o ciberespaço não apenas como uma ferramenta imediata de capacitação para suas necessidades estratégicas, mas para abrir seu potencial para outras”⁹² (s/p).

⁹² Tradução livre do original em inglês.

No que se refere ao crescente número de usuárias da internet, que tem acesso às discussões feministas, Wilding (2004) afirma que se deve estar atento a “como participam as mulheres na programação, estabelecimento de política e formações do conteúdo da rede, pois a informação que circula nela necessita ser contextualizada tanto pelo receptor quanto pelo emissor” (p.147) já que a rede, sendo marcada pela velocidade da informação e, muitas vezes por um viés androcêntrico, pode ter como efeito o esquecimento da trajetória histórica da luta feminista em cada país.

A autora aponta como características positivas do ciberfeminismo a tentativa de evitar os erros cometidos na história do feminismo como a lesbofobia e o racismo, recomendando que à fluidez, que emerge como marca dos ambientes virtuais, deve ser acrescentada uma posição afirmativa, uma autodefinição como “uma declaração de estratégias, ações e metas. Pode-se criar uma solidariedade no âmbito da diferença – solidariedade que é mais do que uma unidade ou consenso – uma solidariedade que é a base para uma ação política efetiva” (WILDING, 2004, p.148).

A internet tem possibilitado uma forma inovadora de construção da associação de pessoas e grupos, especialmente de jovens, que se traduzem na cibermilitância. O próximo item apresenta um grupo de ciberfeministas brasileiras.

5.3. DIALOGOJ: JOVENS MULHERES NO CIBERESPAÇO

Jovens, mulheres, feministas e internautas. Características de identidade de um grupo, que utiliza um *blog*, como espaço de comunicação, estratégia de aproximação e divulgação de experiências. Representantes da geração internauta socializam informações e concepções de mundo por meio da internet e suas ferramentas, redimensionando as formas de associabilidade com o feminismo. Promover o diálogo, reunir em torno do feminismo, partilhar experiências são singularidades presentes no *Dialogoj*, o *blog* das jovens mulheres feministas.

Blog é uma das ferramentas que possibilitam o acesso à informação, comunicação e associativismo desenvolvidos a partir da internet. É um ambiente que oferece aos jovens uma forma acessível e “a oportunidade de escrever algo e dá-lo a conhecer, assim como compartilhá-lo com os demais. Na juventude há certo ar de ‘exibicionismo sano’ que os *blogs* podem arejar”⁹³ (GÓMEZ, 2011, p.93). Ao veicular na rede um pensamento, uma ideia ou uma produção textual o usuário possibilita uma exposição de si, um dar-se a conhecer, a qualquer pessoa que esteja conectada, multiplicando, as formas de exposição pessoal, e os modos como o conhecimento entre as pessoas se processa. Neste sentido, o *blog* “pode ser uma ferramenta que serve ao jovem para afirmar-se, ganhar confiança em si mesmo e fomentar a autoestima” (GÓMEZ, 2011, p.123).

Mesmo considerando o *blog* como um espaço da internet, do ambiente virtual, a sua existência é dada por uma pessoa, que interage com outras, o que contribui para o complexo processo de tecitura de identidade, de autoimagem, em que os jovens vão, nas trocas que realizam no ambiente virtual, delineando e construindo.

Inicialmente o *blog* tinha como característica ser um diário pessoal, mas, atualmente, podem ser de diversos tipos: individuais (mantendo o sentido de diário pessoal), temáticos (dedicam-se a um tema, assunto ou área, são especializados e dirigidos a um público específico) ou corporativos (utilizados por empresas para comunicação interna ou externa).

Em função dessas modificações, o *blog* pode autorizar que várias pessoas efetuem as entradas, o que é o caso do Dialogoj. Além destes, há blogs destinados exclusivamente para imagens, os *fotologs* ou *fotoblogs*, que são páginas na internet onde se podem publicar e disponibilizar fotos, permitindo comentários dos visitantes. Estes seguem a mesma dinâmica de um *blog*, porém no lugar do texto, usam imagens, muitas vezes como um diário fotográfico⁹⁴.

⁹³ Todas as citações desta autora são tradução livre do original em espanhol.

⁹⁴ Após a ascensão das redes sociais como o Facebook, que possibilitam compartilhar textos, imagens e som, este tipo de sitio da web tem sido cada vez menos popular.

As entradas ou publicações efetuadas no *blog* seja uma nota, um artigo, um texto curto, um vídeo, uma foto, uma imagem são denominadas *posts* ou *postagens*. Cada uma das entradas é antecedida por um cabeçalho, com a data em que foi realizada a postagem, que podem ser visualizadas, uma a uma, a partir de uma organização cronológica, usualmente de forma inversa (podendo ser ao contrário) sendo que, a última postagem é a primeira entrada que aparece ao visitante. Esta organização constrói uma linha temporal, um percurso, a memória das atividades do *blog*.

Gómez (2011) afirma, a partir de um estudo com jovens espanhóis, que o *blog*, por ser na maioria das vezes temático e mais rígido que as redes sociais, é mais maduro. Assim, considera que apesar da explosão de usuários das redes sociais, os *blogs* continuam mantendo-se, entre os jovens, como uma forma de comunicação válida “já que os ‘mais velhos’, entre os e as jovens, preferem aprofundar-se nos temas e não ficar somente na superfície” (p.125).

O Dialogoj foi criado em agosto de 2007, por um grupo de participantes da Semana da Mulher Jovem, realizada em julho de 2007, em São Paulo com a intenção de dar visibilidade a Articulação Nacional de Jovens Feministas tendo em vista a realização da II Conferência Nacional de Políticas Públicas para as Mulheres, realizada no período de 17 a 21 de agosto de 2007, em Brasília.

O *blog* é formado por quatro abas e um box no alto da página. As abas são denominadas “início”, “trabalho em rede”, “imagens e momentos” e “documentos importantes”. O box “pesquisar” possibilita a navegação a partir de um sistema de busca. Logo abaixo se lê “Blog da Articulação nacional de Jovens Feministas”. Em seguida, um *banner* com fotos em que está escrito “Dialogoj Jovem uma agência de notícia Jovem e feminista”. À direita da página há dez boxes (ou barras laterais) que assumem diferentes funções e estão disponíveis quando qualquer uma das abas é acionada. À esquerda e abaixo do *banner* fica disponível o último *post* realizado pelo grupo. As abas e o *banner* ficam sempre disponíveis, mesmo quando qualquer barra lateral ou conteúdo das abas seja acessado.

Figura 5: *Layout do blog*

Fonte: Dialogoj.

O acesso às abas pode ser feito tanto pela parte superior da página, quanto pelas barras laterais e, para o acesso das imagens, o blog disponibiliza três formas: a) pela aba no *menu* inicial Imagens e Momentos; b) pelo box Momentos Jovens Feministas - Fotos e c) pelo *link* Álbum de fotos da Articulação Brasileira de Jovens Feministas (ABJF).

Ao clicar na aba “Início” surgem os seis últimos *posts* que se alteram na medida em que as jovens alimentam o *blog*. A primeira postagem foi realizada em 17 de agosto de 2007, sob o título “Rumo a Conferência Nacional”, assinada por Dialogoj e se refere à participação de jovens feministas na II Conferência Nacional de Políticas Públicas para as Mulheres. Nesta entrada anuncia que jovens mulheres, integrantes da equipe de mídia do grupo, têm como objetivo “realizar textos diferenciados – a partir de uma perspectiva juvenil e feminista”⁹⁵.

⁹⁵ Acesso em 20 de outubro de 2008.

A frequência das postagens está relacionada à participação das jovens em eventos feministas de qualquer natureza, incluindo eventos culturais como exposições fotográficas e lançamento de livros; notícias de grande repercussão nacional ou internacional sobre conquistas ou violação dos direitos das mulheres (incluindo questões de raça, orientação da sexualidade e aborto) de diversas fontes jornalísticas ou de outras organizações de jovens feministas.

Assim, há meses em que foi realizada apenas uma postagem e outros compostos onde há várias entradas. Deste modo há *posts* em três meses de 2007, dez meses de 2008, onze meses de 2009, sete meses de 2010 e um mês de 2011.

Ao abrir a aba trabalho em rede, pode-se ler a afirmação que “As jovens feministas brasileiras também estão conectadas com o que ocorre na América Latina” e obter breves informações sobre a participação de jovens mulheres, brasileiras e de países da América Latina e do Caribe em encontros, conferências, cursos e outras atividades de cunho feminista. Entre as atividades destacam a X Conferência da Mulher da Cepal, para o qual criaram duas estratégias de atuação: a) “Panfletagem de frases de efeito para todas as pessoas participantes” e, b) “trabalho de incidência junto às delegações dos países, dialogando sobre os pontos de políticas públicas chaves das mulheres jovens”. Nesta aba disponibilizam dois documentos em espanhol intitulados: “Políticas Públicas y mujeres jóvenes: puntos a considerar” e “panfletagem”. O primeiro consta também dos documentos importantes com versão em português.

Na aba “documentos importantes” pode-se ter acesso a: a) documento produzido pelas jovens e intitulado “Posicionamento Político da Articulação Brasileira de Jovens Feministas” sobre as eleições do CONJUVE 2009; b) ao II Plano Nacional de Políticas para as Mulheres⁹⁶, documento que contou com a representação da Articulação Brasileira de Jovens Feministas (ABJF)⁹⁷ na sua elaboração; c) pelos discursos do então presidente Luis Inácio Lula da Silva, da ministra da SNPM - Secretaria Nacional da presidência da República Nilcéia Freire e da diretora do UNIFEM - Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher Ana Falú,

⁹⁶ Arquivo em pdf com a publicação oficial da Presidência da República.

⁹⁷ No parágrafo que convida a leitura do documento, informam que a elaboração do plano “contou com a participação de uma jovem feminista, Chindalena Barbosa, na equipe de relatoria, representando a Articulação Brasileira de Jovens Feministas” destacando como efeito desta atuação, que “Um dos novos eixos do plano foi o enfrentamento das desigualdades geracionais, construído por Jovens Feministas”. Na publicação seu nome consta entre as convidadas que contribuíram para a elaboração do documento (II PNPM, 2008, p.203).

na abertura da II Conferência Nacional para as Mulheres em 2007; d) pelos textos que compuseram a X Conferência da Cepal - Comissão Econômica para América Latina e Caribe, em 2007, a Declaração das Redes Feministas, a Declaração dos países: Consenso de Quito (espanhol) e pelo Estudo sobre as Mulheres da América latina e do Caribe.

O primeiro box, “Quem somos”, faz um breve histórico da criação do *blog*. Nos primeiros meses de funcionamento do blog o texto iniciava, informando que o “Dialogoj é o blog da Articulação Brasileira de Jovens Feministas e foi pensado durante a Semana da Mulher Jovem com a proposta de visibilizar suas ações, propostas e ideias”⁹⁸.

Este trecho foi reformulado em meados de 2009, para: “O Blog Diálogo Jovem foi pensado durante a Semana da Mulher Jovem com a proposta de visibilizar a Articulação Brasileira de Jovens Feministas”⁹⁹. Embora tenham substituído a sigla Dialogoj por Diálogo Jovem, o primeiro termo continuou sendo utilizado nas postagens.

Nos dois momentos o *blog* foi definindo como uma “uma agência de notícia que pretende trazer todas as novidades da Articulação Brasileira de Jovens Feministas, suas ações, propostas e ideias”¹⁰⁰.

Dois boxes dão acesso às postagens. No box “Categorias” os *posts* são acessados a partir da classificação: Artigos, Notícias, Releases e Textos em espanhol. Logo abaixo, o box “Arquivos” viabiliza o acesso de todas as postagens em pastas, classificadas por mês/ano, iniciando em agosto de 2007. Apesar de serem duas formas de acesso, somente na classificação por data, encontram-se todas as postagens.

No quarto box “Estatísticas” é informado o número de acessos que foram realizados no *blog* e são atualizados instantaneamente a cada visita. No período em que a pesquisa foi encerrada contava com 139.123 acessos. No quinto box “Momentos Jovens Feministas” disponibiliza-se através da palavra “fotos”, acesso ao álbum virtual. O sexto box “Sites Interessantes” disponibiliza uma lista de *links* de organizações e instituições relacionados a juventude e a mulher, além do aceso ao Álbum de Fotos da *Articulação Brasileira de Jovens Feministas (ABJF)*.

⁹⁸ Acesso em 20 de outubro de 2008.

⁹⁹ Acesso em 15 de janeiro de 2009.

¹⁰⁰ Até o momento do encerramento da pesquisa este texto não havia sido alterado.

O sétimo box “Páginas” possibilita o acesso as três abas que aparecem no alto da página: Documentos Importantes, Imagens e Momentos e Trabalho em rede. No oitavo box ‘Créditos’ há os nomes Camila Galdino, Latoya Guimarães e Ana Lúcia seguidos respectivamente de e-mail. O nono box “Pesquisar” disponibiliza uma ferramenta de busca. No último box “Apoios” há o *banner* da UNFPA¹⁰¹.

5.4. ARTICULAÇÃO BRASILEIRA DE JOVENS FEMINISTAS

As jovens do Dialogoj utilizaram a nomenclatura Articulação Brasileira de Jovens Feministas pela primeira vez no *post* de 02 de fevereiro de 2008 intitulado: I Encontro Nacional de Jovens Feministas! Nova data, mesmo local!. Nos *posts* anteriores identificavam-se como jovens feministas assumindo a tarefa de ocupar um lugar na rede e veicular informações do campo do feminismo sem fazer referência a uma forma de organização mais estruturada. Ao empregar o termo, anunciam uma formalização em torno de sua atividade e a formulação da noção de que não bastava informar, servir de veículo, mas era necessário articular, reunir, estabelecer-se como um canal de comunicação entre as jovens e o campo do feminismo.

Após oito meses de funcionamento do *blog*, no *post*, de 27 de abril de 2008, intitulado Resultados do Encontro e assinado por Dialogoj, encontra-se o documento denominado Carta de Princípios da Articulação Brasileira de Jovens Feministas¹⁰², aprovado em 15 de março de 2008, em Maracanaú, Ceará, por ocasião da realização do I Encontro Nacional de Jovens Feministas e no qual se pode localizar os motivos que levaram a formação do grupo. Na carta informam que a organização das jovens surgiu “a partir da percepção de que as mulheres jovens possuem especificidades que devem ser visibilizadas nos movimentos feministas e de juventudes”. Em função desta percepção assumem o “compromisso com as lutas feministas, incorporando e defendendo as bandeiras de luta dos feminismos que compõem o movimento feminista”, bem como a tarefa de “dar visibilidade a pauta das mulheres jovens nos movimentos feministas e nos movimentos de juventudes”.

¹⁰¹ Fundo de População das Nações Unidas.

¹⁰² Anexo 1 e disponível em: <<http://dialogoj.files.wordpress.com/2008/04/carta-de-principios-de-articulacao-brasileira-de-jovens-feministas.pdf>>. Acesso em 20 de outubro de 2009.

A motivação e os compromissos assumidos na carta demarcam duas condições: pertencer a um gênero e a uma geração, que articuladas, sustenta o lugar de onde falam: são mulheres e jovens. Reconhecendo-se como tais, localizam particularidades que não são contempladas quando considerados separadamente, indicando que nem o feminismo inclui as peculiaridades das mulheres jovens, nem o campo da juventude evidenciava as questões da jovem mulher.

Localizar contradições em cada um dos campos, feminismo e juventude, aponta para a tecitura de uma aguda interpretação sobre a condição de ser jovem e mulher, e de ser mulher e jovem. Não se trata apenas de um trocadilho, de alternância de identidades, mas de concepções sobre o lugar que ocupam em cada uma das esferas que revela a identificação do não reconhecimento.

No que se refere a condição como mulher e jovem indicam as dificuldades do feminismo de integrar as novas gerações, de partilhar as conquistas ou dificuldades do movimento, com as mais jovens, de formar uma nova geração de feministas e uma disposição para intervir e ultrapassar fronteiras geracionais.

Declaram-se feministas mesmo que tenham a chance de não ser reconhecidas como tal por serem jovens, denunciando e enfrentando a ausência da transmissão geracional no interior do movimento feminista, dispondo-se a inserir-se no campo do feminismo e identificando-se como feministas, a despeito do que as feministas adultas possam dizer sobre elas. Possivelmente pela ausência de reconhecimento do movimento feminista adulto das suas demandas enquanto jovens, da falta de lugar de voz e voto, articulam-se enquanto jovens mulheres na Articulação Brasileira de Jovens Feministas (ABJF).

No que se refere a condição de ser jovem e mulher, enfrentam o sexismo no interior da organização da juventude brasileira formalmente. No *post* de 20 de outubro de 2009, convocam as jovens para participar das eleições do conselho, afirmando que “este é um espaço que carece de intervenção feminista para a garantia dos direitos humanos das jovens mulheres” e avaliam o Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE), através do documento Posicionamento Político da Articulação Brasileira de Jovens Feministas sobre as eleições do CONJUVE 2009¹⁰³.

No documento denunciam a presença de uma estruturação androcêntrica, sexista e geracional no conselho:

¹⁰³ Anexo 2 e disponível em: <<http://dialogoj.files.wordpress.com/2007/08/posiciona.pdf>>. Acesso em 12 de novembro de 2009.

Alertamos que as políticas públicas de juventude no Brasil tem se orientado por uma perspectiva universalista que desconsidera as particularidades das jovens mulheres e tem contribuído para agravar e aprofundar as desigualdades de gênero, principalmente entre gerações.

Em sintonia com o discurso feminista que recusa a universalidade do sujeito, a invisibilidade e universalidade da mulher, assumem a atitude de denúncia e provocação dos seus pares, para as práticas de segregação com base na distinção de sexo. O alerta é acompanhado de uma exigência:

Reivindicamos uma política pública de juventude que considere e reconheça as jovens mulheres como sujeitos pensantes, propositoras e parceiras na implementação de políticas públicas que contribuam para o enfrentamento da situação de extrema vulnerabilidade em que vivem as jovens mulheres no Brasil.

A posição das jovens é enfática. Não pedem, não lembram. Reivindicam o reconhecimento da mulher no movimento de organização da juventude e recusam a posição passiva e alienada das discussões políticas. Exigem o lugar da formulação, da decisão e do encaminhamento, da realização das alterações sociais que por ventura venham a ser realizadas ou resultem das políticas públicas destinadas a juventude. Subjaz a essa crítica contundente a análise acerca das relações de opressão baseadas na distinção de sexo, como construções sociais que promoveriam historicamente relações de hierarquia e dominação entre homens e mulheres e que estão presentes nas esferas de representação juvenil, do Conselho Nacional de Juventude.

O reconhecimento das situações de incongruência e contradição interna aos dois campos, na Carta de Princípios possivelmente as conduziu a delimitar o caráter de sua organização recusando formas de segregação e vinculando-se a uma concepção democrática radical:

A Articulação Brasileira de Jovens Feministas é uma rede constituída por mulheres jovens independentes, de organizações e movimentos: negras, lésbicas, indígenas, quilombolas, rurais, da periferia, sindicalistas e de populações tradicionais e provenientes de diferentes regiões do Brasil.

Tem um caráter democrático, suprapartidário, anti-capitalista, anti-racista, antipatriarcal, anti-lesbofóbico, não sexista, não adultocêntrico, não confessional, não hierárquico e não governamental. Surge a partir da percepção de que as mulheres jovens possuem especificidades que devem ser visibilizadas nos movimentos feministas e de juventudes.

Ao atribuir o caráter de rede à Articulação Brasileira de Jovens Feministas (ABJF), as jovens revelam o vínculo a uma forma de ativismo político e de empoderamento que se opõem a centralização e hierarquização das relações. A rede é uma característica das contemporâneas organizações da sociedade civil, institucionalizadas ou não e das grandes mobilizações da esfera pública que reúne tanto organizações, quanto movimentos sociais e simpatizantes em torno de uma demanda que exige pressão política e visibilidade, e se utilizam da internet como forma de mediação entre os participantes (SCHERER-WARREN, 2006; SOUSA, 2004).

A rede também pressupõe a pluralidade, o que converge com o perfil das jovens que constitui a Articulação Brasileira de Jovens Feministas (ABJF), independentes, ou vinculadas a algum tipo de organização, de todas as raças, orientações sexuais, local de moradia ou origem. Esta marca estende-se até a afirmação de seu caráter democrático e suprapartidário e não confessional, demarcando como requisito da organização, um grau de independência mesmo que, individualmente ou pessoalmente, estejam relacionadas a orientações políticas e partidárias, que não compõem a base das jovens enquanto grupo.

Ser uma rede é também estar disposto a tecer, a ser tecido, a entretecer. É inverter as lógicas de quem ensina e quem aprende. É colocar-se noutra lugar, o de quem pode assumir a condição de aprendiz ou de quem ensina, de acordo com as especificidades do que está sendo tratado ou desenvolvido. Colocar-se como rede é assumir um dispor-se a trabalhar com o diferente, com o singular e com aquilo que está por vir, pois no ato de tecer, ser tecido e entretecer, o por vir é uma condição primeira já que não se pode supor um ponto de chegada, um fim.

Ao nomear-se como anticapitalista e não governamental, parecem indicar o vínculo aos movimentos antiglobalização¹⁰⁴ que recusam o poder econômico, gestado no processo de globalização e suas alianças com o poder instituído que autoriza formas de exploração de suas riquezas, pessoas e solo, bem como a reivindicação de uma forma de gestão que parta do princípio da mobilização e participação popular. Neste sentido, recusam a noção de poder centralizado e externo, impermeável às demandas populares ou as que não atentam para os efeitos negativos ou perversos sobre as populações.

¹⁰⁴ Sobre a relação entre juventude e movimentos antiglobalização consultar Sousa (2004).

Além disso, as jovens assumem a recusa a qualquer tipo de preconceito oriundo de uma hierarquização baseada no sexo, raça ou orientação sexual ao dizerem-se uma rede antirracista, antipatriarcal, antilesbofóbica e não sexista. Além disso, opõem-se ao poder que se origina de um pressuposto etário, quando se nomeiam como não adultocêntrico, marcando posição enquanto grupo geracional que avalia o que está posto, atribuindo novos sentidos ou os mantém. Se inscrevem no mundo adulto como sujeitos históricos, recusando o lugar da transitoriedade da juventude atribuído ao jovem.

Reafirmando a busca pela igualdade entre homens e mulheres e a igualdade entre as mulheres, afirmam na Carta de Princípios que a Articulação Brasileira de Jovens Feministas (ABJF)

Constitui-se como espaço importante de diálogo e empoderamento das mulheres jovens, sobretudo o fortalecimento à participação política e cidadã, defesa dos direitos humanos e dos direitos sexuais e reprodutivos como direitos humanos, reafirmando acordos e tratados ratificados pelo Brasil.

As participantes da Articulação Brasileira de Jovens Feministas (ABJF) tem uma posição definida. São jovens. Querem ser reconhecidas como grupo geracional, com potencialidade para contribuir na construção de uma sociedade solidária e que respeite as diferenças, como singularidades, sem transformá-las em desigualdades. Assumem para si a tarefa de lutar contra as injustiças de gênero. Neste sentido, parecem atender ao que Fraser (2007) denomina como elementos que constituem a terceira fase da segunda onda do feminismo.

Segundo a autora, da posição de desafio das estruturas e da atenção dos problemas da distribuição após a Segunda Guerra Mundial, o feminismo aproximou-se do debate sobre a cultura e a política de identidade, reinventando-se como política de reconhecimento, para na terceira fase associar redistribuição, reconhecimento e representação. Isto significa assumir uma posição de oposição ao poder do neoliberalismo, de Estados, empresas, organizações, investidores, credores, especuladores econômicos e todos os tipos de corporações transnacionais. Afirmando que as demandas feministas estão contemporaneamente alinhando redistribuição, reconhecimento à práticas contestatórias que contribuem para alterar esse quadro e conduzindo a interpretação de que é necessário realizar ações globais contra a produção transnacionalizada.

O realinhamento do feminismo, nestes termos, articula uma nova fase, que por sua vez realinha a justiça de gênero, onde a “preocupação maior é com o desafio às injustiças - interligadas - de má distribuição e não reconhecimento. Acima e além dessas formas de injustiça, feministas estão mirando uma meta-injustiça” (FRASER, 2007, p.304).

Neste sentido, a Carta de Princípios da Articulação Brasileira de Jovens Feministas, que em uma leitura rápida pode parecer uma lista de oposições sem um fio condutor, na verdade constitui um conjunto de interpretações que relaciona diferentes formas de opressão e segregação, perfiladas com o novo feminismo ao listarem como primeira diretriz a:

Garantia dos direitos humanos das mulheres jovens, buscando a eliminação das desigualdades geracionais, de gênero, classe, raça/etnia, de orientação afetivo-sexual, de diversidade religiosa e de pessoas com deficiência e regionalidades.

Um ano depois do lançamento da carta, a logo do grupo é utilizada pela primeira vez no blog, compondo o cabeçalho do documento Posicionamento Político da Articulação Brasileira de Jovens Feministas sobre as eleições do CONJUVE 2009, postado em 20 de outubro de 2009:

Figura 6: Logo da Articulação Brasileira de Jovens Feministas



Fonte: Dialogoj.

A logo é formada por quatro bonecas, tendo a sigla da Articulação Brasileira de Jovens Feministas (ABJF) no centro e a direita da imagem, o nome por extenso destacando, com letra maior, as palavras Jovens Feministas. Cada boneca recebeu uma cor diferente e sua disposição compõe um círculo, em torno da sigla. O encontro dos braços das bonecas constrói um losango. Um retângulo pode ser identificado a partir das extremidades da logo incluindo os elementos textuais.

Por um lado, a imagem faz alusão à bandeira brasileira, a partir das figuras geométricas utilizadas círculo, losango e retângulo, os mesmos elementos que compõem a bandeira do Brasil. Estes, utilizados numa disposição diferente, parecem indicar a necessidade de reordenamento da sociedade brasileira, no que se refere a reconhecer os direitos dos jovens e das mulheres. Por outro, a imagem indica a ideia de pluralidade e diversidade, como elemento constituinte do grupo, parecendo lembrar que qualquer mulher, independente de qualquer singularidade, pode vir a se associar ao grupo. Porém, o nome por extenso, anuncia os vínculos que unem em primeira instância suas participantes: jovens, feministas e brasileiras.

O *post* de 17 de dezembro de 2009, intitulado Jovens feministas intervindo nas políticas públicas, apresenta como resultado das ações do grupo, especificamente no sentido de incluir as especificidades das jovens mulheres no Conselho Nacional de Juventude, a eleição de jovens feministas para ocupar duas cadeiras no conselho, no biênio 2011 – 2012. A postagem destaca que as representantes terão como “desafio assegurar a incorporação das dimensões de gênero nas políticas de juventude com especial atenção as resoluções da I Conferência Nacional de Juventude”¹⁰⁵. Para isso resgatam a 11ª prioridade da primeira conferência¹⁰⁶, que se refere a implementação de políticas públicas de promoção dos direitos sexuais e reprodutivos das jovens mulheres “garantindo mecanismos que evitem mortes maternas, aplicando a lei de planejamento familiar, garantindo o acesso a métodos contraceptivos e a legalização do aborto”¹⁰⁷.

¹⁰⁵ *Post* disponível em: < <http://dialogoj.wordpress.com/2009/12/17/847/>>. Acesso em 13 de fevereiro de 2010.

¹⁰⁶ A lista com as 22 prioridades podem ser acessadas em: <[http://secretariageral.gov.br/Juventude/marcos-da-politica-nacional-de-juventude/1a Conf_22Prioridades.pdf](http://secretariageral.gov.br/Juventude/marcos-da-politica-nacional-de-juventude/1a%20Conf_22Prioridades.pdf)>.

¹⁰⁷ Anexo 3.

Neste sentido, pode-se afirmar que o grupo assume o compromisso de, ao mesmo tempo em que contesta as injustiças de gênero, promover um deslocamento no instituído, afirmando o papel das jovens mulheres na construção da justiça social.

5.5. CONSTITUINDO-SE INTERNAUTAS FEMINISTAS

Ao utilizar um *blog* como estratégia de aproximação e comunicação entre jovens mulheres brasileiras identificadas com o feminismo e, ao mesmo tempo, como espaço de divulgação das experiências em eventos feministas, as representantes da geração internauta, que gerenciam o Dialogoj, mantiveram o *layout* da página sem alterações desde sua abertura, com exceção do *banner*.

O *banner* é uma espécie de cartaz na internet em geral constituído de elementos gráficos, com formato alongado horizontal ou verticalmente, que podem ou não ter movimento e com fins publicitários¹⁰⁸. No *blog* ocupa a parte superior do *menu* inicial, constituindo-se num espaço importante já que ao acessar o blog, o *banner* é a primeira imagem que o visitante tem acesso.

Assumindo tamanha importância vale lembrar que a imagem produz sentidos, sentidos de realidade, pois “não há SE ou TALVEZ na imagem. A imagem É”¹⁰⁹ (NOVAES, 2008, p. 460). Neste sentido, pode-se afirmar que as imagens são signos “que pretendem completar identidade com a coisa representada, como se não fossem signos. Iludem-nos em sua aparência de naturalidade e transparência, a qual esconde os inúmeros mecanismos de representação de que resultam” (NOVAES, 2008, p. 456).

¹⁰⁸ Na internet, os *banners* constituem-se em anúncios, que da mesma forma que os veiculados na mídia impressa tem o objetivo de atrair o consumidor para seu produto ou divulgar uma mensagem, permitindo que o usuário obtenha informações do produto a partir de um clique. Uma interpretação mais completa sobre o assunto pode ser encontrado em BRANDÃO, Eduardo Rangel. *Publicidade online, ergonomia e usabilidade: o efeito de seis tipos de banner no processo humano de visualização do formato do anúncio na tela do computador e de lembrança da sua mensagem*. 2006. 230 f. Dissertação (Mestrado em Design) - Departamento de Artes & Design, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2006.

¹⁰⁹ Grifos do autor.

De acordo Weller e Bassalo (2011) a imagem “não representa a realidade plasmada em uma superfície amorfa, mas é constituída e produzida pela realidade social, que é mediadora entre o sujeito que a produz e aquele a quem se destina” (p.286). Logo, o *banner*, como imagem primeira de um blog, é produto e produtor de sentidos, representa intenções, interesses e mobiliza outros.

As jovens internautas parecem estar atentas à importância da produção de sentidos que a imagem da página inicial provocaria nos visitantes do Dialogoj, uma vez que no período entre 2007 e 2009 realizaram três alterações no *banner* do *blog*.

Na fase inicial de criação do *blog* até meados de 2008, utilizaram a seguinte imagem:

Figura 7 - *Banner* 1



Fonte: Dialogoj

O primeiro *banner* é uma ilustração que toma como base um grupo de jovens mulheres organizadas em três fileiras. Quatro personagens estão à frente do grupo e são coloridas, enquanto que as que estão atrás são cópias destas, em marrom ou preto. As que estão atrás estão posicionadas na ordem inversa, ou seja, atrás de cada uma das personagens há uma cópia da que está no lado oposto, a partir das extremidades. Embora a imagem seja colorida, há uma predominância de tons de rosa.

As personagens representam um grupo geracional, a juventude, o que pode ser identificado pelas roupas e adereços com estilos juvenis, e a tatuagem em uma delas. Além disso, são jovens mulheres que estão envolvidas com a realização de diferentes atividades, já que cada uma delas segura algo. Da esquerda para a direita pode-se identificar uma flor, um bloco de anotações, uma fita k-7, uma lata de spray e um pequeno rolo de pintura, dando indícios de que tem habilidades e papéis distintos na organização.

Abaixo delas e atravessando a imagem, há uma faixa, em forma de arco, onde se lê “Articulação Brasileira de Jovens Feministas” que circunscreve o vínculo entre as personagens, são jovens mulheres brasileiras que se identificam com o feminismo e propõe a reunião de jovens mulheres brasileiras em torno do feminismo.

Ao colocar personagens lado a lado, a imagem aponta para a noção de paridade e de igualdade na diferença. Isto está demonstrado pela referência a diferentes grupos étnicos, demarcados por personagens de cor/raça negra, branca, indígena (ou branca de cabelos escuros) e asiática, e a diferentes orientações sexuais, delineado pela personagem que usa uma camiseta com o símbolo do movimento GLBTT (Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros), o arco íris.

O princípio da democracia também é revelado pelo fato de que atrás de cada personagem, há outra diferente, indicando que a participação não está condicionada a uma hierarquização a partir de um determinado condicionante. Neste sentido, a imagem parece indicar a compreensão de que o *blog* é um espaço aberto tanto àquelas jovens cujos vínculos estão claros e definidos, quanto as que ainda querem conhecer, se aproximar do feminismo.

Ao mesmo tempo, a profusão de cores utilizadas na imagem, parece reconhecer a multiplicidade como característica das jovens mulheres, indicando que a diversidade ao invés de ser um problema é um elemento de agregação. Logo, este *banner* comunica que qualquer jovem, independente de sua origem ou singularidade, pode fazer parte do grupo, e convida a aproximação ou participação do feminismo em ambiente *online*.

Utilizada como *banner* a imagem documenta, no sentido mannheimiano, a ação prática, que neste caso parte da prerrogativa de não discriminar ou negar o direito de participação a qualquer jovem mulher, garantindo que na aproximação com a ABJF - Articulação Brasileira de Jovens Feministas terá voz e voto e, sua atuação não será subjulgada.

Em meados de 2009, as jovens substituem a imagem pelo seguinte *banner*:

Figura 8 - *Banner 2*



Fonte: *Dialogoj*

Neste *banner* a profusão de cores utilizadas no anterior desaparece, bem como são apagados indícios que personalizem o grupo. Nesta versão, uma simulação de uma pintura com estêncil, duas cores, branco e lilás, são utilizadas para grafar, em letras maiúsculas, diálogo jovem. Na palavra jovem, a segunda letra é substituída pelo símbolo da mulher e no meio deste foi colocado um punho cerrado.

Ao escolher a cor lilás para destacar as duas palavras, diálogo jovem, as jovens internautas fazem uso de uma simbolização feminista que substituiu gradativamente a cor vermelha pelo lilás¹¹⁰ como distinção e singularidade da militância feminista.

¹¹⁰ Há diferentes versões para a adoção da cor lilás pelo movimento feminista que inclui a recusa do vermelho como símbolo dos partidos comunistas, que na década de 60, não adotavam a expressão “libertação da mulher” e não apoiavam as reivindicações próprias das mulheres; a mistura em proporções iguais das cores vermelho e azul, simbolizando a igualdade de gênero; e por fim a que considera o uso pelas sufragistas inglesas em 1908 que a utilizavam como símbolo da nobreza.

O punho cerrado é um símbolo utilizado por diferentes grupos e contém a conotação de garra, de coragem, de disposição para a luta que supere desigualdades. Uma utilização emblemática desse símbolo foi realizada pelo atleta Tommie Smith, nos jogos olímpicos realizados no México em 1968, que protestou contra o racismo, ao subir ao pódio descalço e com o braço direito levantado com o punho cerrado¹¹¹.

No *Dialogoj*, ocupando o lugar da segunda letra da palavra jovem, o punho cerrado parece revelar a disposição que move as jovens internautas: propor e manter um *blog* com o objetivo principal de promover a socialização das ideias, atividades e propostas da Articulação Brasileira de Jovens Feministas, de reunir jovens mulheres em torno do feminismo tendo em vista a superação das desigualdades sociais e das injustiças de gênero. Assim, parece assumir o sentido de enfrentamento, de luta e organização, ao mesmo tempo em que afirma o feminismo.

O *banner* informa o lugar de onde falam, são feministas, jovens e estão dispostas a contribuir na luta em prol da construção de uma sociedade igualitária e justa. Entretanto, esta imagem foi utilizada pelo menor período, pois no final deste mesmo ano, 2009, foi substituída por outra. No final deste ano, o terceiro *banner* foi adotado como imagem do *menu* inicial, sendo utilizado até o momento de encerramento da pesquisa em agosto de 2011¹¹².

¹¹¹ De acordo com matéria intitulada “Tommie Smith, lenda do atletismo” disponível em: <<http://globoesporte.com/esportes/noticias/atletismo/0>>. Acesso em: 12 de janeiro de 2012.

¹¹² O acompanhamento do *blog* nos anos de 2008 a 2011 foi realizado semanalmente, salvando os arquivos de imagens e textos que eram postados.

Figura 9 - *Banner 3*

Fonte: *Dialogoj*

Neste *banner*, a utilização de fotos surge como uma singularidade em relação aos outros. A imagem é composta por três fotos. A primeira é composta por três jovens mulheres negras, em pé, em um ambiente aberto. Na segunda, duas jovens mulheres caminham, sendo que na camiseta de uma delas podem-se ler fragmentos da frase jovens feministas e, a outra leva pendurado junto ao corpo uma placa com a expressão em espanhol “*derecho de decidir*”. Ao lado e atrás delas, outras mulheres também caminham. A terceira foto é composta por sete jovens mulheres em frente a um *sex shop* e, cada uma delas posa de um modo diferente.

Ocupando toda a extensão da foto, pode-se ler a frase: Diálogo Jovem Uma agência de notícia jovem e feminista.

A utilização de fotos, na figura 15, parece adotar um registro imagético objetivo, que aproxima e promove identificação dos visitantes do *blog*, num processo de materialização de si, pois “a imagem, especialmente a fotografia, tem o poder de trazer de volta o ausente, o distante, de materializar aos olhos o que não está materialmente ao alcance das mãos” (WELLER; BASSALO, 2011, p. 286).

A fotografia, ao registrar o que está à frente das lentes do fotógrafo, ao capturar uma fração da vida, de acordo com Novaes (2008), porta uma dimensão de credibilidade que não se encontra em nenhum outro tipo de obra pictórica. As jovens internautas parecem estar atentas a essa dimensão da narrativa visual, o que é reforçado pelas duas primeiras fotos que compõem os álbuns do grupo e onde podem ser identificados os eventos feministas que tomaram parte.

A terceira foto, contudo assume outro sentido: a recusa do controle da sexualidade. Ao se posicionarem em diferentes poses diante de um *sex shop* as jovens parecem anunciar uma reflexão sobre a sexualidade da mulher e recusam a tutela dos adultos, da igreja, do estado sobre sua sexualidade. Rejeitam o controle sobre os corpos e a sexualidade da mulher e repudiam as estratégias de moldar e adequar o desejo a um padrão instituído.

Neste sentido, pode-se afirmar que as jovens recusam estereótipos ou a “construção de significados sobre ser homem e mulher através de discursos e práticas que informam aos sujeitos modos de ser, normalizando papéis e produzindo estereótipos de masculino e feminino” (BASSALO, 2010, p.146).

Com esta foto mostram ter desenvolvido uma percepção da identidade feminina e da noção de feminilidade que ultrapassa valores e códigos originados na opressão sexista e que se reflete numa análise binária e assimétrica acerca do corpo da mulher. Desta forma anunciam pertencer a uma geração que assume o desejo, a autonomia e a liberdade como elementos que embasam a vida das jovens mulheres.

Com o uso deste *banner*, identificam-se como mulheres, superando a definição de meninas, mensagem subliminar do primeiro *banner*, revelando um amadurecimento e desenvolvimento de uma racionalização acerca da normatização do corpo da mulher e sobre como querem ser vistas por outros internautas.

Ao mesmo tempo o *blog* tem seu papel melhor delineado, pois embora seja o *blog* da ABJF - Articulação Brasileira de Jovens Feministas, a organização não é o *blog*. Por sua vez o *blog* não é apenas o diálogo entre jovens mulheres, é uma agência de notícias feminista coordenada por jovens internautas.

A utilização de fotos neste *banner* parece, por um lado, anunciar as possibilidades de participação na militância feminista que ultrapassam as dimensões do mundo virtual e, por outro, possibilitar uma maior identificação, um espelho no qual, outras jovens mulheres, possam se ver e se pensar como participantes das atividades feministas.

Assim, através da substituição dos *banners* pode-se identificar o amadurecimento da relação que as jovens mulheres estabelecem com o feminismo, e com o próprio ambiente virtual, pois ao utilizar fotos, integram o virtual e o presencial desenhando uma participação no feminismo através da internet, uma cibermilitância. Promovem ainda apropriações simbólicas de quem são: jovens, mulheres, feministas e internautas.

VI - TECENDO UM LUGAR NO MOVIMENTO FEMINISTA

Mulheres de todas as idades sempre estiveram lado a lado na organização do movimento feminista. Diferenças geracionais não faziam parte da reflexão da militância feminista, já que o foco das ações era a mulher, independente ser adulta ou jovem.

Em meados da primeira década do século XXI, a ação de ampliar a participação de jovens mulheres no campo do feminismo enquanto teoria e prática política e, de articular nacionalmente tanto grupos de jovens feministas organizados, quanto jovens feministas independentes em torno da justiça de gênero foi idealizada pelo grupo de Jovens Feministas de São Paulo¹¹³, com a realização, em julho de 2007, da Semana da Mulher Jovem em São Paulo.

Reunir jovens mulheres em torno do feminismo implica em pautar olhares de um grupo geracional, a juventude, que podem ou não estar em consonância com o que o movimento feminista, com suas conquistas e perdas, vêm desenhando ao longo da história de sua organização. Inscrever-se, no movimento a partir de uma identidade primeira, ser jovem, anuncia uma nova demanda para a militância feminista que não faz parte da sua constituição enquanto organização de mulheres:

Em outros momentos históricos, o fato de ser jovem não constituía em si um sinal de identidade ou variável significativa a ser considerada. Para muitas de nós feministas nascidas no movimento da geração de 68, que naquele momento tínhamos 15 ou 20 anos, pensar nessa questão é algo novo e de certa forma desconcertante, ao qual chegamos mais pela falta de comunicação do que por uma reflexão sobre as juventudes no século XXI. (CELIBERTI, 2009, p.136).

A despeito do que provocaria sua inserção a partir de um posicionamento geracional, as jovens traçam sua trajetória no movimento. Neste capítulo, apresentar-se-ão três fotos selecionadas como indícios das orientações coletivas das jovens na relação com o movimento feminista e os significados atribuídos as suas ações.

¹¹³ O grupo, Jovens Feministas de São Paulo, foi criado em 2003 e é composto por jovens mulheres feministas de 18 a 29 anos. Intitula-se autônomo e propõe-se a desenvolver projetos e ações, nas áreas de empoderamento, direitos sexuais, reprodutivos e direitos humanos, voltados para este grupo geracional. Informações sobre o trabalho realizado, os objetivos e seus projetos estão disponíveis em: <<http://jovensfeministasdesp.blogspot.com.br/p/quem-somos.html>>.

6.1 INICIANDO O PERCURSO: JOVENS MULHERES

O processo de demarcação de um posicionamento enquanto jovens pode ser observado na Figura 10. Considerando a primeira etapa do método documentário, a interpretação formulada, e no que se refere aos elementos pré-iconográficos vê-se que trata-se de uma foto em sépia, composta por um grupo de seis jovens mulheres negras. As jovens estão sentadas em cadeiras dispostas em duas fileiras. Cada fileira de cadeiras ocupa níveis diferentes do piso. Uma faixa está afixada na parede.

Figura 10: I Encontro Nacional de Jovens Feministas



Fonte: Dialogoj

Nessa imagem podem-se delimitar três planos: o primeiro, o intermediário e o fundo.

O primeiro plano está definido por duas garotas que usam lenços amarrados nos cabelos, sendo que a primeira está com o braço apoiado em uma folha de papel impressa sobre o braço da cadeira e a segunda está segurando papel picotado.

No plano intermediário quatro jovens. A que está sentada descontraidamente, tem ao seu lado uma câmera fotográfica, uma bolsa e uma pasta. As outras duas, uma com lenço e a outra com cabelo solto, estão sentadas em fileiras diferentes e estão conversando. A última pessoa da fileira à esquerda, está encoberta pela garota de turbante do primeiro plano, de modo que só é possível ver parte do cabelo que cai sobre seus ombros e as mãos que seguram uma máquina de filmar. Além das fotografadas, há um objeto, uma faixa que ocupa lugar de destaque, pois preenche cinquenta por cento do total da imagem e é o único elemento na parte superior da foto.

O fundo é delimitado por uma parede com desnível, onde está afixada a faixa. A faixa foi criada artesanalmente e ocupa quase toda a extensão da foto. Sua composição é feita de palavras, expressões e desenhos. Os desenhos são: uma coroa que tem ao centro a palavra “PODER”, borboletas, mão, o símbolo da mulher desenhado duas vezes e os símbolos da união homossexual feminina e masculina.

A imagem, no que diz respeito aos elementos iconográficos, apresenta o caráter geracional, de gênero e de raça/etnia das jovens participantes de um evento de cunho feminista. Além de todas as fotografadas serem jovens, a relação entre gerações distintas está demarcada pela utilização, como prerrogativas juvenis contemporâneas, de *slogans* presentes na história do movimento feminista desde os anos 70.

Neste sentido pode-se considerar como efeito do movimento feminista tratar das questões, inicialmente consideradas de âmbito privado e específico da mulher, relativas ao corpo, ao desejo, a sexualidade, como temas da esfera pública e passível de debate. Essa reorientação desenvolveu uma linguagem específica e utilizada pelos movimentos sociais, enquanto afirmação de uma distinção, de uma posição, compondo as reivindicações sobre os direitos das mulheres e as solicitações de reconhecimento da igualdade civil, política e social, entre homens e mulheres, absorvidas pelas jovens.

O caráter de raça/etnia se refere às marcas da identidade negra, que podem ser localizadas na imagem, pelos penteados que valorizam as culturas afrodescendentes, como a utilização de lenços com amarrações étnicas por três garotas e pelo uso dos cabelos soltos e naturalmente cacheados por duas garotas. Esta postura compõe o conjunto de significados do feminismo contemporâneo em que a estética e a beleza, apreendidas de forma crítica, inserem-se no debate mais amplo sobre os cuidados com o corpo e a saúde e articula-se com as bandeiras do movimento negro.

Iniciando a etapa da interpretação refletida, no estudo da composição formal da foto e tendo em vista sua composição planimétrica, pode-se ver que duas setas horizontais e duas elipses auxiliam a análise.

Figura 10.1: I Encontro Nacional de Jovens Feministas - composição planimétrica



Fonte: Dialogoj

Duas setas, inclinadas para baixo e para a margem direita da imagem, acompanham a métrica do piso, em degraus descendentes. A direção das setas, da esquerda para a direita, a distribuição lado a lado, a posição das cadeiras, viradas na direção que as setas indicam, indica que as componentes da foto estão participando de uma atividade coletiva em um auditório.

As elipses delimitam os elementos discursivos da imagem: as garotas e a faixa. A elipse maior abarca todas as jovens e parte da faixa. A elipse menor destaca uma das meninas, a que separa os picotes de uma folha, das inscrições na faixa e salienta a frase “jovens feministas presentes”. A demarcação elíptica deixa de fora as cadeiras vazias e destaca as jovens fotografadas, a partir de sua disponibilidade em participar de um evento relacionado ao feminismo. Ao mesmo tempo demonstra o caráter geracional, são jovens, o caráter de gênero, são mulheres, o caráter da atividade e a filiação das participantes ao conjunto de características do feminismo, anunciando sua inscrição, sua presença, enquanto jovens no movimento feminista.

Em seu conjunto, a composição planimétrica mostra a participação da jovem mulher em eventos feministas em duas direções: na primeira demarca o interesse na atuação do movimento feminista adulto, o reconhecimento de sua trajetória histórica e a disponibilidade para fazer parte de associações que discutem e lutam pelos direitos civis e políticos das mulheres. Na segunda anuncia a possibilidade de que outras jovens possam vir a fazer parte do grupo pois há assentos esperando para serem ocupados.

Diante disto, deve-se considerar que as jovens não podem ser compreendidas fora do conjunto de suas experiências pessoais, já que cada geração as vive de forma subjetiva. Para ser partícipe de uma mesma experiência geracional é preciso estar de algum modo relacionado subjetivamente, de acordo com a noção de tempo utilizada por Mannheim (1993), o que no caso desta imagem, indica que o campo de experiências dos produtores da imagem se refere ao movimento feminista, especificamente sobre o reconhecimento das jovens.

Ao proceder à análise da projeção perspectivista pode-se localizar a direção do foco da imagem e perceber que uma das garotas do primeiro plano, denuncia a posição de quem realizou a foto.

Figura 10.2: I Encontro Nacional de Jovens Feministas - projeção perspectivista



Fonte: Dialogoj

Assim, a partir do estudo demonstrado na Figura 10.2, pode-se identificar que a linha do horizonte está localizada na faixa afixada na parede e o ponto de fuga está situado na palavra que especificamente as representa, jovens. Sendo assim, a perspectiva da imagem indica a ênfase na condição geracional, ser jovem, inserida no contexto de associação do feminismo.

Analisando a coreografia cênica da imagem, observa-se que a disposição das componentes na foto mostra que não houve preparação por parte do produtor da imagem representada, as garotas, nem por parte do produtor da imagem que representa, a fotógrafa. A foto apreende o momento em que o grupo não se organiza ou aparenta ter qualquer preocupação com o seu registro. A imagem registra um fragmento, sem preparo visual para as fotos, logo como estão arrumadas de acordo com o que tem como referência de beleza cotidiana, anunciam experiências pessoais que valorizam a estética da mulher negra.

A ausência de preparo por parte dos produtores da imagem demonstra que as garotas foram representadas segundo sua condição geracional, serem jovens mulheres negras e aponta a informalidade como característica central do *habitus* juvenil, mesmo quando estão participando de uma atividade específica, como um encontro de jovens feministas.

Ao mesmo tempo as cadeiras desocupadas dão a ideia de que há lugar para que mais jovens integrem a construção de uma sociedade que respeite e valorize a mulher, indicando o movimento feminista como alternativa de militância. Negras, jovens, mulheres e feministas múltiplas identidades representadas pelas componentes da imagem.

Na análise icônico-iconológica da imagem, pode-se identificar que membros de uma geração, de uma raça, de um gênero partilham do mesmo espaço de experiências. A posição de destaque da faixa, ao fundo e acima do grupo, com a frase “jovens feministas presentes” e suas inscrições, salientam o vínculo do grupo com as solicitações históricas do movimento feminista.

Na década de 80, do século XX, de acordo com Rago (2003) quando o feminismo já havia sido reconhecido como movimento social e político no Brasil e também atuava em prol da redemocratização, o campo conceitual da militância foi alargado, assim como foram ampliados os temas das posições feministas na esfera pública. A reconsideração das práticas feministas abriu as portas do movimento feminista para o contato com diferentes organizações, como sindicatos e partidos políticos, especialmente, com o movimento de mulheres que se organizara nas periferias, que não haviam incorporado ainda os temas feministas.

Este contato gerou para as feministas, segundo a autora, pelo menos dois efeitos: a ampliação considerável do número de mulheres com uma visão crítica das relações patriarcais e de dominação entre os sexos e a ampliação de suas solicitações, incorporando as questões da violência contra mulheres e os direitos reprodutivos. Para as mulheres das periferias, os efeitos se referiram a inserir em suas demandas, questões referentes ao corpo, a moral sexual e a saúde. A desconstrução dessas fronteiras fez surgir diferentes organizações não governamentais de caráter feminista, entre elas, grupos feministas que tratavam das especificidades da mulher negra. Deve-se reconhecer que o feminismo, portanto, têm várias nuances e não é um movimento unívoco, devendo ser tratado no plural, como feminismos.

Porém, ressalta Rago (2003): “não há como negar o fato de que todas as conquistas arduamente ganhas ao longo dessas últimas décadas pelos feminismos não estão consolidadas” (p.17). As fotografadas parecem concordar com essa posição se dispendo a continuar e fortalecer, como nova geração, as lutas feministas.

Ser jovem e feminista representa uma distinção deste grupo em relação a outras jovens, no momento em que circula na sociedade atual, sobretudo na compreensão midiática, a avaliação de que a juventude é alienada das discussões de cunho político. Ao encampar as tradicionais bandeiras de luta feministas e as reivindicações dos novos campos dos estudos de gênero, parecem utilizá-los como orientadores de sua prática política.

No Dialogoj o *post* de 19 de agosto de 2007, faz uma reflexão sobre o papel da juventude no feminismo afirmando: “Reconhecemos nossa capacidade e legitimidade para contribuir de forma efetiva na construção de políticas públicas que respondam as necessidades das mulheres”¹¹⁴ e ressaltam que para que suas contribuições se concretizem é necessário “fortalecer a identidade juvenil”¹¹⁵.

O impacto do racismo, sexismo e desigualdade sobre jovens mulheres negras, segundo Carvalho e Quintiliano (2009) “podem configurar-se como impeditivos para o ‘desejo’ e também para as possibilidades de participação” (p.94). No caso da Figura 10, pode-se ver que as marcas de estilo individual nas fotografadas, revelam a identificação com os ícones estéticos de valorização da beleza negra, porém da jovem negra, consciente de que ainda há muito a conquistar no enfrentamento do sexismo e da desigualdade.

Por outro lado, de acordo com Alvarez (2000), participar de encontros e seminários feministas constitui-se num espaço único para o debate coletivo dos significados e metas do feminismo e sua relação com as lutas pelos direitos, pela justiça de gênero e pela justiça social.

Ao proceder à análise dos elementos textuais, na legenda da foto, se lê: “I Encontro Nacional de Jovens Feministas”. O encontro foi realizado em março de 2008, em Maracanaú/CE, e contou com a participação de 100 jovens de vários

¹¹⁴ Trecho extraído do *post* “As jovens, sentimentos e perspectivas”, de 19 de agosto de 2007, disponível em: <<http://dialogoj.wordpress.com/2007/08/19/as-jovens-sentimento-e-perspectivas/>>. Acesso em 13 de outubro de 2008.

¹¹⁵ Idem.

estados brasileiros, com o objetivo de fortalecer a agenda política para as jovens e a consolidação da ABJF - Articulação Brasileira de Jovens Feministas¹¹⁶.

Embora seja denominado como primeiro encontro, a mobilização de jovens feministas tem uma trajetória histórica marcada pela participação de jovens mulheres no X EFLAC - Encontro Feminista Latino Americano e do Caribe realizado em 2005, em São Paulo/Brasil.

O evento aproximou jovens de organizações feministas brasileiras, destacando-se a relação entre as negras jovens feministas e as jovens feministas, em torno da ideia de uma articulação nacional e a realização de um evento onde fosse possível promover o debate entre a juventude e o feminismo em suas diferentes expressões e conformações (ADEVE, 2009). De tal forma que “a aliança entre esses grupos possibilitou a reflexão sobre as concepções entre o feminismo, baseado na igualdade, e o feminismo, baseado nas diferenças, desde uma perspectiva juvenil” (ADEVE, 2009).

A necessidade de pensar o feminismo a partir da ótica da juventude e o desenho de uma atividade com esse fim, contou com a colaboração de várias entidades de associação de mulheres jovens¹¹⁷.

No Dialogoj o *post* de 20 de março de 2008, informa que após o Encontro foram realizadas “atividades, oficinas, discussões virtuais, etc”¹¹⁸, mas que “foi o Fórum de Jovens Feministas no Fórum Social Brasileiro em 2006, que enfatizou a necessidade de participar de espaços importantes de discussão de políticas públicas para mulheres e juventude”¹¹⁹.

Contudo, ressalta que foi com a entrega de um documento “sobre a importância de uma representação jovem feminista no Conselho Nacional das

¹¹⁶ Informação contida no *post* I Encontro Nacional de Jovens Feministas! Nova data, mesmo local!, de 2 de fevereiro de 2008, disponível em <<http://dialogoj.wordpress.com/2008/02/02/i-encontro-nacional-de-jovens-feministas-nova-data-mesmo-local/>>. Acesso em 13 de outubro de 2009.

¹¹⁷ De acordo com Adeve (2009) organizações de cinco estados contribuíram para a realização do evento sendo: 1) Bahia: Coletivo Feministas Marias, CEN - Coletivo de Entidades Negras e Coletivo Loreta Valadares - UBM; 2) Ceará: Centro de estudos aplicados de juventude, Coletivo de jovens feministas do Ceará, IJC - Instituto da Juventude Contemporânea e LAMCE - Liberdade de Amor entre mulheres no Ceará; 3) Espírito Santo: Ana Lúcia Rezende, jovem feminista independente; 4)Pernambuco: Jovens negras feministas de Pernambuco; 5) SãoPaulo: Jovens Feministas de São Paulo, Fala Preta, Negras Jovens feministas, Ceert – Centro de Estudos das relações de trabalho e desigualdades e Articulação política de Juventudes Negras.

¹¹⁸ Trecho extraído do *post* “As jovens, sentimentos e perspectivas”, de 19 de agosto de 2007, disponível em: <<http://dialogoj.wordpress.com/2007/08/19/as-jovens-sentimento-e-perspectivas/>>. Acesso em 13 de outubro de 2008.

¹¹⁹ Trecho extraído do *post* “Jovens feministas sim, com muito orgulho!”, de 20 de março de 2008, disponível em: < <http://dialogoj.wordpress.com/2008/03/20/jovens-feministas-sim-com-muito-orgulho/>>. Acesso em 13 de outubro de 2008.

Mulheres”¹²⁰ à Secretaria Especial de Políticas para as mulheres, fortaleceu a ideia de organização de um encontro específico para as jovens feministas.

Como vimos, a foto contém uma faixa que ocupa grande parte da imagem, onde se lê ao centro e em destaque: “jovens feministas presentes”. Esta frase é utilizada pela primeira vez no Dialogoj, meses antes da realização do evento, no *post* com o mesmo título de 19 de agosto de 2007. O texto se refere a II Conferência de Políticas Públicas para as mulheres¹²¹ e relata a atividade das jovens como “Trabalho articulado, troca constante de informações e difusão dos pontos de políticas públicas das mulheres jovens”¹²², consideradas como estratégias “criadas pelas jovens feministas presentes na II Conferência de Políticas Públicas para as mulheres”¹²³.

Na Figura 10, a frase que está em destaque na faixa é margeada por palavras e expressões que compõem tanto o conteúdo da mensagem, quanto a estética total da faixa, sendo que algumas palavras estão escritas em letras minúsculas e outras em maiúscula. De acordo com a grafia utilizada, são elas: a) as palavras “RESPEITO”, “Participação”, “LIBERDADE”, “ARTE”, “CULTURA”, “UNIÃO”, “POLÍTICA”, “VIDA”, “EMPREGO”, “OPÇÃO”, “DIVERSIDADE”, “AUTONOMIA”; b) as palavras “VIOLÊNCIA” marcada com um x e “PODER” no centro de uma coroa; c) as expressões “LEGALIZAÇÃO DO ABORTO”, “EDUCAÇÃO NÃO SEXISTA”, “DIREITO AO PRAZER”, “EDUCAÇÃO PARA CIDADANIA”, “Contra o trabalho precário”, “contra exploração sexual”, “CRECHE NOTURNA”, “... e reprodutivas” e “SEXO LIVRE”.

As palavras e frases apontam para uma interseção entre duas gerações, e compõe “o caráter contínuo das mudanças geracionais” (WELLER, 2010, p.9) já que, as demandas tradicionais da militância feminista, das gerações de mulheres que as antecederam, integram o conjunto de valores das jovens.

¹²⁰ Idem

¹²¹ Realizada em Brasília, no período de 17 a 20 de agosto de 2007, sob a coordenação da Secretaria Especial de Políticas para as mulheres, na gestão de Nilcéa Freire.

¹²² Trecho extraído do *post* Jovens Feministas Presentes, de 19 de agosto de 2007, disponível em: <http://dialogoj.wordpress.com/2007/08/19/jovens-feministas-presentes/>. Acesso em 13 de outubro de 2009.

¹²³ Idem

Ao exibi-las, como valores reconhecidos e aceitos, situam-se historicamente no presente e, ao mesmo tempo, reconhecem o passado e projetam o futuro. Resulta deste processo o posicionamento no presente como jovens feministas, elaborando subjetivamente o que Feixa (2010) denomina de consciência geracional.

Inscrevendo-se desta forma no tempo social, no tempo das gerações que as antecederam, que traçaram um percurso com conquistas e perdas, deixam registros no tempo biográfico particular da sua geração e estabelecem uma posição no decorrer das gerações. Dito de outra forma se localizar “no fluxo das gerações não significa somente relacionar-se com o tempo social, mas também inscrever a própria existência, a própria história, numa história mais ampla na qual ela se inclui” (FEIXA, 2010, p.192).

6.2 VISIBILIDADE: JOVEM E FEMINISTA

Dando início à análise dos elementos pré-iconográficos, vê-se que a Figura 11 é colorida e constituída por um grupo de pessoas. Neste se podem identificar claramente cinco jovens mulheres, duas mulheres adultas e outras cujos rostos não estão visíveis. A foto foi realizada num espaço aberto e público, uma rua.

Figura 11: Marcha Feminista



Fonte: Dialogoj

As jovens seguram objetos como faixa, cartaz e flor. Das mulheres adultas, apenas o rosto compõe a imagem. Pode-se ver também, uma mão que segura outro ramo de flor, a esquerda da foto.

Apenas um grupo de componentes, as mulheres jovens, pronuncia algo, o que pode ser identificado pela posição da língua e lábios.

A imagem possui três planos. No primeiro plano há uma jovem que segura uma flor na mão esquerda e um cartaz de papel, feito manualmente e em tons de rosa. No centro do cartaz se lê a frase “JOVENS FEMINISTAS PRESENTES”. No rodapé está escrito “ARTICULAÇÃO BRASILEIRA DE JOVENS FEMINISTAS”.

No plano intermediário vê-se um grupo de quatro garotas. Duas garotas estão com um dos braços estendidos, segurando acima de sua cabeça, uma faixa rosa onde se pode ver parte de um símbolo, com listras azul, verde, pink, roxo e vermelho, entre as quais há algo escrito, que não é possível identificar. A que está na extremidade direita da faixa, tem apenas parte de seu rosto visível na imagem. A quarta segura um cartaz onde se lê parte das palavras “*jóvenes feministas*”. Ainda neste plano, à esquerda, pode-se ver o rosto de duas pessoas adultas.

O plano de fundo da imagem é composto por um conjunto de prédios de estilo antigo, com fachada original bem preservada.

Iniciando a análise dos elementos iconográficos da Figura 11, vê-se que as fotografadas são mulheres que participam de uma manifestação em espaço aberto e público, utilizado como palco e cenário para apresentação de suas solicitações e posicionamentos.

A maioria das fotografadas são jovens, empenhadas em marcar visualmente sua presença e exprimir publicamente o seu vínculo com o feminismo. Entretanto, a relação que estabelecem com o movimento é diligente, pois a imagem mostra apenas as mulheres jovens pronunciando algo e são estas que portam faixa e cartaz, logo insere as jovens no âmbito da participação ativa, do envolvimento com as atividades do grupo adulto, de mulheres feministas.

As jovens foram fotografadas em atividade e não houve preocupação com a preparação da imagem. A imagem captura de modo espontâneo a forma com que o grupo, dá visibilidade ao seu núcleo de pertencimento, a juventude e a disposição de filiação ao feminismo. Desta forma ressaltam que são jovens mulheres, dispostas a desestabilizar a naturalização dos papéis geracionais do movimento feminista e a visão adultocêntrica sobre a militância feminista.

O cenário, uma via pública compreendida como ambiente de vários, nesta imagem, assume o sentido de possibilidade, de comportar uma nova presença, de, no coletivo e em público, reestruturar as relações que se delineiam internamente, mesmo que para isso seja necessário assumir uma atitude categórica, anunciando a presença da juventude. Assim, a imagem se refere a uma categorização geracional, à participação juvenil em atividades coletivas, de caráter político, feminista, que reúne pessoas de diferentes grupos geracionais.

Ao iniciar a análise da composição formal da Figura 11, foram utilizados no estudo da composição planimétrica, duas linhas e uma figura geométrica, o pentágono regular.

Figura 11.1: Marcha Feminista - composição planimétrica



Fonte: Dialogoj

Ao utilizar o pentágono regular percebe-se que as jovens são destacadas no conjunto de mulheres, e separadas dos outros elementos que compõem a imagem, as construções. O vértice do pentágono regular está localizado sobre a cabeça de uma das garotas, a que está em primeiro plano e que leva nas mãos um cartaz.

As duas linhas diagonais dividem as jovens mulheres em três partes. À esquerda uma jovem, que segura a faixa, à direita três jovens e o cartaz com palavras em espanhol e, no centro da forma geométrica, a jovem que segura o cartaz com a frase “Jovens feministas presentes”.

Todas são jovens, todas são mulheres, mas a que ocupa o lugar central na imagem afirma a presença no evento, de um grupo específico de jovens. Mulheres feministas da ABJF - Articulação Brasileira de Jovens Feministas. A divisão interna do pentágono coloca em evidência a posição de jovens que se identificam como feministas, e a ênfase de sua presença, como jovens, em uma atividade de caráter público, ressaltando a jovem que está no primeiro plano.

Além disto, a demarcação pentagonal evidencia a separação geracional, já que todas as componentes que estão circunscritas, na figura geométrica, são jovens, estão pronunciando algo, enquanto que, as mulheres adultas, embora estejam na imagem, tem papel secundarizado.

Ao observar a planimetria da imagem vê-se que há, na perspectiva manheimiana, uma enteléquia em curso, uma potencialidade, um estado e uma disposição, da forma de ser jovem mulher, na sociedade contemporânea “uma expressão da unidade de seu sentimento mais íntimo da vida e do mundo” (YNCERA, 1993, p.154). A ênfase na jovem que segura o cartaz aponta para duas direções: as jovens mulheres brasileiras requerem um lugar nas atividades de manifestação pública e de caráter feminista e declaram assumir uma diligente e atenta atuação para a realização dos encaminhamentos necessários a sua realização, inclusive podendo liderar o processo.

Ao realizar a análise da projeção perspectivista, pode-se observar que a posição da fotógrafa toma a imagem a partir de uma posição inclinada com relação a base. Logo, a foto foi realizada de baixo para cima e de modo enviesado.

Figura 11.2: Marcha Feminista - projeção perspectivista



Fonte: Dialogoj

Assim, as linhas traçadas a partir do prédio que compõe o fundo da imagem auxiliam a identificação de dois pontos de fuga situados nas extremidades direita e esquerda da foto. Com estes elementos pode-se ver que a linha do horizonte está situada entre o queixo da jovem e o cartaz que a mesma segura. A pessoa responsável pela produção da imagem escolheu um ângulo que colocasse em evidência a presença e a ação da mulher jovem na atividade.

Colocada no centro da perspectiva, a jovem é a pessoa mais importante da foto, bem como o produtor da imagem que representa, assegura que o cartaz tenha um lugar de destaque na imagem, fixando o anúncio da presença juvenil, em contraste com o instituído representado pelos participantes adultos.

No que se refere à primeira etapa da interpretação refletida, a análise da coreografia cênica, pode-se identificar que a imagem é composta por duas gerações. A maioria das representadas são mulheres jovens e são estas que ocupam lugar de destaque na imagem, seja com relação à dimensão que cada uma recebe na imagem, seja pelo fato de estarem à frente de todo o grupo.

Ainda que, todas as mulheres da foto estejam participando de um ato público, são as jovens que aparecem com algum tipo de ação, tanto por portar uma declaração escrita de sua posição com relação ao movimento feminista, quanto por tornar oralmente público, o pacto com as solicitações históricas dos direitos das mulheres.

O fato de estarem em pé e com movimento labial, as coloca no âmbito da participação ativa, da ação para a construção do reconhecimento da igualdade e aponta a disposição para encampar as lutas que o grupo de mulheres feministas adultas vem desenvolvendo, sem abrir mão da sua condição juvenil, dando visibilidade a seu grupo geracional.

A posição que o produtor da imagem que representa escolheu para a foto, em diagonal, o cenário escolhido, a via pública, e o fato de ser um dos grupos geracionais da imagem ser destacado, expressam o sentido de andar junto em direção a algo, ou para algum lugar. A imagem evoca a noção de movimento, de deslocar-se, de mover lugares assinalando uma posição. Assim, a Figura 11, registra o compromisso de mulheres jovens com as manifestações públicas de caráter feminista.

No que se refere à análise icônico-iconológica, no grupo de produtores da imagem representada, há marcas de estilo juvenil, identificadas pelo vestuário despojado como o uso de jeans, camiseta e casacos amarrados à cintura e pela cor dos cabelos, magenta, uma das cores mais utilizadas pelos jovens para tingir os cabelos na sociedade contemporânea. Essas marcas de estilo¹²⁴ são inscritas no corpo que por sua vez carrega consigo e de maneira espontânea, uma forma de compreender-se no mundo. No caso desta investigação a cor dos cabelos e o

¹²⁴ O estilo juvenil não deve ser confundido com juvenilização, diferenciação apontada por Margulis e Urresti (1998), que se referem respectivamente a um *look* juvenil e ao rejuvenescimento através da apropriação do vestuário e de signos de identificação da juventude. Os autores afirmam também que nem todos os jovens são juvenis, pois não têm acesso a códigos corporais e a valores estéticos valorizados no mercado de signos, como aqueles que expressam a juventude. De acordo com Weller (2010) como pertencer a uma mesma faixa etária não significa viver as mesmas experiências, entre os jovens circulam diferentes posições quanto a como se é jovem e, portanto a quais referências são consideradas como próprias de ser jovem.

despojamento do vestuário transmitem uma mensagem, e é de acordo com Margulis e Urresti (1998), o primeiro plano de interação social.

O cartaz tem o papel de ser transmissor de uma mensagem, de uma concepção, logo, ao retratar uma jovem segurando um cartaz manufaturado, o produtor da imagem que representa, indica a manifestação de uma compreensão que anuncia que determinados segmentos participantes da atividade têm uma posição quanto a necessidade de dar visibilidade a sua atuação e de comunicá-la tanto ao grupo de feministas adultas, quanto a sociedade.

A foto mostra a atitude de jovens mulheres, o modo de agir, o comportamento ativo, a disposição em dar visibilidade à juventude no campo do feminismo, partindo de uma denúncia da assimetria das relações entre adultos e jovens feministas.

Ao denunciar, buscam a legitimação de sua participação, visto que “as gerações são parte da dinâmica coletiva que as impele e lhes imprime continuidade social; ambas, esferas realizadoras ou participantes das relações de poder na sociedade” (MOTTA, 2000, s/p)¹²⁵.

No que se refere à análise dos elementos textuais a legenda da Figura 11, “Marcha feminista”, remete a noção de ato público, uma das atividades que o feminismo faz uso corrente¹²⁶. A ideia de uma manifestação nas ruas, percorrida a pé para dar visibilidade a reivindicações é acatado pelas jovens como um tipo válido de intervenção social e publicização de interesses.

Por outro lado, a frase “jovens feministas presentes” e o tratamento diferenciado dado a palavra “jovens”, enquanto indicam a ênfase na posição geracional, a inscrição no rodapé do cartaz “articulação brasileira de jovens feministas”, situa o vínculo com um grupo organizado, com o qual partilham interesses e intenções.

O destaque conferido à palavra “jovens” enfatiza o lugar específico de onde falam no grupo de militantes feministas, a juventude, de modo que ao mesmo tempo em que as distingue, reivindica voz e participação nos espaços de organização feministas, como mulheres e jovens.

¹²⁵ Documento online, sem paginação.

¹²⁶ Exemplos desse tipo de atividade atualmente são: Marcha Mundial das Mulheres, Marcha das Vadias, Marcha das mulheres do Campo e da Cidade.

Refletindo sobre a presença de jovens mulheres em uma marcha, Giovanni (2003) aponta dois aspectos. O primeiro se refere à marcha como “instrumento coletivo que dê voz às iniciativas de meninas corajosas que frequentemente permanecem incomunicáveis” (GIOVANNI, 2003, p.659).

O segundo se relaciona “à necessidade de inventar as formas de expressão do feminismo na experiência social e política particular das jovens do nosso tempo” (GIOVANNI, 2003, p.659). A marcha, portanto se delinea como espaço de experimentação, de invenção e de comunicação, que possibilita às jovens mulheres vivenciar a prática militante feminista, suas estratégias de luta e temas prioritários, assim como oportuniza que se solicitem o reconhecimento de si, como mulheres feministas e como membros de um grupo geracional.

Neste sentido, pode-se identificar um processo de acúmulo da herança cultural feminista ou uma conexão geracional, no sentido mannheimiano. Ao absorver conscientemente as experiências de gerações anteriores, as jovens as assumem como orientação da sua própria ação prática.

Embora se realize no sentido de conservar, assume também o sentido modificar ou propor, o que neste caso significa interferir no movimento feminista por dentro. Ou seja, reconhecem e legitimam a prática das gerações que lhes antecedem, mas pautam um lugar, como jovens no interior da militância organizada pelas feministas adultas.

A frase “jovens feministas presentes” reafirma a dinâmica entre as gerações já que ao elaborar o cartaz, partem de uma referência, no caso desta foto, da militância feminista de gerações anteriores. Por outro lado, a frase enfatiza, para as militantes adultas, que as novas gerações de mulheres devem ser incluídas e consideradas pelo movimento feminista.

6.3 AFIRMANDO UMA POSIÇÃO: JOVENS MULHERES FEMINISTAS

Ao delinear os elementos pré-iconográficos, na etapa da interpretação formulada, observa-se ver que a Figura 12 é uma foto colorida, formada por quatro jovens mulheres, separadas em duplas, em que cada par ocupa uma extremidade da faixa e da imagem.

Figura 12: Visibilidade jovem feminista no XI EFLAC



Fonte: Dialogoj

A imagem apresenta - diferente das figuras anteriores - dois planos. O primeiro plano é constituído pelas jovens que estão segurando uma faixa. A faixa é composta por elementos textuais e por uma imagem, sendo que os elementos textuais compõem parágrafos nos quais são utilizadas cores diferentes, com exceção dos dois últimos.

No primeiro parágrafo a expressão “Jovens Feministas” foi destacada pelo estilo de letra e tamanho da fonte, pois foi grafada em vermelho com contorno em preto e com letras maiúsculas no início de cada palavra.

O segundo parágrafo enfatiza a palavra “PRESENTES!”, escrita com letras maiúsculas. Para esta palavra foi utilizado o maior tamanho de letra entre todos os usados, na grafia dos elementos textuais. Além disso, esta palavra é ainda mais evidenciada pela utilização da cor, preto, seguida de ponto de exclamação.

O terceiro parágrafo apresenta a frase “Nunca mais um encontro feminista sem NÓS”, grafada em vermelho e alternando o tamanho das palavras. Três palavras são destacadas na frase: o artigo “um” e a preposição “sem” grafados em tamanho menor que o restante e a palavra “nós” escrita com maiúsculas. A variação no tamanho das letras salienta a expressão “nunca mais”, a denominação “encontro feminista” e a palavra “Nós”.

Nas palavras do quarto e o quinto parágrafos, foi utilizado a cor bordeaux. Elas foram posicionadas na margem esquerda da faixa, sendo que no quarto parágrafo a frase “VISITE NOSSO BLOG” está grafada em maiúsculas e o quinto parágrafo informa o endereço virtual “<http://dialogoj.wordpress.com>”.

Na margem direita e abaixo das palavras “sem NÓS” há uma figura com o desenho de quatro garotas, uma negra, uma ruiva, uma asiática e uma branca, que têm a sua frente, a frase “articulação brasileira de jovens feministas”.

O plano de fundo é composto pela visão parcial de um prédio em estilo antigo, com uma janela com grades e uma porta, ambas fechadas.

Considerando a análise dos elementos iconográficos, ao contrário das imagens anteriores, na Figura 12, houve preparação tanto por parte do produtor da imagem representada, no caso as garotas, quanto por parte do produtor da imagem que representa, o fotógrafo, pois houve uma preocupação em organizar o grupo de modo a evidenciar a faixa.

Ainda que todas as jovens tenham marcas de estilo individuais no vestuário (bolsas, óculos de sol, roupas, sapatos e adereços) e na composição dos penteados (presos, soltos ou com adereços), todas usam camiseta cinza o que as identifica como participantes de um grupo, reforçado pelo fato de três delas portarem crachá. Portanto, as fotografadas são jovens mulheres que intencionam destacar o conteúdo da faixa, revelando uma forma de associativismo de jovens mulheres em torno do feminismo. Ao ocupar o centro e uma grande parcela da imagem, a narrativa da imagem está fixada na mensagem da faixa. As quatro garotas cumprem a função de apresentar seus vínculos com a participação no movimento feminista utilizando a faixa como estratégia de publicidade destinada a outras jovens.

Figura 12.1: Visibilidade jovem feminista no XI EFLAC - composição planimétrica



Fonte: Dialogoj

Ao iniciar a análise da composição formal, pode-se ver que no estudo da foto foram traçadas duas linhas em curva e uma seta, como elementos auxiliares da análise da composição planimétrica.

Na Figura 12, as linhas em curva e a seta inclinada num ângulo de 15° mostram o arranjo visual da imagem. As linhas em curva apartam dois componentes da imagem: as jovens e o prédio. A seta horizontal, da direita para a esquerda, indica que a composição da imagem é inversamente proporcional à inclinação da base do edifício.

Os limites estabelecidos pelas linhas possibilita a compreensão de que está em curso a solicitação da juventude, de um espaço de participação no movimento feminista. Ao dar o lugar central na imagem para a faixa, os produtores da imagem tornam pública sua compreensão de que a militância feminista não pode dispensar a participação das jovens e, concomitantemente, dão vistas à possibilidade de organização e agregação de outras jovens mulheres.

A seta, em inclinação contrária à ocupada pelo grupo, indica que a escolha do local como fundo para as componentes da imagem, um prédio de linhas arquitetônicas antigas, ainda que parcialmente registrado, ao contrário de ser impessoal ou pretensamente neutro, anuncia um jogo de contrários, entre o antigo representado pela construção e o novo representado pelas jovens.

Reunidos, os elementos planimétricos documentam o contraste entre, a rigidez e fixidez da métrica da construção antiga e o caráter inerente à juventude de ser, na perspectiva mannheimiana, agente revitalizador¹²⁷. O contraste nesta imagem carrega uma dimensão relacional, pois ao estabelecer uma conexão entre antigo/novo e entre estático/movimento, propõe um desequilíbrio naquilo que está posto, dito e construído.

Ao efetuar a análise da projeção perspectivista pode-se notar que o foco é amplo e aberto, mas a nitidez se desfaz na extremidade direita da foto, bem como três das quatro jovens auxiliem a indicação da posição do fotógrafo.

Figura 12.2: Visibilidade jovem feminista no XI EFLAC - projeção perspectivista



Fonte: Dialogoj

¹²⁷ Sobre a definição de juventude em Karl Mannheim consultar Weller (2007).

No estudo planimétrico da imagem pode-se observar que o foco da imagem está localizado na faixa, destacando a frase “jovens feministas presentes!” e se desfaz na medida em que se aproxima da lateral direita. As linhas do calçamento são perpendiculares apenas no lado direito da imagem, o que auxilia localizar a posição em que a fotografia foi realizada. O objetivo final da composição formal da imagem é evidenciar o conteúdo da mensagem da faixa, que se refere à presença indispensável de jovens mulheres no movimento feminista e a possibilidade de agregação de outras jovens através do blog.

No que se refere à análise da coreografia cênica, a disposição espacial das produtoras da imagem representada na extremidade da imagem, anuncia que estas ocupam um lugar secundário na imagem e é a faixa e sua mensagem, que devem ser destacados. Três jovens seguram a faixa, esticando-a, de modo a garantir a exposição visual do seu conteúdo. Entretanto as componentes da imagem, todas as jovens, olham para frente, como se anunciassem também um por vir, a inclusão do segmento juvenil, no movimento feminista. O fato de estarem em pé e paradas demonstra a fixação de um lugar, são jovens e feministas, e estão requerendo o reconhecimento de si, de sua posição enquanto jovens no movimento feminista.

Entretanto, é visível a tensão geracional. Na imagem, as jovens mulheres com marcas de estilo juvenis, formam um grupo que aspira a inclusão na militância feminista. O frescor dessa demanda contrasta com o fundo da imagem, o prédio antigo, com janela e porta fechadas, parecendo apontar a resistência ao novo, à mudança.

Assim, a imagem denuncia a tradicionalidade, presente nos encontros feministas marcados pela atuação das gerações anteriores que detém um lugar cativo no discurso e interpretações na prática política ou na militância feminista. Ao mesmo tempo, anuncia o rompimento com essa situação ao afirmar, publicamente, a importância da presença de jovens mulheres nesses eventos, a disposição em participar deles e de assumir a tarefa de atrair e agregar, outras jovens.

A Figura 12, na análise icônico-iconológica, mostra que o terreno em que se construiu a militância feminista, é sólido e rígido, pois não tem se revigorado ao não incluir as novas gerações de mulheres. Os produtores da imagem apontam à juventude, em especial, a mulher jovem como um desestabilizador que amplia a participação no movimento e que utiliza o espaço virtual, como uma forma de comunicação e mobilização de outras mulheres jovens.

A utilização de uma figura composta de diferentes garotas tendo a sua frente o nome da ABJF – Articulação brasileira de Jovens Feministas aponta para a pluralidade e diversidade como princípio da organização e comunica que qualquer jovem mulher pode integrar o grupo.

A concepção gráfica e visual da faixa assume o papel de veículo de comunicação dos significados valorizados e sua exposição apresenta códigos compreensíveis pela juventude, como o acesso ao blog do grupo. Informar o endereço do blog é reconhecê-lo como uma mídia social que promove a formação de redes de pessoas e grupos que partilham dos mesmos interesses. Ao refletir o sistema de signos e símbolos socioculturais aceitos e conhecidos pelos jovens, a função da faixa é estimular a adesão e a organização de jovens mulheres feministas, de modo independente das tradicionais fontes de comunicação do movimento feminista.

Portanto, o encontro entre o antigo, simbolizado pelo prédio e o novo, marcado pelo endereço do blog, representa o embate provocado por diferentes gerações de mulheres que se pretendem atuantes, em prol da conquista da igualdade de direitos.

Na análise dos elementos textuais, a legenda da foto, “Visibilidade jovem feminista no XI EFLAC”, localiza a participação das jovens mulheres no Encontro Feminista Latino Americano e Caribenho em sua décima primeira edição. O Encontro realizado de 16 a 20 de março de 2009, na cidade do México teve sua primeira edição em 1981, na Colômbia, sendo triannual. Nesta edição, um dos temas eleitos entre as principais discussões a serem realizadas no evento, se referiu à expansão do movimento feminista, a partir da crítica realizada pelo movimento de mulheres negras, lésbicas e pelas jovens¹²⁸. A imagem, portanto tem uma marca histórica, que se refere à reafirmação de uma demanda, por parte das jovens, e o reconhecimento, pelo movimento feminista, de suas contribuições críticas.

Por outro lado, a forma como as palavras foram grafadas, ora utilizando letras maiúsculas no meio da frase, ora alternando o tamanho da letra numa mesma frase ou usando exclamação, demonstra a intencionalidade dos produtores da imagem, tanto na composição da faixa, como da imagem, em dar visibilidade a efetiva participação das jovens mulheres, no campo do feminismo.

¹²⁸ Informações mais detalhadas sobre a história do evento, das atividades realizadas e outros dados podem obtidas em: <<http://www.11encuentrofeminista.org.mx/jf/index.php?> >

De modo geral, a letra maiúscula na língua portuguesa, é um recurso gráfico que assinala o início de um período ou que dá destaque a uma palavra. Na faixa, entretanto, as duas palavras da sentença “jovens feministas”, foram grafadas com letra maiúscula. Este recurso indica a posição de relevo para este grupo, da juventude como vetor das posições e solicitações feministas.

Já na palavra “presentes”, todas as letras são maiúsculas e o tamanho da fonte utilizado tanto anuncia a presença das jovens, quanto questiona sua ausência, pondo em evidência as relações assimétricas entre as feministas das gerações anteriores e as jovens.

Utilizar tamanhos de letras diferentes e alternadamente numa mesma frase, se constitui também como recurso gráfico para enfatizar visualmente aquilo que é fundamental no conteúdo. Assim, ao utilizar letra menor na preposição “sem” recusam seu sentido semântico de privação, ausência, condição, exclusão e ao fazer o mesmo com o artigo “um”, recusam seu sentido impreciso de designar algo. Deste modo, criticam a ausência do reconhecimento da juventude como parceira das feministas adultas na construção de uma sociedade sem sexismo.

A utilização variada do tamanho das letras salienta na frase “nunca mais”, “encontro feminista” e “Nós” como anúncio de que não há como realizar encontros feministas sem a participação da juventude. Por outro lado, a grafia do pronome pessoal “nós”, em maiúsculas, o que gramaticalmente só é possível para a escrita de siglas, materializa uma categoria abstrata, a juventude, ao mesmo tempo em que exige que nos encontros feministas, a participação das jovens mulheres seja um fato.

O sinal de exclamação (!) é utilizado para denotar emoções, sejam elas de espanto, surpresa, entusiasmo ou raiva. Numa frase expressam felicidade, indignação, admiração ou mesmo um susto. Empregado na faixa, após a palavra “presentes”, ressaltada pelo maior tamanho de letra utilizado na faixa, demonstra a ênfase dada pelo grupo à participação das garotas como se estivessem gritando que, a despeito de qualquer avaliação sobre a importância ou validade de sua presença, as jovens mulheres estão presentes tem vínculos com o feminismo e se pretendem atuantes no movimento feminista.

Aplicado após a palavra “nós”, escrita com letras maiúsculas, intensifica a compreensão de que a juventude tem uma existência no presente, é um grupo geracional e como tal está marcado pelas condições objetivas, materiais e históricas de seu tempo. A ênfase dada as duas palavras “presentes!” e “nós!” nega portanto a concepção de juventude que remete ao futuro, ao vir a ser, a uma fase da vida. Desse modo revelam que consideram imprescindível que a pauta da organização feminista as reconheça como jovens e que estão dispostas a contribuir na construção do feminismo.

A grafia da frase “VISITE NOSSO BLOG”, em letras maiúsculas, seguida do endereço virtual, assume o caráter de convocatória destinado a geração de mulheres que partilham os significados da tecnologia digital. Um chamado que pretende ampliar a participação das jovens mulheres no feminismo a partir de um ambiente virtual, o Dialogoj.

A foto evidencia então, a solicitação de reconhecimento, de que a juventude não é uma categoria social abstrata ou teórica, mas tem uma existência concreta, em indivíduos que na imagem, são jovens e mulheres da contemporaneidade.

6.4 ANÁLISE COMPARATIVA

As três imagens analisadas documentam a construção de uma unidade geracional, marcada por continuidades e rupturas entre as gerações de mulheres que compartilham espaços no campo do feminismo. As jovens mulheres anunciam seu vínculo com o feminismo e localizam a invisibilidade da condição juvenil no movimento que se refere a “adoção ou criação de estilos de vida distintos pelos indivíduos, mesmo vivendo em um mesmo meio social” (WELLER, 2010, p.11).

Pode-se localizar como tema recorrente nas fotos a solicitação do reconhecimento da juventude no movimento feminista. Além do vínculo a um tipo de acontecimento partilhado, os eventos de cunho feminista, as jovens, ao se colocarem como jovens solicitam a inscrição no movimento de mulheres adulto, a partir de uma singularidade e exigem o reconhecimento do seu potencial, mas “também uma identidade e resposta, certa afinidade no modo como todos se movem e são formados pelas experiências comuns” (MANNHEIM, 1986, p.157).

A repetição da frase “jovens feministas presentes”, mostra que os produtores das imagens pretendem reafirmar o envolvimento com as causas do feminismo e que as jovens, não podem ser nem esquecidas pelas feministas adultas, nem relegado o peso de sua atuação. Esta frase mnemônica tornou-se um *slogan* particular do grupo, assumindo o papel de destacar seus atributos, sua identidade, propagandear suas características, ratificar seus interesses, promover reconhecimento.

A criação de uma frase de fácil memorização carrega também a noção de associativismo, de contato com um coletivo, neste caso a ABJF - Articulação Brasileira de Jovens Feministas, que faz uso do *blog*, Dialogoj, como instrumento de mídia e socialização de valores, ideias, noções, sentidos e significados.

Considerando que a Figura 10 foi realizada, em 2008, no I Encontro Nacional de Jovens Feministas e que as figuras 8 e 9 foram realizadas, em 2009, no XI EFLAC - Encontro Feminista Latino Americano e do Caribe, pode-se notar o amadurecimento no posicionamento crítico das jovens com relação ao movimento feminista.

A representação das jovens nas fotos assume diferentes significados. Na Figura 10, estão sentadas e parecem anunciar um vínculo em construção, uma possibilidade, já que a imagem enfatiza sua condição geracional e disponibilidade pessoal para as discussões em torno do feminismo. Na Figura 11, estão andando com outras gerações anunciando uma atitude de compartilhar e contribuir ativamente das atividades feministas. Na Figura 12, as jovens estão em pé exibindo um vínculo grupal, uma relação com outras jovens com as mesmas convicções e ao mesmo tempo demarcam uma posição fixa, são jovens e estão presentes no movimento feminista.

Isto é reafirmado pelas diferentes formas com que a frase, “jovens feministas presentes”, é apresentada visualmente. Enquanto que, na Figura 10, a ênfase recai sobre “jovens feministas”, na Figura 11, a palavra “jovens”, recebe tratamento diferenciado. Na Figura 12, o vocábulo valorizado é “presentes”. A alternância de relevo nas palavras sugere a avaliação da aproximação das jovens com o movimento feminista partindo de uma identificação com a pauta feminista, para a reclamação da ausência da juventude e para a exigência de reconhecimento da sua condição geracional.

As diferentes conotações se referem, portanto a: 1) Identificar o feminismo como ideário e prática política válida; 2) Delinear sua posição geracional como jovens mulheres que compactuam com as solicitações históricas do movimento feminista; 3) Demarcar a juventude como diferencial na organização da militância feminista; 4) Reivindicar o reconhecimento como grupo geracional atuante no interior do movimento feminista.

A visibilidade é uma preocupação central nas imagens. Todas as fotos anunciam a presença da jovem mulher no feminismo. Desde a Figura 10, em que admitem como legítimas as pautas históricas da militância feminista, até a Figura 11 e 9 quando se apresentam a outras gerações se inscrevem como grupo geracional na atuação do movimento feminista. Enquanto produtores da imagem, as jovens parecem preocupadas em narrar visualmente sua posição, sua identificação com o feminismo bem como sua disponibilidade, seu vínculo, e a ocupação de um lugar que originalmente não é destinado a juventude, além de enfatizarem-se como jovens, como feministas, e como partícipes de um grupo organizado.

Por outro lado, as fotos apontam para um processo de transição e fortalecimento da identidade das jovens que, do interesse pelo campo do feminismo, passam a uma posição mais vibrante quanto à atuação feminista. Ao transpor o limite da aproximação com o feminismo, para a exigência de um lugar fixo na estrutura da organização feminista, ultrapassam a dimensão do grupo circunscrito em si, para efetivar uma relação com outras gerações em defesa da conquista e ampliação dos direitos das mulheres.

Assim, parece que é um princípio orientador das experiências do grupo a visibilidade da juventude no movimento feminista, reforçada pela utilização do espaço virtual como forma de organização das jovens feministas e como estratégia de comunicação e mobilização de outras mulheres jovens.

VII - FEMINISMO NÃO COMBINA COM PRECONCEITOS

No capítulo anterior, três fotos auxiliaram o acesso às visões de mundo que nortearam o encontro de gerações no campo político feminista. A aproximação de jovens mulheres do movimento feminista, a organização e a respectiva inserção da juventude na militância, não aconteceram sem tensões e utilizou tanto antigas quanto novas estratégias de reconhecimento e visibilidade, para legitimação da atuação das jovens nesses espaços.

Na contramão do discurso que afirma que o jovem da contemporaneidade é alienado e ausente das discussões políticas, as jovens mulheres internautas que fazem uso do Dialogoj, reconhecem a validade das solicitações feministas e solicitam um lugar para participar ativamente da militância. Porém essa atuação é marcada por uma análise crítica da própria prática que solicitam inscrição. A posição de buscar reconhecimento enquanto grupo geracional também relaciona-se com uma visão ampliada da justiça de gênero como apontada por Fraser (2007).

No *post* do Dialogoj de 27 de abril de 2008, assumem o compromisso de “enfrentar as opressões econômicas e sociais que colocam as jovens mulheres, em condição de desigualdade”¹²⁹ e buscar a “eliminação das desigualdades geracionais, de gênero, classe, raça/etnia, de orientação afetivo-sexual, de diversidade religiosa e de pessoas com deficiência e regionalidades”¹³⁰. Com esta interpretação indicam que a luta feminista deve incluir a superação de outras formas de desigualdades, como o preconceito.

O crescimento da militância política da juventude, de acordo com Souza (2004), contesta as novas formas do capital, simbolizadas pelas grandes corporações internacionais.

Jovens recusam a razão instrumental capitalista, constituindo “novas manifestações contestatórias de rua em cidades onde estão instalados os centros financeiros do grande capital, do Brasil e do mundo” (SOUZA, 2002, p.457).

Neste sentido pode-se afirmar que:

¹²⁹ Trecho extraído do *post* “Resultados do encontro”, de 27 de abril de 2008, disponível em: <<http://dialogoj.wordpress.com/2008/04/27/resultados-do-encontro/>>. Acesso em: 14 de outubro de 2009.

¹³⁰ Idem.

é no embate de jovens militantes do movimento global para constituir-se como uma nova geração política que podemos hoje encontrar as jovens interessadas em levar adiante a organização e o projeto emancipatório das mulheres (GIOVANNI, 2003, p.657).

Por outro lado a relação entre juventude e gênero se torna mais complexa quando o contexto histórico é considerado já que as mudanças que ocorrem “entre as gerações são agudizadas pelas transformações associadas a condição social da mulher, especialmente a redução das limitações e restrições no plano da sexualidade” (MARGULIS, 2001, p.50).

É neste contexto de organização política da juventude e de uma nova conformação do feminismo, que as jovens mulheres internautas, renovando a linguagem de resistência e em busca da justiça de gênero, se inserem e estabelecem o que lhes é prioritário enquanto ação coletiva.

A busca de sentidos e significados atribuídos pelas jovens às suas ações continua, neste capítulo, através da análise dos registros imagéticos da atuação das jovens feministas, disponibilizados no Dialogoj, como indícios das suas ações enquanto articulação nacional de jovens que compartilham ideias feministas.

Considerando o propósito de comunicar significados a outros, foram selecionadas três fotos dentre os temas mais recorrentes¹³¹ para a compreensão da especificidade do espaço de experiências conjuntivas e das orientações coletivas que norteiam a prática dos produtores de imagens.

¹³¹ Demonstrados no Capítulo 4.

7.1 FEMINISMO NÃO COMBINA COM LESBOFOBIA

Dando início a interpretação formulada da Figura 13 e buscando seus elementos pré-iconográficos, identifica-se que a foto é colorida e composta por jovens, que estão em pé na esquina de uma via pública.

Figura 13: Jovem feminista



Fonte: Dialogoj

A esquina é marcada por um prédio comercial que está com as portas de enrolar semifechadas, um semáforo e um poste. A imagem é formada por dois planos.

No primeiro plano uma jovem segura um cartaz logo abaixo do rosto e que recobre quase todo o corpo. Esta jovem tem também na mão esquerda uma flor. Seus cabelos são da cor magenta e ela sorri.

No cartaz pode-se ler a frase “feminismo não combina com lesbofobia!”, grafada no centro do cartaz e em preto. Em todas as palavras, as letras utilizadas são maiúsculas. A palavra “não” recebe tratamento especial com relação à posição, pois foi grafada na lateral direita do cartaz, na vertical e ao lado das palavras “feminismo” e “combina”. A palavra “lesbofobia” foi escrita utilizando um tamanho levemente maior que as outras. No rodapé se lê a frase “Articulação brasileira de jovens feministas - ABJF”, grafada com letras pequenas, porém em maiúsculas e em vermelho.

O plano de fundo é composto por outras jovens e pelo prédio. Um grupo, formado por seis jovens, pode ser identificado próximo ao semáforo e ao poste, das quais se pode ver apenas parte dos seus rostos. Uma sétima jovem, de quem se pode ver apenas os cabelos na cor magenta está encoberta pela que está em primeiro plano. O cartaz cobre a oitava jovem, deixando perceptível um pouco menos da metade do rosto e o cabelo tingido de magenta. A nona jovem está de lado para o produtor da imagem que representa, portando uma bolsa branca onde está impresso uma boca vermelha.

Sobre a análise dos elementos iconográficos, nesta imagem a esquina, configura-se como encontro de dois caminhos ou como possibilidade de duas direções. A rua serve de cenário, assumindo tanto o sentido de coletividade e movimento, onde pessoas podem se mover para várias direções ou para um mesmo lugar, quanto o de diversidade e transformação pela pluralidade das pessoas que a ocupa.

No caso desta fotografia, a esquina de uma rua parece anunciar uma interseção entre formas diferentes de compreensão do feminismo, ao mesmo tempo em que revela a possibilidade de diferentes direções para a militância no movimento de mulheres.

O sentido de cruzamento de ideias também pode ser visto quando a fotografia, ao apresentar jovens mulheres em uma via pública, destaca uma delas, a que porta um cartaz. O cartaz é empregado na imagem como instrumento que registra uma concepção para o restante do grupo.

Ser fotografada, dando visibilidade a este cartaz, assume tanto o significado de apresentá-lo como aquilo que faz parte de si, que deve ser colocado à vista e dado a conhecer publicamente, quanto representa uma concepção partilhada por um grupo.

As outras jovens que compõem a foto, revelam a inscrição num grupo geracional, a juventude a quem, a jovem que segura o cartaz, parece comunicar uma concepção. Entretanto, mesmo que seja vista como participante de um conjunto, ter sido colocada em evidência na imagem, lhe atribui singularidade em relação às outras, um atributo, que lhe concede uma posição que a distingue dentre os outros jovens de sua geração.

Iniciando a interpretação refletida, no estudo da composição formal, da Figura 13, foi aplicado para a análise da composição planimétrica, o triângulo isóscele, traçado a partir do dedo indicador da jovem que segura o cartaz, uma linha e um círculo. O círculo traçado dentro dele, é o incentro, que se refere ao ponto de interseção das bissetrizes (retas que partem dos vértices do triângulo)¹³².

Figura 13.1: Jovem feminista - composição planimétrica



Fonte: Dialogoj

¹³² Em qualquer livro de geometria pode-se encontrar informações mais detalhadas sobre os elementos de um triângulo. Entretanto detalhes deste assunto podem ser acessados rapidamente nos seguintes sites: http://alfaconnection.net/pag_avsm/geo0302.htm#GEO030201, e http://www.mat.uel.br/geometrica/php/dg/dg_10t.php.

Na Figura 13, o triângulo delimita o componente central da imagem, a garota que segura o cartaz, separando-a dos outros elementos da foto. A posição da personagem em relação ao triângulo possibilita a interpretação das intenções dos produtores da imagem, sobre o que é necessário dar a conhecer, que no caso não é a jovem em si, mas o texto do cartaz.

Ao observar os limites do triângulo pode-se perceber que, ao destacar a jovem, os produtores da imagem a apresentam como porta voz de um grupo, de uma concepção julgada válida pelo grupo que ela representa. A circunferência dentro do triângulo, ou o incentro, delimita o cartaz como centro da composição da imagem, e o fato do ponto de interseção das setas, recair sobre a palavra “lesbofobia”, denota a construção de um posicionamento sobre a definição clássica de gênero marcada pelo binarismo entre feminino e masculino.

Os elementos da planimetria da imagem, portanto documentam o dilema, a encruzilhada, reconhecida e apontada pelas jovens, como algo a ser considerado pelo movimento feminista, o preconceito que parte da matriz heterossexual, ou da heteronormatividade.

Ao proceder à análise da projeção perspectivista pode-se perceber que a foto perde nitidez na parte superior da imagem e a jovem que está à esquerda no plano de fundo, indica a posição de quem fez a foto.

Figura 13.2: Jovem feminista - projeção perspectivista



Fonte: Dialogoj

Assim, a linha do horizonte passa pela jovem que segura o cartaz e pode-se localizar que o ponto de fuga está localizado no cartaz, especificamente na palavra “não”. Colocada no centro da perspectiva, a jovem parece representar um questionamento, uma contestação, comunicando a quem a vê um território de fronteira entre as jovens e a história do feminismo.

Na análise da coreografia cênica da Figura 13, pode-se identificar que as mulheres que compõem a imagem possuem um vínculo geracional, são jovens, entretanto ocupam posições diferentes. Das dez jovens que compõem a imagem, uma está totalmente oculta, oito tem apenas parte do rosto visível, uma está totalmente visível, mas ocupa o fundo da imagem e apenas uma ocupa lugar de destaque.

Nesta foto não houve preparação de todo o grupo para a composição da imagem, já que nove jovens estão espalhadas pela imagem e fazendo parte da ambientação cênica, compondo o plano de fundo. Entretanto, o produtor da imagem

que representa, teve a intenção de destacar uma delas e, esta sim, posa para a foto apresentando o cartaz.

Estar desordenadamente ocupando um lugar, uma posição secundária que faz parte do cenário, no caso de nove jovens enquanto uma componente da mesma geração recebe um espaço maior que a põe em destaque, parece comunicar o sentido de pluralidade e diversidade, como elementos da juventude.

A composição da imagem indica que embora estejam no mesmo lugar, isto não significa que as jovens estejam percebendo a situação, o momento, da mesma forma, ou que assumam o mesmo compromisso e tenham a mesma interpretação, já que “diferentes grupos etários vivenciam tempos diferentes em um mesmo período cronológico” (WELLER, 2010, p.6).

Assim, a foto revela distinções para quem comunica e o que comunica, ao mesmo tempo em que reconhece que existem diferentes possibilidades dentro de um mesmo grupo geracional. As análises anteriores acerca do lugar escolhido como cenário, a esquina de uma via pública, e a formação plural da juventude, na análise icônico-iconológica, possibilita a interpretação relativa ao lugar que a jovem mulher associada a ABJF - Associação Brasileira de Jovens Feministas, assume enquanto singularidade e identidade na militância feminista.

Como a esquina aponta para possibilidades distintas e por vezes contraditórias entre posicionamentos e formas de atuação, o grupo de jovens mulheres feministas reconhece, no interior do movimento feminista, o viés da heterossexualidade obrigatória que reproduz relações de dominação e hierarquiza as orientações da sexualidade, para se colocar no lugar da denúncia no movimento feminista.

Tomar uma esquina, o ponto de cruzamento de duas ruas, como cenário de jovens mulheres onde uma delas comunica uma posição de crítica, alude à lógica paradoxal, apontada por Scott (2005), entre a igualdade e a diferença. Ao apresentar uma jovem segurando um cartaz, os produtores da imagem anunciam uma tensão de significados e interpretações, pois reconhecem a igualdade como princípio ao mesmo tempo em que reivindicam a diferença como conteúdo de uma prática igualitária.

Outro paradoxo apontado pela autora se refere a que “Identidades de grupo definem indivíduos e renegam a expressão ou percepção plena de sua individualidade” (SCOTT, 2005, p. 15). Na imagem as jovens se opõem a um feminismo que reage negativamente ao reconhecimento das relações homoafetivas, negando a um grupo de mulheres, as lésbicas, uma condição igualitária.

Por outro lado as solicitações em torno da igualdade implicam em “aceitação e a rejeição da identidade de grupo atribuída pela discriminação” (SCOTT, 2005, p.15), movimento contraditório que, no caso da Figura 13, é apontado na representação de uma jovem que veicula um discurso, que estando no meio de várias outras, está ao mesmo tempo separada delas. Ou de outra forma, a solicitação de tratamento igualitário pode obter como efeito, a exclusão porque se é o solicitante da igualdade.

Da mesma forma, reconhecer que a juventude não é homogênea, resgata o caráter contestador da disposição de apresentar-se com valores, reflexões e opiniões não consensuais. Por outro lado, a possibilidade de apresentar-se, também carrega a noção de eixo aglutinador de um processo de desconstrução da estrutura classificatória entre as identidades de gênero. No contexto de uma tradição social que interpreta os gêneros de modo ontológico e dualista, a imagem articula o reconhecimento de si, enquanto quem ocupa e defende uma posição, e o reconhecimento do outro, no que se refere a ser um membro de uma coletividade específica.

No que se refere à análise dos elementos textuais, pode-se ver que a legenda da Figura 13, “jovem feminista”, indica a posição geracional e o vínculo com um campo político e teórico. Os agentes de produção da imagem, ao colocar no centro da narrativa visual a frase “feminismo não combina com lesbofobia!”, recusam a heteronormatividade ou o mito da bissexualidade original, que opõe as pessoas a partir do sexo biológico, solicitando o reconhecimento das diferentes identidades de gênero em bases igualitárias pelo movimento feminista.

Ao utilizar letras maiúsculas em toda a frase e colocá-la seguida de uma exclamação, as jovens feministas comunicam visualmente uma exigência, ao mesmo tempo em que informam ter localizado uma contradição na prática feminista. A exigência se refere à desconstrução do binarismo que cerca a noção de gênero, e classifica as identidades de gênero a partir do par feminino e masculino, desconsiderando a sua multiplicidade. A contradição se relaciona a compreensão de que a luta pela igualdade, no campo da militância feminista, não tem incluído o reconhecimento da lesbianidade como uma orientação da sexualidade válida, e que a discriminação, segregação ou invisibilidade constituem-se em formas de opressão.

De fato, a lesbianidade não foi incorporada pelo movimento feminista, pois “as lésbicas passaram a ser uma ameaça, mesmo que estivessem no campo da discussão da sexualidade, fundante para o feminismo, e lutassem também pelas causas clássicas da agenda heterossexual, como contracepção e aborto” (SOARES; COSTA, 2011, s/p).

No Dialogoj, o *post* de 20 de março de 2008, revela que a contradição entre o feminismo e o movimento de mulheres lésbicas é identificada pelo grupo, ao reproduzir a pergunta de uma jovem feminista: “Por que há tanta resistência com a palavra lésbica? Por que nessa relação com o feminismo muitas vezes é negada uma das identidades que também faz parte do movimento, que é a lesbianidade?”¹³³. O *post* indica como resposta que “o receio do movimento feminista em reconhecer a lesbianidade como uma das identidades que o compõe, é o medo de reforçar o estereótipo de que toda feminista é lésbica¹³⁴”.

Assim, expõe as tensões entre feminismo e lesbianidade e o debate dos estereótipos em torno do feminismo que se referem ao “risco da perda da feminilidade por feministas e, associar o feminismo e a lesbianidade é dar como certa, a masculinização” (SOARES; SARDENBERG, 2011, p.2), já que deste ponto de vista “as lésbicas são uma espécie de contaminação da imagem das feministas que arruinariam a categoria mulher” (SOARES; SARDEMBERG, 2011, p.2).

¹³³ Trecho extraído do *post* “Jovens feministas sim, com muito orgulho!”, de 20 de março de 2008, disponível em: < <http://dialogoj.wordpress.com/2008/03/20/jovens-feministas-sim-com-muito-orgulho/>>. Acesso em: 13 de outubro de 2009.

¹³⁴ Idem.

Ao grafar o vocábulo “lesbofobia” em tamanho maior que as outras palavras, indicam o compromisso com a justiça de gênero e denunciam a atitude discriminatória que exclui, segrega ou interpreta negativamente mulheres lésbicas e suas relações homoafetivas, expondo e dando visibilidade tanto a esta forma de preconceito, quanto a sua existência na militância feminista. A ênfase atribuída à palavra “não”, grafada na direção vertical, enquanto as outras estão na direção horizontal, parece propor uma cisão no contexto em que se desenvolvem e se mantêm as formas de opressão às mulheres lésbicas no movimento feminista.

A imagem parece assumir o rompimento como necessário para a promoção da igualdade de direitos, uma afirmação incontestada quanto a reunir coisas díspares como a igualdade e o preconceito, no mesmo terreno, na militância feminista que, contraditoriamente, sendo um movimento que busca a justiça social, promove a injustiça de gênero. No Brasil, para Soares e Costa (2011) “a tendência do movimento feminista foi estabelecer a convivência com feministas lésbicas sem preocupar-se com a desconstrução da heteronormatividade na pauta política e teórica” (s/p).

Para as autoras as tensões provocadas no movimento feminista não se transformaram em reconhecimento das demandas deste grupo, sendo invisibilizadas, desconsideradas ou negadas, “sendo mais grave o silêncio do feminismo perante as violências sofridas pelas lésbicas, como o chamado estupro corretivo” (SOARES; COSTA, 2011, s/p).

A frase no rodapé do cartaz “ARTICULAÇÃO BRASILEIRA DE JOVENS FEMINISTAS - ABJF” embora esteja com letra menor, está em vermelho e chama atenção para o lugar de onde a imagem faz a exigência pela justiça de gênero e combate ao preconceito originado na hierarquização das orientações da sexualidade: jovens mulheres organizadas em torno do feminismo e que realizam ações coletivas valendo-se de uma associação nacional.

As jovens feministas da ABJF - Articulação Brasileira de Jovens Feministas, anunciam a posição de defesa dos direitos de todas as mulheres como fundamento da organização e atuação do grupo. Na Carta de Princípios da associação, as jovens feministas declaram entre as razões primárias da sua agregação: “Repudiar todas as formas de racismo, etnocentrismo, discriminação e intolerâncias correlatas”¹³⁵, “Combater a lesbofobia e intolerâncias correlatas”¹³⁶, o “Reconhecimento do direito à liberdade de orientação afetivo-sexual e expressão sexual como um direito humano”¹³⁷, destacando como um dos direitos humanos das mulheres jovens, a eliminação das desigualdades baseadas na orientação afetivo-sexual.

Assim, a Figura 13, afirma o compromisso de combater o preconceito, especificamente a lesbofobia, dentro do próprio movimento feminista.

¹³⁵ Trecho extraído do Post “Resultados do encontro”, de 27 de abril de 2008, disponível em: <
<http://dialogoj.wordpress.com/2008/04/27/resultados-do-encontro/>>. Acesso em: 14 de outubro de 2009.

¹³⁶ Idem

¹³⁷ Idem

7.2 FEMINISMO NÃO COMBINA COM RACISMO

Ao iniciar o estudo da interpretação formulada da Figura 14, na análise dos elementos pré-iconográficos, pode-se dizer que trata-se de uma foto colorida, composta por um grupo de jovens mulheres negras, no interior de um prédio.

Figura 14: Negras Jovens feministas



Fonte: Dialogoj

A imagem é formada por três planos. O primeiro é constituído por três garotas a direita da imagem, sendo que uma delas, à frente do grupo, está com as pernas levemente arqueadas, uma segura um folheto e a outra um bloco de papéis. O segundo é formado por quatro jovens. O plano de fundo é composto pelas paredes que compõem o ambiente. Todas as componentes estão em pé, sorrindo e vestidas despojadamente. Duas usam lenços amarrados no estilo afro, uma está de cabelo preso e as outras têm os cabelos soltos e penteados naturalmente.

No grupo, cinco usam crachás. A parte de cima dos crachás contém a frase, II Conferência Nacional de Políticas Públicas para as Mulheres. Os crachás são de duas cores, lilás e laranja, sendo que no centro do lilás está escrito a palavra delegad, e no outro, em laranja, se lê a palavra imprensa. No rodapé dos crachás há uma frase ilegível.

Cada uma das jovens segura um objeto, entre sacolas plásticas, jornais e folhetos, câmera fotográfica e flor. As sacolas contêm água, refrigerante e materiais impressos. No conteúdo de uma das sacolas, se lê a palavra racismo e fragmentos de outras. Quatro jovens vestem camisetas iguais, nas quais se veem bonecas em cores diferentes (azul, amarelo, lilás e verde) e os fragmentos de palavras, cismo e ismo.

Uma delas segura um folheto em preto e branco, com a frase “FEMINISMO NÃO COMBINA COM RACISMO” em quatro linhas. Na primeira linha, a palavra feminismo, foi grafada em tamanho maior dos que os utilizados nas palavras da segunda e terceira linhas, e com um leve desvio ascendendo à direita. Na expressão, não combina, foi utilizado o menor tamanho de letra, e com um desvio descendente à direita. No vocábulo com, na terceira linha, foi utilizado um tamanho de letra maior do que o utilizado na linha anterior, e um leve desvio descendente na letra m. Na quarta linha, o termo racismo, está redigido em linha reta, e no mesmo tamanho que a palavra da primeira linha, feminismo.

Além da frase, o folheto tem dois desenhos abaixo da frase. Um laço com uma legenda ilegível e, outro que tem no centro, o símbolo da mulher, e no meio deste a inscrição, 4P¹³⁸. O plano de fundo é composto por uma parede com uma porta, uma escada e um ambiente recuado onde se projeta uma imagem.

Ao proceder à análise dos elementos iconográficos pode-se identificar que o ambiente escolhido nesta foto, o interior de uma edificação, anuncia uma visão de dentro, uma relação de pertencimento, de vínculo. O prédio parece, neste caso, representar o que está constituído, edificado, mas que possui caminhos internos que

¹³⁸4P é síntese da expressão Poder Para o Povo Preto, utilizada pelo movimento negro norte-americano (*Black power* e panteras negras), em meados dos anos de 1960 e adotado pelos jovens negros brasileiros ligados ao hip hop (cf.: BASTOS, Pablo Nabarrete. Ecos de espelho – movimento *hip hop* do ABC paulista. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Comunicação, 2008, SP, Universidade de São Paulo, 325p.). No Brasil, em 1999, o criador do grupo de rap DMN, o rapper Xis, fundou a 4P Discos, uma gravadora independente, que tornou-se também organizadora de eventos musicais e culturais relacionados ao *hip hop*, de acordo com o *blog* muralha, disponível em: <<http://www.muralha-muralha.blogspot.com.br/>>. A visualização da sigla 4P só pode ser obtida quando aplicado zoom na imagem.

possibilitam diferentes percursos. A escada, em dois lances, indica outro lugar dentro da própria estrutura, assumindo, nesta imagem, o lugar de possibilidade, de acesso a outro andar, de um percurso específico, trilhado por dentro da própria edificação. Assim, o edifício assume o lugar do movimento feminista que está ocupado, nesta imagem, por um grupo de jovens mulheres negras que se identificam com o feminismo.

A imagem aponta para o sentido de ocupar um lugar a partir do interior, de se posicionar, de percorrer um caminho com degraus, o que é reforçado, na imagem, pelos diferentes materiais que cada uma das jovens do grupo porta. De jornais a sacolas com água e refrigerante, camisetas e folhetos, parecem anunciar uma disposição e preparo para percorrer o caminho. Ao mostrar o folheto, o grupo de jovens mulheres fixa o lugar de onde vão partir para executar o percurso, a recusa do preconceito racial. As jovens parecem adentrar a construção, requerer um lugar como jovens mulheres negras, dispostas a promover um rompimento com a prática do racismo no interior do feminismo.

Dando início à interpretação refletida da Figura 14, para auxiliar a análise da composição formal, no exame da composição planimétrica, foram utilizadas três setas e um retângulo.

Figura 14.1: Negras Jovens feministas - composição planimétrica



O retângulo destaca como elemento central da imagem o grupo, que ocupa praticamente todo o espaço da imagem. Os limites estabelecidos, a partir do retângulo, as separam da construção indicando que embora estejam em relação com esta têm também singularidades a serem observadas, que estampam nas camisas e nos materiais que carregam. As setas apresentam movimentos diferentes. Duas setas em curva acompanham o movimento corporal das jovens, que estão nas laterais levemente inclinadas em direção ao centro. Uma seta em linha reta acompanham as que estão no centro. A direção das setas aponta para a escada, para o caminho a ser percorrido, com degraus, que se transpostos, podem conduzir o movimento feminista, a outro patamar.

O estudo da planimetria da imagem permite a compreensão de que os produtores da imagem tiveram a intenção de ressaltar a importância do grupo de jovens mulheres negras na construção de um feminismo que não hierarquize ou privilegie as mulheres que o compõem a partir da raça, nem admita o preconceito racial na sua estrutura.

Realizando a projeção perspectivista percebe-se que todo o grupo olha em direção ao fotógrafo, entretanto é a jovem que segura o folheto, quem anuncia a posição do produtor da imagem que representa, bem como o foco da imagem se dilui no fundo e da direita para a esquerda.

Figura 14.2: Negras Jovens feministas - projeção perspectivista



Fonte: Dialogoj

Portanto, a linha do horizonte ou o olhar do fotógrafo, está localizada na altura da cintura das fotografadas, onde se pode localizar o ponto de fuga situado no folheto, em cima da expressão não combina. Neste sentido, a mensagem do folheto no centro na perspectiva, reforça a noção de que o posicionamento do grupo é de contestação de práticas ou posicionamentos de cunho racista.

Analisando a coreografia cênica da Figura 14, pode-se perceber que as jovens posam descontraidamente e posicionadas lado a lado, indicam a preocupação de dar visibilidade a todo o grupo. A única componente que está à frente do grupo, está levemente agachada e nesta posição possibilita a jovem que está atrás, aparecer, assim como a inclinação a direita de uma das jovens, garante que seja vista na imagem. Ambos ressaltam a união como elemento de formação grupal.

Assim, pode-se ver que nesta foto houve preparação dos produtores da imagem no arranjo visual das componentes, tanto como estratégia de reconhecimento de jovens mulheres negras, quanto como crítica ao movimento feminista. Esta última é revelada pela posição diligente com que uma das fotografadas apresenta o folheto, inserindo-o na narrativa da imagem sobre a desigualdade intragênero.

Com este ponto de vista, anunciam uma perspectiva feminista que emerge da especificidade do grupo, são jovens, mulheres, negras que localizam além do condicionante racial que subjulga mulheres e homens, um processo de subalternização das mulheres negras em relação às mulheres brancas. Este posicionamento resulta de uma leitura crítica considerando que se o feminismo, “de um lado promove a afirmação das mulheres em geral como novos sujeitos políticos, de outro exige o reconhecimento da diversidade e desigualdades existentes entre essas mesmas mulheres” (CARNEIRO, 2003, p.119).

Neste sentido, duas marcas podem ser identificadas como características fundamentais da coreografia cênica da foto: a posição firme e o movimento. O fato de estarem em pé parece comunicar que fixam um lugar, um posicionamento firme e contrário ao preconceito racial intragênero. A leve inclinação em direção ao centro a partir das extremidades parece indicar pertencimento e anuência à posição assumida pelo grupo e, ao mesmo tempo, revela movimento, pois ainda que tenham se posicionado lado a lado, o fazem de um modo relaxado e, portando apetrechos,

declaram uma disposição para alterar a situação e que estão preparadas para realizar a ação.

A escolha do local, o interior de um prédio, o posicionamento das jovens, em pé tendo ao fundo uma escada, na análise icônico-iconológica anuncia as contradições históricas do movimento feminista e a multiplicação dos espaços de atuação no seu interior, processo desencadeado em meados da década de 1980, em que foi “a organização própria das mulheres negras no âmbito dos encontros feministas que propiciou a articulação das categorias classe, gênero e raça para uma compreensão mais concreta da exclusão das mulheres” (SOARES, 1998, p.45), de modo que, intensificada nos anos 90, “as organizações feministas de mulheres negras seguiram crescendo e ampliando a agenda política feminista e os parâmetros da própria luta” (MATOS, 2010, p.85).

Estar firmemente posicionado no interior e a frente de uma escada indica um percurso que, no caso das jovens da ABJF - Articulação Brasileira de Jovens Feministas, de acordo com o *post* do Dialogoj, de 12 de novembro de 2007, deve-se a “um trabalho articulado e uma aliança de jovens feministas de diferentes segmentos desde 2004”¹³⁹ e que culminou na assunção pública da inserção de temas da agenda das jovens, na plenária final da II Conferência Nacional de Políticas Públicas para as Mulheres, realizada em agosto de 2007¹⁴⁰.

O movimento feminista na foto é considerado como uma construção, uma edificação que é identificado pelas jovens da Articulação Brasileira de Jovens Feministas (ABJF), a partir de contradições históricas, em que a escada representa a possibilidade de intervir e conduzir ao reconhecimento da diferença como igualdade. Neste sentido, um dos materiais produzidos pelo grupo para a II Conferência Nacional de Políticas Públicas para as Mulheres, de acordo com o *post* de 19 de agosto de 2007 foi o zine¹⁴¹ “Feminismo não combina com racismo”¹⁴², que aparece na Figura 14, sendo segurado por uma das jovens, e que constitui a narrativa visual da imagem.

¹³⁹ Trecho extraído do *Post* “Jovens Feministas Presentes”, de 12 de novembro de 2007, disponível em: < <http://dialogoj.wordpress.com/2007/11/12/jovens-feministas-presentes>>. Acesso em: 14 de outubro de 2009.

¹⁴⁰ Na época Nilcéa Freire era a Ministra da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM).

¹⁴¹ Zine é uma redução de fanzine um tipo de publicação em que “não há preocupações com grandes tiragens ou lucratividade e seus editores são os únicos encarregados de todo o processo de produção, incluindo escrita, edição e distribuição” (CAMARGO, 2011).

¹⁴² Anexo 4 e disponível em: < <http://dialogoj.files.wordpress.com/2007/11/12/jovens-feministas-presentes>>

Nele são apresentadas doze reivindicações¹⁴³ principais das negras jovens feministas, que fazem a interseção entre geração, raça, sexualidade e direitos sociais, assumindo o lugar de porta vozes. O *post* de 23 de agosto de 2007, do Dialogoj, avaliando participação das jovens na conferência afirma:

as jovens feministas, negras, indígenas, lésbicas, rurais, quilombolas, deram um show de autonomia, solidariedade, tolerância e respeito às diferenças, jovens participantes dos mais diversos segmentos e identidades construíram aliança e firmaram pactos e compromissos pela afirmação dos direitos das mulheres e por um feminismo sem racismo, sexismo e lesbofobia. Nossa identidade de jovens coexistiu com nossas identidades raciais de orientação sexual, territoriais e de classe, provando que: as identidades se complementam e jamais devem se sobrepor e ou anularem-se em contato com outras¹⁴⁴.

A participação e contribuição das jovens mulheres no movimento feminista são reconhecidas por Alvarez (2000) quando afirma que “a nova geração de feministas, sua política, experiências pessoais e agendas diferem significativamente das organizadoras ‘veteranas’ e formam uma discussão própria e regional”¹⁴⁵ (p.6).

O sentido icônico-iconológico, portanto se refere ao papel de provocar um deslocamento, promover uma reorientação do movimento feminista a partir da oposição as formas de opressão das mulheres negras no interior do movimento feminista.

¹⁴³ As reivindicações são: 1) “Intensificação da luta de combate ao racismo ao sexismo e a lesbofobia”; 2) “Implementação das políticas de ações afirmativas de cotas e reparações históricas”; 3) “Denunciar e identificar a criminalização do aborto como prática racista que provoca o genocídio das mulheres negras jovens”; 4) “Garantir os direitos humanos, sexuais e reprodutivos das mulheres negras jovens”; 5) “Implementar o programa de planejamento familiar incorporando recorte geracional e racial na aplicação do programa e com controle social”; 6) “Destinação de recursos financeiros técnicos e de gestão para apoiar as iniciativas de empreendedorismo e geração de trabalho e renda das negras jovens”; 7) “Retornar e fortalecer as iniciativas de aproximação e cooperação com as jovens africanas e das diásporas negras”; 8) “Estabelecer diálogos e alianças com as diversas representações e perspectivas juvenis, em especial as juventudes LGBTTT, contra a discriminação racial, lesbofobia e a homofobia”; 9) “Defesa do Sistema Único de Saúde e implementação do plano de saúde da população negra”; 10) “Implementação da Lei 1036399/03 (com controle social)”; 11) ‘Garantir os direitos trabalhistas das empregadas domésticas em igual condição e gozo de direito’; 12) Combater a intolerância religiosa e a perseguição das religiões de matrizes africanas”.

¹⁴⁴ Trecho extraído do *post* “Negras Mulheres Jovens” de 23 de agosto de 2007 disponível em: <<http://dialogoj.wordpress.com/2007/08/23/negras-mulheres-jovens/>>. Acesso em: 16 de outubro de 2009.

¹⁴⁵ Tradução livre do original em inglês.

Na análise dos elementos textuais, a legenda da foto “Negras Jovens feministas”, demarca o ponto de que partem para traçar o percurso da sua atuação, a identidade racial. A palavra, Negras, utilizada no início da frase, desloca o centro discursivo da imagem para a questão racial, comunicando que o sentido da imagem se refere à interseção entre raça, geração e gênero.

Esta posição afirmativa e de identificação é explicada na postagem de 05 de outubro de 2008, no Dialogoj:

precisávamos saber o espaço que *ser Negra*¹⁴⁶ ocupava no universo feminista, para, então, poder nos posicionar como sujeitas de um processo, onde só desejamos estar se na condição (de) protagonistas, de pensadoras e executoras¹⁴⁷.

Respondendo aos questionamentos acerca do lugar de onde falava e da necessidade de identificarem-se como Negras jovens feministas¹⁴⁸, o texto do *post* explica:

falamos do lugar das indocumentadas, aquelas de quem a história ‘oficial’ não cita nomes nem sobrenomes; as resistentes Mulheres Negras sequestradas na África e escravizadas no Brasil, as guerreiras quilombolas, as sobreviventes do 14 de maio de 1888. Muito pouco foi escrito sobre as lutas emancipatórias dessas Mulheres negras e esse pouco do que sabemos foi nos transmitido por nossas *griots* acervo ancestral vivo que com sua sabedoria preservaram histórias e segredos *Yabas*, da dialeticamente matricialidade africana de *GUELEDES E YALODES*; de negras mulheres cujas existências foram profundamente marcadas e diferenciadas pela resistência a opressão de raça e gênero impostos pelo regime escravista, patriarcal e capitalista¹⁴⁹.

Reconhecendo-se como indocumentadas, com marcas e diferenças oriundas dos processos de dominação, identificar-se como jovem e feminista, não é suficiente. Portanto, a imagem documenta a solicitação de uma multiplicação do espaço e da luta feminista em oposição ao condicionante histórico que secundariza o negro, seja homem ou mulher e que foi absorvido pelo movimento feminista brasileiro, branco e eurocêntrico, subalternizando as demandas das mulheres negras.

¹⁴⁶ No Dialogoj, o destaque é feito em negrito.

¹⁴⁷ Trecho extraído do *post* “Negras Jovens Feministas”, de 05 de outubro de 2008, disponível em: <<http://dialogoj.wordpress.com/2008/10/05/negras-jovens-feministas/>>. Acesso em: 17 de outubro de 2009.

¹⁴⁸ Nos *posts* e na legenda da foto a palavra, negras, sempre é grafada iniciando com letra maiúscula independente de estar no início ou meio de uma frase, o que revela a ênfase na identidade racial.

¹⁴⁹ Idem.

Ainda que, a partir de 1985, segundo Carneiro (2006), o movimento feminista tenha sido oxigenado, entre outros, pela atuação das mulheres negras e, no início do século XXI, pela atuação de diferentes organizações e das mulheres negras do Brasil, que coligadas com o movimento feminista, tenham contribuído significativamente para a discussão sobre gênero e políticas antirracismo no Brasil e na América Latina, as jovens identificam a necessidade de pontuar a raça como componente fundamental de sua existência.

Ao expor o folheto com a frase “Feminismo não combina com racismo” as produtoras da imagem põem em curso uma crítica no interior do movimento feminista que não tem o sentido de negá-lo ou repudiá-lo, mas de estabelecer um questionamento da sua construção, das premissas que sustentam a prática de invisibilização, discriminação ou segregação das mulheres negras. A crítica que está presente na frase se refere “a consciência de que a identidade de gênero não se desdobra naturalmente em *solidariedade racial intragênero*” (CARNEIRO, 2003, p.120)¹⁵⁰.

Esta interpretação pode ser localizada no *post* de 11 de março de 2008, assinado por Dialogoj, onde disponibilizam o documento Carta das Negras Jovens Feministas “Rumo ao I Encontro Nacional de Jovens Feministas”¹⁵¹. Nele as jovens afirmam que “Reconhecemos no Movimento Negro e no Movimento Feminista as mais expressivas e combatentes vertentes do movimento social”¹⁵². Porém, ressaltam que:

derrubamos o mito a democracia racial, introduzimos o debate do racial no movimento feminista e o debate de gênero no movimento negro, construímos as bases ideológicas para a adoção de políticas de ações afirmativas pelo estado brasileiro, pautamos as demandas da população negra no âmbito das políticas públicas. Diante do cenário de total desfavorecimento que encontramos, podemos afirmar que motivamos avanços, no entanto, ainda estamos muito longe de alcançar a igualdade racial e de gênero, de oportunidades e estamos convencidas de que para alcançarmos essa igualdade de condições, devemos tratar igual as (os) iguais e diferentes a (os) diferentes a fim de alcançarmos a igualdade de condições¹⁵³.

¹⁵⁰ Grifos da autora.

¹⁵¹ Anexo 3 e disponível em: <<http://dialogoj.files.wordpress.com/2008/03/11/carta-das-negras-jovens-feministas/>>. Acesso em: 20 de outubro de 2009.

¹⁵² Trecho extraído do documento: Carta das Negras Jovens Feministas “Rumo ao I Encontro Nacional de Jovens Feministas”.

¹⁵³ Idem.

Compreender que o reconhecimento do sujeito político mulher, não inclui as diferenças raciais, exigiu que as mulheres negras enfrentassem no movimento feminista “as contradições e as desigualdades que o racismo e a discriminação racial produzem entre as mulheres, particularmente entre negras e brancas no Brasil” (CARNEIRO, 2003, p.120).

Deste modo, a imagem parece alertar para a necessidade de reconhecimento da multiplicidade de mulheres que compõe o feminismo, e os prejuízos da tentativa de defini-la a partir de sua essência ou universalidade, logo, “desconstruir o sujeito do feminismo não é, portanto, censurar sua utilização, mas, ao contrário, liberar o termo num futuro de múltiplas significações, emancipá-lo das ontologias maternais ou racistas” (BUTLER, 1998, p.24).

7.3 FEMINISMO NÃO COMBINA COM ILEGALIDADE

Dando início à interpretação formulada da Figura 15 e, a partir da análise dos elementos pré-iconográficos, pode-se dizer que a foto colorida é composta por seis pessoas e três jovens que estão numa área externa de um prédio.

Figura 15: Legalização do aborto



Fonte: Dialogoj

A imagem é formada por dois planos. No primeiro plano, três jovens mulheres, duas negras e uma branca, vestidas descontraidamente estão em pé na extremidade de uma mesa. Uma delas segura uma lata de *spray* vermelho, iniciando a cobertura de um estêncil (molde vazado). A segunda está enrolada numa toalha, segura um pedaço de tecido e está encostada na mesa, olhando a pintura e tem uma das mãos sobre uma bolsa. A terceira está comendo algo e olha em direção ao

trabalho que está sendo executado. Duas estão de óculos escuros e duas tem os cabelos penteados naturalmente. Sobre a mesa há uma lata de spray de outra cor, uma lata de refrigerante e uma bolsa.

O estêncil, posicionado sobre a mesa e em cima de um tecido branco, foi confeccionado para a impressão da frase “legalizar aborto!”. A frase está escrita em duas linhas. Na primeira linha, a palavra legalizar está grafada em maiúsculas e recebeu um tamanho de letra menor que a palavra da segunda linha. Na palavra aborto foram utilizadas letras maiúsculas, sendo que a primeira letra está em tamanho maior que as outras.

O plano de fundo é composto por um toldo, um microfone, as paredes de um prédio e seis pessoas. Destas, cinco estão próximas a mesa, porém estão encobertas quase totalmente pelas jovens, o que impossibilita identificar se são jovens ou adultas, já que estão visíveis apenas fragmentos de rosto, cabelo, tronco e costas. Uma pessoa está mais ao fundo e de costas para a mesa.

Na análise dos elementos iconográficos pode-se identificar que o ambiente, uma área a céu aberto, tem o sentido de exposição, de dar visibilidade, de mostrar um posicionamento, uma interpretação. Neste ambiente, a confecção de material parece indicar a atitude de dar conhecimento da organização da atividade a outros e de promover a aproximação com o tema.

A opção por confeccionar um material sobre o tema do aborto, neste ambiente, aponta para o sentido de tratar clara e objetivamente um tema que, se para o movimento feminista é uma bandeira histórica, para a sociedade é um tema delicado e atravessado por questões morais e religiosas.

O toldo e o microfone indicam à existência de um palco que carrega o sentido de comunicação, de apresentação de posicionamentos, que na imagem assume a apresentação da postura favorável a legalização do aborto. Tratado deste modo, a imagem propõe um redimensionamento do tema, retirando-o do âmbito privado, pessoal e particular, para reposicioná-lo no campo da política, como um direito da saúde da mulher.

A iconografia da imagem apresenta, portanto duas direções. A primeira aponta o caráter de desvelamento, esclarecimento e abertura no trato do tema, que anuncia e compartilha uma interpretação e a segunda que registra a disposição das jovens mulheres em ter um papel atuante na construção de materiais estratégicos, que deem visibilidade a posição do movimento feminista.

Para a realização da interpretação refletida da foto, na análise da composição formal e no que tange a sua composição planimétrica, foram utilizadas três setas traçadas a partir da inclinação da cabeça de três jovens, e um retângulo traçado a partir de quatro linhas que partem do suporte do toldo, do braço da jovem que faz a pintura e das extremidades do estêncil.

Figura 15.1: Legalização do aborto - **composição planimétrica**



Fonte: Dialogoj

O retângulo destaca duas jovens que estão ocupadas com a confecção do material. As duas e o stencil ocupam mais de 90% da imagem. A partir dos limites estabelecidos pelo retângulo, pode-se observar que as duas são separadas da terceira jovem, que embora esteja acompanhando a realização da tarefa, está se alimentando. O retângulo também aparta as duas jovens do restante das pessoas que compõem a foto.

A distinção que as jovens recebem na imagem reflete a importância atribuída à realização da atividade, pois dos nove componentes da imagem, somente duas estão implicadas na confecção do material, ainda que uma delas esteja somente olhando, mas o faz de maneira diligente, como se estivesse zelando para sua boa execução.

Três setas em curva acompanham o movimento de inclinação da cabeça das jovens em direção ao estêncil e revelam que a construção de estratégias de comunicação e participação ativa, no movimento feminista, tem um papel relevante para os produtores da imagem. O estudo planimétrico da imagem informa a compreensão dos produtores da imagem sobre a atuação, disponibilidade de participação e comprometimento das jovens, na execução de atividades relacionadas na conquista da justiça de gênero.

Ao proceder à análise da projeção perspectivista, no caso desta foto, em que nenhum dos componentes olha para o produtor da imagem que representa, a posição do fotografo pode ser localizada a partir do foco da imagem.

Figura 15.1: Legalização do aborto - composição planimétrica



Fonte: Dialogoj

A linha do horizonte está localizada na jovem que faz a pintura e o ponto de fuga está situado em seu rosto. A jovem em ação, realizando a atividade, assume o centro da perspectiva demarcando o envolvimento das jovens com a reivindicação da legalização do aborto.

Ao analisar a coreografia cênica da foto, pode-se identificar que todas estão em pé e dos nove componentes da imagem, seis estão espalhadas e não realizam nenhuma ação específica, tem papel secundário. Três jovens estão posicionadas em volta da mesa e tem uma ação definida, olham para o estêncil ou realizam a ação.

Nesta imagem não houve preparação dos produtores da imagem, a foto captura o momento em que está em curso a elaboração de material. Estar em pé e difusamente posicionado num ambiente aberto, onde uma tarefa é realizada, indica a ideia de preparação, de organização de uma atividade em que alguns assumem uma tarefa específica. Isto é reforçado pelo fato de uma delas, a que está enrolada na toalha e que olha atentamente para a execução da tarefa, parece estar esperando que a sua camisa seja pintada. Com esta produção visual anunciam que para obter a legalização do aborto, é necessária a produção de estratégias que mobilizem significados e sensibilizem para os efeitos da prática insegura do aborto, especialmente, para as jovens mulheres.

O *post* de 29 de setembro de 2008 esclarece que jovens de 18 a 23 anos, constituem o grupo de mulheres com complicações, em função do aborto, mais atendido na rede pública de saúde. Resgatando o compromisso dos países, a partir das conferências do Cairo e Beijing¹⁵⁴ acerca da reforma de leis que tratem punitivamente mulheres que tenham realizado aborto e de oferecer serviços para o tratamento de complicações derivadas deste ato, afirma que a “Articulação Brasileira de Jovens Feministas entende que o aborto é um direito das mulheres que, para ser garantido precisa contar com a luta e a solidariedade de todas e todos” e ainda que:

¹⁵⁴ O *post* faz referência a Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento, realizada na cidade do Cairo em 1994 e a IV Conferência Mundial sobre a Mulher, realizada na cidade de Pequim (Beijing) em 1995. NA primeira mais de uma centena de países assinaram acordos internacionais, que foram ampliados na segunda, no ano seguinte.

(...) a criminalização do aborto tem como principal consequência a prática clandestina sob condições insalubres. Essa criminalização é duplamente discriminatória, porque fere a autonomia, dos direitos humanos e a liberdade fundamental de todas as mulheres.¹⁵⁵

Este posicionamento é fruto, segundo Rago (2004), do reconhecimento público do feminismo como movimento social que ampliou os direitos das mulheres, das alterações da imagem do feminismo nacional e internacionalmente, e sua reconfiguração englobando os movimentos de mulheres e setores da juventude. Sobre isso afirma:

A juventude pós-feminista em boa parte educada por pais antiautoritários, críticos das formas educacionais herdadas, sobretudo nas camadas médias e mais intelectualizadas da população mantém indubitavelmente relações mais libertárias com o corpo, com o sexo, com o outro, com a natureza e a própria vida. De certo modo, o discurso feminista, tanto quanto o ecológico, o étnico, para não falar do anarquista e socialista em geral foi incorporado em muitas dimensões, produzindo importantes efeitos na sensibilidade e no imaginário social, claramente perceptíveis na vida cotidiana (RAGO, 2004, p.2).

A foto possui três singularidades da coreografia cênica. A primeira se refere ao posicionamento político favorável à legalização do aborto. A segunda diz respeito à compreensão de que para assegurar este direito à mulher é necessário tornar a discussão pública e, por fim, assumir como tarefa a elaboração de estratégias para dar visibilidade ao tema.

No que se refere à análise icônico-iconológica, o fato de fotografar uma jovem produzindo material em um ambiente aberto, anuncia uma ação que compõe a histórica reivindicação do movimento feminista em torno dos direitos reprodutivos, que desde os anos de 1970 tem, por um lado “sido uma luta que traz em si a contestação do poder do estado para interferir em questões da intimidade dos/as indivíduos/as” (BATISTA; COSTA, 2011, s/p) e por outro busca “assegurar direitos e realizar políticas que viabilizem o livre exercício da sexualidade e da reprodução” (BATISTA; COSTA, 2011, s/p).

¹⁵⁵ Trecho extraído do *post* “28 de setembro, dia de luta pela legalização do Aborto na América Latina e Caribe”, de 29 de setembro de 2008, disponível em: <<http://dialogoj.wordpress.com/2008/09/29/28-de-setembro-dia-de-luta-pela-legalizacao-do-aborto-na-america-latina-e-caribe/>>. Acesso em: 14 de outubro de 2009.

Ao listar a legalização do aborto como um direito da mulher, as jovens fazem referência ao rompimento com a noção de maternidade como essência feminina e com o controle médico, religioso e político sobre o corpo da mulher, para inseri-lo no âmbito das redes de proteção e como elemento da saúde pública da mulher. Ao mesmo tempo remetem-se ao cotidiano das mulheres, de suas histórias de vida, muitas vezes marcadas por experiências negativas relacionadas a concepção, inscrevendo o espaço doméstico no espaço político. No movimento feminista a utilização do conceito de direitos reprodutivos “significa a ampliação da noção de cidadania como uma gestão de direitos sociais para além do Estado, contrapondo a dimensão do autoritarismo social” (OLIVEIRA, 2005, s/p), o que parece ser adotado como princípio pelas jovens.

Atrair olhares, expor o tema, como representado na imagem, é uma tarefa que a ABJF - Articulação Brasileira de Jovens Feministas assume e encaminha, nos diferentes eventos que participa. No *post* do Dialogoj, de 08 de maio de 2008, relatando sua participação em um evento da área de juventude afirmam:

Fomos para a Conferencia de Juventude com nossa bandeira erguida, escancarada, levantamos a bandeira pela “LEGALIZAÇÃO DO ABORTO”. Somos a favor da vida por isso lutamos pela legalização do aborto para que assim as jovens mulheres deixem de sofrer com as humilhações e maus-tratos no sistema público de saúde, e para que as mulheres deixem de morrer por abortos mal realizados. A criminalização do aborto não diminui sua prática e tão menos tem contribuído para reduzir os altos índices de mortalidade materna¹⁵⁶.

As jovens reconhecem que independente das tentativas de controle, a mulher tem a posse do seu corpo e como esta dimensão não é reconhecida pelo poder público, estão sujeitas às mazelas, aos efeitos nocivos a saúde da mulher e por vezes à morte.

¹⁵⁶ Trecho extraído do *post* “Educação sexual para prevenir, contraceptivo para não engravidar e aborto legal e seguro para não morrer”, de 08 de maio de 2008, disponível em: <<http://dialogoj.wordpress.com/2008/05/08/educação-sexual-para-prevenir-contraceptivo-para-não-engravidar-e-aborto-legal-e-seguro-para-não-morrer/>>. Acesso em: 23 de janeiro de 2010.

Na análise dos elementos textuais, a legenda da foto, “legalização do aborto”, anuncia o posicionamento político das jovens no que se refere a considerar a necessidade de uma regulação estatal, que proteja a mulher e dimensione as escolhas sobre ter ou não filhos como um direito, como reconhecimento de cidadania, tendo em vista a consecução em primeira instância da justiça de gênero, e por fim da justiça social.

O *post* do Dialogoj, de 03 de dezembro de 2009, convoca para a participação na assembleia geral da Frente Nacional pelo fim da criminalização das mulheres e pela legalização do aborto¹⁵⁷, utilizando como chamada para o evento, o slogan: “Nenhuma mulher deve ser presa, maltratada ou humilhada por ter feito aborto!”¹⁵⁸.

Entretanto, essa posição não é compartilhada por todos os usuários do *blog*, sejam jovens mulheres ou jovens homens. No comentário postado em 26 de julho de 2009, uma internauta expõe sua dúvida:

Olá para todas,
Eu adorei o site de vcs, agora eu faço uma pergunta para vcs: “por que vcs quer que o aborto seja liberado?” bem, eu tenho hora que acho que ele deveria ser liberado, mas tem hora que eu acho que não, nunca consigo chegar a uma conclusão, e um dia me perguntarão se eu era contra a liberação do aborto e eu fiquei sem palavras.
Vcs poderiam mandar algumas coisas sobre esse assunto para eu ficar “por dentro”?
Bjus para todas e que vcs possam continuar com esse trabalho.....
Ingrid (Mococa-SP/GRUPO TUMM)¹⁵⁹

No comentário postado em 12 de março de 2010, um internauta explica sua posição:

Aborto é crime. A diferença única entre o embrião e você ou eu, é apenas TEMPO e NUTRIÇÃO. Somos humanos, isso está em nossos genes, cromossomas, em cada célula, em cada gene. Cada fibra cromossomática constitui a sede das qualidades hereditárias representadas pelos genes, resumindo-se num indivíduo único e completamente novo. O feto¹⁶⁰.

¹⁵⁷ Mais informações sobre essa organização estão disponíveis em: <[HTTP://frentelegalizacaoaborto.wordpress.com/](http://frentelegalizacaoaborto.wordpress.com/)>.

¹⁵⁸ Trecho extraído do *post* “Frente Nacional pelo fim da criminalização das mulheres”, de 03 de dezembro de 2009, disponível em: <<http://dialogoj.wordpress.com/2009/12/03/frente-nacional-pelo-fim-da-criminalizacao-das-mulheres/>>. Acesso em: 14 de março de 2010.

¹⁵⁹ Comentário disponível em: <<http://dialogoj.wordpress.com/imagens/>>.

¹⁶⁰ Comentário disponível em: <<http://dialogoj.wordpress.com/2007/08/23/brasil-amanhece-com-ato-pela-legalizacao-do-aborto/>>

A estes e, a outros questionamentos sobre o tema, as jovens respondem:

Nós da ABJF não somos a favor da “liberação do aborto”, não é saudável tanto físico como psicologicamente que nenhuma mulher cometa o aborto, nossa luta é para que o Brasil possa aderir a Legalização do Aborto que consiste em que as mulheres que necessitam desse serviço não sejam presas, mortas, humilhadas ou excluídas da sociedade, como vem ocorrendo ao longo dos anos. Entendemos que os corpos das mulheres pertencem a elas mesmas e que o Aborto deve ser um direito reprodutivo, que seja atendida a vontade dessas mulheres. Pois ter ou não ter um filho, cabe a vontade e a decisão de cada uma de nós e essa decisão não pode em maneira alguma ser imposta ou nem mesmo influenciada pela Igreja, pelo Estado, pelos conceitos e preconceitos da sociedade. Existe muitos materiais disponíveis nos sites das redes e organizações feministas do Brasil e de todo o mundo, seria muito bom que você pudesse estar a par das discussões.
Um forte abraço,
Articulação Brasileira de Jovens Feministas! ¹⁶¹

Entre as tensões provocadas pelo tema e contrariando os recuos do movimento feminista¹⁶² na construção do debate público sobre o aborto, as jovens mulheres internautas do Dialogoj, prosseguem na defesa da legalização do aborto como um direito social para todas as mulheres.

¹⁶¹ Comentário disponível em: < <http://dialogoj.wordpress.com/imagens/>>.

¹⁶² Sobre os recuos do movimento feminista sobre o tema do aborto, a partir da primeira década do século XXI, consultar Batista e Costa (2011).

7.4 ANÁLISE COMPARATIVA

A reconstrução dos diferentes sentidos das imagens analisadas neste capítulo, revela por um lado o vínculo geracional e de gênero das produtoras da imagem representadas, são jovens e mulheres e por outro, a fixação de um posicionamento político, são contrárias a interpretações e práticas que subtraíam direitos sociais ou que não reconheçam singularidades. Este posicionamento, compartilhado pelo grupo de jovens feministas, enquanto afinidade que reúne jovens mulheres, em torno da justiça de gênero, caracteriza uma forma de “processar esses acontecimentos ou experiências de forma semelhante” (WELLER, 2011, p.121) e indica o processo de construção de uma unidade geracional.

Considerando que a Figura 13 foi composta em 2007, na II Conferência de Políticas Públicas para as mulheres, e que as figuras 14 e 15 foram realizadas, em 2009, no XI EFLAC - Encontro Feminista Latino Americano e do Caribe, pode-se identificar que as jovens ampliam o espectro de compromissos que assumem enquanto jovens, mulheres e feministas.

A crítica às injustiças de gênero perpassa a narrativa visual das três fotos, e se referem tanto àquelas que ocorrem no próprio movimento feminista, quanto as que se desenvolvem no contexto social em que as jovens estão inseridas. As jovens assumem ativamente a defesa dos direitos de todas as mulheres, sejam lésbicas, negras ou as que realizaram aborto, tomando para si o compromisso de promover uma intervenção que conduza ao reconhecimento das diferenças entre as mulheres e de seus direitos.

Neste sentido, portar um cartaz, um folheto, produzir uma estampa (a partir de um estêncil) indica a disposição de colocar-se como veículo de temas considerados polêmicos ou tabus e de serem produtoras de estratégias de comunicação que ao dar visibilidade aos temas, promovam um deslocamento de interpretações.

As figuras 13 e 14 revelam que o vínculo que estabelecem com o feminismo enquanto campo político não as impede de identificar que há no movimento entraves que contradizem a história de luta em prol da garantia dos direitos das mulheres e as indicam como incongruências da militância feminista.

Neste sentido, a frase “feminismo não combina com” utilizada nas duas imagens, aponta para a contradição da prática feminista que não inclui todas as mulheres na sua agenda política. Ao acrescentar dois objetos diferentes, a lesbofobia e o racismo, delimitam sua crítica sobre a negação da igualdade como princípio democrático e, especificamente, a negação da igualdade intragênero.

Ao posar para as fotos portando cartaz e folheto, as jovens fixam uma posição que se opõe ao preconceito, recusando relações de hierarquização ou invisibilização existentes no movimento.

A frase reafirma que as jovens da Articulação Brasileira de Jovens Feministas (ABJF) não aceitam os preconceitos existentes na militância feminista e não toleram práticas que suprimem direitos de grupos de mulheres. Assim, a frase tona-se emblemática dos atributos essenciais da militância das jovens internautas, ser a favor da igualdade e contrárias às diferentes formas de discriminação que possam existir no movimento feminista.

Por outro lado, a Figura 15 anuncia que as jovens compartilham a posição do movimento feminista sobre a legalização do aborto e que estão dispostas a contribuir na organização de atividades, elaboração de estratégias e publicização do tema.

A imagem esclarece que as jovens estão implicadas na construção do reconhecimento dos direitos reprodutivos, assumindo tarefas que se relacionem a conquista da igualdade de gênero.

Entretanto, as produtoras da imagem revelam que estes posicionamentos se estabelecem num contexto em que coexistem posições e interpretações diferentes, pois e de acordo com a perspectiva manheimiana, nascer em um mesmo tempo cronológico não garante a vivência das experiências, ou mesmo que sejam vividas, não garante que sejam interpretadas da mesma forma.

Assim, pode-se identificar entre as jovens internautas e a partir das imagens analisadas, uma distinção que se refere a ser diligente no conteúdo que comunicam em suas ações e se constitui como orientação coletiva deste grupo: a recusa da heteronormatividade, do racismo e da criminalização do aborto na sociedade e no interior do movimento feminista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso desenvolvido nesta investigação foi traçado a partir do pressuposto da pesquisa qualitativa reconstrutiva, especificamente do Método Documentário, de que as ações cotidianas podem ser consideradas objetos de investigação já que constituem a base comum das experiências dos indivíduos e, por meio de sua interpretação, da análise rigorosa de seus significados pode-se ter acesso aos modelos de orientação coletivas ou às suas visões de mundo.

Ao buscar a compreensão de *como* a experiência é realizada, ao invés da explicação *do que* ela é, o método se propõe a interpretar a ação prática, as formas de entendimento que estão presentes em determinado conjunto de experiências. Embora estas experiências sejam de ordem a-teórica ou metafóricas, a interpretação como princípio possibilitou desenvolver uma teorização acerca da juventude, em especial sobre as jovens internautas feministas.

A interpretação também foi utilizada como princípio na análise de imagens desenvolvida nesta pesquisa, como forma de desafiar práticas de investigação qualitativa no campo das Ciências Sociais e na Educação que por mais de um século – desde a criação da Escola de Chicago - desvalorizaram as imagens como fonte documental. Com este sentido, as fotos produzidas por jovens mulheres feministas e disponibilizadas em álbuns virtuais de acesso livre na internet, constituíram o *corpus* da investigação.

Assim, esta reflexão final constitui-se de dois grandes eixos: juventude e geração internauta e feminismo, ciberfeminismo e tensões geracionais.

Juventude e geração internauta

Assentada nestes pressupostos demonstrou-se que a juventude é um conceito que apresenta várias perspectivas entrelaçadas aos sentidos e representações sociais sobre 'ser jovem', que se reflete, em termos teóricos, num mosaico de concepções que invisibilizam e desistorizam estes sujeitos ou minimalizam as funções sociais que estes sujeitos ocupam em nossas sociedades.

Na perspectiva da invisibilização e desistorização desenvolvem-se concepções que definem a juventude como uma “faixa etária”, uma “fase da vida”, um “conjunto social”, uma “fase de disfunções e desvios”, um “conjunto de atitudes próprias dos jovens” e como “geração do futuro”, desenvolvidas a partir de uma matriz adultocêntrica que negam sua inscrição no presente, como um não ser que supõe um vir a ser. Em oposição a estas se desenvolvem concepções sobre juventude tratando-a como dado objetivo, um fato social. Assim, reconhece a “cultura juvenil” e propõem a juventude como “segmento”, como “autoconstruída”, como “grupo geracional”, conforme foi apresentado no capítulo II.

Da mesma forma, o reconhecimento dos jovens na formulação de políticas públicas e a realização de estudos e pesquisas sobre juventude no Brasil revelou a circulação de uma interpretação polissêmica do termo.

Neste trabalho considerou-se que a juventude não é uma abstração, que o jovem está inserido num tempo histórico-social e deste modo tem um caráter relacional, compartilhando com jovens e não jovens a experiência de estar no mundo e de viver o tempo social, o tempo de um contexto, o tempo da experiência, um tempo que continuamente deixa de ser, para ter sido, e deixa de ser o que será, para ser agora.

Esta compreensão indicou a conceito de geração como auxiliar na interpretação da juventude na contemporaneidade, no caso desta investigação, das jovens feministas, por possibilitar localizar tensões e assimetrias, aproximações e compatibilidades nas relações estabelecidas entre os membros de uma mesma geração e de outros grupos geracionais. Como o tempo integra concretamente a vida, apresentou-se o tempo linear, na perspectiva positivista e o tempo interior, na perspectiva dilhteyniana, como concepções que delimitam a compreensão sobre geração para, a partir da perspectiva mannheimiana, do tempo da experiência, delimitar a concepção de geração como categoria central desta investigação.

Partindo da concepção mannheimiana de geração apresentou-se as diferentes gerações identificadas ao longo do século XX para delinear a concepção de geração internauta.

A geração internauta é composta pelos jovens que fazem parte do primeiro grupo geracional que, tendo nascido no mundo em que a internet é um dado do cotidiano, invertem os sentidos de controle e ordenação, do tempo e da convivência social, que se antes eram gerenciados pelos adultos, passam a ser geridos e multiplicados pelos próprios jovens, alterando formas de interação e de convivência social.

Nesta tese considerou-se que o grupo de jovens feministas brasileiras que fazem uso do Dialogoj e formam a Articulação Brasileira de Jovens Feministas (ABJF) são representantes legítimos da geração internauta e suas novas formas de interação e convivência social.

Feminismo, ciberfeminismo e tensões geracionais

A aproximação de jovens mulheres, componentes da geração internauta, com o feminismo utiliza novas formas de construção da associação de pessoas e grupos, um percurso eminentemente juvenil, desenvolvendo uma cibermilitância como recurso de divulgação e apropriação de significados, bem como de associativismo.

Está em curso no Brasil uma militância de jovens mulheres feministas, que poderiam ser denominadas como ciberfeministas, no *blog* Dialogoj. Elas o utilizam para comunicar-se com jovens de diferentes estados brasileiros e países, que compartilham posicionamentos feministas ou aquelas que por ventura se interessem pelo campo.

O Dialogoj, formado por jovens mulheres, feministas e internautas tem-se constituído num espaço de diálogo, de partilha de experiências, de socialização de informações feministas. Estas jovens, ao longo do período estudado, registraram imgeticamente, suas práticas e ações como feministas, produzindo e partilhando fotografias em dois endereços virtuais: um fotoblog e um fotolog. Os álbuns virtuais disponibilizavam, no final do período estudado 203 fotos. Chama atenção que as jovens ciberfeministas tenham como prática a subtração de qualquer indício de personalização nas fotos, o que reforça a noção de que estas continham sentidos que ultrapassavam o mero registro de suas atividades. As fotos comunicavam significados sobre a militância dos membros da Articulação Brasileira de Jovens Feministas (ABJF) e seus posicionamentos acerca da militância feminista.

A Articulação Brasileira de Jovens Feministas (ABJF) é uma rede formada por jovens mulheres que além de compartilharem certas particularidades como o fato de pertencerem a uma mesma geração e a um mesmo gênero, localizam contradições tanto no campo do feminismo, quanto nas organizações de juventude, que não percebem a condição de ser mulher e jovem, bem como de ser jovem e mulher.

Pode-se dizer que a Articulação Brasileira de Jovens Feministas (ABJF), a partir do Dialogoj estabelece como pressuposto que a sociedade brasileira precisa reconhecer os direitos dos jovens e das mulheres. Neste sentido pode-se afirmar que:

- a) A ideia de pluralidade e diversidade são elementos constituintes da Articulação Brasileira de Jovens Feministas;
- b) O ciberfeminismo é utilizado como estratégia de integração entre de jovens mulheres brasileiras que se interessem pelo feminismo e que as jovens ciberfeministas demonstram através das imagens do *blog* o amadurecimento da relação das jovens com o feminismo e com a própria ideia da função do *blog*;
- c) Que os álbuns virtuais são compostos por fotos que revelam apropriações simbólicas de quem são jovens, mulheres, feministas e internautas, além de sentidos sobre as relações que estabelecem com a prática feminista.

A interpretação das imagens demonstrou a ênfase no discurso imagético de um lugar para a juventude no feminismo, de modo que pode-se identificar que:

- a) Está em curso a tessitura de um posicionamento a cerca do papel de mulheres jovens feministas no que diz respeito à participação ativa no movimento feminista e uma preocupação com a visibilidade do grupo, tanto no que se refere a definir um limite geracional quanto a como serão vistas pelas militantes adultas;
- b) O amadurecimento do posicionamento das jovens no movimento feminista, que podem ser identificados nas mudanças de composição da faixa. Quando ainda estão se inscrevendo como jovens feministas, a composição da faixa mistura elementos infantis com temas juvenis apreendidos do movimento feminista. Tempos depois, já inseridas na militância feminista e participando de um evento que integra diferentes gerações, mostram um posicionamento definido enquanto jovens e a institucionalização da organização, por meio da exposição da logo do grupo e do endereço do *blog*.

Neste sentido, é possível localizar como padrão homólogo para este grupo de jovens feministas, a participação no movimento feminista como uma orientação central de sua prática.

Por outro lado, pode-se afirmar que há uma preocupação em apontar como tema central da narrativa visual, a defesa da justiça de gênero, partindo da elaboração de uma leitura crítica do movimento feminista. Entretanto é possível identificar que:

- a) Apesar de localizar contradições no interior da militância feminista, reconhecem as bandeiras de luta e os ganhos históricos do movimento;
- b) Assumem como tarefa a defesa da igualdade de gênero, incluindo a produção de estratégias de comunicação que deem visibilidade às reivindicações feministas;
- c) Oposição à desigualdade intragênero, aos preconceitos e a recusa da heteronormatividade e do racismo no interior da militância feminista.

Estes elementos possibilitam identificar como segundo padrão homólogo deste grupo, a recusa das injustiças de gênero e das relações que invisibilizem ou hierarquizem mulheres a partir de uma singularidade.

Assim, pode-se afirmar que a reconstrução dos sentidos das imagens indica, por um lado, o fortalecimento da identidade enquanto grupo geracional, são jovens mulheres feministas e por outro, a disposição de estabelecer vínculos com as gerações de feministas que lhes antecedem, ainda que tenham críticas aos efeitos históricos da militância feminista que não reconheceu ou abrigou singularidades como a questão racial e as orientações da sexualidade.

Disponibilizar imagens no *blog*, além de reproduzir as experiências do grupo, de traçar um relato das formas de participação, as constitui como produtoras de posicionamentos, de interpretações, de veiculadoras de significados que podem vir a potencializar a participação de outras jovens, ou instrumentalizar a leitura de das práticas nas quais estejam inseridas. Além disso, as imagens documentam as marcas de positividade da condição juvenil e a constituição de uma relação crítica com a militância feminista adulta e revelam dois padrões homólogos ou duas orientações coletivas: a participação como princípio das relações intergeracionais no movimento feminista e a recusa das injustiças de gênero da invisibilização ou hierarquização das mulheres.

Tomando como referência as análises apresentadas, pode-se afirmar que as fotos têm uma narrativa própria, uma discursividade intrínseca, que documentam uma trajetória e revelam sentidos e orientações coletivas das práticas deste grupo geracional. Ao mesmo tempo em que representa a adesão às causas em favor das mulheres, o que implica em aderir à ação das militantes adultas, em fazer e colocar-se a disposição de uma identidade política que vem sendo historicamente construída, sugere um alerta sobre a necessidade da emergência de novos agentes da militância ou da prática política, com jovens mulheres com espaço de ação e voz na dinâmica interna do movimento.

Disponíveis através do *blog* e de seus álbuns virtuais as jovens mulheres internautas feministas criam um movimento constante de tecer significados, divulgar sentidos, quiçá interpretações, representantes legítimos da geração internauta.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 05-06, dez. 1997.
- ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. *Fotoetnografia: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho*. Porto Alegre: Tomo editorial/Palmarinca, 1997.
- ADEVE, Ana. Memórias de um passado recente: I encontro Nacional de Jovens feministas. In: PAPA, Fernanda de Carvalho; SOUZA, Raquel. *Jovens feministas presentes*. São Paulo: Ação Educativa, Fundação Friedrich Ebert; Brasília: Unifem, 2009.
- ALASUUTARI, Pertti. A globalização da pesquisa qualitativa. In. *Media & Jornalismo*. N.6, PP-17-41, 2005.
- ALVARADO, Sara Victoria; MARTÍNEZ Posada, Jorge Eliécer; MUÑOZ Gaviria, Diego Alejandro. Contextualización teórica AL tema de lãs juventudes: uma mirada desde lãs ciências sociales a la juventud. *Revista latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, v.7, n.1, Enero/Junio 2009, p.83-102. Disponível em: <<http://revistaumanizales.cinde.org.co/index.php/Revista-latinoamericana/article/view/219/104>>. Acesso em: 13 mar. 2010.
- ALVAREZ, Sonia E. Translating the global: effects of transnational organizing on local feminist discourses and practices in Latin America. *Cadernos de Pesquisa*, PPGSP/UFSC, n.22, out. 2000, p. 1-27. Disponível em: <<HTTP://www.sociologia.ufsc.br/cadernos/Cadernos%20PPGSP%2022.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2009.
- ALVAREZ, Ana de Miguel. Feminismo y juventud en las sociedades formalmente igualitarias. *Revista de Estudios de juventud*, n. 83, dic. 2008, p.29-45.
- ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. *Revista Brasileira de Educação*, n. 23, maio/ jun/Jul/ago, 2003.
- AMARAL, Maria Nazaré de Camargo Pacheco. Dilthey - Conceito de vivência e os limites da compreensão nas ciências do espírito. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, v.27 (2), p.51-73, 2004.
- AQUINO, Luseni Maria C.; Introdução. In: CASTRO, Jorge Abrahão; AQUINO, Luseni Maria C.; ANDRADE, Carla Coelho. *Juventude e políticas sociais no Brasil*. Brasília: Ipea, 2009.
- ARROYO, Yolanda Agudo. Coppola, Eva Martín. MARTÍNEZ. Francisco Tovar Capacidades y límites de la acción juvenil: asociacionismo, nuevas tecnologías y música. In: *Revista de estudios de Juventud*, n. 95, dec. 2011. Disponível em: <http://www.injuve.es/sites/default/files/tema1_revista95.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2011.
- ARIAS, González. Viejas tensiones, nuevos desafíos. *Interface: a journal for and about social movements*, v.3, noviembre 2011, p.226-242. Disponível em:

<<http://interfacejournal.net/wordpress/wp-content/uploads/2011/12/interface-3-2-Gonzales.pdf>>. Acesso em 13 jan. 2012.

BALTRUSCHAT, Astrid. A interpretação de filmes segundo o método documentário. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (Orgs.). *Metodologias da Pesquisa Qualitativa na Educação: Teoria e Prática*. Petrópolis: Vozes, 2011

BARBOZA, Amalia Martinez. Sobre el método de la interpretación documental y el uso de las imágenes en la sociología: Karl Mannheim, Aby Warburg y Pierre Bourdieu. *Sociedade e Estado*. Brasília, v. 21, n. 2, Agosto de 2006.

_____. Sobre el uso de la imagen en la sociología de la cultura. El método de la interpretación documental del sociólogo Karl Mannheim. In: AMADOR CARRETERO, Pilar; ROLEDANO, Jesús; RUIZ FRANCO, Rosario (Ed.). *Imagen, cultura y tecnología*. Madrid: Universidad Carlos III, 2002.

BATISTA, Carla Gisele; COSTA, Ana Alice. AS lutas feministas e a autonomia reprodutiva das mulheres. *Labrys, estudos feministas*, Brasília, julho/dezembro 2011. Disponível em:

<<http://www.tanianavarrosain.com.br/labrys/labrys20/bresil/carlanalice.htm>>. Acesso em: 23 ago. 2011.

BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W; GASKEEL, George (ed.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BELMONTE, Juan Antonio Taguenca. El concepto de juventud. *Revista Mexicana de Sociología* 71, N. 1, Jan./Mar., 2009, p. 159-190. Disponível em: <<http://www.ejournal.unam.mx/rms/2009-1/RMS009000105.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2010.

BENOVSKY, Jiri. *Qu'est-ce qu'une photographie?* Paris, France: Librairie philosophique J. Vrin, 2010.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sarip Knopp. *Investigação Qualitativa em Educação: Uma introdução a teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.

BOHNSACK, Ralf. A interpretação de imagens e o Método Documentário. *Sociologias*, Porto Alegre, n. 18, Dezembro de 2007, p.286-311.

_____. The interpretation of pictures and the documentary method. In: *Forum Qualitative Sozialforschung / Forum Qualitative Social Research*, v. 9, n. 3, Art. 26, setembro de 2008. Disponível em: <<http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/1171/2592>>. Acesso em: 10 Jan. 2010.

_____. A multidimensionalidade do *habitus* e a construção de tipos praxiológica. *ETD – Educação Temática Digital*, Campinas, v.12, n.2, p.22-41, jan./ jun. 2011a.

_____. Interpretação de imagens e o Método Documentário. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (Orgs.). *Metodologias da Pesquisa Qualitativa na Educação: Teoria e Prática*. Petrópolis: Vozes, 2011.

BOHNSACK, Ralf; WELLER, Wivian. O método documentário na análise de grupos de discussão. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (Orgs.).

Metodologias da Pesquisa Qualitativa na Educação: Teoria e Prática. Petrópolis: Vozes, 2011.

BOURDIEU, Pierre. A "juventude" é apenas uma palavra. In: _____. *Questões de Sociologia.* Fim de século edições: Lisboa, 2003.

BOURDIEU, Pierre; BOURDIEU, Marie-Claire. O Camponês e a Fotografia. *Revista Sociologia Política*, Curitiba, 26, jun. 2006, p. 31-39.

BRASIL. II Plano Nacional de Políticas para as Mulheres. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2008. Disponível em: <http://dialogoj.files.wordpress.com/2008/03/ii_pnpm.pdf>. Acesso em: 23 de setembro de 2009.

BUCKINGHAM, David. *Young People, the Internet and Civic Participation.* London: Institute of Education/University of London, 2008. Disponível em: <<http://www.cscym.zerolab.info/publications/51-publicationoverview/106-report-on-the-production-of-civic-websites-for-youth-in-europe>>. Acesso em: 28 maio 2010.

BUTLER, Judith. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-modernismo. *Cadernos Pagu*, Campinas, Unicamp, n.11, 1998, p.11-42.

CAMARGO, Michelle Alcântara. "Manifeste-se, faça um zine!": uma etnografia sobre "zines de papel" feministas produzidos por minas do rock (São Paulo, 1996-2007). *Cadernos Pagu*, n.36, 2011, p. 155-186. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332011000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 jan. 2012.

CAMPOS, Ricardo. A imagem digital como forma de comunicação e produção cultural juvenil na metrópole. *Anais eletrônicos do XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*, Salvador, BA, 07 a 10 de agosto de 2011 / Universidade Federal da Bahia. Centro de Estudos Afro-Orientais. - Salvador : UFBA, 2011. Disponível em: <http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1306333438_ARQUIVO_ComunicacaoCONLAB.pdf>. Acesso em: 12 Set. 2011.

CARIACEDO, Lola Pérez. Mujeres jóvenes y nuevas tecnologías. Nuevas actrices y herramientas para una vieja deuda. *Revista de Estudios de juventud - Mujeres jóvenes en el siglo XXI*, nº 83, España, diciembre 2008. Disponível em: <http://www.injuve.mtas.es/contenidos.downloadatt.action?id=1413355378>. Acesso em: 17 ago.2010.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 17, n. 49, dez.. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 out. 2008.

CARVALHO, Jamile; QUINTILIANO, Rachel. Conquistas e desafios à participação política de jovens mulheres negras. In: PAPA, Fernanda de Carvalho; SOUZA, Raquel. *Jovens feministas presentes.* São Paulo: Ação Educativa, Fundação Friedrich Ebert; Brasília: Unifem, 2009.

CARVALHO, Marília Pinto de; SOUZA, Raquel; OLIVEIRA, Elisabete Regina Baptista de. Jovens, sexualidade e Gênero. In. *O Estado da Arte sobre*

juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006). Volume I. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Ação Política*. Lisboa, Portugal: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2006. Disponível em: <<http://wiki.softwarelivre.org/Blogs/BlogPostMarceloBranco20070307101822>>. Acesso em: 15 Abr. 2009.

CASTRO, Mary Garcia. Políticas públicas por identidades e de ações afirmativas: acessando gênero e raça, na classe, focalizando juventudes. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo. *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2004.

CHIZZOTTI, Antonio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. In: *Revista Portuguesa de Educação*. Universidade do Minho, Portugal, ano16, v.2, p.221-236, 2003.

CINU - Centro de Información de las Naciones Unidas. *La ONU y la juventud*. Disponível em: <<http://www.cinu.mx/jovenes/la-onu-y-la-juventud/>>. Acesso em: 14 Out. 2011.

COMTE, Auguste. *COMTE: Curso de filosofia positiva; Discurso sobre o espírito positivo; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista*. Coleção Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

DAYRELL, Juarez. *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

_____. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, set/out/Nov/dez 2003, p. 40-52.

_____. Juventude e Escola. In: SPOSITO, Marília Pontes. *Juventude e escolarização (1980-1998)*. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002.

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna S.. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: _____. *O planejamento da pesquisa qualitativa: Teorias e Abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DEVREUX, Anne-Marie. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 20, n. 3, p. 561-584, set./dez. 2005.

DILTHEY, Wilhelm. *Introducción a las ciencias del espíritu: em la que se trata de fundamentar El estudio de La cosiedade y de La historia*. México: Fundo de Cultura Economica, 1949.

DURKHEIM, Émile. *Educação e Sociologia*. São Paulo: Melhoramentos, 1967.

EISENBERG, José. Internet, democracia e República. *Dados*, Rio de Janeiro, v. 46, n. 3, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582003000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 Mar. 2009.

EVERS, Henrique. In *Intercultural Research Scenarios. Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research*. v. 10, n. 1, art. 47. Disponível em: <<http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0114-fqs0901478>>. Acesso em: 03 Jan. 2010.

FÀVERO, Osmar et al. *Juventude e Contemporaneidade*. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007.

FEIXA, Carles. Generación XX. Teorias sobre La juventud em La era contemporânea. *Revista Latino Americana de Ciencias Sociales, Niñez u Juventud*, Norteamérica, v. 4, n.2, Jul./Dec. 2006. Disponível em: <<http://revistautomanizales.cinde.org.co/index.php/Revista-Latinoamericana/article/view/394/229>>. Acesso em: 13 Jun. 2010.

FEIXA, Carles; LECCARDI, Carmem. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, vol. 25, n. 2 Maio/ago 2010.

FLICK, Uwe. *Introdução a pesquisa qualitativa*. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FORACCHI, Marialice M. *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo: Pioneira, 1972.

FRASER, Nancy. A justiça social na globalização: redistribuição, reconhecimento e participação. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Universidade de Coimbra, Portugal, n. 63, out. 2002, p.7 - 20. Disponível em: <[HTTP://www.ces.uc.pt/rccs/index.php?id=788&id_lingua=1](http://www.ces.uc.pt/rccs/index.php?id=788&id_lingua=1)>. Acesso em: 28 set. 2008.

_____. Mapeando a imaginação feminista: da redistribuição ao reconhecimento e à representação. *Estudos feministas*, Florianópolis, 15(2): 240, maio-agosto 2007, p.291-308.

_____. O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história. *Mediações*, Londrina, v.14, n.2, p.11-33, jul./dez. 2009. Disponível em: <[HTTP://www.newleftreview.org/?getpdf=NLR29004&pdflang=pt](http://www.newleftreview.org/?getpdf=NLR29004&pdflang=pt)>. Acesso em: 26 set. 2011.

FRITZSCHE, Bettina. Negociando o feminismo pop na cultura jovem feminina: um estudo empírico com fãs de grupos femininos. In: *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v.12, nº. 2, p.106/115, maio-agosto/2004.

GASTAMINZA, Félix del Valle. Perspectivas sobre el tratamiento documental de la fotografía. In: CARRETERO, María Pilar Amador, ARILLO, Jesús Robledano; FRANCO, María del Rosario Ruiz. *Imagen, cultura y tecnología: Primeras Jornadas*. Madrid, España: Editorial Archiviana; Universidade Carlos III, 2002.

GATTI, Bernadete ; ANDRÉ, Marl. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em educação no Brasil. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (Orgs.). *Metodologias da Pesquisa Qualitativa na Educação: Teoria e Prática*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GIL, Ángeles Rubio. Generación digital: patrones de consumo de Internet, cultura juvenil y cambio social. *Revista de Estudios de juventud*, n.88, mar. 2010, p.201-221. Disponível em: <<http://www.injuve.mtas.es/contenidos.downloadatt.action?id=290289448>>. Acesso em: 23 set. 2010.

GIOVANNI, Julia Ruiz di. Jovens, feministas, em movimento: a Marcha Mundial das Mulheres no III Acampamento Intercontinental da Juventude. *Revista*

Estudos Feministas. 2003, vol.11, n.2, p. 655-660. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2003000200024&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 set. 2011.

GOMEZ, Pinilla Raquel. La comunicacion de La juventud em lós blogs: nuevos diários para nuevos tiempos. *Revista de Estudios de juventud – Jóvenes em(red)ados*, n.93, jun.2011, p.117-126. Disponível em: <<http://injuve.es/contenidos.item.action?id=1038520141&menuid=578540894>>. Acesso em: 10 ago. 2011.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias Qualitativas na Sociologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

HALL, Stuart; JEFFERSON, Tony (eds.) *Resistance Through Rituals. Youth subcultures in postwar Britain*. London: Hutchinson; Birmingham: The Center of Contemporary Cultural Studies from the University of Birmingham, 1975.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminism-socialista no final do século XX. In: TADEU, Tomaz (org.). *Antropologia do ciborgue* as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

HARCOURT, Wendy. Cyberspace as a networking tool for feminists. *Labrys-estudos feministas*, janeiro / julho 2005. Disponível em: <<http://www.tanianavarr.oswain.com.br/labrys/labrys7/cyber/wendy.htm>>. Acesso em: 09 out. 2011.

KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, Regina; Vannuchi, Paulo. *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2004.

KENDALL, L. Walton Transparent Pictures: On the Nature of Photographic Realism *Noûs* Vol. 18, No. 1, 1984. P.67-72. Disponível em: <http://www.jstor.org/pss/2215023>. Acesso em: 28 de janeiro de 2010

KETTLER, David; MEJA, Volker; STEHR, Nico. *Karl Mannheim*. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. *Artcultura*, Uberlândia, v. 8, n.12. janeiro - junho de 2006. Disponível em: <http://www.artcultura.ppghis.inhis.ufu.br/viewarticle.php?id=130>. Acesso em: 15 Nov. 2009.

KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. São Paulo: Ateliê, 2001.

KRÜGER, Heinz-Hermann. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em educação na Alemanha. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (Orgs.). *Metodologias da Pesquisa Qualitativa na Educação: Teoria e Prática*. Petrópolis: Vozes, 2011.

KUSTRÍN, Sandra Souto. Juventud, teoria e historia: La formación de um sujeto social y de um objeto de análisis. *História actual online*, Universidade de Cádiz, Espanha, n.13, invierno, 2007, p.171-192. Disponível em: <<http://www.historia-actual.org/publicaciones/index.php/haol/article/view/208/196>>. Acesso em: 23 Mar. 2010.

LECCARDI, Carmem. Por um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. *Tempo Social: revista de sociologia da USP*, v. 17, n. 2,

Nov. de 2005, p. 35-57. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/ts/v17n2/a03v17n2.pdf>>. Acesso em: 23 Ago. 2010.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIEBEL, Vinicius. Entre sentidos e interpretações: apontamentos sobre análise documentária de imagens. *ETD – Educação Temática Digital*, Campinas, v.12, n.2, p.172-189, jan./ jun. 2011.

_____. A análise de charges Segundo o método documentário. In. WELLER, Vivian; PFAFF, Nicolle (Orgs.). *Metodologias da Pesquisa Qualitativa na Educação: Teoria e Prática*. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. Reconstruindo Imagens – o método documentário de análise. In: *Anais do XV Congresso Brasileiro de Sociologia*, Curitiba-PR, julho de 2011a.

Disponível em:

<http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=at_view&gid=182&Itemid=171>. Acesso em: 09 ago. de 2011.

LOIZOS, Peter. Vídeo, filme e fotografias como documento de pesquisa. In. BAUER, Martin W. & GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LOUIS, Marie-Victoire. Diga-me: o que significa gênero? *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 21, n. 3, p.711-724, Dezembro, 2006. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922006000300008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 Jan. 2009.

LOURO, Guacira. Gênero, História e Educação: Construção e desconstrução. In: *Educação e Realidade*. UFRGS, Porto Alegre. v.20, n.2, p.71-100, jul/dez 1995.

MANINI, Miriam Paula. Análise Documentária de Imagens. *Informação & Sociedade: Estudos*, v.11 n.1, 2001.

MANNHEIM, Karl. *Diagnóstico de nosso tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

_____. El problema de las generaciones. *REIS - Revista española de investigaciones sociológicas*, Madrid, España, n. 62, p. 193-242, abr/jun. 1993.

Disponível em: <http://www.reis.cis.es/REISWeb/PDF/REIS_062_12.pdf>.

Acesso em: 15 Jan. 2010.

_____. *Ideologia e utopia*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1950.

_____. *Sociologia da Cultura*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

_____. *Sociologia do conhecimento I*. Porto, Portugal: Rés, 1990.

_____. *Sociologia do conhecimento II*. Porto, Portugal: Rés, 1986.

MANSO, Almudena Garcia. Cyborgs, mujeres y debates. El ciberfeminismo como teoría crítica. *Revista Castellano-Manchega de Ciencias Sociales*, n8, 2007, p.13-26. Disponível em:< http://silente.es/wordpress/wp-content/uploads/2010/09/n8.4.almudena.garcia.manso_.07.pdf>. Acesso em: 09 out. 2011.

MARGULIS, Mario. Juventud: una aproximación conceptual. In: BURAK, Solum Donas (comp). *Adolescencia y juventud en América Latina*. Cartago: Libro Universitario Regional, 2001. Disponível em: <<http://www.binasss.sa.cr/adolescencia/Adolescenciayjuventud.pdf>>. Acesso em: 03 Jan. 2012.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. La construcción social de la condición de juventud, In CUBIDES, H. (ed.). *Viviendo a toda. Jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades*, Santa Fe de Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 1998. Disponível em: <<http://www.animacionjuvenil.org/site/wp-content/uploads/2008/08/la-construccion-social-de-la-condicion-de-juventud.pdf>>. Acesso em: 03 jul. 2011.

MATOS, Marlise. Movimento e teoria feminista: é possível reconstruir a teoria feminista a partir do sul global? *Revista de Sociologia Política*, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, v. 18, n. 36, 2010, p.67-92.

_____. Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 333-357, ago. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2008000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 7 Jan. 2009.

MAUAD, Ana Maria. O olhar engajado: fotografia contemporânea e as dimensões políticas da cultura visual. *ArtCultura: Revista de História, Cultura e Arte*, v. 10, n. 16, janeiro – junho de 2008. Disponível em: <http://www.artcultura.ppghis.inhis.ufu.br/viewarticle.php?id=227>. Acesso em 16 de novembro de 2009.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. *Revista Brasileira de Educação*. ANPED, v. 5-6, p.3-14, 1997.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história visual: balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 23, n. 45, Jul. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882003000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 Nov. 2009.

MORAES, Dênis. *O ativismo digital*. Bocc - biblioteca on-line de ciências da comunicação /LabCom, Universidade da Beira Interior (UBI), Covilhã, Portugal. 2001. Disponível em: <<http://WWW.bocc.eff.br/pag/Moraes-denis-ativismo-digital.pdf/>>. Acesso em: 15 ago. 2011.

MOTA, Alda Britto da. A Juvenilização Atual das Idades. In: *Anais eletrônicos do XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*, Salvador, BA, 07 a 10 de agosto de 2011 / Universidade Federal da Bahia. Centro de Estudos Afro-Orientais. - Salvador: UFBA, 2011. Disponível em: <http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1307738396_ARQUIVO_TextoCONLAB2011.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2011.

_____. A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento. *Sociedade e Estado*, vol.25, n.2, 2010, p. 225-250.

_____. Geração, a “diferença” do feminismo. I Simpósio Internacional O Desafio da Diferença: articulando gênero, raça e classe. Salvador, UFBA, abr.

2000. Disponível em: <<http://www.desafio.ufba.br/gt7-001.html>>. Acesso em: 03 jul. 2011.

NAPOLI, Ricardo Bins de. A Hermenêutica de W. Dilthey. *Síntese Revista de Filosofia*, vº26, nº 85, 1999.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 3, dez. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722006000300021&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 set. 2010.

NOVAES, Regina Celia Reyes. Prefácio. In: CASTRO, Jorge Abrahão; AQUINO, Luseni Maria C.; ANDRADE, Carla Coelho. *Juventude e políticas sociais no Brasil*. Brasília: Ipea, 2009.

NOVAES, Sylvia Caiuby. Imagem, magia e imaginação: desafios ao texto antropológico. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, outubro de 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132008000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 Dez. 2009.

OIJ ORGANIZAÇÃO IBEROAMERICANA DE JUVENTUDE. *Convenção Iberoamericana dos Direitos dos Jovens*. OIJ: Madri, Espanha, 2005. Disponível em: <<http://www.laconvencion.org/index.php?secciones/convencion>>. Acesso em: 16 set. 2011.

OLIVEIRA, Eleonora Menicuci. Nosso corpo nos pertence: uma reflexão pós ano 70. *Labrys, estudos feministas*, Brasília, janeiro/ julho 2005. Disponível em: <<http://www.tanianavarrosrain.com.br/labrys/labrys7/liberdade/leo.htm>>. Acesso em: 23 ago. 2011.

PAIS, José Machado. *Culturas Juvenis*. Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

PENN, Gema. Análise semiótica de imagens paradas. In: BAUER, Martin W. & GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

PÉQUIGNOT, Bruno. De l'usage des images en sciences sociales. In: *Communications*, 80, 2006. Filmer, chercher. pp. 41-51. Disponível em http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/comm_0588-8018_2006_num_80_1_2372. Acesso em 20 de janeiro de 2011.

PERALVA, O jovem como modelo cultural. *Revista Brasileira de educação*. n. 5-6, mai./dez. p.15-24, 1997.

QUAPPER, Klaudio Duarte.. ¿Juventud o juventudes? Acerca de cómo mirar y remirar a las juventudes de nuestro continente. In: BURAK, Solum Donas (comp). *Adolescencia y juventud en América Latina*. Cartago: Libro Universitario Regional, 2001. Disponível em: <<http://www.binasss.sa.cr/adolescencia/Adolescenciayjuventud.pdf>>. Acesso em: 03 Jan. 2012.

RAGO, Margareth. Feminismo e subjetividade em tempos pós-modernos. In: COSTA< Cláudia Lima; SCHMIDT, Simone Pereira (org.). *Poéticas e políticas feministas*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2004. Disponível em:

<http://historiacultural.mpnet.com.br/feminismo/feminismo_e_subjetividade.pdf. Acesso em: 25 out. 2010

_____. Os feminismos no Brasil: dos “anos de chumbo” à era global. *Labrys, estudos feministas*, Brasília, nº 3, janeiro/ julho 2003. Disponível em: <<http://www.tanianavarrosvain.com.br/labrys/labrys3/web/bras/marga1.htm>>. Acesso em: 23 ago. 2011.

REVILLARD Anne; DE VERDALLE Laure. Dynamiques du genre. (introduction), *Terrains & Travaux*, nº 10, v.1, 2006, p. 3-17. Disponível em: <http://www.cairn.info/article.php?ID_REVUE=TT&ID_NUMPUBLIE=TT_010&ID_ARTICLE=TT_010_0003>. Acesso em: 20 jun. 2011.

RIBEIRO, Renato Janine. Política e Juventude: o que fica da energia. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo. *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2004.

ROSEMBERG, Fulvia. Educação formal, Mulher e Gênero no Brasil Contemporâneo. In. *Olhares feministas*. Brasília: Ministério da Educação, 2009.

SCAVONE, Lucila. Estudos de gênero: uma sociologia feminista?. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 16, n. 1, p.173-186, jan./abr. 2008.

SCHERER-WARREN, Ilse. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 21, n. 1, Abr. 2006, p. 109-130.

SCHÜTZE, Fritz. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In: WELLER, Vivian; PFAFF, Nicolle (Orgs.). *Metodologias da Pesquisa Qualitativa na Educação: Teoria e Prática*. Petrópolis: Vozes, 2011.

SETTON, Maria da Graça Jacinto. Introdução ao tema socialização. Junho de 2008.

SILVA, Enid Rocha Andrade da; ANDRADE, Carla Coelho. A política nacional de Juventude: avanços e dificuldades. In: CASTRO, Jorge Abrahão; AQUINO, Luseni Maria C.; ANDRADE, Carla Coelho. *Juventude e políticas sociais no Brasil*. Brasília: Ipea, 2009.

SOARES, Gilberta Santos; COSTA, Jussara Carneiro. Movimento lésbico e movimento feminista no Brasil: recuperando encontros e desencontros. *Labrys, Estudos feministas*, julho/dezembro 2011. Disponível em: <<http://www.tanianavarrosvain.com.br/labrys/labrys20/bresil/gilberta%20jussara.htm>>.

SOARES, Gilberta Santos; SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. Assumindo a lesbianidade no campo teórico feminista. *Anais do XV Congresso Brasileiro de Sociologia*, Curitiba-PR, 26 a 29 de julho de 2011.

SOARES, Vera. Muitas faces do feminismo no Brasil. In: BORBA, A; FARIA, N; GODINHO, T (orgs.). *Mulher e política: gênero e feminismo no Partido dos Trabalhadores*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.

SOIHET, Rachel. História das Mulheres e Relações de Gênero: Algumas Reflexões. In: III Jornada de Estudos da Antiguidade, 2006, Rio de Janeiro. *Anais da III Jornada de Estudos da Antiguidade*. Rio de Janeiro: NAPE/UERJ - Fábrica de Livro/SENAI, 2006. v. 1. p. 90-99. Disponível em:

<<http://www.comciencia.br/reportagens/mulheres/16.shtml>>. Acesso em: 17 Out. 2008.

SOUSA, Carlos Ângelo de Meneses. Novas linguagens e sociabilidades: como uma juventude vê novas tecnologias. *Interações*, n. 17, 2011, p. 170-188. Disponível em: <http://nonio.eses.pt/interaccoes/artigos/Q10_Sousa.pdf>. Acesso em: 19 Dez. 2011

SOUZA, Maria Cecília Cortez C. Os estudos sobre aspectos psicossociais de adolescentes. In: SPOSITO, Marília Pontes. *Juventude e escolarização* (1980-1998). Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002.

SPOSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo César Rodrigues. Juventude e políticas públicas no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, n.24, set /out /nov /dez 2003, p.16-39.

SPOSITO, Marília Pontes (Coord.). A pesquisa sobre jovens na Pós-Graduação: um balanço da produção discente em Educação, Serviço Social e Ciências Sociais (1999-2006). In: *O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social* (1999-2006). Volume I. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

_____. Considerações em torno do conhecimento sobre juventude na área da educação. In: _____. *Juventude e escolarização* (1980-1998). Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002.

_____. Estudos sobre juventude em educação. *Revista Brasileira de Educação*, n.6, set /out /nov /dez 1997, p.37-52.

TRIQUELL, Agustina. Imágenes que (nos) miran Experiencia, visualidad e identidad narrativa. *Prácticas de oficio*. Investigación y reflexión en Ciencias Sociales, n° 7/8, ago. 2011. Disponível em <http://www.ides.org.ar/shared/practicadeoficio/2011_n7y8/artic51.pdf>. Acesso em: 12 set. 2011.

URRESTI, Marcelo. CAMBIO DE ESCENARIOS SOCIALES, EXPERIENCIA JUVENIL URBANA Y ESCUELA. In: _____. *Una escuela para los adolescentes*. Buenos Aires: Unicef, 2000. p. 11-78. Disponível em: <http://www.oei.org.ar/edumedia/pdfs/T01_Docu1_Cambiodeescenariosociales_Urresti.pdf>. Acesso em: 12 Set. 2009.

VEGH, Sandor. Classifying forms of online activism: the case of cyberprotests against the world bank. In: MACCAUGHEY, Martha; AYERS, Michael D. (ed.) *Cyberactivism: online activism in theory and practice*. London: Routledge, 2003.

VERDÚ, Remedios Martinez. La brecha digital y el ciberfeminismo en la sociedade de la información. *Atas Foro Internacional sobre comunicación e género*, Linã, Pontevedra, 09 de outubro a 25 de novembro de 2006, 2007, p.157-168. Disponível em: <<http://dialnet.uniroja.es/servlet/busquedadoc?t=ciberfeminismo&db=1&d=tod>>. Acesso em: 09 out. 2011.

VIANNA, Cláudia Pereira; UNBEHAUM, Sandra. O gênero nas políticas públicas de educação no Brasil: 1988-2002. In: *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 34, n. 121, p.77-104, Abr., 2004.

VIDCH, Arthur; LYMAN. Métodos qualitativos: sua história na sociologia e na antropologia. IN DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: Teorias e Abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

WELLER, Wivian et all. Karl Mannheim e o método documentário de interpretação: uma forma de análise das visões de mundo. In: *Sociedade e Estado*, Brasília, v. XVIII, n.2, p.375-396, jul/dez 2002. Acesso em: 21 de janeiro de 2010.

WELLER, Wivian, PFAFF, Nicole. Pesquisa qualitativa em educação: origens e desenvolvimentos. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (Orgs.). *Metodologias da Pesquisa Qualitativa na Educação: Teoria e Prática*. Petrópolis: Vozes, 2011.

WELLER, Wivian; BASSALO, Lucélia de Moraes Braga. Imagem fotográfica: registros de visões de mundo. In: *Anais do XV Congresso Brasileiro de Sociologia*, SBS/UFPR Curitiba-PR, 26 a 29 de julho de 2011. Disponível em: <http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=182&Itemid=171>. Acesso em: 09 ago. de 2011.

WELLER, Wivian. A contribuição de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa: aspectos teóricos e metodológicos. In. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 7, nº 13, jan/jun 2005, p.260-300.

_____. A presença feminina nas (sub) culturas juvenis: a arte de se tornar visível. In. *Estudos feministas*. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Centro de Comunicação e Expressão. Florianópolis. v.13, n.1, 2005c.

_____. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. *Sociedade e Estado*. Brasília, vol.25, n.2, 2010, p.205-224.

_____. Imagens: documentos de visões de mundo. *Sociologias*, Porto Alegre, v. 13, n. 28, Dez. 2011a.

_____. Karl Mannheim: Um Pioneiro da Sociologia da Juventude. *XIII Congresso Brasileiro de Sociologia* 29 de maio a 1 de junho de 2007, UFPE, Recife (PE). Disponível em: <<http://www.espm.br/ConhecaAESPM/CAEPM/nucleodeestudosdajuventude/Documentos/Banco%20de%20Dados%20Jovens/10.%20SOCIOLOGIA%20DA%20JUVENTUDE/10.23.%20mannheim%20sobre%20sociologia%20da%20juventude.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2008.

_____. *Minha voz é tudo o que eu tenho*: manifestações juvenis em Berlim e São Paulo. BeloHorizonte: Editora da UFMG, 2011.

_____. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim: perspectivas para a análise das relações entre Educação e trabalho. In: *Anais do 29º Encontro Anual da ANPOCS*. Caxambu, São Paulo: ANPOCS, 2005b, p. 1-16.

_____. Práticas culturais e orientações coletivas de grupos juvenis: um estudo comparativo entre jovens negros em São Paulo e jovens de origem turca em Berlim. *XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais*. Ouro Preto, Minas Gerais, 2002a. Disponível em:

<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/Com_JUV_ST32_Weller_texto.pdf>. Acesso em: 23 maio 2009.

WELLS, Tatiana. O ciberfeminismo nunca chegou à América Latina. *Labrys-estudos feministas*, janeiro/julho 2005. Disponível em: <<http://www.tanianavarrosain.com.br/labrys/labrys7/cyber/tatiana.htm>>. Acesso em: 09 out. 2011

WILDING, Faith. Dónde está el feminismo en el ciberfeminismo. *Lectora: revista de dones i textualitat Cuerpos, géneros, tecnologías*, Dossier: Cuerpos, géneros, tecnologías, Instituto d'Estudis Catalans, Barcelona, n.10, 2004. Disponível em: <<http://revistes.iec.cat/index.php/lectora/article/view/4301/42962>>. Acesso em: 09 out. 2011.

WOLFF, Kurt. *Contribución a una sociología del conocimiento*. Buenos Aires, Argentina: Amorrortu editores, 1974.

YNCERA, Ignacio Sánchez de la. (1993b) La obra de Karl Mannheim. Una compilación actualizada de sus escritos más relevantes. *Revista española de investigaciones sociológicas*, n. 62, p. 245-253, 1993.

Carta de Princípios

Articulação Brasileira de Jovens Feministas

A *Articulação Brasileira de Jovens Feministas* é uma rede constituída por mulheres jovens independentes, de organizações e movimentos: negras, lésbicas, indígenas, quilombolas, rurais, da periferia, sindicalistas e de populações tradicionais e provenientes de diferentes regiões do Brasil.

Tem um caráter democrático, suprapartidário, anti-capitalista, anti-racista, anti-patriarcal, anti-lesbofóbico, não sexista, não adultocêntrico, não confessional, não hierárquico e não governamental.

Surge a partir da percepção de que as mulheres jovens possuem especificidades que devem ser visibilizadas nos movimentos feministas e de juventudes.

Constitui-se como espaço importante de diálogo e empoderamento das mulheres jovens, sobretudo o fortalecimento à participação política e cidadã, defesa dos direitos humanos e dos direitos sexuais e reprodutivos como direitos humanos, reafirmando acordos e tratados ratificados pelo Brasil.

As mulheres jovens, integrantes da *Articulação Brasileira de Jovens Feministas*, reunidas no *I Encontro Nacional de Jovens Feministas*, realizado na cidade de Maracanaú - Ceará, de 13 a 15 de março de 2008, consideram necessário e legítimo estabelecer uma Carta de Princípios que oriente o funcionamento da *Articulação Brasileira de Jovens Feministas*.

Os Princípios contidos na Carta, a ser respeitada por todas que queiram participar desta Articulação, serão condutores para os processos a serem realizados, sobretudo sobre o perfil político, a participação e o compromisso das integrantes para com a *Articulação Brasileira de Jovens Feministas*, que se orientará pelas seguintes diretrizes:

1. Garantia dos Direitos Humanos das mulheres jovens, buscando a eliminação das desigualdades geracionais, de gênero, classe, raça/etnia, de orientação afetivo-sexual, de diversidade religiosa e de pessoas com deficiência e regionalidades;
2. Direito de vivenciar a cidadania de forma plena e ativa, garantido a qualidade de vida, direitos sociais e constitucionais;
3. Em defesa da vida das mulheres jovens, visando à garantia dos direitos humanos, direitos sexuais e reprodutivos, bem como o acesso pleno e humanizado aos serviços de saúde, respeitando as diversidades;
4. Reconhecimento do direito à liberdade de orientação afetivo-sexual e expressão sexual como um direito humano;
5. Compromisso com as lutas feministas, incorporando e defendendo as bandeiras de luta dos feminismos que compõem o movimento feminista, combatendo as opressões geracionais, de gênero, raça/etnia, orientação afetivo-sexual, diversidade religiosa, pessoas com deficiência, regionalidades/territorialidades e suas conseqüências na vida das mulheres jovens;
6. Compromisso com a luta pela legalização e descriminalização do aborto;
7. Compromisso de atuar em defesa dos direitos e de políticas públicas que eliminem a discriminação e a violência contra as mulheres, em especial às jovens;
8. Enfrentar as opressões econômicas e sociais que colocam as jovens mulheres, em condição de desigualdade;
9. Repudiar todas as formas de racismo, etnocentrismo, discriminação e intolerâncias correlatas;
10. Defender ações afirmativas e políticas públicas de promoção da igualdade que fomentem os direitos das mulheres jovens;
11. Combater a lesbofobia e intolerâncias correlatas;
12. Garantir debates de conscientização e prevenção das DST/AIDS, bem como o tema da feminização da AIDS entre mulheres jovens, respeitando as diversidades afetivo-sexuais, de identidade de gênero e raça/etnia;
13. Dar visibilidade a pauta das mulheres jovens nos movimentos feministas e nos movimentos de juventudes;

14. Combater o capitalismo e suas formas de expressão, bem como os impactos na vida das mulheres, em especial às jovens;
15. Combater a mercantilização dos corpos das mulheres, bem como a Exploração Sexual e o Tráfico para fins sexuais, em especial às jovens;
16. Garantir debates democráticos, aprofundamento de reflexões, formulação de propostas, troca livre de experiências e a articulação para ações eficazes sobre os direitos das jovens mulheres;
17. Garantir um perfil plural, diversificado, não governamental, não partidário e sem vínculos religiosos;
18. Articular de forma descentralizada: indivíduos, entidades, fóruns, redes, ong's e movimentos engajados em ações concretas, do nível local ao internacional, pela construção de políticas públicas para juventude.

A *Articulação Brasileira de Jovens Feministas* reconhece a luta dos movimentos feministas que contribuíram, contribuem e contribuirão para o avanço da equidade entre os gêneros, a livre orientação e expressão afetivo-sexual, raça/etnia, classe social, no debate sobre políticas públicas para as mulheres.

Para nós, esta Articulação atuará em conjunto a estes objetivos e outros mais, garantindo um amplo espaço de participação para as jovens mulheres, as especificidades e o respeito às diversidades; sem discriminações, intolerâncias e quaisquer outras formas de preconceitos.

Por entendermos que os direitos das mulheres jovens são direitos humanos, acreditamos que os objetivos da *Articulação Brasileira de Jovens Feministas* serão alcançados em conjunto com os setores organizados da sociedade civil brasileira, respeitando a identidade e a intervenção autônoma de cada organização, na luta para a construção e o efetivo exercício da democracia e da cidadania.

Aprovada e adotada em Maracanaú - CE, em 15 de março de 2008, pelas jovens mulheres que constituem a Articulação Brasileira de Jovens Feministas.



Articulação Brasileira de
Jovens Feministas

Brasil, Outubro de 2009.

A Articulação Brasileira de Jovens Feministas rede constituída por jovens mulheres independentes, de organizações e movimentos: negras, lésbicas, indígenas, quilombolas, rurais, da periferia, sindicalistas e de populações tradicionais e provenientes de diferentes regiões do Brasil em consonância com seus objetivos de lutar pelo reconhecimento e fortalecimento dos direitos humanos das jovens mulheres convoca o movimento feminista a acompanhar o processo de eleição do **Conselho Nacional de Juventude - CONJUVE**.

Alertamos que as políticas públicas de juventude no Brasil tem se orientado por uma perspectiva universalista que desconsidera as particularidades das jovens mulheres e tem contribuído para agravar e aprofundar as desigualdades de gênero, principalmente entre gerações.

Recordamos que a II Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres realizada em 2007 se constituiu num terreno fértil para a realização de diálogos intergeracionais entre as mulheres de todas as idades, raça/etnia, classes sociais, orientação afetivo sexual e outras identidades e que estas, reafirmaram compromisso feminista de lutar pela emancipação e autonomia de todas as mulheres.

Denunciamos que a composição do CONJUVE tem descumprido o compromisso assumido pelas juventudes no marco da construção das políticas públicas de Juventude de assegurar a pluralidade e diversidade de representações juvenis nos processos de elaboração, implementação e monitoramento das políticas públicas de juventude.

Relembramos que o II Plano Nacional de políticas para as mulheres em seu capítulo 10 que trata do enfrentamento das desigualdades geracionais que atingem as mulheres reconhece que as temáticas geracionais voltadas as jovens mulheres não pode ser tratada de maneira isolada, devendo ser incorporada por cada setor responsável pela execução das políticas em seu trabalho cotidiano

Observamos com preocupação que na agenda do CONJUVE questões determinantes para a Garantia dos direitos humanos das jovens mulheres como o combate a violência contra as mulheres e a legalização do aborto tem sido tratados como temas de menor importância. A I Conferência Nacional de políticas para a juventude foi um marco importante para a afirmação das políticas públicas de juventude, onde, as juventudes legitimadas para elaborarem propostas de políticas públicas, aprovaram a 11ª prioridade que reivindica a implementação de políticas públicas de promoção dos direitos sexuais e direitos reprodutivos das jovens mulheres, garantindo mecanismos que evitem mortes maternas, aplicando a lei de planejamento familiar, garantindo o acesso a métodos contraceptivos e a legalização do aborto, no entanto, ao longo da gestão 2008 e 2009 pouca ou nenhuma iniciativa foi proposta e executada pelo CONJUVE no sentido de contribuir para o debate reflexão e execução dessa demanda.

Reivindicamos uma política pública de juventude que considere e reconheça as jovens mulheres como sujeitos pensantes, propositoras e parceiras na implementação de políticas públicas que contribuam para o enfrentamento da situação de extrema vulnerabilidade em que vivem as jovens mulheres no Brasil.

Diante dos fatos expostos e por sermos jovens feministas conscientes de nossa responsabilidade na construção de uma sociedade não sexista, não racista, não lesbofóbica e não opressora, convocamos todas as mulheres organizadas no Movimento Feminista, em coletivos de jovens, núcleos universitários, organizações de pesquisas, organizações comunitárias e de base, sindicatos, partidos, de povos tradicionais, organizações educacionais e culturais, em organizações de trabalho e renda. Todas as mulheres, onde quer que estejam organizadas, a disputarem o CONJUVE, pois este é um espaço que carece de intervenção feminista para a garantia dos direitos humanos das jovens mulheres.

Articulação Brasileira de Jovens Feministas



**Resultado do Momento Interativo
Prioridades da Conferência Nacional de Juventude**

	Tema	Proposta
1	Jovens negros e negras	Reconhecimento e aplicação, pelo poder público, transformando em políticas públicas de juventude as resoluções do 1º Encontro Nacional de Juventude Negra (ENJUNE), priorizando as mesmas como diretrizes étnico/raciais de/para/com as juventudes.
2	Educação básica – elevação da escolaridade	Destinar parte da verba da educação no ensino básico para o modelo integral e pedagógico do CIEP's (Centros Integrados de Educação Pública).
3	Fortalecimento institucional	Aprovação pelo Congresso Nacional do marco legal da juventude: regime de urgência da PEC n.º 138-B/2003, Plano Nacional de Juventude e Estatuto dos Direitos da Juventude PL 27/2007.
4	Meio Ambiente	Criar uma política nacional de juventude e meio ambiente que inclua o “Programa Nacional de Juventude e Meio Ambiente”, institucionalizado em PPA (Plano Plurianual), com a participação dos jovens nos processos de construção, execução, avaliação e decisão, bem como da Agenda 21 da Juventude que fortaleça os movimentos juvenis no enfrentamento da grave crise ambiental global e planetária, com a construção de sociedades sustentáveis.
5	Esporte	Ampliar e qualificar os programas e projetos de esporte, em todas as esferas públicas, enquanto políticas de Estado, tais como os programas Esporte e Lazer da Cidade, Bolsa Atleta e Segundo Tempo com núcleos nas escolas, universidades e comunidades, democratizando o acesso ao esporte e ao lazer a jovens, articulados com outros programas existentes.
6	Juventude do campo	Garantir o acesso à terra ao jovem e à jovem rural, na faixa etária de 16 a 32 anos, independente do estado civil, por meio da reforma agrária, priorizando este segmento nas metas do Programa de Reforma Agrária do Governo Federal, atendendo a sua diversidade de identidades sociais, e, em especial aos remanescentes de trabalho escravo. É fundamental a revisão dos índices de produtividade e o estabelecimento do limite da propriedade para 35 módulos fiscais.
7	Trabalho	Reduzir a jornada de trabalho de 44 para 40 horas semanais sem redução de salários, conforme campanha nacional unificada promovida pelas centrais sindicais.

8	Educação Superior	Defendemos que a ampliação do investimento em educação é fator imprescindível para construirmos uma educação de qualidade para todos e todas e que consiga contribuir para o desenvolvimento do País. Para tanto, defendemos o investimento de 10% do PIB em educação. Para atingir este percentual reivindicamos o fim da desvinculação das receitas da união (DRU) e a derrubada dos vetos ao PNE (Plano Nacional de Educação). Reivindicamos que 14% dos recursos destinado as universidades federais seja destinado exclusivamente à assistência estudantil por meio da criação de uma rubrica específica. Defendemos também a ampliação dos recursos em assistência estudantil para estudantes do PROUNI e para estudantes de baixa renda de universidades privadas. Garantir a transparência e democracia na aplicação dos recursos.
9	Cultura	Criação, em todos os municípios, de espaços culturais públicos, descentralizados, com gestão compartilhada e financiamento direto do estado, que atendam às especificidades dos jovens e que tenham programação permanente e de qualidade. Os espaços, sejam eles construções novas, desapropriações de imóveis desocupados ou organizações da sociedade civil já estabelecidas, devem ter condições de abrigar as mais diversas manifestações artísticas e culturais, possibilitando o aprendizado, a fruição e a apresentação da produção cultural da juventude. Reconhecer e incentivar o hip hop como manifestação cultural e artística.
10	Política e Participação	Criar o Sistema Nacional de Juventude, composto por Órgãos de Juventude (Secretarias/coordenadorias e outros) nas três esferas do Governo, com dotação orçamentária específica; Conselhos de Juventude eleitos democraticamente, com caráter deliberativo, com a garantia de recursos financeiros, físicos e humanos; Fundos Nacional, estaduais e municipais de Juventude, com acompanhamento e controle social, ficando condicionado o repasse de verbas federais de programas de projetos de juventude à adesão dos estados e municípios a esse Sistema.
11	Jovens mulheres	Implementar políticas públicas de promoção dos direitos sexuais e direitos reprodutivos das jovens mulheres, garantindo mecanismos que evitem mortes maternas, aplicando a lei de planejamento familiar, garantindo o acesso a métodos contraceptivos e a legalização do aborto.
12	Segurança	Contra a redução da maioria penal, pela aplicação efetiva do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA
13	Política e participação	Garantir uma ampla reforma política que, além do financiamento público de campanha, assegure a participação massiva da Juventude nos partidos políticos, com garantia de cota mínima de 15% para jovens de 18 a 29 anos nas coligações, com respeito ao recorte étnico-racial e garantindo a paridade de gênero; Mudança na faixa-etária da elegibilidade garantindo como idade mínima de 18 anos para vereador, prefeito, deputados estaduais, distritais e federais e 27 anos para senador, governador e presidente da República.
14	Outros temas	Fim da obrigatoriedade do serviço militar, e criação de programas alternativos de serviços sociais não obrigatórios.
15	Fortalecimento institucional	Criar o Sistema Nacional de Políticas Públicas de Juventude que confira status de Ministério à Secretaria Nacional de Juventude, exigindo que a adesão de estados e municípios seja condicionada à existência de órgão gestor específico e respectivo conselho de juventude. A partir de dezembro de 2009, os recursos do Fundo Nacional de Juventude, do ProJovem e demais programas de juventude, apenas continuarão a ser repassados aos estados e municípios que aderirem ao Sistema.

16	Povos e comunidades tradicionais	Assegurar os direitos dos povos e comunidades tradicionais (quilombolas, indígenas, ciganos, comunidades de terreiros, pescadores artesanais, caiçaras, faxinalenses, pomeranos, pantaneiros, quebradeiras de coco babaçu, caboclos, mestiços, agroextrativistas, seringueiros, fundos de pasto, dentre outros que buscam ser reconhecidos), em especial da juventude, preservando suas culturas, línguas e costumes, combatendo todas as práticas exploratórias e discriminatórias quanto a seus territórios, integrantes, saberes, práticas culturais e religiosas tradicionais.
17	Cultura	Estabelecimento de políticas públicas culturais permanentes direcionadas à juventude, tendo ética, estética e economia como pilares, em gestão compartilhada com a sociedade civil, a exemplo dos Pontos de Cultura, que possibilitem o acesso a recursos de maneira desburocratizada, levando em consideração a diversidade cultural de cada região e o diálogo intergeracional. Criação de um mecanismo específico de apoio e incentivo financeiro aos jovens (bolsas) para formação e capacitação como artistas, animadores e agentes culturais multiplicadores.
18	Cidadania GLBT	Incentivar e garantir a SENASP/MJ a incluir em todas as esferas dos cursos de formação dos operadores/as de segurança pública e privada em nível nacional, estadual e municipal no atendimento e abordagem e no aprendizado ao respeito à livre orientação afetivo-sexual e de identidade de gênero com ampliação do DECRADI – Delegacia de Crimes Raciais e Intolerância.
19	Jovens com deficiência	Ratificação imediata da Convenção sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência da ONU como emenda constitucional.
20	Jovem do Campo	Garantia de políticas públicas integradas que promovam a geração de trabalho e renda para o jovem e a jovem do campo, com participação da juventude na sua elaboração e gestão. Assegurando o acesso a terra, à capacitação e ao desenvolvimento de tecnologia sustentável apropriada à agricultura familiar e camponesa voltada para a mudança de matriz tecnológica. Transformar o Pronaf Jovem em uma linha de crédito para produção agrícola e não agrícola.
21	Segurança	Assegurar, no âmbito das Políticas Públicas de Segurança, prioridade às ações de prevenção, promoção da cidadania e controle social, reforçando a prática do policiamento comunitário, priorizando áreas com altas taxas de violência, promovendo a melhoria da infra-estrutura local, adequadas condições de trabalho policial, remuneração digna e a formação nas áreas de Direitos Humanos e Mediação de Conflitos, conforme as diretrizes apontadas pelo PRONASCI.
22	Cultura	Estabelecimento de cotas de exibição e programação de 50% para a produção cultural Brasileira, sendo 15% produção independente e 20% produção regional em todos os meios de comunicação (TV aberta e paga, rádios e cinemas). Valorização dos artistas locais garantindo a preferência nas apresentações e prioridade no pagamento. Entender os cineclubes como espaços privilegiados de democratização do áudio visual.

COLETIVO NACIONAL LESBIAS, GAYS E TRANS - ANISTIA BR

REPARAÇÕES JÁ!
AÇÕES AFIRMATIVAS DE ACESSO E PERMANÊNCIA NAS UNIVERSIDADES

PASSE LIVRE
GARANTIR OS DIREITOS TRABALHISTAS DAS JOVENS EMPREGADAS DOMÉSTICAS EM IGUAL CONDIÇÃO E GOZO DE DIREITOS.

DENUNCIAR E IDENTIFICAR A CRIMINALIZAÇÃO DO ABORTO COMO PRÁTICA RACISTA QUE PROVOCA O GENOCÍDIO DAS MULHERES NEGRAS JOVENS.

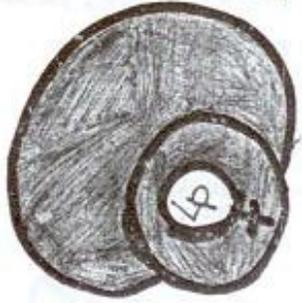
NEGRAS JOVENS FEMINISTAS PRESENTES NA IICNPM... AGOSTO-2007, BRASILIA



FES/ILDES (!)

AMNB - Art Mulheres Negras

FEMINISMO NÃO COMBINA COM RACISMO



NEGRAS JOVENS - AGO/07 BRASILIA

COTAS POR CURSO NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS
 LEGALIZAÇÃO DO ABORTO!

ESCREVA PI NOS
 ↓
 NEGROS JOVENS@YAHOO.COM.BR



PROPOSTA DAS JOVENS NEGRAS

REPARAÇÕES JÁ!



1. O que caracteriza a luta das negras jovens hoje...
2. NOSSAS PRINCIPAIS BANDEIRAS.
3. Intensificação da luta de COMBATE AO RACISMO AO SEXISMO E A LESBOFOBIA.
4. Implementação das Políticas de AÇÕES AFIRMATIVAS de COTAS e REPARAÇÕES HISTÓRICAS.
5. Denunciar e identificar a CRIMINALIZAÇÃO DO ABORTO como prática racista que provoca o genocídio das mulheres negras jovens.
6. Garantir os direitos humanos, sexuais e reprodutivos das mulheres negras jovens.
7. Implementar o programa de planejamento familiar incorporando recorte geracional e racial na aplicação do programa e com controle social.
8. Destinação de recursos financeiros técnicos e de gestão para apoiar as iniciativas de empreendedorismo e geração de trabalho e renda das negras jovens.
9. ~~Desconstrução do padrão de beleza e~~
~~desconstrução dos estereótipos racistas~~
~~mulheres negras nos meios de comunicação e~~
~~trabalho.~~
10. Retornar e fortalecer as iniciativas de aproximação e cooperação com as jovens africanas e das diásporas negras.
11. Estabelecer diálogos e alianças com as diversas representações e perspectivas juvenis, em especial as juventudes LGBTQTT CONTRA DISCRIMINAÇÃO RACIAL, lesbofobia e a homofobia.
12. Defesa do Sistema Único de Saúde e implementação do plano de saúde da população negra.
13. Implementação a nível nacional da Lei 10639/03 (com controle social)
14. Garantir dos direitos trabalhistas das empregadas domésticas em igual condição e gozo de direito
15. Combater ~~o~~ intolerância Religiosa e a perseguição, as religiões de matrizes africanas.

RETIRADA DOS PROJETOS DE LEIS RACISTAS DE REDUÇÃO DA MAIORIDADE PENAL!

SANKOFA!

LÁ VEM ELAS DE NOVO!

